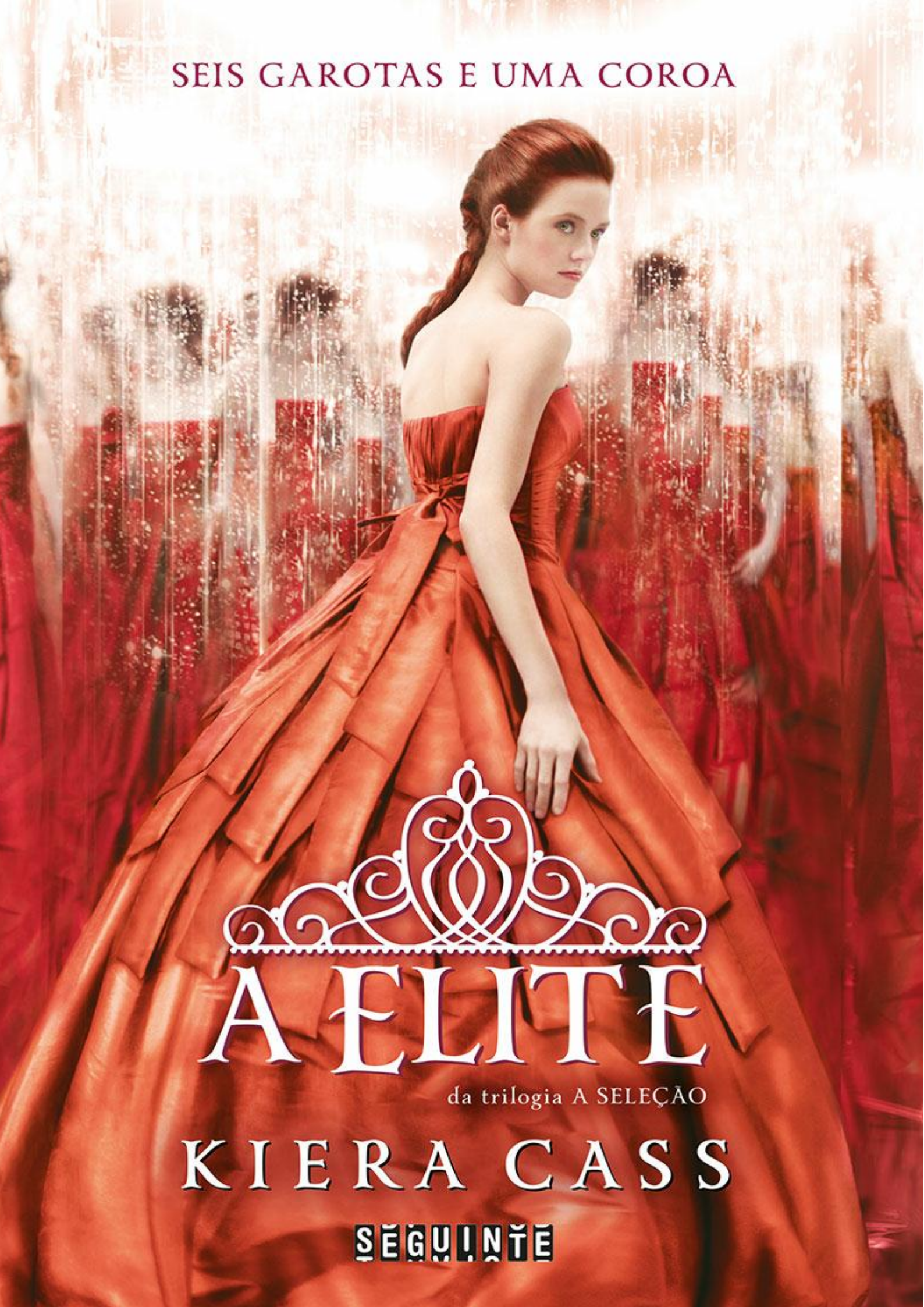
SEIS GAROTAS E UMA COROA



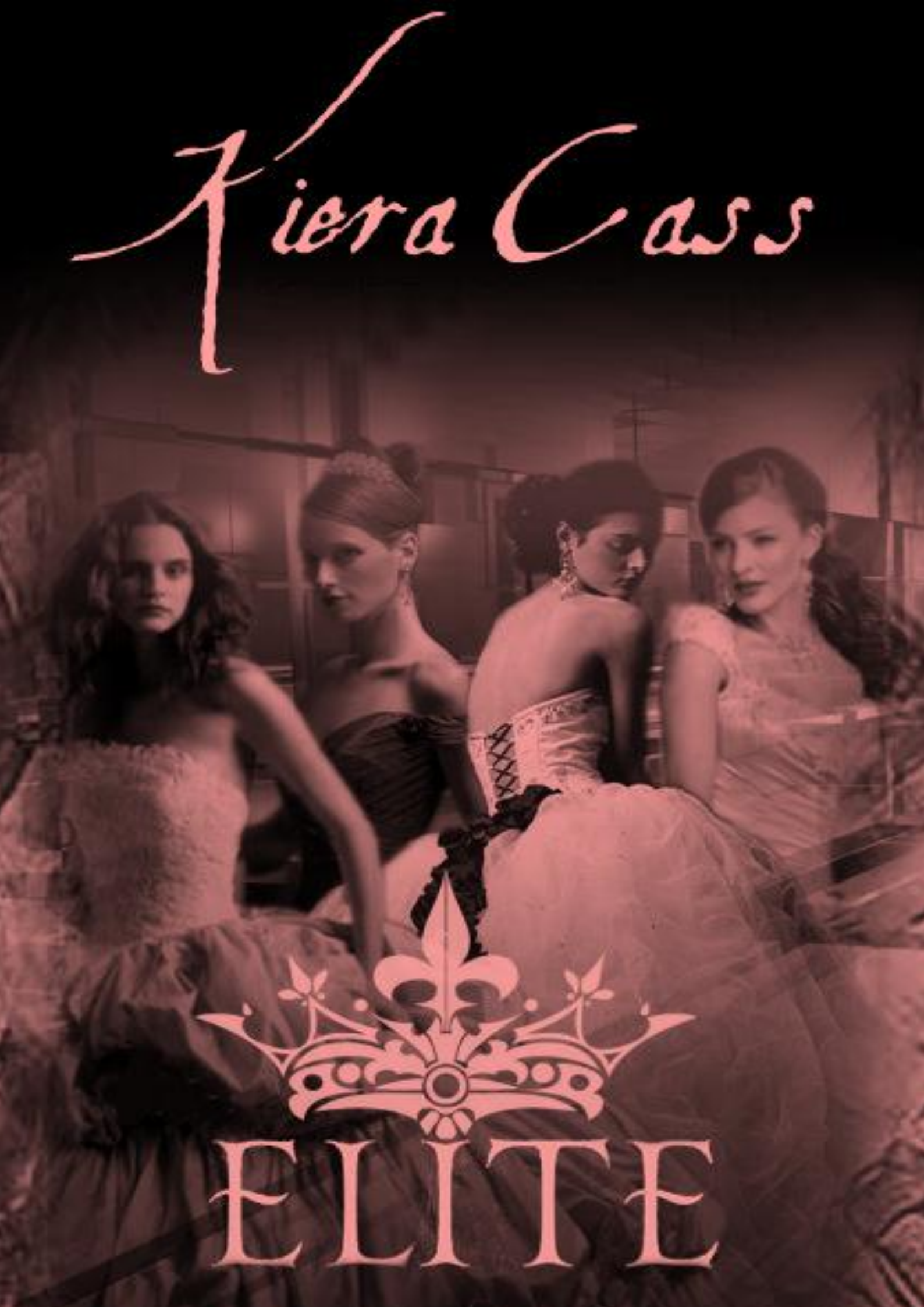
A ELITE

da trilogia A SELEÇÃO

KIERA CASS

SEGUINTE

Kiera Cass



ELITE

A Elite

KIERA CASS



Capítulo 1

A ATMOSFERA DE ANGELES ESTAVA TRANQUILA. Permaneci imóvel por uns instantes, ouvindo o som da respiração de Maxon. Estava cada vez mais difícil encontrá-lo em um momento calmo e feliz de verdade. Aproveitei aquela ocasião ao máximo, agradecendo por ele estar, aparentemente, em sua melhor forma enquanto estávamos a sós.

Desde que a Seleção conta com só seis garotas, ele tem estado mais ansioso que no começo, quando as trinta e cinco chegaram de uma vez. Imaginei que talvez ele tivesse pensado que teria mais tempo para fazer suas escolhas. E devo

reconhecer, apesar de me sentir culpada, que era por minha causa que ele tinha esse desejo.

Príncipe Maxon, herdeiro do trono de Illéa, gostava de mim. Ele me falou na semana passada que se eu dissesse, sem nenhuma ressalva, que me importava com ele assim como ele se preocupava comigo, toda essa história de competição estaria acabada. Eu até considerava essa ideia, ficava imaginando como seria pertencer a Maxon.

Mas o problema é: Maxon não me pertencia, para começo de conversa. Havia mais outras cinco meninas comigo — meninas com quem ele saía e cochichava coisas —, e eu não sabia o que pensar disso. E também havia o fato de que aceitar Maxon significava ter que aceitar uma coroa, uma ideia que eu tendia a ignorar, até por não saber ao certo como isso me afetaria...

E, claro, havia Aspen.

Tecnicamente, ele não era mais o meu namorado — terminou comigo antes de o meu nome ser sorteado para a Seleção —, mas quando surgiu no palácio como um dos guardas, todos os sentimentos que eu tinha tentado deixar para trás encheram meu coração. Aspen era meu primeiro amor. Bastava olhar para ele para saber... que eu era dele.

Maxon não sabia que Aspen estava no palácio, mas sabia bem que havia alguém da minha província que eu desejava esquecer, e estava, muito gentilmente, dando-me tempo para superar a situação enquanto tentava encontrar outra pessoa

com quem ele pudesse ser feliz, caso eu nunca fosse capaz de amá-lo.

Conforme ele mexia a cabeça devagar, respirando sobre meus cabelos, eu pensava: como seria se eu simplesmente amasse Maxon?

— Sabe quando foi a última vez que olhei de verdade para as estrelas? — perguntou ele.

Estávamos deitados sobre uma toalha no jardim. Aconcheguei-me mais para o lado dele, tentando me manter aquecida naquela noite fria de Angeles.

— Não faço ideia.

— Um tutor me fez estudar astronomia há alguns anos. Quando vemos as estrelas mais de perto, percebemos que na verdade elas têm cores diferentes.

— Calma lá. A última vez que você olhou para as estrelas foi para estudá-las? E a diversão?

Maxon riu.

— Diversão. Vou ter que espremê-la entre as votações do orçamento e as reuniões do comitê de infraestrutura. Ah, e a definição das estratégias militares, no que, aliás, eu sou péssimo.

— E no que mais você é péssimo? — perguntei, passando a mão em sua camisa engomada.

Meu carinho encorajou Maxon a mudar de posição e fazer pequenos círculos em meu ombro.

— Por que quer saber isso? — perguntou, fingindo irritação.

— Porque ainda sei tão pouco sobre você. E você parece ser perfeito em tudo. É bom ter uma prova do contrário.

Ele se apoiou sobre um cotovelo e fixou os olhos no meu rosto:

— Você sabe que não sou.

— Mas está quase lá — respondi.

Nossos corpos se tocavam de leve. Joelhos, braços, dedos.

Maxon balançou a cabeça com um sorriso nos lábios.

— O.k., o.k. Não consigo planejar guerras. Sou péssimo nisso. E acho que seria um cozinheiro horrível. Nunca cozinhei, logo...

— Nunca?

— Talvez você já tenha notado a multidão de pessoas que trabalham para manter a sua barriga cheia de bolos e doces... Por acaso, são eles que me alimentam também.

Achei graça. Em casa, eu ajudava a preparar praticamente todas as refeições.

— Mais — pedi. — No que mais você é ruim?

Ele me abraçou forte, e pude ver um segredo brilhar em seus olhos castanhos.

— Descobri uma coisa recentemente...

— Conte.

— Descobri que sou um completo fracasso em ficar longe de você. Um problema muito grave.

Sorri.

— Você já tentou?

Maxon fingiu pensar.

— Bem, não. E não espere que eu vá começar.

Rimos baixo, abraçados. Era tão fácil, nesses momentos, me imaginar assim pelo resto da vida.

O farfalhar das folhas e da grama anunciava a chegada de alguém. Embora nossa situação fosse completamente aceitável, fiquei um pouco encabulada e me sentei rapidamente. Maxon fez o mesmo assim que o guarda contornou a cerca para chegar até nós.

— Alteza — disse, inclinando a cabeça. — Perdão pela intromissão, senhor, mas é imprudente permanecer do lado de fora por muito tempo a essa hora da noite. Os rebeldes podem...

— Compreendo — concordou Maxon, com um suspiro. — Já entraremos.

O guarda nos deixou, e Maxon virou-se para mim.

— Outro defeito meu: estou perdendo a paciência com os rebeldes. Estou cansado de lidar com eles.

Maxon se levantou e me ofereceu a mão. Segurei a mão dele e reparei na frustração em seus olhos. Passamos por dois ataques de rebeldes desde o começo da Seleção: um dos nortistas, que eram apenas baderneiros, e outro dos sulistas, que eram assassinos. Mesmo com minha experiência mínima, eu podia compreender seu cansaço.

Maxon recolheu a toalha e começou a sacudi-la. Era claro que ele não estava feliz com aquele fim antecipado da noite.

— Ei — eu disse, fazendo-o olhar em meus olhos. — Eu me diverti.

Ele concordou com a cabeça.

— É sério — continuei, me aproximando. Ele segurou a toalha com uma das mãos e passou o braço livre em volta da minha cintura. — Devíamos fazer isso outras vezes. Você podia me dizer quais são as cores de cada estrela, porque eu realmente não consigo ver diferença de uma para outra.

Maxon sorriu, triste.

— Gostaria que as coisas fossem mais fáceis às vezes. Normais.

Virei para ele e o abracei. Maxon soltou a toalha e retribuiu o gesto.

— Odeio ter que lhe revelar isso, Alteza, mas mesmo sem os guardas você está bem longe de ser normal.

Sua expressão ficou mais relaxada, mas ainda séria.

— Você iria gostar mais de mim se eu fosse normal — falou.

— Sei que é difícil para você acreditar, mas eu realmente gosto de você do jeito que você é. Só preciso de mais...

— Tempo. Eu sei. E estou pronto para dar o tempo necessário a você. Só gostaria de ter certeza de que você vai mesmo querer estar ao meu lado quando esse tempo acabar.

Desviei o olhar. Aquilo eu não podia prometer. Toda hora, eu olhava para o meu coração e comparava Maxon e Aspen, mas nenhum deles se sobressaía. A não ser, talvez, quando eu estava sozinha com um deles. Neste exato momento, por exemplo, eu estava tentada a prometer a Maxon que ficaria a seu lado no final.

Mas eu não podia.

— Maxon — sussurrei, após notar que ele estava se sentindo rejeitado por eu não ter respondido. — Não posso dizer isso. Mas o que posso dizer é que quero estar com você.

Quero saber se há possibilidade de... de... — gaguejei, sem saber ao certo como me expressar.

— Nós? — Maxon sugeriu.

Sorri, feliz por ver como tinha sido fácil para ele me entender.

— Sim — prossegui. — Quero saber se há a possibilidade de existir um "nós".

Ele ajeitou meus cabelos para trás dos ombros.

— Penso que as chances são bem altas — afirmou, sem rodeios.

— Também penso. Só... tempo, tudo bem?

Maxon fez que sim com a cabeça. Parecia mais feliz. Era assim que eu queria terminar nossa noite, com esperança. Bem, talvez com algo mais. Mordi os lábios e me virei para ele com olhos desejosos.

Sem hesitar nem um segundo, ele se inclinou e me beijou. Foi um beijo terno e suave, que me deixou com a sensação de ser adorada, e com vontade de outro. Eu poderia ter ficado ali por horas, só para ver se conseguia aplacar aquela sensação, mas Maxon recuou cedo demais.

— Vamos — disse ele em tom de brincadeira, enquanto me puxava para o palácio. — Melhor entrar antes de os guardas virem atrás de nós com cavalos e lanças.

Assim que Maxon me deixou nas escadas, o cansaço tomou conta de mim. Eu praticamente me arrastava até o segundo andar e ao canto onde estava meu quarto quando, de repente, fiquei totalmente desperta de novo.

— Ah! — disse Aspen, também surpreso em me ver. — O fato de eu ter pensado que você estava no seu quarto esse tempo todo provavelmente faz de mim o pior guarda do mundo.

Sorri. As garotas da Elite eram obrigadas a dormir com pelo menos uma de suas criadas no quarto. Eu não gostava muito da ideia, de modo que Maxon insistiu em manter um guarda de vigia à minha porta para o caso de uma emergência. O problema era que, na maioria das vezes, esse guarda era Aspen. Saber que quase todas as noites ele estaria bem ali na minha porta me dava uma sensação estranha de alegria misturada com terror.

Aquela tranquilidade momentânea logo desvaneceu quando Aspen se deu conta de por que eu não estava sã e salva enrolada nos cobertores. Ele limpou a garganta, tenso:

— Vocês se divertiram?

— Aspen — cochichei, olhando em volta para ter certeza de que ninguém estava perto —, não fique bravo. Faço parte da Seleção e as coisas são assim.

— E como eu vou ter chance desse jeito, Meri? Como posso competir com ele se você raramente fala com os guardas como eu?

Fazia sentido, mas o que eu podia fazer?

— Por favor, não se irrite comigo, Aspen. Estou tentando resolver tudo isso.

— Não, Meri — ele disse, retomando a voz terna de antes. — Não estou irritado com você. Eu tenho saudade de você.

Ele não ousou pronunciar as palavras, mas seus lábios se mexeram: “eu te amo”.

Me derreti.

— Eu sei — respondi, pondo a mão em seu peito e me permitindo esquecer por um instante tudo o que estávamos arriscando ali. — Só que isso não muda o lugar onde estamos nem o fato de eu ser da Elite agora. Preciso de tempo, Aspen.

Ele ergueu a mão até a minha e assentiu com a cabeça.

— Isso eu posso dar. Só... tente encontrar um tempo para mim também.

Eu não queria começar a explicar como isso seria difícil. Apenas abri um sorrisinho antes de recolher a mão.

— Preciso ir.

Ele me observou caminhar até o quarto e fechar a porta.

Tempo. Eu vinha pedindo muito tempo ultimamente. Tinha a esperança de que, se tivesse tempo suficiente, tudo ia se resolver.



— NÃO, NÃO — respondeu a rainha Amberly, rindo. — Tive apenas três madrinhas apesar de a mãe de Clarkson ter sugerido que eu tivesse mais. Só queria minhas irmãs e minha melhor amiga, que, por acaso, eu conheci durante a Seleção.

Estiquei o pescoço para olhar para Marlee e fiquei feliz de ver que ela também me olhava. Antes de chegar ao palácio, eu tinha para mim que em uma competição com um prêmio tão grande não haveria como alguma das meninas ser simpática. Marlee me acolheu logo que nos conhecemos. Desde então, sempre estamos juntas. Nunca brigamos, a não ser aquelas nossas pequenas discussões.

Umas semanas atrás, Marlee comentou que talvez não quisesse ficar com Maxon. Quando a pressionei para explicar melhor aquilo, ela se fechou totalmente. Não estava brava comigo — isso eu sabia —, mas aqueles dias de silêncio me deixaram bem solitária.

— Quero sete madrinhas — disse Kriss. — Quer dizer, se Maxon me escolher e tiver um supercasamento.

— Bom, eu não quero madrinhas — replicou Celeste. — Elas só servem para desviar a atenção dos outros. E como tudo vai ser televisionado, quero todos os olhares voltados para mim.

Aquilo me subiu o sangue. Eram raras as vezes que conseguíamos conversar com a rainha Amberly, e lá estava Celeste: a praga que arruinava o momento.

— Eu gostaria de incorporar algumas tradições da minha cultura ao casamento — acrescentou Elise, com a voz calma. — As garotas da Nova Ásia usam vermelho na cerimônia, e o noivo precisa levar presentes para os amigos da noiva como agradecimento por deixarem-na se casar com ele.

— Me lembre de ir no seu casamento. Adoro presentes! — soltou Kriss.

— Eu também! — exclamou Marlee.

— Senhorita America, você está tão calada — disse a rainha Amberly. — O que deseja para o seu casamento?

Eu estava completamente despreparada para responder, minhas bochechas coraram.

Só tinha imaginado um tipo de casamento na minha vida, e ele aconteceria no Posto de Serviços da província da Carolina depois de uma sessão de burocracia.

— Bem, só pensei no momento em que meu pai me entrega ao noivo. Sabe quando ele toma sua mão e põe na mão do seu futuro marido? É a única parte por que eu sempre quis passar de verdade. — Por mais embaraçoso que aquilo pudesse parecer, era a verdade.

— Mas todo mundo faz isso — reclamou Celeste. — Não é nem original.

Deveria ter ficado com raiva depois dessa provocação, mas dei de ombros:

— Quero ter certeza de que meu pai aprova totalmente a minha escolha no único momento realmente importante da minha vida.

— Que bonito — comentou Natalie enquanto bebia chá e olhava pela janela.

A rainha Amberly soltou uma leve risada:

— Tenho certeza de que aprovará. Não importa quem seja.

Essa última frase foi dita repentinamente, como se a rainha tivesse percebido no meio da fala a sua sugestão de que Maxon seria o escolhido.

Fiquei pensando se ela achava isso, se Maxon contara a ela sobre nós.

Logo depois, o assunto do casamento morreu, e a rainha nos deixou para ir trabalhar em seu quarto. Celeste estacionou em frente àquele televisor enorme e as outras garotas começaram a jogar cartas.

— Foi divertido — disse Marlee, enquanto nos sentávamos à mesa. — Acho que nunca tinha visto a rainha falar tanto.

— Ela está começando a se empolgar, acho. — Eu não tinha comentado com ninguém o que a irmã da rainha Amberly me dissera sobre as muitas tentativas frustradas da rainha de ter outro filho. Adele tinha previsto que a irmã seria mais carinhosa conosco assim que o grupo diminuísse, e acertou.

— O.k., você tem que me contar: você não tem mesmo nenhum outro plano para o seu casamento ou apenas não queria revelar?

— Não tenho mesmo — assegurei. — É difícil para mim planejar um casamento tão grande, sabe? Sou uma Cinco.

Marlee balançou a cabeça.

— Você era uma Cinco. Agora é Três.

— Certo — concordei, lembrando do meu novo rótulo.

Nasci em uma família de Cincos — artistas e músicos que geralmente ganhavam mal — e, embora odiasse o sistema de castas, gostava do que fazia para ganhar a vida. Era estranho pensar em mim como uma Três, imaginar uma carreira de professora ou escritora.

— Chega de estresse — falou Marlee, como se pudesse ler meus pensamentos. — Você não precisa se preocupar com isso ainda.

Eu estava a ponto de contrariá-la, quando fui interrompida por um grito de Celeste.

— Vai! — berrou, batendo o controle remoto no sofá antes de apontá-lo para a TV de novo. — Argh!

— É impressão minha ou ela está piorando? — cochichei com Marlee. Observamos Celeste bater no controle remoto de novo e de novo até desistir e mudar de canal manualmente. Comecei a achar que, se eu tivesse nascido uma Dois, aí sim teria com que me preocupar.

— Acho que é estresse — Marlee comentou. — Você notou como Natalie tem estado, sei lá... mais distante?

Fiz que sim com a cabeça, e olhamos para as três meninas jogando cartas. Kriss sorria ao embaralhar as cartas, enquanto Natalie examinava as pontas de seu cabelo

e de vez em quando arrancava um fio. Ela tinha um ar distraído.

— Acho que todas nós estamos sentindo isso — confessei. — Ficou mais difícil relaxar e curtir o palácio agora que o grupo é tão pequeno.

Celeste resmungou algo e nos viramos para olhá-la, mas logo voltamos à posição inicial quando ela nos pegou espiando.

— Licença — disse Marlee, mudando de lugar. — Acho que vou ao banheiro.

— Pensei na mesma coisa. Vamos juntas? — propus.

Com um sorriso, ela balançou a cabeça para negar.

— Vai na frente. Vou terminar o chá primeiro.

— Tudo bem. Já volto.

Saí do Salão das Mulheres, caminhando devagar por aquele corredor magnífico. Eu duvidava que algum dia chegaria a me acostumar com o espetáculo que era aquele castelo. Estava tão distraída que, ao dobrar uma esquina, trombei com um guarda.

— Ops! — exclamei.

— Perdão, senhorita. Espero não tê-la assustado.

Ele me segurou pelos cotovelos para que eu recuperasse o equilíbrio.

— Não — afirmei, rindo. — Está tudo bem. Eu devia olhar melhor por onde ando. Obrigada por me segurar, soldado...

— Woodwork — completou, fazendo uma breve reverência com a cabeça.

— Eu sou America.

— Eu sei.

Sorri e suspirei. É claro que ele sabia.

— Bom, espero que da próxima vez que nos trombarmos seja apenas no sentido figurado — brinquei.

— Positivo. Tenha um bom dia, senhorita — ele respondeu.

— Você também.

Voltei e contei a Marlee sobre a minha trombada vergonhosa com o soldado Woodwork. Avisei a ela para olhar por onde anda. Ela soltou uma gargalhada.

Passamos o resto da tarde sentadas perto das janelas, conversando sobre as nossas casas e as outras garotas e bebendo chá sob a luz do sol.

Era triste pensar no futuro. Cedo ou tarde, a Seleção chegaria ao fim, e embora eu soubesse que Marlee e eu continuaríamos próximas, sentiria falta de conversar com ela todos os dias. Ela foi a primeira amiga de verdade que fiz na vida e gostaria de tê-la sempre ao meu lado.

Enquanto eu tentava curtir aquele momento, Marlee olhava pela janela com um ar sonhador. Tentei imaginar no que ela estaria pensando, mas estava tudo tão sereno que não quis perguntar.



Capítulo 3



AS PORTAS DE MINHA SACADA ESTAVAM ABERTAS, assim como a porta que dava para o corredor, de modo que meu quarto se enchia da brisa que vinha dos jardins. Eu queria que aquele vento suave fosse um consolo para o monte de trabalho que eu tinha a fazer, mas, em vez disso, ele foi uma distração,

porque me deixou louca de vontade de estar em qualquer outro lugar que não fosse na frente da escrivaninha.

Suspirei e me larguei na cadeira, jogando a cabeça para trás.

— Anne — chamei.

— Sim, senhorita? — respondeu a chefe das criadas, que costurava no canto do quarto. Eu não precisava olhar para saber que Mary e Lucy, minhas duas outras criadas, ficaram a postos, para poderem me atender também.

— Ordeno que descubra o significado deste relatório — disse eu, estendendo preguiçosamente o braço na direção daquelas estatísticas militares sobre a mesa. Era um teste para todas as meninas da Elite, mas eu não conseguia me concentrar.

As três criadas riram, provavelmente tanto por causa da minha ordem ridícula quanto pelo fato de eu ter finalmente ordenado algo. A liderança realmente não era um dos meus pontos fortes.

— Sinto muito, senhorita, mas penso que isso ultrapassa meus limites — respondeu Anne. Apesar de meu pedido ter sido de brincadeira, assim como a resposta dela, notei um verdadeiro tom de desculpas em sua voz.

— O.k. — lamentei, endireitando-me. — Terei mesmo que fazer isso sozinha. Vocês são um bando de inúteis. Amanhã pedirei novas criadas. Desta vez é sério.

Todas caíram na gargalhada mais uma vez, e eu voltei a focar nos números. Comecei a desconfiar de que aquele relatório era falso, mas não tinha certeza. Reli os parágrafos e tabelas franzindo a testa e mordendo a tampa da caneta enquanto tentava me concentrar.

Ouvi Lucy rir baixo e levantei os olhos para ver o que a divertia. Segui seu olhar até a porta: lá estava Maxon, encostado no batente.

— Você me entregou! — ele reclamou com Lucy, que ainda ria.

Afastei a cadeira com pressa e corri para os braços dele.

— Você leu meus pensamentos!

— Li?

— Por favor, diga que podemos ir lá fora. Só um pouquinho?

Maxon sorriu.

— Tenho vinte minutos e depois tenho que voltar.

O arrastei pelo corredor. O matraquear empolgado das criadas desaparecia atrás de nós.

Não havia como negar que os jardins tinham se tornado o nosso cantinho. Íamos para lá quase sempre que podíamos estar a sós; tão diferente da maneira como Aspen e eu costumávamos passar o tempo juntos: entocados na

minúscula casa da árvore no meu quintal dos fundos, o único lugar em que estávamos seguros.

De repente, comecei a imaginar se Aspen estava por ali, entre os muitos guardas do palácio, observando Maxon segurar minha mão.

— O que é isso? — perguntou o príncipe, acariciando as pontas dos meus dedos enquanto caminhávamos.

— Calos. São de apertar as cordas do violino todos os dias durante quatro horas.

— Nunca tinha reparado nisso.

— Eles são um problema para você?

Dentre as seis garotas restantes, eu era a de casta mais baixa e duvidava que qualquer uma das outras tivesse mãos como as minhas.

Maxon parou e levou minha mão até sua boca para beijar as pontas pequenas e ásperas dos meus dedos.

— Pelo contrário. Acho bonito.

Senti minhas bochechas corarem. Ele continuou:

— Eu vi muito pelo mundo. Admito: quase sempre por trás de um vidro à prova de balas ou da torre de algum castelo antigo. Mas vi. E tenho à disposição a resposta para milhares de perguntas. Mas esta mãozinha aqui? — ele olhou fundo nos meus olhos. — Esta mão produz sons que não se

comparam a nada que eu já tenha ouvido. Às vezes, penso que a visão de você tocando violino foi apenas um sonho. Aquilo foi tão lindo. E os calos são a prova de que foi real.

Havia momentos em que ele falava comigo de uma maneira impressionante, romântica demais para acreditar. E apesar de eu guardar aquelas palavras no meu coração, nunca tinha certeza se podia confiar plenamente nelas. Como saber que ele não dizia o mesmo para as outras? Era hora de eu mudar de assunto.

— Você tem respostas para milhares de perguntas, mesmo?

— Com certeza. Me pergunte sobre qualquer coisa. Se eu não souber a resposta, saberei onde encontrar.

— Qualquer coisa?

— Qualquer coisa.

Era difícil tirar uma pergunta do nada, ainda mais uma para deixá-lo pasmo, que era a minha intenção. Pensei por uns instantes nas coisas que me deixavam mais curiosa na infância: por que os aviões voavam, como eram os Estados Unidos, como funcionavam os aparelhos de som que as pessoas das castas superiores tinham.

E então veio a luz:

— O que é “Halloween”? — perguntei.

— Halloween?

Ele claramente nunca tinha ouvido falar disso. Não fiquei surpresa. Só vi a palavra uma vez em um livro de história velho dos meus pais. Algumas páginas daquele livro estavam ilegíveis de tão gastas, e muitas delas rasgadas ou arrancadas. Ainda assim, sempre me fascinou aquele feriado sobre o qual nada sabíamos.

— Vossa Esperteza Real não parece tão seguro de si agora... — provoquei.

Ele me olhou com uma cara feia, mas estava claro que apenas fingia um incômodo. Ele checou as horas e respirou fundo.

— Me acompanhe. Temos que nos apressar — disse ele antes de agarrar meu braço e começar a correr.

Tropecei um pouco nos saltinhos do sapato, mas não fiz feio e mantive a passada enquanto Maxon me levava de volta ao palácio com um sorriso de orelha a orelha. Eu adorava quando ele liberava seu lado mais descontraído; muitas vezes, ele era sério demais.

— Cavalheiros — saudou ao passarmos pela porta onde estavam os guardas.

Consegui chegar até a metade da sala, e então meus sapatos me venceram.

— Maxon, pare! — arfei. — Eu não aguento mais!

— Vamos, vamos! Você vai adorar — ele replicou e puxou meu braço quando eu diminuí o ritmo.

Ele acabou desacelerando um pouco para me acompanhar, mas era claro que estava louco para ir mais rápido.

Seguimos em direção ao corredor norte, próximo da área onde filmavam o *Jornal Oficial de Illéa*, mas nos embrenhamos por uma escadaria antes de chegarmos até lá. Subimos e subimos, e eu já não conseguia conter minha curiosidade.

— Aonde vamos exatamente?

Maxon me encarou, seu rosto de repente ficou sério.

— Você precisa jurar que nunca vai mostrar este quartinho a ninguém. Apenas alguns membros da família e um punhado de guardas sabem que ele existe.

Eu estava mais do que intrigada.

— Juro.

Chegamos ao topo da escadaria. Maxon abriu a porta para mim, pegou minha mão e me conduziu pelo corredor até pararmos em frente a uma parede quase totalmente coberta com pinturas magníficas. O príncipe olhou para trás, para se certificar de que ninguém estava lá. Em seguida, passou a mão pela moldura do último quadro. Ouvi um clique e o quadro se abriu diante de nossos olhos.

Meu queixo caiu. Maxon sorria.

Por trás da pintura havia uma porta um pouco acima do nível do chão que possuía um pequeno teclado numérico, como o de um telefone. Maxon digitou uns números e ouvimos um leve bip. O príncipe girou a maçaneta e olhou para mim.

— Vou ajudá-la. O degrau é bem alto.

Ele me deu a mão e fez um gesto para que eu entrasse primeiro.

Fiquei chocada.

A sala sem janelas estava repleta de estantes carregadas com o que pareciam ser livros antigos. Duas delas continham livros com uma fita vermelha na lombada. Também vi um atlas gigantesco recostado contra uma das paredes, aberto em uma página com o desenho de um país cujo nome eu não sabia. Sobre uma mesa no meio da sala, havia um punhado de livros que pareciam ter sido manuseados fazia pouco tempo e que ali permaneciam para facilitar uma consulta rápida. Por fim, uma tela grande que parecia ser um televisor estava embutida na parede.

— O que significam as fitas vermelhas?

— São os livros proibidos. Pelo que sabemos, são as únicas cópias remanescentes em toda Illéa.

Virei-me para ele, indagando com os olhos o que não tinha coragem de pedir em voz alta.

— Sim, você pode olhá-los — falou Maxon com um tom de voz que sugeria certo incômodo, mas ao mesmo tempo com uma expressão de quem esperava por esse pedido.

Puxei com cuidado um dos livros, com medo de destruir sem querer aquele tesouro. Folheei as páginas, mas me afastei quase na mesma hora. Estava simplesmente impressionada demais.

Dei meia-volta e deparei com Maxon digitando em uma espécie de máquina de escrever ligada a uma tela de TV.

— O que é isso? — perguntei.

— Um computador. Você nunca viu?

Fiz que não com a cabeça e Maxon continuou, sem parecer surpreso:

— São poucos os que têm um desses hoje em dia. Este aqui serve exclusivamente para a informação contida nesta sala. Se existir algo sobre o Halloween, ele vai nos dizer onde encontrar.

Eu não entendia muito bem suas palavras, mas não pedi para explicar melhor. Em poucos segundos, sua caça apresentou uma lista com três tópicos na tela.

— Ah, ótimo! — exclamou. — Espere bem aqui.

Permaneci ao lado da mesa enquanto Maxon pegava os três livros que revelariam o que era o Halloween. Eu esperava que não fosse uma coisa idiota e que eu não lhe tivesse dado tanto trabalho por nada.

O primeiro livro definia o Halloween como uma festa celta para marcar o fim do verão. Para não nos atrasar, nem me preocupei em mencionar que não fazia ideia do que era um celta. O livro dizia que eles acreditavam que os espíritos entravam e saíam do mundo no Halloween, e as pessoas usavam máscaras para afastar os espíritos maus. Mais tarde, ele teria se transformado num feriado laico, mais voltado para as crianças. Elas vestiam fantasias e circulavam pela cidade cantando a fim de ganhar doces. Daí surgiu a frase "gostosuras ou travessuras", já que se não ganhassem gostosuras pregariam uma peça no dono da casa.

A definição do segundo livro era similar, só que mencionava abóboras e cristianismo.

— Este vai ser o mais interessante — afirmou Maxon, folheando um livro manuscrito muito mais fino que os outros.

— E por quê? — perguntei, enquanto mudava de lado para ver melhor.

— Isto, senhorita America, é um dos volumes do diário pessoal de Gregory Illéa.

— O quê?! — exclamei. — Posso tocá-lo?

— Antes, deixe-me encontrar a página que buscamos. Veja, tem até uma foto!

Ali, como uma aparição, uma imagem de um passado desconhecido mostrava Gregory Illéa com uma expressão fechada, de paletó engomado e ar imponente. Era estranho o quanto eu podia notar do rei e de Maxon na maneira como ele se portava. Ao seu lado, uma mulher sorria desanimada para a câmera. Algo em seu rosto sugeria que, no passado, ela fora uma pessoa encantadora, mas o desejo de viver tinha abandonado seus olhos. Ela parecia cansada.

Ao redor do casal havia três pessoas. A primeira era uma adolescente, linda e vibrante, com um sorriso rasgado, uma coroa e um vestido de pregas. Que engraçado! Estava vestida como uma princesa. As outras duas pessoas eram garotos, o primeiro um pouco mais alto que o segundo e ambos fantasiados de personagens que não reconheci. Pareciam a ponto de aprontar alguma. Sob a imagem, havia um registro que — por incrível que pareça — saíra do próprio punho de Gregory Illéa.

As crianças comemoraram o Halloween deste ano com uma festa. Imagino que seja uma maneira de esquecer o que se passa ao redor, mas me parece frívolo. Somos uma das poucas famílias remanescentes com dinheiro suficiente para festejar, mas essa brincadeira de criança me parece um desperdício.

— Você acha que é por isso que não comemoramos mais? Por ser um desperdício? — perguntei.

— Pode ser. Se a data servir de pista, esse relato foi feito logo depois que o Estado Americano da China começou a contra-atacar, um pouco antes da Quarta Guerra Mundial. Na época, a maioria das pessoas não tinha nada. Imagine uma nação inteira de Setes com um ou outro Dois.

— Uau.

Tentei imaginar o panorama de nosso país assim, despedaçado pela guerra, lutando para juntar os pedaços. Incrível.

— Quantos diários como este ainda existem?

Maxon apontou para uma prateleira com uma fileira de cadernos parecidos com o que tínhamos em mãos.

— Mais ou menos uma dúzia.

Eu não conseguia acreditar! Toda aquela história em apenas uma sala.

— Obrigada — disse eu. — Isto aqui é algo que nunca sequer sonhei em ver. Não dá para acreditar que tudo isso é real.

Maxon estava radiante.

— Você gostaria de ler o resto? — ele perguntou, olhando para o diário.

— Sim, claro! — praticamente gritei. Só que me lembrei de meus deveres. — Mas não posso ficar aqui. Preciso terminar de estudar aquele relatório terrível. E você precisa voltar ao trabalho.

— Verdade. Bem, e que tal isto? Você pode levar o livro e ficar com ele por uns dias.

— Tenho autorização para fazer isso? — perguntei, maravilhada.

— Não — replicou Maxon com um sorriso.

Hesitei, com medo do que tinha em mãos. E se eu o perdesse? E se o estragasse? Com certeza, Maxon pensava o mesmo. Mas eu nunca teria outra chance como essa. Eu podia ser cuidadosa o bastante com um presente tão grande como aquele.

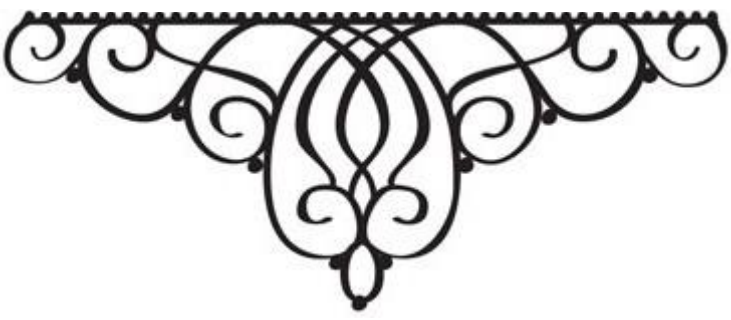
— Tudo bem. Apenas por uma ou duas noites. Depois devolvo direitinho.

— Esconda bem.

Foi o que fiz. Aquilo era mais que um livro; era a confiança de Maxon. Meti-o dentro da banqueta do piano, debaixo de uma pilha de partituras — era um lugar que as criadas nunca limpavam. As únicas mãos a tocá-lo seriam as minhas.



Capítulo 4



— SOU UM CASO PERDIDO! — resmungou Marlee.

— Não, não é. Você está indo bem — menti.

Fazia mais de uma semana que eu dava aulas de piano para Marlee quase todos os dias e realmente parecia que ela só piorava. Meu Deus, a gente ainda não tinha passado das escalas. E quando ela tocou outra nota errada, não pude disfarçar minha careta.

— Ah, olhe a sua cara! — ela exclamou. — Sou péssima. Não faria diferença se eu tocasse com os cotovelos.

— Talvez devêssemos tentar. Quem sabe os seus cotovelos são mais precisos?

Marlee deu um suspiro.

— Desisto. Desculpe, America, você tem sido tão paciente, mas eu não suporto me ouvir tocando. Soa como se o piano estivesse doente.

— Morrendo, eu diria.

Marlee caiu na gargalhada e eu fui no embalo. Quando aceitei o pedido por aulas de piano, mal sabia eu que submeteria meus ouvidos a uma tortura tão dolorosa — e hilária.

— Talvez você se saísse melhor no violino. Ele produz um som tão lindo — sugeri.

— Acho que não. Do jeito que sou azarada, acabaria destruindo o violino.

Marlee se levantou e caminhou em direção à mesinha onde os papéis que eu deveria ler estavam jogados de canto, ao lado de uma bandeja com biscoitos e chá que minhas criadas haviam deixado para nós.

— Ah, tudo bem. Este aqui é do palácio mesmo. Você pode jogá-lo na cabeça de Celeste se quiser.

— Não me tente — replicou Marlee enquanto servia o chá para nós duas. — Vou sentir sua falta, America. Não sei o que vou fazer quando não nos virmos mais todos os dias.

— Bem, Maxon é muito indeciso, então acho que você não precisa ficar preocupada com isso agora.

— Não sei — disse ela, séria. — Ele ainda não me falou com todas as letras, mas sei que só estou aqui porque o público gosta de mim. Com a maioria das garotas fora, não vai demorar para as pessoas mudarem de opinião. E então ele vai me dispensar.

Escolhi com cuidado as palavras, porque queria que Marlee me explicasse por que via uma distância tão grande entre eles sem que ela se comparasse a mim.

— E para você tudo o.k.? Quer dizer, ficar sem Maxon?

Ela deu de ombros.

— Ele não é a pessoa certa. Não me importo de sair da competição, mas também não quero partir — explicou. — Além disso, não gostaria de acabar com um homem que é apaixonado por outra.

Quase caí dura.

— Mas quem ele...

Os olhos de Marlee brilhavam triunfantes. Seu sorriso por trás da xícara dizia “peguei você”.

E ela tinha me pegado mesmo.

Por uma fração de segundo, me dei conta de que a ideia de Maxon se apaixonar por outra me deixava com um ciúme insuportável. E o instante seguinte — quando compreendi o que Marlee queria dizer — foi reconfortante.

Eu tinha construído vários obstáculos entre mim e ele: caçoava de Maxon e enchia a bola das outras garotas. Mas com uma única frase, Marlee passou por cima de tudo isso.

— Por que você ainda não acabou com isso, America? — ela perguntou com uma voz doce. — Você sabe que ele te ama.

— Ele nunca disse isso — falei. E era verdade.

— Claro que não — afirmou ela, como se fosse óbvio. — Ele faz tanto esforço para conquistar você, mas sempre que chega perto, você o afasta. Por quê?

Será que eu podia contar? Será que podia confessar que, apesar de meus sentimentos por Maxon serem intensos — aparentemente mais do que eu imaginava —, havia outra pessoa que eu não conseguia esquecer?

— É que... não tenho certeza, acho...

Eu confiava em Marlee. Mesmo. Mas era melhor para ambas que ela não soubesse.

Marlee fez um sinal de positivo com a cabeça. Ela parecia saber que havia mais coisas por trás de minha resposta, mas mesmo assim não me pressionou. Isso me reconfortou.

— Dê um jeito de ter certeza. Rápido. Não é porque Maxon não me serve que ele deixa de ser um cara bacana. E eu odiaria ver você o perdendo por medo.

Mais uma vez ela estava certa. Eu tinha medo. Medo de que os sentimentos de Maxon não fossem tão autênticos como pareciam; medo das implicações de ser princesa; medo de perder Aspen.

— Outra coisa — disse ela, baixando a xícara de chá —, toda aquela conversa sobre casamento ontem me fez pensar em algo.

— Sim?

— Você gostaria de, tipo, ser minha madrinha? Se eu casar algum dia...

— Ah, Marlee, claro que sim! E você seria a minha?

Estendi as mãos para ela, que as apertou com alegria.

— Mas você tem irmãs... elas não vão se importar?

— Elas vão entender. Por favor?

— Claro! Não perderia seu casamento por nada no mundo — o tom de sua voz sugeria que meu casamento seria o evento do século.

— Me prometa que você estará lá mesmo se eu casar com um Oito zé-ninguém em um beco qualquer.

Marlee me olhou com descrença, segura de que tal coisa jamais aconteceria.

— Prometo, mesmo se isso acontecer.

Ela não me pediu um juramento desse tipo, o que me fez pensar outra vez: será que o coração de Marlee já era de um Quatro de sua cidade? Mas eu não a pressionaria para dizer. Estava na cara que ambas tínhamos segredos, mas Marlee era minha melhor amiga; faria qualquer coisa por ela.

À noite, fiquei esperando que pudesse passar algum tempo com Maxon. Marlee me fez questionar várias das minhas ações. E ideias. E sentimentos.

Depois do jantar, quando todas levantamos para sair da sala, olhei para Maxon e cutuquei minha orelha. Era o nosso sinal secreto para pedir um encontro, e raramente um de nós deixava a chance passar. Mas naquela noite Maxon fez uma cara de frustração e moveu os lábios, dizendo a palavra "trabalho". De brincadeira, lancei um olhar de raiva e acenei com a mão antes de voltar para o meu quarto.

Talvez tenha sido melhor assim. Eu precisava mesmo pensar em algumas coisas sobre Maxon.

Quando dobrei a esquina do corredor que levava ao meu quarto, lá estava Aspen mais uma vez, de vigia. Ele me olhou de alto a baixo, analisando meu vestido verde e colado que fazia maravilhas com as poucas curvas que eu tinha. Passei por ele sem dizer uma só palavra. Antes de eu girar a maçaneta, ele acariciou o meu braço.

Foi muito breve. Mas naqueles poucos segundos, senti aquela necessidade, aquele desejo, que Aspen costumava despertar em mim. Bastou um olhar para eu sentir meus joelhos tremerem.

Me enfiei no quarto o mais rápido possível, angustiada com a nossa ligação. Ainda bem que mal tive tempo para pensar sobre aquilo: assim que fechei a porta, minhas criadas amontoaram-se à minha volta para me preparar para a cama. Enquanto as três papeavam e penteavam meus cabelos, eu tentava me esquecer de tudo pelo menos por um momento.

Era impossível. Eu tinha que escolher. Aspen ou Maxon?

Mas como decidir entre duas boas opções? Como decidir se qualquer escolha deixaria parte de mim destruída? Me consolei com o pensamento de que ainda tinha tempo. Eu ainda tinha tempo.



Capítulo 5



— Então, senhorita Celeste, lhe parece que os números são insuficientes e que seria necessário aumentar a quantidade de homens selecionados no próximo recrutamento? — perguntou Gavril Fadaye, moderador do debate no *Jornal Oficial de Illéa* e única pessoa autorizada a entrevistar a família real.

Nossos debates no programa funcionavam como teste, e nós sabíamos disso. Embora Maxon não tivesse prazo, o público clamava para o grupo diminuir; e dava para ver que o rei, a rainha e seus conselheiros também. Se quiséssemos ficar, precisávamos nos sair bem, onde e quando quisessem. Fiquei feliz por chegar ao fim daquele relatório terrível. Me lembrava de algumas estatísticas, então havia chances de eu deixar uma boa impressão naquela noite.

— Exatamente, Gavril. A guerra na Nova Ásia já dura anos. Penso que um ou dois recrutamentos maiores trariam os soldados de que precisamos para terminá-la.

Eu realmente não conseguia suportar Celeste. Ela tinha feito uma menina ser enxotada, arruinou a festa de aniversário de Kriss no mês passado e tentou literalmente arrancar meu vestido. Por ser uma Dois, ela se sentia mais que todas nós. Para ser sincera, não tinha opinião sobre o

número de soldados de Illéa, mas agora que sabia a de Celeste, decidi ser absolutamente contra ela.

— Discordo — anunciei no tom de voz mais elegante que pude fazer.

Celeste se voltou para mim tão rapidamente que seus cabelos saltaram por cima de seu ombro. Mesmo com as câmeras focadas nela, parecia se sentir perfeitamente à vontade com os olhos cravados em mim.

— Ah, senhorita America, você acha que aumentar o contingente é uma má ideia? — perguntou Gavril.

Senti o calor de minhas bochechas coradas.

— Gente que é Dois pode pagar para fugir do recrutamento. Assim, estou certa de que a senhorita Celeste nunca viu o que acontece com as famílias que cedem seus únicos filhos homens. Recrutar mais seria um desastre, especialmente para as castas inferiores, que costumam ter famílias maiores e precisam do trabalho de cada um deles para sobreviver.

Marlee, ao meu lado, me cutucou como aprovação.

Celeste tomou a palavra:

— Bom, o que deveríamos fazer? Com certeza você não acha que devemos nos sentar e deixar a guerra se arrastar.

— Não, não. É claro que desejo que Illéa acabe com a guerra.

Fiz uma pausa para organizar as ideias. Olhei para Maxon em busca de algum apoio. Ao lado dele, o rei parecia possesso.

Precisava reverter a situação. Falei a primeira coisa que me veio à cabeça.

— E se fosse voluntário?

— Voluntário? — perguntou Gavril.

Celeste e Natalie soltaram uma risadinha, o que piorou a situação. Mas então pensei no assunto. Seria uma ideia tão ruim assim?

— Sim. Certamente haveria pré-requisitos, mas talvez conseguíssemos mais com um exército de homens que querem ser soldados do que com garotos cujo único desejo é sobreviver e retornar à vida normal que deixaram para trás.

Um sussurro intrigado preencheu o estúdio. Aparentemente, meu argumento foi bom.

— É uma boa ideia — palpitou Elise. — Assim, poderíamos enviar novos soldados a cada um ou dois meses à medida que as pessoas se alistassem. Seria um incentivo aos homens que estão servindo há mais tempo.

— Concordo — acrescentou Marlee, com sua brevidade típica de debates. Estava claro que ela não se sentia à vontade nessas situações.

— Bem, sei que pode parecer um pouco moderno, mas e se a inscrição fosse aberta às mulheres? — comentou Kriss.

Celeste riu alto.

— Quem você acha que se alistaria? Por acaso você iria para um campo de batalha? — sua voz estava carregada de um descaso ultrajante.

Kriss não perdeu a cabeça.

— Não, não nasci para ser soldado. Mas — continuou, voltada para Gavril —, se há uma coisa que aprendi na Seleção é que algumas garotas possuem um instinto assassino assustador. Não se deixem enganar pelos vestidos de festa — completou, sorrindo.

De volta ao meu quarto, permiti que as criadas me acompanhassem por mais tempo que o habitual para me ajudarem a tirar o monte de grampos do cabelo.

— Gostei da sua ideia de o exército ser voluntário — disse Mary, enquanto seus dedos trabalhavam depressa.

— Eu também — Lucy acrescentou. — Lembro-me de ver meus vizinhos sofrerem quando seus filhos mais velhos eram recrutados. O clima ficava insuportável quando grande parte deles não retornava.

Dava para notar que várias lembranças estavam passando diante de seus olhos. Eu mesma tinha algumas parecidas.

Miriam Carrier enviuvou cedo, mas ela e seu filho, Aiden, conseguiram se virar sozinhos. Quando os soldados apareceram em sua porta, com uma bandeira, uma carta e pêsames por seu filho, ela desabou. Ela não poderia ir em frente sozinha. Mesmo se tivesse capacidade, não teria coragem.

Às vezes eu a via mendigando como se fosse uma Oito na mesma praça onde disse adeus a Carolina. Mas eu não podia lhe dar nada.

— Entendo — foi o meu comentário à reflexão de Lucy.

— Acho que Kriss foi um pouco longe demais — comentou Anne. — Mulheres na guerra parece ser uma ideia péssima.

Achei graça da careta que ela fazia enquanto cuidava de cada detalhe nos meus cabelos.

— De acordo com meu pai, as mulheres antes...

De repente, uma sequência de batidas na porta nos assustou.

— Tive uma ideia — anunciou Maxon, entrando no quarto sem esperar resposta. Parecia que nós dois tínhamos um encontro fixo todas as sextas à noite, depois do *Jornal Oficial*.

— Alteza — disseram as três em coro, sendo que Mary derrubou os grampos de cabelo ao se curvar para o príncipe.

— Deixe-me ajudá-la — prontificou-se Maxon, indo na direção dela.

— Está tudo bem — insistiu Mary, extremamente vermelha, já de saída.

Com uma sutileza bem menor do que gostaria — disso tenho certeza —, ela arregalou os olhos para Lucy e Anne, como que implorando para ambas acompanharem-na.

— Ah, hm, boa noite, senhorita — se despediu Lucy, puxando a bainha da saia de Anne para levá-la junto.

Assim que as três saíram, Maxon e eu caímos na gargalhada. Virei para o espelho e continuei a tirar os grampos do cabelo.

— São um trio engraçado — comentou Maxon.

— É que elas admiram tanto você.

Modesto, ele fingiu não ter ouvido o elogio implícito em minhas palavras.

— Desculpe a interrupção.

— Tudo bem — respondi, enquanto tirava o último grampo. Passei os dedos pelos cabelos, que se espalharam sobre meus ombros. — Estou bem assim?

Maxon aprovou com a cabeça, depois de olhar para mim por mais tempo que o necessário. Quando voltou a si, falou:

— Em todo caso, aquela ideia...

— Diga.

— Lembra-se daquele negócio de Halloween?

— Sim. Ah, ainda não li o diário. Mas ele está bem escondido — assegurei.

— Tudo bem. Ninguém está procurando por ele. Mas eu estava pensando. Todos aqueles livros diziam que a data caía em outubro, certo?

— Sim — confirmei, sem muita empolgação.

— Pois estamos em outubro. Por que não damos uma festa de Halloween?

Me virei para ele.

— Mesmo? Ah, Maxon, será que podemos?

— Você gostaria?

— Eu amaria!

— Poderíamos mandar fazer fantasias para todas as meninas da Seleção. Os guardas de folga serviriam como pares extras para a dança, já que eu sou um só e seria injusto fazer todo mundo esperar enquanto danço com alguém. E poderíamos também fazer umas aulas de dança por uma ou duas semanas. Você já me disse uma vez que às vezes não há nada para fazer durante o dia. E doces! Teremos os melhores doces nacionais e importados. Você estará

empanturrada no fim da noite. Vamos ter que trazer você rolando de volta para o quarto.

Eu estava hipnotizada por aquelas palavras.

— E faremos um pronunciamento. Diremos ao país inteiro para comemorar. Que as crianças voltem a usar fantasias e bater às portas pedindo doces, como no passado. Sua irmã adoraria isso, não?

— Claro que sim! Todo mundo!

Ele refletiu por um momento, seus lábios se contorciam.

— E você acha que ela gostaria de comemorar a data aqui, no palácio?

Fiquei pasma.

— Quê?

— Tenho que conhecer os pais das meninas da Elite em algum momento da competição. Bem que os irmãos poderiam vir junto e fazer desse encontro uma coisa mais festiva em vez de terem que esperar...

Maxon não pôde continuar a frase porque eu me atirei em seus braços. Estava tão exultante com a chance de ver May e meus pais que não consegui segurar o entusiasmo. Ele jogou seus braços em torno de minha cintura e me olhou nos olhos; seu olhar brilhava de alegria. Como essa pessoa — que eu tinha imaginado ser meu extremo oposto — sempre descobria as coisas que mais me alegravam?

— É sério? Eles podem vir de verdade?

— Claro — afirmou ele. — Faz tempo que gostaria de conhecê-los, e faz parte da competição. E além disso, ver suas famílias também faria bem a todas vocês.

Quando tive certeza de que não choraria, cochichei:

— Obrigada.

— É sempre um prazer... Sei que você ama eles.

— Amo.

— E é óbvio que você faria praticamente qualquer coisa por eles — continuou Maxon, com um sorriso. — No fim das contas, você permaneceu na Seleção por causa deles.

Me afastei um pouco para abrir um espaço entre nós que me permitisse ver seus olhos. Não havia nenhuma crítica neles, apenas um espanto com meu movimento abrupto. Mas eu não podia deixar a chance escapar: tinha que ser absolutamente franca.

— Maxon, eles foram parte do motivo de eu ter ficado, no começo, mas não são o motivo de eu estar aqui agora. Você sabe disso, certo? Estou aqui porque...

— Porque...

Olhei para Maxon, para aquele rosto incrível, cheio de esperança. *Diga, America. Apenas diga.*

— Por quê? — perguntou ele, dessa vez com um sorriso malicioso nos lábios, o que mexeu ainda mais comigo.

Me lembrei da conversa com Marlee e de como me sentira no dia em que falamos da Seleção. Era difícil ver Maxon como meu namorado sabendo que ele se encontrava com outras garotas, mas ele também não era apenas um amigo. Mais uma vez, fui tomada por uma sensação de esperança, me maravilhei com a possibilidade de termos algo especial. Maxon significava mais para mim do que aquilo que eu me permitia ver.

Dei um sorriso e me dirigi para a porta com passos lentos.

— America Singer, volte aqui.

Ele correu na minha frente e passou o braço por minha cintura. Seu peito pressionava o meu.

— Me diga — cochichou.

Apertei os lábios.

— Ótimo, então terei que me valer de outro meio de comunicação.

Sem qualquer aviso, Maxon me beijou. Senti meu corpo inclinar um pouco para trás, completamente sustentado por seus braços. Passei as mãos em torno de seu pescoço, com o desejo de guardá-lo só para mim... e, então, algo passou por minha cabeça.

Geralmente, eu conseguia deixar de lado todas as outras pessoas quando ficávamos a sós. Mas naquela noite, pensei na possibilidade de haver alguém em meu lugar. Só de imaginar outra garota nos braços de Maxon, fazendo-o rir, casando-se com ele... Isso despedaçava meu coração. Não deu para evitar: comecei a chorar.

— O que foi, querida?

Querida? Aquela palavra, tão terna e pessoal, me tocou. Naquele instante desapareceram quaisquer desejos de lutar contra o que eu sentia por Maxon. Eu queria ser sua querida. Queria ser só de Maxon.

Essa escolha poderia implicar um futuro generoso em que eu nunca tinha pensado. Talvez tivesse que dar adeus a diversas coisas que nunca imaginei abandonar. Eu não podia, porém, lidar com a ideia de ficar longe dele.

Sim, realmente eu não era a melhor candidata à coroa, mas não queria continuar na competição se fosse incapaz de ao menos confessar meus sentimentos a ele.

Respirei fundo, na tentativa de manter a voz firme.

— Não quero deixar tudo isso.

— Se bem me lembro, na primeira vez em que nos encontramos, você disse que o palácio parecia uma jaula.

Maxon sorriu e completou:

— No entanto, acabamos nos apegando a ele, não?

Inclinei um pouco a cabeça, concordando.

— Às vezes, a gente consegue ser bem idiota — eu disse, e um riso fraco conseguiu abrir caminho entre meus soluços.

Maxon me deixou recuar o suficiente para eu olhar no fundo de seus olhos castanhos.

— Não é o palácio, Maxon. O que menos me importa são as roupas, a cama e, acredite, a comida.

Maxon riu. Não era segredo a minha empolgação com as refeições exóticas que fazíamos.

— É você — eu disse. — Não quero deixar você.

— Eu?

Fiz que sim com a cabeça.

— Você me quer?

Achei engraçada a sua expressão maravilhada.

— É isso o que estou dizendo.

Ele se calou por um momento.

— Como... Mas... O que fiz?

— Não sei — respondi, dando de ombros. — Só acho que formaríamos um bom "nós".

Ele abriu um sorriso.

— Formaríamos um "nós" maravilhoso.

Maxon me puxou para si, de uma maneira até bruta para seus padrões, e me beijou outra vez.

— Tem certeza? — me perguntou, me segurando com os braços esticados e me olhando ansioso. — Certeza absoluta?

— Se você tem, eu também tenho.

Por uma fração de segundo, algo mudou em seu rosto. Mas foi tão rápido que não sabia dizer se aquilo — seja lá o que fosse — tinha sido real.

Logo em seguida, Maxon me levou até a cama e sentamos. As mãos dadas e minha cabeça apoiada em seu ombro. Eu esperava que ele dissesse alguma coisa. Afinal, não era o momento que ele tanto esperava? Mas as palavras não vieram. De vez em quando, ele soltava um longo suspiro, e só esse som já me dizia o quão feliz estava. Isso me ajudou a não ficar ansiosa.

Depois de um tempo — talvez porque nenhum de nós soubesse o que dizer —, Maxon endireitou a postura.

— Melhor eu ir embora. Se vamos convidar as famílias para a festa, preciso planejar mais.

Eu também me endireitei, sorrindo, ainda alegre por saber que logo abraçaria minha mãe, meu pai e May.

— Obrigada de novo.

Levantamos juntos e caminhamos para a porta. Segurei forte a mão dele. Por algum motivo, me doía ter que soltá-la.

Parecia haver uma fragilidade naquele momento, como se pudéssemos quebrá-lo se nos agitássemos demais.

— Vejo você amanhã — prometeu Maxon, com um sussurro.

Seu nariz estava a milímetros do meu. Ele me olhava com tamanha adoração que me senti tola por me preocupar.

— Você é fantástica — completou ele.

Assim que ele saiu, fechei os olhos e recapitulei tudo o que acontecera naquele pequeno espaço de tempo: o modo como ele olhava para mim, os sorrisos contentes, os beijos doces. Repassava tudo, uma e outra vez, enquanto me preparava para dormir. E me perguntava se Maxon estaria fazendo o mesmo.



Capítulo 6



— ADORÁVEL, SENHORITA. Continue a apontar para os desenhos. As outras tentem não olhar para mim — pediu o fotógrafo.

Era sábado e toda a Elite havia sido dispensada da obrigação de permanecer no Salão das Mulheres o dia inteiro. No café da manhã, Maxon tinha anunciado a festa de Halloween; à tarde, nossas criadas começaram a desenhar as fantasias, e alguns fotógrafos apareceram para registrar todo o processo.

Naquele momento, eu tentava parecer natural enquanto examinava os desenhos de Anne, e as criadas estavam atrás da mesa com pedaços de tecido, caixas de lantejoulas e uma quantidade absurda de penas.

A câmera clicava várias vezes enquanto fazíamos poses diversas, na tentativa de dar opções ao fotógrafo. No instante em que eu posaria com um tecido dourado enrolado na cabeça, recebemos um visitante.

— Bom dia, senhoritas — disse Maxon, caminhando porta adentro.

Não pude deixar de me endireitar um pouco e tive a sensação de que meu sorriso tomava todo o meu rosto. O fotógrafo captou esse momento antes de se dirigir a Maxon.

— Sua Alteza, é sempre uma honra. O senhor se importaria de posar com a jovem senhorita?

— Seria um prazer.

As criadas abriram espaço. Maxon pegou alguns desenhos e se colocou bem atrás de mim. Uma de suas mãos segurava uma folha e a outra repousava em minha cintura. Esse detalhe significava muito para mim. É como se ele dissesse: “Veja, logo vou tocá-la assim diante do mundo. Você não precisa se preocupar com nada”.

Depois de mais algumas fotos, o fotógrafo foi atrás da próxima garota. Percebi que também as criadas, discretamente e por conta própria, haviam deixado o quarto.

— Suas criadas têm muito talento — disse Maxon. — A ideia é maravilhosa.

Tentei me comportar da mesma maneira de sempre, mas as coisas passaram a ser diferentes, ao mesmo tempo melhores e piores.

— Eu sei — respondi. — Não poderia estar em melhores mãos.

— Já se decidiu por algum? — perguntou ele, espalhando os papéis pela escrivaninha.

— A gente gosta dessa ideia do pássaro. Acho que é uma referência ao meu pingente — eu disse, com a mão sobre o fino cordão de prata. O pingente de passarinho era presente de meu pai, e eu preferia esse objeto a todas as joias pesadas do palácio.

— Detesto dizer isso, mas acho que Celeste também escolheu uma fantasia de pássaro. A determinação dela era impressionante — disse ele.

— Tudo bem — respondi, dando de ombros. — Não sou louca por penas, mesmo. — De repente parei de sorrir. — Ei, você estava com Celeste?

Ele confirmou com a cabeça.

— Foi apenas uma visita rápida para conversar. Acho que não posso ficar muito tempo aqui também. Meu pai não está contente com tudo isso, mas com a Seleção ainda em curso, compreendeu que seria legal termos um pouco mais de festa. E concordou que também seria um modo bem melhor de conhecer as famílias diante da atual situação...

— Que situação?

— Ele está ansioso por uma eliminação, e devo excluir alguém depois de conhecer os pais de todas. Na opinião dele, quanto antes eles vierem, melhor.

Eu não tinha percebido que mandar uma garota de volta para casa fazia parte dos planos do Halloween. Pensava que seria apenas uma grande festa. Aquilo me deixou nervosa, embora eu repetisse para mim mesma que não tinha motivos para tal. Não depois da nossa conversa do dia anterior. De todos os momentos já compartilhados com Maxon, nenhum me parecia mais real do que aquele.

Ainda com os olhos nos desenhos, Maxon falou, com ar distraído:

— Acho que preciso terminar as visitas.

— Você já vai?

— Não se preocupe, querida. Vejo você no jantar.

"Sim", pensei, "mas você verá todas nós no jantar."

— Está tudo bem? — perguntei.

— Claro — ele respondeu, para depois me beijar. Na bochecha. — Tenho que correr. Falamos mais tarde.

E saiu, tão subitamente como tinha chegado.

No domingo, oito dias nos separavam do Halloween, o que significava que o palácio estava um furacão, cheio de atividades.

Na segunda, a Elite passou a manhã com a rainha Amberly provando e aprovando o menu para a festa. De longe, aquela foi a melhor das nossas tarefas até então. À tarde, porém, Celeste ficou horas sumida do Salão das Mulheres. Quando voltou, por volta das quatro da tarde, anunciou a todas que "Maxon mandou lembranças".

Na tarde de terça-feira, cumprimentamos membros mais distantes da família real que vieram à cidade para os festejos. E naquela manhã, assistimos da janela a Maxon dando uma aula de arco e flecha a Kriss nos jardins.

As refeições estavam repletas de convidados que chegaram antes da festa, mas Maxon quase nunca aparecia, assim como Marlee e Natalie.

Eu me sentia cada vez mais envergonhada. Revelar meus sentimentos para Maxon tinha sido um erro. Apesar de toda a conversa, ele não podia estar interessado em mim de verdade se sua primeira opção era sempre passar o tempo com as outras.

Na sexta, já tinha quase perdido as esperanças. Depois do *Jornal Oficial*, permaneci sentada ao piano, desejando que Maxon viesse ao meu quarto.

Ele não veio.

Tentei distrair a cabeça no sábado. Nós, da Elite, tínhamos a obrigação de fazer sala às mulheres que chegavam no palácio de manhã, e à tarde haveria mais um ensaio de dança.

Ainda bem que minha família, como Cinco, tinha escolhido se concentrar em música e artes plásticas: eu era uma péssima dançarina. A única pessoa pior que eu naquele salão era Natalie. Para minha tristeza e meu ódio, Celeste era o máximo da graciosidade. Os instrutores lhe pediram mais de uma vez para ajudar as outras meninas. O resultado foi que Natalie quase torceu o tornozelo graças às más indicações que Celeste lhe dava de propósito.

Sutil como uma serpente, Celeste botou a culpa na absoluta falta de jeito de Natalie. Os professores acreditaram nela, e Natalie apenas ria da própria situação. Admirava Natalie por não se abalar por causa de Celeste.

Aspen esteve presente em todas as aulas. Evitei-o nas primeiras; não tinha muita certeza se queria me aproximar dele. Ouvi rumores de que os guardas tinham começado a mudar suas escalas com uma velocidade enlouquecedora. Alguns estavam desesperados para irem à festa, ao passo que outros tinham namoradas em sua terra natal e arrumariam um grande problema se fossem vistos dançando com outra

pessoa, principalmente porque cinco de nós em breve voltariam a ser “solteiras”. Solteiras e bem procuradas.

Mas aquele era nosso último ensaio, e Aspen estava perto o bastante para me tirar para dançar. Não recusei.

— Está tudo bem? — perguntou ele. — Você parecia triste nas últimas vezes em que a vi.

— É só cansaço — menti. Não podia conversar com ele sobre meus problemas afetivos.

— Mesmo? — ele perguntou, cético. — Tinha certeza de que más notícias estavam por vir.

— O que você quer dizer?

Será que ele sabia de algo que eu não sabia?

Ele suspirou.

— Se você pretende dizer que preciso parar de lutar por você, aviso que não quero conversar sobre isso.

Para ser sincera, fazia mais de uma semana que eu nem pensava em Aspen. Estava tão absorta por minhas palavras e ideias erradas que não podia pensar em mais nada. Lá estávamos nós: enquanto me preocupava com a possibilidade de Maxon me abandonar, Aspen preocupava-se com a possibilidade de eu o abandonar.

— Não é nada disso — respondi vagamente, me sentindo culpada.

Ele acenou com a cabeça, por ora satisfeito com a resposta.

— Ai!

— Ops! — exclamei.

Tinha pisado no pé dele totalmente sem querer. Me esforcei para prestar atenção na dança.

— Desculpe, Meri, mas você é péssima — ele disse, rindo, apesar de o meu salto provavelmente tê-lo machucado.

— Eu sei, eu sei — eu disse, sem fôlego. — Juro que estou tentando!

Eu me agitava pelo salão como um alce cego, mas o que me faltava de graça eu compensava com esforço. Aspen, muito gentil, deu o seu melhor para me fazer parecer bem; até perdeu um pouco o compasso da música para acompanhar meu ritmo. Era tão típico dele, sempre tentar ser meu herói.

Ao fim da última aula, pelo menos eu sabia todos os passos. Não dava para prometer que não derrubaria sem querer um convidado diplomata com um chute das minhas pernas empolgadas. Mas faria o meu máximo. Imaginar essa cena me fez ver que não era de estranhar que Maxon pensasse duas vezes. Passaríamos vergonha ao visitar outros países e muito mais ao recebermos visitas aqui. Eu realmente não servia para ser princesa.

Suspirei e fui buscar um copo d'água. Aspen me seguiu, ao passo que as outras garotas deixaram o salão.

— Então...

Ele começou a falar. Corri os olhos pelo salão para me certificar de que ninguém nos observava.

— ...suponho que se você não está preocupada comigo, deve estar preocupada com ele.

Baixei os olhos e corei. Como ele me conhecia bem.

— Não que eu esteja torcendo por ele e tal, mas se ele não percebe como você é maravilhosa, é um idiota.

Sorri, com os olhos ainda cravados no chão.

— E se você não for a princesa, qual o problema? Você não vai ser menos incrível por isso. E você sabe... você sabe...

Aspen não conseguia soltar o que tinha a dizer. Arrisquei um olhar para o seu rosto.

Nos olhos dele, vi mil finais diferentes para aquela frase. Todos me uniam a ele: ele ainda estaria à minha espera; ele me conhecia melhor que ninguém; nós éramos um; uns meses no palácio não podiam apagar dois anos. Não importa o que acontecesse, Aspen sempre estaria ao meu lado.

— Eu sei, Aspen. Eu sei.



Capítulo 7



LÁ ESTAVA EU, enfileirada com as outras garotas no imenso foyer do palácio, mexendo os pés de um lado para o outro.

— Senhorita America — sussurrou Silvia. E foi o bastante para eu entender que meu comportamento estava sendo inaceitável. Como ela era a nossa principal tutora na Seleção, levava muito a sério tudo o que fazíamos.

Tentei sossegar. Invejava Silvia, os empregados e o punhado de guardas a passar de um lado para o outro, pelo simples fato de eles terem autorização para andar. Sabia que me sentiria mais calma se pudesse fazer o mesmo.

Talvez, se Maxon já estivesse aqui, não fosse tão ruim. Mas talvez eu ficasse mais ansiosa. Ainda não compreendia por que, depois de tudo, ele não tivera tempo para mim nos últimos dias.

— Eles chegaram! — veio a voz pelas portas do palácio. Não fui a única a soltar um suspiro aliviado.

— Muito bem, senhoritas! — gritou Silvia. — Hora de caprichar nos modos! Mordomos e criadas, perto da parede, por favor.

Tentamos ser as jovens adoráveis e nobres que Silvia desejava, mas tudo ruiu no instante em que os pais de Kriss e Marlee entraram pela porta. Eu sabia que ambas eram apenas crianças, e era óbvio que seus pais estavam com saudades demais para se importarem com o decoro. Eles correram aos berros, e Marlee saiu da fila sem parar para pensar.

Os pais de Celeste foram mais comedidos, embora tenham ficado claramente emocionados aos ver a filha. Celeste também saiu da fila, mas de um modo muito mais civilizado que Marlee. Sequer notei os pais de Natalie ou Elise, porque uma figura baixinha de cabelos ruivos esvoaçantes brilhava ao pé da porta com olhos inquisitivos.

— May!

Ela ouviu meu chamado, viu meu braço acenando e logo correu para mim. Minha mãe e meu pai a seguiram, enquanto eu ajoelhei para abraçá-la.

— Meris! Não acredito! — ela gemeu, com a voz repleta de admiração e inveja. — Você está tão, tão linda!

Não consegui falar. Mal podia vê-la. Eu chorava tanto.

Momentos depois, senti os braços firmes de meu pai envolvendo ambas. Em seguida, minha mãe — deixando de

lado sua costumeira reserva — se juntou a nós, e logo formávamos um todo, abraçados no palácio.

Ouvi alguém bufando e percebi que era Silvia, mas nem me importei com isso àquela altura.

Falei, assim que pude voltar a respirar:

— Estou tão feliz de vocês estarem aqui.

— Também estamos, gatinha — retribuiu meu pai. — Não dá para dizer o quanto sentimos sua falta — e concluiu as palavras com um beijo em minha cabeça.

Me virei para abraçá-lo melhor. Até aquele momento, ainda não tinha percebido o quanto eu precisava vê-los.

Abracei minha mãe por último. Eu estava chocada por ela estar tão quieta; era incrível que ainda não tivesse exigido um relatório detalhado do meu progresso com Maxon. Mas quando nos afastamos, notei as lágrimas em seus olhos.

— Você está tão linda, querida. Parece uma princesa.

Sorri. Era bom não ouvir somente perguntas e ordens dela, pelo menos uma vez. Naquele momento, ela estava apenas feliz. E isso significava muito para mim, porque eu também estava.

Reparei que May olhava para alguma coisa por cima do meu ombro.

— É ele — cochichou.

— Hein? — perguntei, me inclinando para ela. Quando virei para trás, Maxon nos observava detrás da grande escadaria. Com um sorriso maravilhado, ele abriu caminho para onde estávamos. Meu pai se endireitou rapidamente.

— Vossa Alteza — disse ele, com a voz carregada de admiração.

Maxon foi ao seu encontro com a mão esticada.

— Senhor Singer, é uma honra. Ouvi tanto a seu respeito. E é uma honra conhecê-la também, senhora Singer — continuou Maxon, dirigindo-se à minha mãe, que também se aprumou e ajeitou o cabelo.

— Alteza — ela desafinou, um pouco atarantada. — Nos perdoe por tudo isso — disse, apontando para o chão, onde May e eu permanecíamos abraçadas.

Maxon riu.

— Não é nada. Não esperaria menos entusiasmo de qualquer pessoa que seja ligada à senhorita America.

Com certeza minha mãe ia querer explicações sobre isso mais tarde.

— E você deve ser May? — continuou Maxon.

May corou ao estender a mão a ele; esperava um aperto de mão, mas ganhou um beijo.

— Nunca lhe agradeci por não ter chorado — brincou o príncipe.

— O quê? — perguntou May, corando ainda mais pela confusão.

— Ninguém disse a você? — falou Maxon, radiante. — Graças a você, ganhei meu primeiro encontro com sua irmã. Estarei sempre em dívida com você.

— Bom, de nada, acho — respondeu May, entre risos.

Maxon pôs as mãos atrás das costas, como se sua formalidade tivesse voltado.

— Receio ter que conhecer os outros, mas por favor aguardem aqui por um momento. Farei um breve pronunciamento ao grupo. Espero conseguir falar mais com vocês logo. Estou muito feliz por terem vindo.

— Ele é ainda mais bonito pessoalmente — May cochichou alto; e eu pude notar que Maxon ouviu, pelo leve chacoalhar de sua cabeça.

Ele passou à família de Elise, de longe a mais refinada do grupo. Seus irmãos mais velhos pareciam mais rígidos que os guardas, e seus pais fizeram uma reverência quando Maxon se aproximou. Fiquei imaginando se tinha sido Elise que os tinha mandado agir assim ou se era mesmo o jeito deles. Davam a impressão de ser tão polidos, com seus cabelos negros, os rostos parecidos entre si que se sobressaíam em relação às roupas bonitas.

Ao lado deles, Natalie e sua lindíssima irmã mais nova cochichavam com Kriss enquanto seus pais se cumprimentavam. O foyer inteiro estava repleto de uma energia entusiasmada.

— O que quer dizer isso de ele esperar entusiasmo de nós? — minha mãe perguntou em voz baixa. — É porque você gritou com ele quando se encontraram? Você não fez mais isso, fez?

Soltei um suspiro.

— Na verdade, mãe, a gente discute quase sempre.

— O quê? — ela perguntou, de queixo caído. — Pois pare com isso!

— Ah, e eu dei uma joelhada nas partes dele uma vez.

Ficamos em silêncio por uma fração de segundo, até May explodir numa gargalhada. Ela cobriu a boca e tentou parar, mas as risadas continuaram a sair, fazendo uns sons estranhos e agudos. Meu pai apertava os lábios, mas dava para notar que ele estava a ponto de também deixar escapar gargalhadas.

Minha mãe estava mais branca que a neve.

— America, me diga que isso é piada. Me diga que você não atacou o príncipe.

Não sei por que, mas a palavra “ataque” foi a gota d’água: May, meu pai e eu começamos a rir até doer a barriga, enquanto minha mãe nos encarava.

— Desculpe, mãe — falei.

— Ai, meu Deus.

E, de repente, minha mãe pareceu superanimada para conhecer os pais de Marlee, e eu não a impedi.

— Então ele gosta de mulheres que não baixam a cabeça — disse meu pai, assim que sossegamos. — Já passei a gostar mais dele.

Meu pai correu os olhos pelo lugar, contemplando o palácio; eu permaneci ao seu lado, tentando entender suas palavras. Quantas vezes meu pai e Aspen estiveram na mesma sala durante os anos do nosso namoro secreto? Uma dúzia pelo menos. Talvez mais. E nunca imaginei que ele não fosse aprovar Aspen. Sabia que seria difícil conseguir seu consentimento para me casar com alguém de uma casta abaixo, mas sempre parti da ideia de que no final teria sua permissão.

Por algum motivo, me senti mil vezes mais estressada. Apesar de Maxon ser Um, e capaz de sustentar todos nós, de repente percebi que existia a possibilidade de meu pai não gostar dele.

Meu pai não era um rebelde, não saía por aí queimando casas e tal. Mas eu sabia que ele não gostava do jeito como as

coisas eram feitas. E se seus problemas com o governo incluíssem Maxon? E se ele dissesse que eu não deveria ficar com ele?

Antes de eu me perder em pensamentos, Maxon subiu alguns degraus na escada para poder ver todos nós.

— Gostaria de agradecer a todos por terem vindo. Estamos muito contentes de recebê-los no palácio, não apenas para comemorar o primeiro Halloween em Illéa após décadas, mas também para nos conhecermos. Sinto muito por meus pais não terem podido cumprimentá-los também. Vocês os conhecerão em breve.

"As mães, irmãs e meninas da Elite estão convidadas a tomar chá com minha mãe esta tarde, no Salão das Mulheres. Suas filhas saberão conduzi-las até lá. Já os cavalheiros poderão fumar charutos com meu pai e comigo. Pediremos a um mordomo que os levem, de modo que ninguém precisa ter receio de se perder.

"As criadas os acompanharão aos quartos que vocês ocuparão durante a estadia. Elas também vestirão vocês adequadamente para a visita e a festa de amanhã à noite."

Maxon encerrou com um aceno e saiu. Uma criada surgiu ao nosso lado quase que imediatamente.

— Senhor e senhora Singer? Estou aqui para acompanhá-los com sua filha até seus aposentos.

— Mas eu quero ficar com America! — protestou May.

— Lindinha, tenho certeza de que o rei nos deu um quarto tão bonito quanto o de America. Você não quer vê-lo? — minha mãe encorajou-a.

May se virou para mim.

— Quero viver exatamente como você. Pelo menos por um tempinho. Posso ficar com você?

Respirei fundo. Então eu teria de abdicar da minha privacidade por uns dias. E daí? Não tinha como dizer não para aquela carinha.

— Tudo bem. Talvez, com nós duas lá, minhas criadas terão algo para fazer de verdade.

Ela me abraçou tão forte que já valeu a pena.

— O que mais você aprendeu? — perguntou meu pai.

Passei meu braço pelo dele, ainda desacostumada com seu terno. Se eu não o tivesse visto milhares de vezes com suas calças sujas de tinta, poderia jurar que ele nascera para ser Um. Ele parecia jovem e bonitão naquelas roupas formais. Estava até mais alto.

— Acho que já lhe contei tudo o que ensinaram sobre a nossa história, sobre como o presidente Wallis foi o último líder do antigo Estados Unidos e depois governou o Estado Americano da China. Eu não sabia nada sobre ele, e você, sabia?

Meu pai fez que sim com a cabeça.

— Seu avô me falou dele. Ouvi dizer que era um cara decente, mas ele não teve saída quando as coisas pioraram daquele jeito.

Apenas no palácio pude conhecer a verdade definitiva sobre a história de Illéa. Por algum motivo, a história da origem do nosso país era quase sempre transmitida oralmente. Ouvi várias coisas diferentes, e nenhuma delas era tão completa como a educação que recebi nos últimos meses.

Os Estados Unidos foram invadidos no começo da Terceira Guerra Mundial, quando não conseguiram pagar sua exorbitante dívida com a China. Por não receberem o dinheiro — que os Estados Unidos não tinham —, os chineses instalaram um governo aqui, criando o Estado Americano da China e usando os americanos como força de trabalho. Um dia, os Estados Unidos se rebelaram, não apenas contra a China, mas também contra os russos, que tentavam roubar a mão de obra conquistada pelos chineses. Os americanos juntaram-se ao Canadá, ao México e a vários outros países latinos para formar um único país. Essa foi a Quarta Guerra Mundial. E embora tenhamos sobrevivido e formado um novo país, a guerra devastou a economia.

— Maxon me disse que pouco antes da Quarta Guerra Mundial as pessoas não tinham quase nada.

— Ele tem razão. Esse é um dos motivos de o sistema de castas ser tão injusto. Ninguém tinha muito a oferecer para

ajudar no começo, e é por isso que tanta gente acabou nas castas inferiores.

Não estava a fim de discutir esse assunto com meu pai; sabia que ele se empolgaria. Ele não estava errado — as castas eram injustas —, mas era uma visita alegre e não queria desperdiçá-la em conversas sobre coisas que não poderíamos mudar.

— Além de um pouco de história, a maior parte das aulas é de etiqueta. Temos estudado um pouco mais de diplomacia agora. Acho que em breve vamos usá-la para alguma coisa. Eles estão forçando bastante a matéria. Bem, vai ser útil para as garotas que ficarem, em todo o caso.

— Ficar?

— Acontece que uma das garotas voltará para casa com a família. Maxon deve eliminar alguém depois de conhecer todos os pais.

— Você não parece muito feliz com isso. Acha que ele vai mandar você para casa?

Dei de ombros.

— Vamos, filha. A essa altura você já deve saber se ele gosta de você ou não. Se gosta, você não tem com que se preocupar. Se não gosta, por que vai querer ficar?

— Acho que você está certo.

Ele parou de andar.

— E qual das duas opções é a certa?

Era meio vergonhoso falar disso com meu pai, mas também não falaria disso com minha mãe.

— Acho que ele gosta de mim. Ele diz que gosta.

Meu pai riu.

— Então você está indo bem.

— Mas ele tem estado um pouco... distante esta semana.

— America, querida, ele é o príncipe. Provavelmente ele esteve ocupado aprovando leis e coisas assim.

Eu não sabia como explicar que Maxon parecia ter tempo para todas, menos para mim. Era humilhante demais.

— Acho que sim...

— Por falar em leis, você aprendeu algo sobre legislação? Sobre como escrever propostas?

O assunto não me empolgou nem um pouco, mas pelo menos não havia garotos em discussão.

— Ainda não, apesar de lermos muitas delas. Elas são difíceis de entender às vezes. Mas Silvia, a mulher que estava no foyer, é um tipo de guia, tutora, sei lá. Ela tenta explicar as coisas. E Maxon sempre ajuda quando faço perguntas a ele.

Meu pai pareceu se animar.

— Ajuda?

— Ah, sim. Acho que para ele é importante todas nos sentirmos capazes de ter sucesso, sabe? Por isso, ele é ótimo para explicar as coisas. Ele até...

Refleti um pouco. Eu não devia falar da sala dos livros. Mas estava com meu pai.

— Veja — continuei —, você tem que prometer que não vai falar nada para ninguém.

Ele achou graça.

— A única pessoa com quem converso é sua mãe, e todos sabemos que não podemos confiar um segredo a ela, de modo que prometo não contar a ela.

Eu ri. Era impossível imaginar minha mãe guardando um segredo.

— Pode confiar em mim, gatinha — disse ele, com a mão em meu ombro.

— Há uma sala aqui, secreta, cheia de livros, pai! — confessei em voz baixa, olhando para os lados para ver se alguém estava por perto. — Lá eles guardam livros banidos e mapas-múndi antigos, de como os países eram antes. Pai, eu não sabia que havia tantos países naqueles tempos! E também tem um computador lá. Você já viu um na vida real?

Ele balançou a cabeça, chocado.

— É fantástico — prossegui. — Você digita o que procura e ele busca em todos os livros da sala até encontrar.

— Como?

— Não sei, mas foi assim que Maxon descobriu o que era o Halloween. Ele até...

Olhei para os dois lados do corredor novamente. Tinha certeza de que meu pai não contaria a ninguém sobre a biblioteca. Mas talvez fosse demais eu revelar que estava com um dos livros secretos.

— Ele até?

— Emprestou-me um deles, só para ver.

— Ah, isso é muito interessante! O que você leu? Pode contar?

Mordi os lábios.

— Um dos diários de Gregory Illéa.

O queixo de meu pai caiu antes de ele ter tempo para absorver a notícia.

— America, isso é incrível. O que diz lá?

— Ah, eu não terminei. A maior parte tenta descobrir o que era o Halloween.

Ele ponderou minhas palavras por um momento e balançou a cabeça.

— Por que você está preocupada, America? Está claro que Maxon confia em você.

Soltei um suspiro, sentindo-me idiota.

— Acho que você está certo.

— Fantástico — sussurrou ele. — Então há uma sala escondida em algum lugar por aqui? — disse, enquanto observava as paredes de um modo todo novo.

— Pai, este lugar é maluco. Há portas e painéis por toda parte. Pelo que sei, se eu empurrasse este vaso, poderíamos cair em um alçapão.

— Hmm, então serei cuidadoso ao fazer o caminho de volta para o meu quarto — concluiu, maravilhado.

— O que você provavelmente precisa fazer logo. Tenho que aprontar May para o chá com a rainha.

— Ah, sim, você e seus chás com a rainha — brincou. — Tudo bem, gatinha. Vejo você à noite no jantar. Agora... qual é o melhor jeito de evitar uma portinhola secreta? — ele perguntou-se em voz alta e saiu com os braços esticados, para se proteger.

Assim que meu pai chegou à escadaria, apoiou-se no corrimão, bem devagar.

— Só para você saber, este é seguro.

— Obrigada, pai.

Acenei com a cabeça e tomei o caminho do quarto. Era quase impossível não dar pulos de alegria pelos corredores: estava tão feliz de ter minha família aqui que mal podia me conter. Se Maxon não me mandasse embora, seria mais difícil do que nunca me separar deles.

Dobrei a esquina para o quarto e vi a porta aberta.

— Como ele era? — ouvi May perguntar, enquanto me aproximava.

— Bonito. Pelo menos para mim. Seus cabelos eram meio ondulados e nunca assentavam.

May riu, e Lucy fez o mesmo ao terminar de falar.

— Às vezes, eu corria os dedos por eles — continuou a criada. — Penso nisso de vez em quando. Não tanto como antes.

Andei na ponta dos pés para não atrapalhá-las.

— Você ainda sente saudades dele? — perguntou May, sempre curiosa sobre garotos.

— Cada dia menos — Lucy reconheceu, com um quê de esperança na voz. — Quando cheguei aqui, pensei que fosse morrer com a dor. Vivia pensando em formas de escapar do palácio e voltar para ele, mas isso nunca daria certo. Não podia abandonar meu pai, e mesmo que eu chegasse do lado de fora, não haveria como encontrar o caminho de volta.

Eu sabia pouco do passado de Lucy, de como sua família concordou em servir uma família de Três em troca do dinheiro de uma operação para a mãe de Lucy, que acabou falecendo. Depois, quando a mãe da família de Três descobriu que seu filho estava apaixonado por Lucy, vendeu Lucy e o pai para o palácio.

Espiei pela porta e lá estavam May e Lucy sobre a cama. As portas da sacada estavam abertas, e a brisa de Angeles soprava quarto adentro. May tinha ficado muito natural com o visual palaciano: o caimento de seu vestido de dia estava perfeito mesmo com ela sentada na cama fazendo tranças no cabelo de Lucy, que estava solto. Nunca vi Lucy sem coque. Ela ficava linda assim: parecia jovem e despreocupada.

— Como é amar? — perguntou May.

Parte de mim ficou magoada. Por que ela nunca tinha me perguntado isso? Depois, me lembrei: para May, eu nunca tinha amado.

Lucy abriu um sorriso triste.

— É a coisa mais maravilhosa e terrível que pode acontecer com você — afirmou com simplicidade. — Você sabe que encontrou algo incrível e quer levá-lo para sempre consigo. E um segundo depois de ter aquilo, você fica com medo de perder.

Deixei escapar um suspiro. Ela estava completamente certa.

O amor é um medo belo.

Como eu não queria pensar muito sobre perder coisas, entrei no quarto.

— Lucy! Olhe para você!

— Gostou? — perguntou ela, com a mão nas tranças delicadas.

— Está maravilhosa. May costumava fazer tranças em mim o tempo todo. Ela é muito talentosa.

May deu de ombros.

— O que eu podia fazer? Como não podíamos comprar bonecas, eu brincava com a Meris.

— Bem — disse Lucy, virando-se para May —, enquanto você estiver aqui, será nossa bonequinha. Anne, Mary e eu vamos deixar você linda como a rainha.

May chacoalhou a cabeça.

— Ninguém é linda como ela — protestou para em seguida virar-se rapidamente para mim. — Não conte para a mamãe que eu disse isso.

— Não conto — falei, rindo. — Agora, porém, temos que ficar prontas. É quase hora do chá.

May bateu palmas, empolgada, e se sentou diante do espelho. Lucy puxou os cabelos para trás, mas conseguiu fazer o coque sem bagunçar as tranças. Depois, pôs seu lenço

sobre a cabeça e cobriu quase tudo. Eu não a culparia por querer que seu cabelo ficasse assim por um pouco mais de tempo.

— Ah, a senhorita recebeu uma carta — disse Lucy, entregando-me o envelope com cuidado.

— Obrigada — agradeci, incapaz de esconder o espanto na voz.

A maior parte das pessoas que me escreveria estava no palácio. Rasguei o envelope e deparei com um bilhete, escrito de propósito com uns garranchos que eu conhecia bem.

America,

Descobri tarde demais que as famílias da Elite foram há pouco convidadas para conhecer o palácio e que o papai, a mamãe e May partiram para visitá-la. Sei que Kenna está com a gravidez muito avançada para poder viajar, e que Gerad é criança demais. Estou tentando entender por que o convite não se estendeu a mim. Sou seu irmão, America.

Só consigo imaginar que nosso pai decidiu deixar-me de fora. Espero muito que não tenha sido você. Nós dois — tanto você como eu — estamos próximos de grandes conquistas. Temos condições de ajudar um ao outro. Se qualquer outro privilégio especial for concedido à sua família, você tem que se lembrar de mim, America. Podemos ajudar um ao outro.

Por acaso você falou de mim para o príncipe? Só por curiosidade.

Escreva em breve.

Kota

Pensei em amassar a carta e jogá-la no lixo. Tinha a esperança de que Kota tivesse deixado de lado seu alpinismo de castas e aprendido a contentar-se com o que já tinha. Parece que não dei sorte. Enfiei a carta no fundo de uma gaveta, com a intenção de esquecê-la completamente. A inveja dele não iria estragar a visita.

Lucy chamou Anne e Mary, e nós todas nos divertimos muito enquanto nos aprontávamos. O jeito efervescente de May nos animava; eu até cantei enquanto me vestia. Logo chegou nossa mãe, perguntando se estava bonita, por garantia mesmo.

E é claro que estava. Ela era mais baixa e cheinha que a rainha, mas estava tão nobre quanto ela em seu vestido. Ao descermos as escadas, May agarrou meu braço, com uma cara triste.

— O que há de errado? Ansiosa para conhecer a rainha?

— Estou. É que...

— O quê?

May soltou um suspiro.

— Como posso voltar a usar calças cáqui depois disso?

As meninas estavam animadas, todas explodindo de energia. A irmã de Natalie, Lacey, tinha quase a mesma idade de May; as duas se sentaram em um canto e ficaram conversando. Eu via como Lacey era parecida com a irmã. Na aparência, as duas eram magras, loiras e bonitas. Mas no ponto em que May e eu éramos opostas, Natalie e Lacey eram idênticas. Porém, eu descreveria Lacey como menos caprichosa. Menos sem noção que sua irmã.

A rainha passeava pelo salão e falava com todas as mães. Ela fazia perguntas com seu jeito doce, como se alguém ali pudesse ter uma vida mais impressionante que a dela. Eu estava em um grupinho ouvindo a mãe de Elise falar sobre sua vida na Nova Ásia, quando May puxou meu vestido e me chamou de canto.

— May — falei, cerrando os dentes. — O que é isso? Você não pode agir assim, especialmente quando a rainha está perto!

— Você precisa ver! — ela insistiu.

Ainda bem que Silvia não estava. Eu não me surpreenderia se ela censurasse May por algo assim, apesar de ela não saber de nada.

Fomos até a janela, e May apontou para fora.

— Veja!

Estiquei o olhar para além dos arbustos e vi duas figuras. A primeira era meu pai, que falava e gesticulava com as mãos

como se perguntasse ou explicasse alguma coisa. A segunda era Maxon, que fazia pausas para pensar antes de responder.

Olhei para trás. As mulheres permaneciam entretidas com a situação, mesmo a rainha, e nenhuma parecia prestar atenção em nós.

Maxon parou em frente ao meu pai e falou de uma maneira franca. Não houve agressão ou raiva, mas ele parecia determinado. Depois de uma pausa, meu pai estendeu a mão a ele. Maxon sorriu e a apertou com entusiasmo. Logo em seguida, ambos pareciam mais relaxados, e meu pai deu um tapinha nas costas de Maxon, que ficou um pouco tenso com o gesto; ele não estava acostumado a ser tocado. Mas então meu pai pôs a mão no ombro de Maxon, como costumava fazer comigo. E Maxon pareceu gostar muito.

— O que quer dizer isso? — perguntei em voz alta.

May encolheu os ombros.

— Parece importante.

— Parece.

Esperamos para ver se Maxon conversava com o pai de outra garota. Se conversou, não foi no jardim.



Capítulo 1



A FESTA DE HALLOWEEN FOI TÃO INCRÍVEL quanto Maxon tinha prometido. Quando adentrei o Grande Salão, com May ao meu lado, fiquei pasma com toda aquela beleza diante de meus olhos. Tudo era dourado. Enfeites de parede, joias brilhantes sobre os candelabros, copos, pratos, e até a comida: tudo tinha toques de ouro. Nada era menos do que magnífico.

Um aparelho de som tocava música pop, mas, no canto do salão, uma pequena banda aguardava o momento de tocar as danças tradicionais que tínhamos aprendido. Câmeras — de foto e vídeo — espalhavam-se pelo ambiente. Sem dúvida, a festa seria o destaque da programação de Illéa no dia seguinte. Impossível existir uma comemoração como aquela. Imaginei por uns instantes como seria se eu estivesse aqui até o Natal.

As fantasias estavam maravilhosas. Marlee estava de anjo, dançando com o soldado Woodwork. Sua fantasia tinha até asas — pareciam feitas de papel brilhante — que pendiam das suas costas. Celeste usava um vestido curto feito de penas; a pluma comprida na parte de trás de sua cabeça indicava que a fantasia era de pavão.

Kriss estava ao lado de Natalie, e ambas pareciam ter combinado: o corpete do vestido de Natalie estava coberto de flores abertas, ao passo que a saia de pregas era feita de tule

azul. O vestido de Kriss era dourado como o salão e recoberto com camadas e camadas de folhas. Chutei que estavam fantasiadas de primavera e outono. Uma ideia fofa.

A herança asiática de Elise foi explorada ao máximo. Seu vestido de seda era um exagero perto das roupas discretas que ela costumava usar. As mangas longas e drapejadas eram dramáticas ao extremo, e sua capacidade de andar com todos aqueles enfeites na cabeça me impressionou. Elise não era de chamar a atenção, mas naquela noite estava linda, com um ar de rainha.

Espalhados pelo salão, estavam parentes e amigos, também fantasiados, e mesmo os guardas estavam bem-vestidos. Vi um jogador de beisebol, um vaqueiro, alguém de terno com um crachá em que se lia GAVRIL FADAYE. Um dos guardas ousou ao ponto de botar um vestido de mulher; estava rodeado por um punhado de meninas que morriam de rir. Muitos dos outros guardas, no entanto, estavam com a versão de gala de seus uniformes, que consistia simplesmente em calças vincadas brancas e casaca azul. Usavam luvas, mas não chapéu, o que ajudava a distingui-los dos guardas em serviço que rondavam o salão.

— Então, o que você está achando? — perguntei a May, mas quando me virei ela já tinha desaparecido na multidão para explorar o lugar.

Comecei a rir sozinha enquanto tentava identificar seu vestidinho bufante no salão. Quando ela me disse que queria

ir à festa fantasiada de noiva — "tipo as da TV" —, achei que era piada. Mas ela ficou simplesmente ótima de véu.

— Olá, senhorita America — alguém sussurrou em minha orelha.

Voltei à realidade e ao me virar para responder deparei com Aspen ao meu lado com seu uniforme de gala.

— Você me assustou! — reclamei, com a mão no coração como se isso fosse diminuir seu ritmo. Aspen apenas riu.

— Gostei da fantasia — ele disse, com um tom simpático.

— Obrigada. Também gostei.

Anne tinha me transformado em uma borboleta. Meu vestido, bem ajustado, era de um material esvoaçante, com a barra preta ondulando à minha volta. Uma máscara minúscula imitando asas de borboleta me cobria o rosto e criava um ar misterioso.

— Por que você não se fantasiou? — perguntei. — Não conseguiu pensar em algo?

Aspen sacudiu os ombros.

— Prefiro o uniforme.

— Hmm.

Me parecia triste desperdiçar esse ótimo pretexto para uma extravagância. Aliás, Aspen tinha menos oportunidades nesse sentido do que eu. Por que não aproveitar?

— Só vim para dar um “oi”, ver como você estava.

— Legal — repliquei. Me sentia tão estranha.

— Ah — ele disse, descontente. — Tudo bem, então.

Talvez ele esperasse uma resposta melhor depois do que dissera no outro dia, mas eu ainda não estava preparada para dizer nada. Aspen se despediu com um aceno e saiu para falar com outro guarda, que o abraçou como um irmão. Comecei a pensar se o fato de ele ser um guarda lhe dava uma sensação de pertencer a uma família, como a que eu tinha adquirido na Seleção.

Logo em seguida, Marlee e Elise me encontraram e me arrastaram para a pista de dança. Enquanto eu balançava o corpo — com cuidado para não acertar ninguém —, avistei Aspen no canto da pista, conversando com minha mãe e May. Minha mãe passou a mão na manga da camisa dele, para ajeitá-la, talvez, e May estava radiante. Podia imaginar as duas dizendo a ele como estava bonito de uniforme, como sua mãe ficaria orgulhosa se o visse. Ele devolveu o sorriso, e dava para notar que também estava muito contente com os elogios. Aspen e eu éramos duas raridades: uma Cinco e um Seis arrancados de suas vidas monótonas e colocados no palácio. A Seleção transformava tanto a minha vida que eu me esquecia de apreciar esses momentos.

Dancei num círculo com algumas das outras meninas e com outros guardas, até que a música parou e o DJ começou a falar:

— Senhoritas da Seleção, cavalheiros da guarda, amigos e parentes da família real: por favor, deem as boas-vindas ao rei Clarkson, à rainha Amberly e ao príncipe Maxon Schreave!

A banda explodiu em notas musicais, e todos reverenciamos e inclinamos a cabeça para a passagem da família real. Aparentemente, o rei estava vestido de rei, só que de outro país. Não captei a diferença. O vestido da rainha era de um azul tão escuro que parecia preto, e ainda estava enfeitado com brilhantes de alto a baixo. Parecia o céu de noite. E Maxon, beirando o ridículo, estava de pirata. Sua calça estava cheia de rasgões, e ele usava uma camisa folgada com um colete por cima e uma bandana na cabeça. Para impressionar mais ainda, ele tinha ficado um ou dois dias sem se barbear, de modo que uma sombra de pelos castanhos em forma de sorriso cobria a metade de baixo de seu rosto.

O DJ nos pediu para abrir espaço na pista para o rei e a rainha terem sua primeira dança. Maxon se afastou e permaneceu ao lado de Kriss e Natalie, sussurrando coisas para ambas, que riam. Por fim, notei que ele estava como que inspecionando o salão. Não sei se procurava por mim, mas não queria ser pega olhando para ele. Ajeitei a saia do vestido e voltei os olhos para os pais de Maxon. O rei e a rainha pareciam bem felizes.

Pensei sobre a Seleção, sobre a loucura de tudo aquilo, mas não podia contestar seus resultados: o rei Clarkson e a rainha Amberly pareciam feitos um para o outro. Ele parecia

enérgico, e ela compensava isso com sua natureza calma. Ela era uma ouvinte silenciosa, ao passo que ele sempre parecia ter algo a dizer. Embora tudo aquilo merecesse ser considerado arcaico e errado, funcionava.

Será que, durante a Seleção deles, tinha existido algum momento em que eles se distanciaram, como eu sentia Maxon se distanciar de mim? Por que ele não tinha feito sequer uma tentativa de me ver em meio aos encontros com todas as outras? Talvez seja esse o motivo de ele ter falado com meu pai: explicar por que ele precisava me mandar embora. Maxon era uma pessoa educada; certamente faria uma coisa assim.

Corri os olhos pela multidão, à procura de Aspen. No meio desse gesto, vi que meu pai tinha acabado de chegar; estava de braços dados com a minha mãe, no outro lado do salão. May estava ao pé de Marlee, que a abraçava por trás, como uma irmã; os vestidos brancos de ambas brilhavam ainda mais com a luz. Não me surpreendia o fato de as duas se darem tão bem em menos de um dia. Respirei fundo. Onde estaria Aspen?

Olhei para trás — era minha última tentativa — e lá estava ele, bem atrás de mim, sempre à minha espera. Quando nossos olhos se encontraram, ele piscou para mim, e esse gesto levantou meu astral.

Assim que o rei e a rainha terminaram, todos fomos à pista de dança. Os guardas passavam de lá para cá e logo

arrumavam um par. Maxon permanecia em pé, no canto, com Kriss e Natalie. Fiquei na esperança de que ele me tirasse para dançar. Eu é que não queria chamá-lo.

Controlei os nervos, ajeitei o vestido e andei em direção a Maxon. Decidi ao menos lhe dar a chance do convite. Abri caminho pela pista de dança com a intenção de entrar na conversa dos três. Já estava perto o bastante para dizer algo quando Maxon olhou para Natalie.

— Quer dançar? — ele perguntou.

Ela riu e inclinou a cabeça para o lado como se sua resposta fosse a coisa mais óbvia do mundo. Já eu, passei reto por eles, com os olhos cravados na mesa de chocolates, como se ela fosse meu destino desde o começo. Fiquei de costas para todos enquanto comia aqueles doces maravilhosos, com a esperança de que ninguém reparasse em minhas bochechas vermelhas.

Depois de umas seis músicas, o soldado Woodwork surgiu. Como Aspen, ele escolhera usar seu uniforme.

— Senhorita America — disse ele, inclinando a cabeça —, posso ter a honra desta dança?

Sua voz era alegre e terna. Me senti contaminada por seu entusiasmo e não pensei duas vezes antes de pegar em sua mão.

— Com certeza, senhor — respondi. — Devo preveni-lo, porém, de que não sou muito boa.

— Não tem problema. Iremos devagar.

Seu sorriso era tão convidativo que eu nem me preocupei com a minha péssima aptidão para dança. Me deixei levar alegremente para a pista.

A música era animada, assim como a personalidade dele. Ele falou o tempo todo e foi difícil acompanhar seu ritmo.

— Você parece completamente recuperada da nossa trombada do outro dia — brincou Woodwork.

— Foi uma pena você não ter me machucado — repliquei. — Se estivesse de muletas, pelo menos não precisaria dançar.

Ele riu.

— Fico feliz em ver que de fato você é engraçada, como todos dizem. Falam também que você é a favorita do príncipe — disse, como se a opinião do príncipe fosse de conhecimento comum.

— Não estou sabendo disso.

Parte de mim ficava com muito ódio quando as pessoas falavam isso. Outra parte ansiava para que ainda fosse verdade.

Olhei por cima do ombro do soldado Woodwork e vi Aspen e Celeste dançando. Senti um nó no estômago.

— Parece que você se dá bem com quase todo mundo. Alguém me disse até que durante o último ataque você levou suas criadas consigo para o abrigo da família real. É verdade?

Ele parecia maravilhado. Para mim, tinha sido completamente normal naquele dia proteger as garotas que eu adorava, mas todo mundo considerava meu ato como ousado ou estranho.

— Eu não podia deixá-las para trás — expliquei.

Ele balançou a cabeça, espantado.

— Você é uma verdadeira dama.

— Obrigada — respondi, corando.

Fiquei esbaforida depois da música e fui sentar em uma das muitas mesas espalhadas pelo salão. Me servi do ponche de laranja e comecei a me abanar com um guardanapo enquanto observava as pessoas dançarem na pista. Vi Maxon com Elise. Pareciam felizes em meio aos rodopios. Ele já tinha dançado duas vezes com Elise e nada de vir atrás de mim.

Levei tempo para descobrir onde Aspen estava no salão; havia vários homens de uniforme. Por fim, o encontrei em um canto, conversando com Celeste. Ela piscava para ele com um sorriso charmoso nos lábios.

Quem ela pensava que era? Me levantei para mandá-la parar, mas tomei consciência do que esse gesto acarretaria para Aspen e para mim, antes de dar o primeiro passo. Me

sentei novamente e voltei a bebericar meu ponche. Quando a música acabou, andei rapidamente na direção de Aspen. Queria ficar próxima o bastante para que ele pudesse me tirar para dançar.

Foi o que ele fez. E foi bom, porque acho que eu não teria conseguido segurar meu gênio.

— Mas que diabos foi aquilo? — perguntei em voz baixa, mas claramente indignada.

— Aquilo o quê?

— Celeste esfregando as mãos pelo seu corpo!

— Alguém está com ciúmes — cantou ele em meu ouvido.

— Ah, sem essa! Ela não pode agir assim. É contra as regras!

Olhei ao redor para me certificar de que ninguém, principalmente meus pais, notaria o tom íntimo da nossa conversa. Vi minha mãe sentada, conversando com a mãe de Natalie. Meu pai tinha sumido.

— Isso vindo de você? — disse Aspen em tom de gozação, jogando a cabeça para trás. — Se não estamos juntos, você não pode me proibir de falar com ninguém.

Fiz uma careta de raiva.

— Você sabe que não é assim.

— Como é, então? — ele sussurrou. — Quando penso em você, nunca sei se devo insistir ou deixar pra lá — depois balançou a cabeça. — Não quero desistir, mas se posso ter esperanças, me diga.

Dava para notar o esforço que fazia para manter o rosto tão calmo, para esconder a tristeza na voz. Aquilo também me machucava. Pensar em pôr fim em tudo era como uma facada no peito.

Respirei fundo e confessei.

— Ele tem me evitado. Diz oi e tal, mas tem dado muita atenção às outras meninas ultimamente. Acho que cheguei a pensar que ele gostava de mim de verdade.

Aspen parou de dançar por uns instantes, chocado com minhas palavras. Se recuperou logo e passou a contemplar meu rosto.

— Não tinha percebido que era esse o problema — disse, calmamente. — Você sabe que quero ficar com você, só que não quero ver você magoada.

— Obrigada — agradeci, encolhendo os ombros. — Me sinto a mais idiota.

Aspen me puxou para si, mantendo ainda uma distância respeitosa ente nós, embora eu soubesse não ser esse o seu desejo.

— Acredite em mim, Meri: qualquer homem que deixe passar a chance de ficar com você é o idiota de verdade.

— Você tentou deixar passar essa chance — lembrei a ele.

— É por isso que sei — afirmou, com um sorriso. Fiquei feliz de termos podido fazer piada sobre o assunto.

Olhei por cima do ombro de Aspen e vi Maxon dançando com Kriss. De novo. Por acaso, ele não me chamaria nem para uma dança?

Aspen falou no meu ouvido.

— Você sabe o que essa festa me lembra?

— O quê?

— O aniversário de dezesseis anos de Fern Tally.

Olhei para ele como se fosse louco. Me lembrava da festa de dezesseis anos de Fern. Fern era uma Seis, e às vezes ajudava minha família quando a mãe de Aspen estava ocupada demais para nos atender. Seu aniversário de dezesseis anos foi uns sete meses depois de Aspen e eu termos começado a namorar. Nós dois fomos convidados, mas não foi bem uma festa. Um bolo e água, o rádio ligado porque ela não tinha discos, sob a luz fraca do porão inacabado. O diferencial foi essa ter sido a primeira festa em que estive, a não ser pelas festas de família: a garotada do bairro sozinha naquele lugar. E como foi empolgante. Mas

não dava para compará-la ao esplendor do que acontecia ao nosso redor no grande salão.

— Como esta festa pode ser parecida com aquela? — perguntei, cética.

Aspen engoliu em seco e falou:

— Nós dançamos. Lembra? Fiquei tão orgulhoso de ter você em meus braços na frente de outras pessoas. Mesmo parecendo que você estava tendo uma convulsão — ele concluiu, piscando para mim.

Aquelas palavras agitaram meu coração. Eu me lembrava daquele dia. Vivi aquela festa na minha cabeça por semanas.

E, de repente, milhares de segredos que Aspen e eu tínhamos construído e guardado entre nós inundaram minha mente: os nomes escolhidos para nossos filhos imaginários; nossa casa na árvore; o lugar atrás do pescoço onde ele sentia cócegas; os bilhetes escritos e escondidos; minhas tentativas fracassadas de fazer sabão caseiro; as partidas de jogo da velha que jogávamos num tabuleiro invisível em sua barriga e usando o dedo para marcar as jogadas... As partidas em que esquecíamos nossas jogadas invisíveis... Os jogos que ele sempre me deixava ganhar.

— Me diga que vai esperar por mim. Se você esperar por mim, Meri, posso aguentar qualquer coisa — sussurrou ele.

A música seguinte foi uma canção tradicional, e um soldado que estava próximo me chamou para dançar. Eu

estava arrasada. Deixei tanto Aspen quanto eu própria sem respostas.

A noite continuou, e mais de uma vez me peguei caçando Aspen com o olhar. Embora eu tentasse parecer natural, apostaria que qualquer pessoa atenta teria notado, em especial meu pai, se estivesse no salão. Mas ele parecia mais interessado em passear pelo palácio em vez de dançar.

Tentei me distrair com a festa e provavelmente dancei com todos os garotos do salão, exceto Maxon. Me sentei para descansar meus pés exaustos, e foi nesse momento que ouvi uma voz ao meu lado.

— Senhorita?

Me virei, e Maxon continuou:

— Posso ter a honra desta dança?

O sentimento, aquela coisa impossível de definir, percorreu meu corpo. Por mais rejeitada que me sentisse, por mais vergonha que tivesse passado, quando ele me ofereceu aqueles instantes com ele, tive de aceitá-los.

— Claro.

Ele tomou minha mão e me conduziu à pista. A banda começou a tocar uma música lenta. Senti uma pontada de felicidade. Ele não parecia irritado ou incomodado. Pelo contrário, Maxon me puxou para tão perto de si que pude sentir seu perfume e sua barba rala contra minha bochecha.

— Fiquei imaginando se conseguiria ao menos uma dança com você — comentei, tentando soar brincalhona.

Maxon deu um jeito de me puxar ainda mais para si.

— Eu estava guardando este momento. Passei um tempo com todas as outras garotas para acabar logo com minhas obrigações. Agora, posso desfrutar do resto da noite com você.

Corei, como sempre acontecia quando ele me dizia coisas assim. Às vezes, suas palavras eram como poemas de um verso só. Não me lembro de tê-lo ouvido falar assim comigo ao longo da semana anterior. Meu coração acelerou.

— Você está perfeita, America. Linda demais para estar nos braços de um pirata desleixado.

Achei graça e comentei:

— Mas que fantasia você usaria para combinarmos? De árvore?

— No mínimo, de algum tipo de arbusto.

— Pagaria para ver você vestido de arbusto! — falei, entre risos.

— Ano que vem — ele prometeu.

Olhei para ele. Ano que vem?

— Você gostaria? Gostaria de outra festa de Halloween no próximo mês de outubro? — perguntou Maxon.

— E eu estarei aqui no próximo mês de outubro?

Maxon parou de dançar.

— Por que não estaria?

Encolhi os ombros.

— Você me evitou a semana toda. Saiu com outras meninas. E... vi você e meu pai conversando. Pensei que talvez você estivesse lhe contando que teria de dar um pé na filha dele.

Engoli em seco. Não ia chorar ali.

— America.

— Entendi. Alguém tem que sair. Eu sou uma Cinco, Marlee é a favorita do povo...

— America, chega — ele protestou com a voz serena. — Eu sou um idiota. Não fazia ideia de que você veria as coisas assim. Pensei que você estava segura na sua condição.

Havia algo aí que ainda não fazia sentido para mim. Maxon respirou fundo.

— Você quer saber a verdade? Eu estava tentando dar uma chance para as meninas competirem. Desde o começo, só olhava para você, só queria você.

Ao ouvir essas palavras, corei mais uma vez. Maxon prosseguiu:

— Quando você me revelou seus sentimentos, fiquei tão aliviado que parte de mim não acreditou. Ainda me esforço para aceitar que aquilo foi real. Você ficaria surpresa se soubesse como é raro eu conseguir algo que eu queira de verdade.

Os olhos de Maxon escondiam alguma coisa, uma tristeza que ele não estava preparado para expressar. Ele afastou aqueles pensamentos e continuou sua explicação:

— Tinha medo de estar errado, de você mudar de ideia a qualquer minuto. Procurei uma alternativa adequada, mas a verdade é... — Maxon me olhou firmemente nos olhos — que só existe você. Talvez eu não esteja procurando de verdade, talvez elas não sirvam para mim. Não importa. Só sei que quero você. E isso me assusta. Esperava que você fosse voltar atrás, implorar para sair.

Levei uns momentos para recuperar o fôlego. De repente, todo aquele tempo afastada dele me pareceu diferente. Compreendia essa sensação: de que era bom demais para ser verdade, bom demais para confiar. Me sentia assim todos os dias em que estava com ele.

— Maxon, isso não vai acontecer — sussurrei, com a boca próxima ao pescoço dele. — No máximo, você vai perceber que não sou boa o suficiente.

Os lábios dele chegaram ao meu ouvido.

— Você é perfeita.

Puxei-o contra meu peito, e ele fez o mesmo. Ficamos mais próximos do que nunca. No fundo da minha mente, uma voz me dizia que estávamos em um salão lotado, que ali, em algum lugar, estava minha mãe, provavelmente desmaiando com a cena. Mas nada importava. Naquele momento, parecíamos ser as únicas duas pessoas no mundo.

Afastei um pouco o rosto para ver Maxon, e percebi que para isso teria que limpar as lágrimas dos olhos. Só que eu gostava daquelas lágrimas.

Maxon explicou tudo.

— Quero que as coisas aconteçam no tempo certo. Logo que eu anunciar a dispensada de amanhã, para a alegria do povo e de meu pai. Não quero apressá-la, de forma alguma. Quero que você veja a suíte da princesa, que fica bem ao lado da minha — ele disse, em voz baixa.

Fiquei um pouco zonza só de pensar que ficaria tão perto dele o tempo todo.

— Você deveria começar escolhendo o que vai querer dentro dela. Quero que você se sinta completamente à vontade. Você também terá que escolher mais algumas criadas, e decidir se vai querer sua família no palácio ou em uma casa aqui perto. Vou ajudá-la em tudo.

Uma batida fraca do meu coração me sussurrava: “E Aspen?”. Só que eu estava tão entregue a Maxon que mal a escutei.

— Em breve, quando eu encerrar a Seleção, quando pedir sua mão em casamento, quero que isso seja tão fácil quanto respirar para você. Prometo fazer tudo que estiver ao meu alcance para que as coisas sejam assim. O que você precisar, o que você quiser: basta dizer, e farei tudo que puder para ajudá-la.

Fiquei chocada. Maxon me entendia tão bem. Sabia como eu estava nervosa com aquele compromisso, como me amedrontava a perspectiva de ser princesa. Ele estava disposto a me dar até o último segundo que podia e, até lá, me encher de todos os presentes possíveis. Tive outra vez a sensação de que era impossível crer que aquilo estava acontecendo.

— Isso não é justo, Maxon — eu murmurei. — O que eu seria capaz de dar em troca?

Ele abriu um sorriso.

— Tudo o que quero é que você prometa ficar comigo, ser minha. Às vezes, você não parece real. Me prometa que vai ficar.

— Claro que prometo.

Depois disso, apoiei a cabeça sobre seu ombro e dançamos agarrados uma música atrás da outra. Houve um momento em que meu olhar e o de May se cruzaram; ela parecia prestes a morrer de felicidade por nos ver juntos. Minha mãe e meu pai também nos viram, sendo que meu pai

sacudia a cabeça como se dissesse “e você achando que ia ser mandada embora”.

E então algo me veio à cabeça.

— Maxon? — chamei, levantando os olhos para ele.

— Sim, querida?

Ser chamada daquele jeito me fazia sorrir.

— Por que você estava conversando com meu pai?

Maxon achou graça na pergunta.

— Ele sabe das minhas intenções. E saiba que ele as aprova de coração, desde que você seja feliz. Foi essa a única condição dele. Assegurei a ele que faria tudo o que estivesse ao meu alcance para vê-la feliz, e disse que você já parecia feliz de estar aqui.

— E estou.

Senti o peito de Maxon inflar.

— Então ele e eu já temos o que precisamos.

A mão de Maxon deslizou para o fim das minhas costas, me incentivando a não me afastar dele. Seu toque me revelava tantas coisas. Eu sabia que aquilo era real, que estava acontecendo, que eu podia acreditar. Eu sabia que abriria mão das amizades feitas no palácio se necessário, embora tivesse certeza de que Marlee não se importaria nem um pouco com a derrota. E sabia que teria que extinguir a

chama que mantinha acesa para Aspen em meu coração. Seria um processo lento, e eu teria de contar para Maxon. Ainda assim, eu a apagaria.

Porque então eu era dele. Eu sabia. Nunca estive tão certa.

Pela primeira vez, eu via. Via o corredor, os convidados se levantando, e Maxon de pé, na outra ponta. Graças àquele toque, tudo fazia sentido.

A festa avançou pela madrugada, até Maxon arrastar nós seis para a sacada na frente do palácio para que pudéssemos ter a melhor visão dos fogos de artifício. Celeste tropeçava pelos degraus de mármore, enquanto Natalie tinha arranjado um chapéu de algum guarda infeliz. O champanhe rolava solto, e Maxon comemorava antecipadamente nosso noivado com uma garrafa apenas para ele.

Assim que os fogos iluminaram o céu, Maxon ergueu sua garrafa.

— Um brinde! — exclamou.

Nós erguemos as taças e esperamos ansiosas. Notei que a taça de Elise estava manchada com o batom preto que ela tinha usado. Até mesmo Marlee levantava sua taça, discretamente, bebericando em vez de dar goles grandes.

— A todas vocês, belas senhoritas. E à minha futura esposa! — Maxon puxou.

As garotas vibraram; cada uma pensou que o brinde era para si. Só que eu sabia a verdade. Quando todas baixaram as taças, vi Maxon — meu quase noivo — me dando uma piscadela antes de beber mais um gole de champanhe. O brilho e a emoção ao longo da noite inteira eram estonteantes. Era como se uma fogueira de felicidade me engolisse por completo.

Não podia imaginar nada forte o bastante para roubar aquela felicidade.



Capítulo 9



MAL CONSEGUI DORMIR. A festa terminara tarde e eu ainda tinha que lidar com meu entusiasmo pelo que estava por vir: era impossível. Abracei May mais forte; seu calor me confortava. Sentiria muito a sua falta quando ela fosse embora, mas pelo menos tinha a perspectiva de tê-la morando aqui comigo em breve.

Fiquei imaginando quem seria dispensada. Não me pareceu de bom tom perguntar, tanto que não perguntei. Mas se quisessem mesmo minha opinião, meu palpite seria Natalie. Marlee e Kriss eram as preferidas do público — mais do que eu — e Celeste e Elise tinham seus contatos. Eu tinha o coração de Maxon. No fim, Natalie não tinha no que se segurar.

Me senti mal, porque não tinha nada contra ela. Na verdade, meu desejo era ver Celeste fora. Talvez Maxon a mandasse para casa, pois sabia o quanto eu não gostava dela, e ele tinha dito que queria me ver à vontade no palácio.

Suspirei. Pensava em tudo o que ele me falara na noite anterior. Nunca tinha imaginado que isso era possível. Como eu, America Singer — uma Cinco, uma ninguém — fui me apaixonar por Maxon Schreave, um casta Um, "o" Um? Como isso tinha acontecido comigo, que tinha passado os últimos dois anos me preparando para uma vida de Seis?

Um pedacinho de mim pulsava de dor. Como explicaria a Aspen? Como contar que Maxon havia escolhido a mim e que

eu queria ficar com ele? Será que ele me odiaria? Esse pensamento me deixou com vontade de chorar. Não importa o que acontecesse, não queria perder a amizade de Aspen. Não podia perdê-la.

Minhas criadas não bateram à porta para entrar, o que era comum. Sempre tentavam me deixar descansar o máximo que eu pudesse, e depois da festa eu estava mesmo precisando de descanso. Mas em vez de começarem a aprontar as coisas, Mary se aproximou de May e tocou em seu ombro para acordá-la.

Rolei na cama para ver o que se passava e dei com Anne e Lucy segurando um saco de roupas. Outro vestido novo?

— Senhorita May — sussurrou Mary —, é hora de levantar.

May despertou lentamente.

— Não posso dormir mais?

— Não — respondeu Mary, penalizada. — Temos negócios importantes esta manhã. É necessário que a senhorita se junte a seus pais imediatamente.

— Negócios importantes? — perguntei. — O que está acontecendo?

Mary olhou para Anne, e eu fiz o mesmo. Anne balançou a cabeça, e foi só.

Confusa, mas esperançosa, saí da cama e incentivei May a fazer o mesmo. Dei um abraço forte antes de ela ir para o quarto de nossos pais.

Assim que ela saiu, olhei para as criadas e perguntei para Anne:

— Vocês podem explicar por que ela saiu?

Anne, mais uma vez, balançou a cabeça. Frustrada, comecei a bufar de raiva.

— Ajudaria se dissesse que ordeno a vocês que falem?

Ela me encarou, cheia de solenidade.

— Nossas ordens vêm de muito mais alto. A senhorita terá que esperar.

Fiquei à porta do banheiro, observando os passos das três. As mãos de Lucy tremiam enquanto ela arrancava pétalas de rosa para o meu banho. Já Mary franzia a testa enquanto fazia minha maquiagem e punha os grampos em meu cabelo. Lucy às vezes tremia sem qualquer motivo, e Mary normalmente fazia essas caretas quando estava concentrada. Era o olhar de Anne que me assustava.

Ela costumava estar sempre composta, mesmo nas situações mais medonhas e estressantes, mas hoje se movia como se tivesse dois sacos de areia nas costas, estava curvada de tantas preocupações. A todo instante, fazia uma

pausa e esfregava as mãos na testa, como se assim pudesse suavizar a ansiedade em seu rosto.

Observei enquanto ela descobria o vestido. Era modesto, simples... e negro. Assim que olhei para o vestido soube que ele só poderia significar uma coisa. Comecei a chorar antes mesmo de saber por quem.

— Senhorita? — veio Mary em meu auxílio.

— Quem morreu? — perguntei. — Quem morreu?

Anne me puxou e enxugou as lágrimas de meus olhos.

— Ninguém morreu — ela respondeu, mas sua voz não era reconfortante; era rígida. — Agradeça aos céus por isso quando tudo acabar. Ninguém morreu hoje.

Ela não me deu maiores explicações e me mandou direto para o banho. Lucy tentava se controlar. Quando finalmente rompeu em lágrimas, Anne lhe pediu para trazer algo leve para eu comer. Lucy obedeceu imediatamente, sem sequer fazer uma reverência antes de sair.

Lucy retornou depois de um tempo, com alguns croissants e pedaços de maçã. Quis me sentar e comer devagar, prolongando ao máximo o momento, mas bastou uma mordida para perceber que a comida e eu estávamos brigadas naquele dia.

Por fim, Anne pôs em meu peito o broche com meu nome; o prateado do broche ficava ainda mais lindo contra o preto

do meu vestido. Não me restava mais nada a fazer senão enfrentar esse destino inimaginável.

Abri a porta do quarto e congelei. Voltando-me para as criadas, deixei escapar meu medo:

— Estou assustada.

Anne pôs as mãos sobre meus ombros e falou:

— A senhorita é uma dama agora. Precisa enfrentar essa situação como uma dama.

Inclinei a cabeça levemente quando ela me soltou, tirou minhas mãos do batente da porta e saiu. Queria poder dizer que caminhei com a cabeça erguida, mas, para ser sincera, dama ou não, eu estava aterrorizada.

Para minha imensa surpresa, ao chegar ao foyer, encontrei as demais garotas. Seus vestidos eram parecidos com o meu e elas tinham a mesma expressão no rosto que eu. Senti uma onda de alívio. Eu não estava encrencada. Quando muito, todas estávamos, e pelo menos eu não passaria por tudo isso — seja lá o que fosse — sozinha.

— Aí está a quinta — disse um guarda para seu companheiro. — Sigam-nos, senhoritas.

Quinta? Não estava certo. Éramos seis. Corri a vista pelas outras enquanto descíamos as escadas. O guarda tinha razão. Apenas cinco. Marlee não estava lá.

Meu primeiro pensamento foi de que Maxon tinha mandado Marlee para casa. Mas será que ela não passaria no meu quarto para dar tchau? Tentei pensar em alguma relação entre todo esse segredo e a ausência de Marlee, só que nenhuma ideia fazia sentido.

Ao pé das escadas, um grupo de soldados nos aguardava. Lá também estavam nossas famílias. Meus pais e May pareciam ansiosos. Todos pareciam ansiosos. Olhei para meu pai e minha mãe, em busca de alguma luz, mas minha mãe balançou a cabeça e meu pai levantou os ombros. Procurei Aspen entre os homens de uniforme. Ele não estava lá.

Vi dois guardas escoltarem os pais de Marlee para o fim da nossa fila. A mãe estava curvada de preocupações e apoiava-se no marido, cuja expressão de dor dava a impressão de que envelhecera anos em uma só noite.

Não. Se Marlee tinha saído, por que eles ainda estavam lá?

De repente o foyer foi invadido pela luz. Pela primeira vez desde minha chegada, as portas do palácio foram escancaradas, e todos fomos conduzidos para fora. Cruzamos a pequena pista circular da garagem e fomos além dos enormes muros que nos aprisionavam nas terras reais. Os portões se abriram com um rangido, e logo fomos saudados pelo barulho ensurdecedor de uma multidão.

Um grande palanque fora montado na rua. Centenas, talvez milhares de pessoas apinhavam-se ali. Crianças sobre

os ombros dos pais, câmeras espalhadas ao redor, membros da equipe de produção correndo diante da multidão para captar aquelas cenas. Fomos levados para uma pequena arquibancada, e a massa nos ovacionava conforme caminhávamos. Pude notar a tensão desfazendo-se nos ombros de cada uma das meninas à minha frente à medida que o povo nas ruas gritava seus nomes e lançava flores aos nossos pés.

Acenei para as pessoas ao ouvir meu nome. Me senti tão boba por ter ficado preocupada. Se a multidão estava feliz daquele jeito, então nada de mal poderia estar acontecendo. Os funcionários do palácio realmente precisavam repensar o modo como lidavam com a Elite. Toda aquela ansiedade por nada.

May sorria, feliz por ser parte daquela emoção, e eu estava aliviada por vê-la à vontade mais uma vez. Tentei me concentrar em todos os fãs, mas me distraí com duas estruturas estranhas em cima do palanque. A primeira tinha um mecanismo que parecia uma escada em forma de A; o segundo era um grande bloco de madeira com furos dos dois lados. Com a ajuda de um guarda, subi até meu assento no meio da primeira fileira e tentei imaginar o que estava acontecendo.

A multidão explodiu de novo quando o rei, a rainha e Maxon surgiram. Também eles estavam vestidos de preto e tinham rostos sérios. Como eu estava próxima de Maxon, voltei o olhar em sua direção. Não importava o que fosse, se

ele me olhasse e sorrisse, eu saberia que tudo estaria bem. Desejei que ele me olhasse, que me desse algum sinal. Mas seu rosto estava impassível.

Um momento depois, as ovações da multidão se transformaram em vaias e ofensas. Procurei ver o que os deixava tão infelizes.

Meu coração subiu pela garganta. Era como se meu mundo caísse.

Guardas puxavam o soldado Woodwork por correntes até o palanque. Seus lábios sangravam, suas roupas estavam tão sujas que ele parecia ter passado a noite inteira rolando na lama. Atrás dele, Marlee também estava acorrentada; sua linda fantasia de anjo estava imunda e sem as asas. Um paletó cobria seus ombros arqueados, ela caminhava com os olhos baixos para evitar a luz. Ela contemplou a multidão e nossos olhares encontraram-se por uma fração de segundo antes de ela ser mais uma vez empurrada para a frente. Ela levantou os olhos novamente, à procura de alguém. Eu sabia quem. À minha esquerda, os pais de Marlee observavam tudo, se abraçando forte. Estavam visivelmente desolados, em outro lugar, como se seus corações tivessem deixado seus corpos.

Voltei a olhar para Marlee e para o soldado Woodwork. Apesar dos rostos claramente angustiados, ambos caminhavam com um certo orgulho.

Não. Não, não, não, não, não.

Assim que os dois subiram ao palanque, um homem de máscara começou a falar. A multidão se calou para ouvir. Aparentemente, aquilo — fosse o que fosse — já tinha acontecido antes, e as pessoas sabiam como se comportar. Mas eu não; meu corpo se contorcia, minha barriga gelava. Ainda bem que eu não tinha comido.

— Marlee Tames — o homem anunciou —, uma das selecionadas, filha de Illéa, foi encontrada na noite passada em um momento de intimidade com este homem, Carter Woodwork, membro de confiança da Guarda Real.

A voz do carrasco transbordava um excesso de arrogância, como se ele estivesse ditando a cura para uma doença mortal. A multidão mais uma vez vaiou as acusações.

— A senhorita Tames quebrou seu voto de lealdade ao nosso príncipe Maxon! E o senhor Woodwork roubou algo que pertencia à família real através de suas relações com a senhorita Tames! Temos aqui um crime de traição à família real!

As afirmações eram feitas aos berros, como que pedindo a aprovação da massa, que a concedeu.

Mas como as pessoas podiam concordar com isso? Não sabiam que se tratava de Marlee? A doce, bela, confiável e generosa Marlee? Talvez ela tivesse cometido um erro, mas nada que merecesse tamanho ódio.

Carter foi amarrado à armação em forma de A por outro mascarado. Suas pernas e braços foram esticados ao máximo para imitar a forma daquela peça. Cingiram sua cintura com tiras de couro acolchoadas, tão apertadas que incomodavam mesmo a quem apenas presenciava a cena. Já Marlee foi forçada a ajoelhar-se diante do grande bloco de madeira, sem o casaco, arrancado de suas costas. Passaram seus punhos pelos buracos e amarraram suas mãos dos dois lados, com as palmas para cima.

Ela chorava.

— É um crime para pena de morte! Mas, em sua misericórdia, o príncipe Maxon poupará a vida destes dois traidores. Vida longa ao príncipe Maxon!

A multidão fez coro à voz do homem. Se não estivesse completamente perdida, eu saberia que tinha o dever de me unir às vozes, ou pelo menos aplaudir o príncipe. Foi o que as garotas ao meu redor fizeram, bem como nossos pais, mesmo em choque. Eu não prestei atenção neles, porém. Só via os rostos de Marlee e Carter.

Não foi à toa que nos deram assentos na primeira fileira: queriam nos mostrar o que aconteceria se cometêssemos um erro idiota como esse. Só que de onde eu estava, a menos de seis metros do palanque, podia ver e ouvir tudo o que realmente importava.

Marlee encarava Carter, que esticou o pescoço para devolver aquele olhar. Era impossível não notar o medo de

ambos, mas havia no rosto dela algo que tentava dizer a Carter que ele valia tudo aquilo.

— Eu te amo, Marlee — ele gritou para ela. Mal foi possível ouvi-lo com o barulho da multidão, mas a declaração foi feita. — Vamos ficar bem, eu prometo.

Marlee estava tão amedrontada que não pôde responder, mas fez que sim com a cabeça. Naquele momento, eu só podia pensar em como ela estava linda. Seus cabelos dourados estavam uma bagunça, o vestido era um desastre e seus sapatos tinham ficado em algum lugar no caminho. Mas, Deus, ela parecia radiante.

— Marlee Tames e Carter Woodwork, vocês dois estão destituídos de suas castas. São os mais inferiores dos inferiores. São Oito!

A multidão comemorou, o que me pareceu um erro. Por acaso não havia ali nenhum Oito que não gostaria de ser encarado dessa forma?

— E para infligir em ambos a vergonha e a dor que trouxeram à Sua Majestade, vocês serão açoitados com quinze golpes. Que suas cicatrizes lhes recordem dos seus muitos pecados!

Açoitados? O que isso queria dizer?

Minha resposta veio um minuto depois. Os dois mascarados que amarraram Carter e Marlee tiraram longas varas de um balde d'água. Eles as agitaram no ar algumas

vezes para testá-las, e eu pude ouvi-las zunir enquanto cortavam o ar. A multidão aplaudiu aquele aquecimento com o mesmo êxtase e a mesma adoração que tinham acabado de dedicar às Selecionadas.

Em poucos segundos, o dorso de Carter seria golpeado humilhantemente, assim como as preciosas mãos de Marlee...

— Não! — gritei. — Não!

— Acho que vou desmaiar — murmurou Natalie, ao passo que Elise soltou um gemido sobre o ombro de seu guarda.

Mas nada fez diferença.

Levantei e lancei meu corpo em direção ao assento de Maxon, caindo sobre o colo de meu pai.

— Maxon, Maxon, faça isso parar!

— Você precisa se sentar, senhorita — meu guarda tentou me convencer a voltar para o meu lugar.

— Maxon, eu imploro! Por favor!

— A senhorita está se arriscando.

— Saia de perto de mim! — gritei para o guarda, chutando-o o mais forte que podia. E por mais que eu tentasse, ele ainda me segurava forte.

— America, sente-se, por favor — pediu minha mãe.

— Um! — gritou o homem no palco, e eu vi a vara cair sobre as mãos de Marlee.

Ela emitiu o mais dramático dos gemidos, como um cachorro que leva um chute. Carter não soltava nenhum ruído.

— Maxon! Maxon! — gritei. — Faça isso parar! Faça isso parar, por favor!

Ele ouviu. Eu sabia. O vi fechar os olhos devagar e engolir em seco, como se pudesse tirar aqueles sons da sua cabeça.

— Dois!

O choro de Marlee era pura angústia. Eu não podia imaginar sua dor — e mais treze golpes estavam por vir.

— America, sente-se! — insistiu minha mãe.

May estava sentada entre meus pais, com o rosto virado. Seu choro era quase tão dolorido quanto o de Marlee.

— Três!

Olhei para os pais de Marlee. A mãe tinha a cabeça enterrada nas mãos; seus braços enganchados nos do marido, como se ele pudesse protegê-la de tudo o que viam naquele momento.

— Me solta! — gritei para o guarda, em vão. — MAXON! — berrei. Minhas lágrimas atrapalhavam minha visão, mas eu conseguia ver o bastante para saber que ele tinha ouvido.

Olhei para as outras garotas. Não devíamos fazer algo? Algumas pareciam chorar também. Elise estava curvada, com a cabeça apoiada nas mãos, dando a impressão de que poderia desmaiar. Mas nenhuma delas parecia irritada. Não deveriam estar?

— Cinco!

O som dos gemidos de Marlee me assombraria pelo resto da vida. Jamais ouvi nada parecido. Ou o eco doentio da multidão, vibrando, como se aquilo não passasse de mero entretenimento. Ou o silêncio de Maxon, permitindo aquilo. Ou o choro das garotas ao meu redor, aceitando aquilo.

A única coisa que me dava um pouco de esperança era Carter. Embora suasse com o trauma e tremesse de dor, ele conseguiu balbuciar palavras de conforto para Marlee.

— Vai... acabar logo... — esforçou-se para dizer.

— Seis!

— Amo... você — ele gaguejou.

Eu não aguentava mais. Tentei arranhar o guarda, mas o casaco grosso o protegia. Gemi quando ele me apertou mais forte.

— Tire as mãos da minha filha! — meu pai gritou, puxando os braços do guarda. Com aquele espaço, me movimentei até conseguir encará-lo e dei a joelhada mais forte que pude.

Ele soltou um grito abafado e caiu de costas, sendo amparado por meu pai.

Pulei a grade, um pouco desajeitada por causa do vestido e dos sapatos.

— Marlee! Marlee! — eu berrava, correndo o mais rápido que pude.

Quase cheguei até os degraus; mas fui agarrada por dois guardas. Era uma briga que eu não conseguiria ganhar.

Pelo ângulo de trás do palco, vi as costas expostas de Carter. A pele já rasgada, despedaçada, pendendo em tiras asquerosas. O sangue escorria, arruinando aquilo que havia sido a calça do seu uniforme de gala. Eu era incapaz de imaginar o estado das mãos de Marlee.

Só de pensar nelas caí em uma histeria mais profunda. Gritei e chutei, mas tudo o que consegui foi perder um dos sapatos.

Fui arrastada para o palácio enquanto o homem anunciava o próximo golpe. Não sabia se deveria me sentir grata ou envergonhada. Por um lado, eu não precisava mais ver aquilo; por outro, me pareceu que eu estava abandonando Marlee no pior momento de sua vida.

Uma amiga de verdade não teria de fazer mais que isso?

— Marlee! — gritei. — Marlee, perdão!

A multidão, porém, estava tão entusiasmada, e minha amiga gemia tão alto, que acho que não fui ouvida.



Capítulo 10



XINGUEI E GRITEI DURANTE TODO O CAMINHO DE VOLTA. Os guardas tiveram de me segurar tão forte que sabia que ficaria cheia de hematomas depois. Não me importava. Tinha que lutar.

— Onde fica o quarto dela? — ouvi um deles perguntar, virando o rosto para uma criada que passava pelo corredor. Eu não a reconheci, mas ela com certeza sabia quem eu era. Ela acompanhou os guardas até a porta. Escutei minhas criadas protestarem contra o modo como me tratavam.

— Acalme-se, senhorita. Esse comportamento é inaceitável — um guarda resmungou ao me atirar na cama.

— Saia da droga do meu quarto! — eu berrei.

Minhas criadas, todas com lágrimas nos olhos, se aproximaram de mim. Mary começou a limpar meu vestido da sujeira do tombo, mas dei um tapa na mão dela. Elas sabiam. Sabiam e não me avisaram.

— Vocês também! — gritei com elas. — Todas fora, AGORA!

Elas se encolheram, e os tremores no corpo frágil de Lucy quase me deixaram arrependida do que tinha dito. Mas eu precisava ficar só.

— Sentimos muito, senhorita — disse Anne, empurrando as outras duas para trás.

Elas sabiam como Marlee e eu éramos próximas.

Marlee...

— Apenas saiam — falei em voz baixa, com o rosto enterrado no travesseiro.

Assim que a porta fechou, tirei o sapato que sobrara e me afundei ainda mais na cama para finalmente compreender centenas de detalhes minúsculos. Então era aquele o segredo que Marlee temia revelar. Ela não queria ficar porque não amava Maxon, mas tampouco queria sair e separar-se de Carter.

Várias cenas começaram a fazer sentido: o motivo de ela ficar em certos lugares e olhar para as portas. Era Carter; ele estava lá. Quando o rei e a rainha da Noruécia vieram ao palácio e ela não quis sair do sol... Carter. Era Marlee que ele esperava quando nos trombamos na porta do banheiro. Sempre ele, aguardando em silêncio, talvez roubando um beijo aqui e ali, à espera do momento em que poderiam ficar juntos de verdade.

Como ela devia amá-lo para ter sido tão descuidada, para arriscar-se tanto!

Como tudo isso podia ser real? Não parecia possível. Eu sabia das punições para quem fizesse coisas desse tipo, mas que aconteceria com Marlee, que ela estaria fora... Não podia compreender.

Meu coração gelava. Seria tão fácil eu estar no lugar dela. Se Aspen e eu não tivéssemos sido cuidadosos, se alguém tivesse escutado nossa conversa na pista de dança na noite anterior, poderíamos estar no lugar deles.

Será que eu voltaria a ver Marlee algum dia? Para onde a enviariam? Seus pais continuariam ligados a ela? Eu não sabia o que Carter era antes do recrutamento ter feito dele um Dois, mas meu palpite era que ele era um Sete. Sete era ruim, mas era muito melhor que ser um Oito.

Não podia acreditar que ela era uma Oito. Aquilo não podia ser real.

Algum dia ela poderia voltar a usar as mãos? Quanto tempo essas feridas levariam para sarar? E Carter? Será que andaria depois daquilo?

Poderia ter sido Aspen.

Poderia ter sido eu.

Me senti tão mal. Tive uma sensação cruel de alívio por não ser eu ali. Ao mesmo tempo, a culpa por aquele alívio era tão pesada que mal podia respirar. Que pessoa ruim, que amiga terrível eu era. Senti vergonha.

Não havia o que fazer senão chorar.

Passei a manhã e a maior parte da tarde encolhida na cama. Minhas criadas trouxeram o almoço, mas sequer o

toquei. Ainda bem que elas não insistiram em ficar e deixaram-me só na minha tristeza.

Eu era incapaz de me recompor. Quanto mais pensava no acontecido, pior ficava. Não conseguia tirar o som dos gritos de Marlee da cabeça. Fiquei imaginando se algum dia os esqueceria.

Ouvi uma batida hesitante à minha porta. Minhas criadas não estavam para abrir, e eu não queria me mover. Então, não abri. Depois de uma breve pausa, o visitante entrou mesmo assim.

— America? — Maxon chamou em voz baixa.

Não respondi.

Ele abriu a porta e caminhou até minha cama.

— Sinto muito. Não tive escolha.

Permaneci calada, incapaz de falar.

— Era aquilo, ou pena de morte. As câmeras os descobriram na noite passada e divulgaram o vídeo sem nosso conhecimento — ele insistiu.

Ele se calou por um tempo, talvez na esperança de que se ficasse ali tempo suficiente eu encontraria algo para lhe dizer.

Por fim, Maxon ajoelhou-se ao meu lado.

— America? Olhe para mim, querida.

O jeito carinhoso dele me deu um nó no estômago. Olhei mesmo assim.

— Eu precisei fazer aquilo. *Precisei*.

— Como você pôde ficar parado? — minha voz soava estranha. — Como você pôde não ter reação?

— Já lhe disse uma vez que parte desse cargo é parecer calmo mesmo quando não se está. É uma coisa que tive de aprender. Você também aprenderá.

Franzi a testa. Por acaso ele pensava que eu ainda queria aquilo? Aparentemente, sim. Quando ele compreendeu minha expressão, o espanto tomou conta de seu olhar.

— America, sei que você está nervosa, mas por favor? Já disse: você é a única. Por favor, não faça isso.

— Maxon — respondi devagar. — Sinto muito, mas acho que não posso fazer isso. Nunca poderei me sentar e assistir a uma pessoa sendo ferida daquela maneira por ordens minhas. Não posso ser princesa.

O ar começou a faltar a ele, era provavelmente a manifestação mais próxima de uma verdadeira tristeza que eu tinha visto nele.

— America, você coloca em jogo o resto de nossas vidas por causa de cinco minutos da vida alheia. Coisas assim acontecem raramente. Você não teria que fazer isso.

Me sentei, na esperança de que assim pensaria melhor.

— É que... não consigo nem pensar agora.

— Então não pense — ele insistiu. — Não deixe o momento levá-la a uma decisão sobre nós dois quando você está tão nervosa.

Essas palavras me pareceram um truque.

— Por favor — ele sussurrou, cheio de intensidade, agarrando minhas mãos. O desespero de sua voz me fez olhar para ele. — Você prometeu ficar comigo. Não desista, não assim. Por favor.

Respirei fundo e fiz que sim com a cabeça.

— Obrigado.

Foi evidente o seu alívio.

Maxon permaneceu ali sentado, segurando minha mão como se ela fosse seu último fio de esperança. Não era como no dia anterior.

— Sei... — ele começou a falar. — Sei que você não está segura quanto ao cargo. Sempre achei que seria difícil para você aceitá-lo. E tenho certeza de que isso o torna mais difícil. Mas... e quanto a mim? Você ainda está segura quanto a mim?

Hesitei, incerta sobre o que dizer.

— Já falei que não consigo pensar.

— Ah. Tudo bem — o tom de voz deixava clara a sua tristeza. — Vou deixá-la em paz por ora. Mas falamos logo.

Ele se inclinou como se quisesse me beijar. Baixei os olhos, e ele limpou a garganta.

— Até mais, America.

Então ele saiu.

E eu me senti despedaçada de novo.

Minutos ou horas depois, minhas criadas entraram e me encontraram em prantos. Eu rolava de um lado para o outro na cama, e não havia como elas não verem a súplica em meus olhos.

— Ah, senhorita! — exclamou Mary, vindo me abraçar. — Vamos aprontá-la para dormir.

Lucy e Anne começaram a desabotoar meu vestido, ao passo que Mary limpava meu rosto e desembaraçava meu cabelo.

As criadas sentaram-se ao meu redor e me reconfortavam enquanto eu apenas chorava. Queria explicar que era mais que Marlee; que havia também a mágoa em relação a Maxon. Só que seria tão vergonhoso reconhecer o quanto aquilo mexia comigo, e como eu estava errada.

Minha dor dobrou quando perguntei por meus pais e Anne contou que todas as famílias tinham sido

acompanhadas de volta para casa rapidamente. Não pude sequer dizer adeus.

Anne acariciava meus cabelos, acalmando-me aos poucos. Mary estava aos meus pés e esfregava minhas pernas para que eu relaxasse. Lucy apenas mantinha as mãos sobre seu peito, como se sentisse tudo aquilo comigo.

— Obrigada — balbuciei entre fungadas. — Me desculpem pelo que fiz.

Elas trocaram olhares.

— Não há o que desculpar, senhorita — insistiu Anne.

Quis corrigi-la — com certeza, tinha ido longe demais no jeito como as tratara pela manhã —, mas logo veio outra batida à porta. Pensei em como dizer educadamente que não queria ver Maxon naquele momento, mas quando Lucy se apressou em atender, vi o rosto de Aspen do lado de fora.

— Perdão pelo incômodo, senhoritas, mas ouvi o choro do lado de fora e quis checar se estava tudo bem — disse ele.

Ele caminhou até minha cama. Ação ousada depois do dia que todos tivemos.

— Senhorita America, sinto muito por sua amiga. Ouvi dizer que ela era especial. Se precisar de qualquer coisa, estou aqui.

Seu olhar transmitia tantas coisas. Estava disposto a sacrificar uma imensidade de coisas para que eu me sentisse

melhor, se possível. Estava disposto a tirar tudo aquilo de mim apenas para o meu bem.

Que idiota eu tinha sido. Quase abri mão da única pessoa no mundo que realmente me entendia, que realmente me amava. Aspen e eu tínhamos construído uma história juntos, e a Seleção quase a destruiu.

Aspen era minha casa. Aspen era minha segurança.

— Obrigada — respondi baixo. — Sua gentileza significa muito para mim.

Aspen abriu um sorriso quase imperceptível. Pude ver que ele queria ficar. Era o que eu queria também, mas não ia acontecer com minhas criadas circulando por ali. Me lembrei de quando pensei que sempre teria Aspen. Fiquei feliz de descobrir que era a mais pura verdade.



Capítulo 11



Oi, gatinha,

Mil perdões por não termos conseguido nos despedir. O rei achou que seria mais seguro que as famílias partissem o mais rápido possível. Tentei encontrar você, juro. Só que não consegui.

Queria que soubesse que chegamos bem em casa. O rei nos deixou ficar com as roupas, e May passa todo o seu tempo livre com os vestidos. Suspeito que ela deseja não crescer nem um centímetro mais para poder usar sua fantasia quando casar. Isso a deixa muito animada. Não sei se algum dia perdoarei a família real por forçar duas filhas minhas a assistir àquilo ao vivo. Mas você sabe como May aguenta bem essas coisas. É com você que estou preocupado. Escreva-nos logo.

Talvez essa não seja a coisa certa a dizer, mas quero que saiba: quando você correu para o palanque, nunca tive tanto orgulho de você em toda a minha vida. Você sempre foi bonita; sempre teve talento. E agora eu sei que o seu senso de justiça é bem afiado, que você percebe claramente quando as coisas estão erradas e faz tudo que pode para pôr fim a elas. Não posso pedir mais como seu pai.

Te amo, America. Estou muito, muito orgulhoso.

Papai

Como meu pai sempre sabia o que dizer? Cheguei a desejar que alguém realinhasse as estrelas para que elas formassem essa frase. Precisava que ficassem grandes e brilhantes, em algum lugar onde eu as enxergasse nos momentos de escuridão. *Te amo, America. Estou muito, muito orgulhoso.*

Os membros da Elite tinham a opção de tomar café no quarto, e foi o que fiz. Ainda não estava pronta para ver Maxon. À tarde, mais recomposta, decidi descer ao Salão das Mulheres por um momento. Pelo menos, lá havia uma TV, e eu agradeceria por uma distração.

As garotas se surpreenderam com a minha entrada, o que eu já esperava de certa forma. Eu costumava me esconder de vez em quando, e certamente nunca tinha precisado tanto. Celeste relaxava no sofá, folheando uma revista. Em Illéa não havia jornais como diziam haver em outros países. Tínhamos o *Jornal Oficial*. As revistas eram o mais próximo que tínhamos de um jornal impresso, e pessoas como eu nunca podiam comprá-las. Celeste parecia ter uma sempre à mão e, por algum motivo, isso me irritou naquele dia.

Kriss e Elise estavam à mesa, tomando chá e conversando. Já Natalie estava no fundo do salão, olhando pela janela.

— Olhem só — Celeste se dirigiu a todas nós. — Mais um dos meus anúncios.

Celeste era modelo. Saber que estava ali folheando fotos de si mesma me irritou ainda mais.

— Senhorita America? — alguém chamou.

Olhei para trás e lá estava a rainha com alguma de suas damas de companhia no canto. Parecia estar costurando.

Saudei-a com a cabeça e ela devolveu o cumprimento com um aceno. Meu estômago gelou ao me lembrar de meu comportamento no dia anterior. Nunca tive a intenção de ofendê-la e, de repente, temi haver feito exatamente isso. Sentia os olhos das outras meninas sobre mim. A rainha geralmente falava conosco em grupo, raramente em particular.

Fiz outra reverência e me aproximei.

— Majestade.

— Por favor, sente-se, senhorita America — ela disse calmamente, apontando uma cadeira vazia à sua frente.

Agradeci, ainda muito nervosa.

— Você brigou bastante ontem — comentou ela.

Engoli em seco.

— Sim, Majestade.

— Você era muito próxima dela?

— Sim, Majestade — respondi, com a tristeza entalada na garganta.

Ela suspirou.

— Uma dama não deve portar-se daquele modo. As câmeras estavam tão focadas no fato principal que perderam

sua atuação. Ainda assim, não convém se descontrolar daquela maneira.

Não se tratava de uma ordem da rainha. Tratava-se da censura de uma mãe. Aquilo deixou tudo umas mil vezes pior. Era como se ela se sentisse responsável por mim, e eu a tinha desapontado.

Inclinei a cabeça. Pela primeira vez, me senti verdadeiramente mal por minha reação.

Ela estendeu o braço e apoiou a mão sobre meu joelho. Olhei para seu rosto, atônita com aquele toque informal.

— Em todo caso — cochichou —, estou feliz que você tenha agido daquela forma — concluiu, com um sorriso nos lábios.

— Ela era minha melhor amiga.

— A amizade não acaba por ela ter ido embora, minha cara — suas palavras vieram acompanhadas de carícias suaves na minha perna.

Era disso que eu precisava: carinho materno.

Lágrimas brotaram no canto dos meus olhos.

— Não sei o que fazer — sussurrei.

Quase falei tudo ali, sobre como estava me sentindo, mas tinha consciência do olhar das outras meninas.

— Disse a mim mesma que não me envolveria — afirmou ela, e suspirou. — Mesmo se quisesse, não sei ao certo se teria muito a dizer.

Ela tinha razão. Que palavras mudariam o acontecido?

A rainha, então, se inclinou para mim e falou muito docemente:

— Em todo caso, pegue leve com ele.

Sabia que ela tinha boas intenções, mas, de verdade, eu não queria falar com ela sobre seu filho. Concordei com a cabeça e me levantei. Ela abriu um sorriso gentil e me dispensou com um gesto. Caminhei para lá e para cá até me sentar na mesa de Elise e Kriss.

— Como você está? — Elise perguntou, de forma simpática.

— Estou bem. É Marlee quem me preocupa.

— Pelo menos estão juntos. Vão sobreviver enquanto tiverem um ao outro — comentou Kriss.

— Como você sabe que Marlee e Carter estão juntos?

— Maxon me contou — ela respondeu, como se aquilo fosse de conhecimento comum.

— Ah — eu disse, desapontada.

— Não acredito que ele não contou para você antes de nos falar. Você e Marlee eram tão próximas. Além disso, você é a preferida dele, certo? — falou Kriss.

Olhei para Kriss, depois para Elise. Ambas tinham um ar preocupado, mas talvez também uma certa expressão de alívio.

Celeste riu.

— Evidentemente, não é mais — murmurou, sem sequer levantar os olhos da revista.

Com certeza, minha queda era esperada.

Eu levei a conversa de volta à Marlee.

— Ainda não acredito que Maxon a fez passar por isso. A calma dele durante tudo aquilo era medonha.

— Mas ela fez uma coisa errada — frisou Natalie, sem qualquer tom de julgamento na voz; apenas uma aceitação serena, como se seguisse ordens.

Elise entrou na conversa:

— Ele podia ter matado os dois. A lei estava ao seu lado. Ele mostrou misericórdia.

— Misericórdia? — desdenhei. — Você acha que mandar esfolar os outros em público é uma demonstração de misericórdia?

— No fim das contas, acho — continuou ela. — Aposto que se perguntássemos a Marlee, ela preferiria os golpes à morte.

— Elise está certa — afirmou Kriss. — Concordo que foi absolutamente terrível, mas eu sou mais aquilo do que morrer.

— Por favor — repliquei com sarcasmo e uma ponta de raiva. — Você é uma Três. Todo mundo sabe que seu pai é um professor universitário famoso, e que você passou a vida em bibliotecas, sempre bastante confortável. Nunca sobreviveria à surra, muito menos à vida como uma Oito. Imploraria para morrer.

Kriss me encarou:

— Não vá achando que você sabe o que eu posso aguentar ou não. Só porque você é uma Cinco acha que é a única pessoa que já sofreu?

— Não, mas tenho certeza de que já enfrentei bem mais coisas que você — argumentei, meu tom de voz aumentando

com a raiva. — Mesmo assim, não suportaria passar pelo que Marlee passou. E você não se sairia nem um pouco melhor.

— Sou mais corajosa do que você acha, America. Você não faz ideia das coisas que tive que sacrificar ao longo dos anos. E quando cometo um erro, arco com as consequências.

— E por que deveriam existir consequências? — questionei. — Maxon vive dizendo que a Seleção é difícil para ele, que é duro escolher, e então uma de nós se apaixona por outro. Ele não deveria agradecer essa garota por facilitar a decisão?

Natalie, angustiada, tentou intervir de qualquer modo:

— Ontem, ouvi a coisa mais bizarra!

— Mas a lei... — Kriss falou por cima.

— America tem um pouco de razão — contrapôs Elise, e foi o fim da ordem na conversa.

Falávamos uma em cima da outra, tentando nos fazer ouvir, explicando o porquê de achar que aquilo tinha sido certo ou errado. Era a primeira vez que discutíamos assim, mas esperava isso desde o começo. Com esse monte de meninas juntas, competindo entre si, não haveria como não brigarmos algum dia.

Foi então que, com a voz dissonante, Celeste sussurrou para sua revista enquanto discutíamos:

— Ela teve o que mereceu. Biscate.

O silêncio que se seguiu foi tão intenso quanto a discussão.

Celeste olhou para trás a tempo de me ver preparar o bote. Ela gritou assim que caí por cima dela, e ambas caímos

em cima da mesa de café. Escutei uma coisa despedaçar-se no chão, provavelmente uma xícara.

Tinha fechado os olhos no meio do salto; quando abri, Celeste estava embaixo de mim, tentando segurar meus pulsos. Desvencilhei meu braço direito e dei um tapa na cara o mais forte que pude. A dor em minha mão foi quase insuportável, mas valeu a pena ouvir o estalo sonoro explodir em seu rosto com o meu golpe.

Celeste imediatamente soltou um grito e passou às unhadas. Pela primeira vez, lamentei não deixar as unhas grandes como as outras meninas faziam. Fiquei com uns arranhões no braço, o que apenas aumentou o meu ódio, e bati nela de novo. Dessa vez, cortei seu lábio. Sua reação à dor foi pegar algo do chão — o pires da xícara, acho — e acertá-lo na minha orelha.

Caí para trás, mas logo parti para cima de novo. Só que nos separaram. Estava tão absorta que não percebi que os guardas tinham sido chamados. Dei um bofetão neles também. Estava farta de ser agarrada.

— Você viu o que ela fez comigo? — gritou Celeste.

— Cale a sua boca! — berrei. — Nunca mais fale de Marlee!

— Ela é louca! Você ouviu? Você viu o que ela fez?

— Me solte! — exclamei, lutando contra o guarda.

— Você é uma psicopata! Vou contar tudo para Maxon agora. Pode dar adeus ao palácio! — Celeste ameaçou.

— Ninguém verá Maxon agora — disse a rainha, em tom severo.

Ela olhou ambas nos olhos; primeiro Celeste, depois eu. Sua decepção era notória.

— Vocês duas vão para a ala hospitalar.

*

A ala hospitalar consistia em um corredor impecável com leitos encostados nas paredes. Sobre cada leito, havia uma cortina que podia ser puxada para dar mais privacidade. Havia armários com suprimentos médicos espalhados por toda parte.

Sabiamente, puseram Celeste e eu em pontas opostas do corredor: ela mais perto da entrada; eu, próxima à janela dos fundos. Ela puxou a cortina em volta de seu leito quase que imediatamente, para não precisar me ver. Não podia culpá-la. De fato, eu estava com uma expressão bem arrogante no rosto. Mesmo nos momentos em que a enfermeira cuidava do machucado atrás da minha orelha — onde Celeste acertou seu golpe —, não fiz qualquer careta de dor.

— Agora você segura este gelo aqui. Vai ajudar a desinchar — orientou ela.

— Obrigada — respondi.

A enfermeira olhou para os dois lados da ala, aparentemente certificando-se de que ninguém nos ouviria.

— Você foi muito bem — ela cochichou. — Quase todos aqui esperavam que isso fosse acontecer.

— Mesmo? — perguntei, minha voz tão baixa como a dela. Só que talvez eu não devesse estar tão sorridente.

— Não dá para enumerar as histórias de terror que ouvi sobre essa aí — disse, esticando o pescoço na direção do leito de Celeste.

— Histórias de terror?

— Bom, ela provocou aquela menina que bateu nela.

— Anna? Como você sabe?

— Maxon é um bom homem — ela disse. — Fez questão de que ela fizesse uma avaliação aqui antes de voltar para casa. Ela nos contou o que Celeste disse de seus pais. Uma imundície tão grande que não posso repetir — mas o olhar dela transmitia seu asco.

— Pobre Anna. Sabia que tinha sido uma coisa do gênero.

— Certa vez, atendemos uma menina com o pé sangrando; alguém havia enfiado cacos de vidro em seus sapatos durante a noite. Não podemos provar que foi Celeste, mas quem além dela faria tamanha baixaria?

— Nunca ouvi falar disso — comentei, espantada.

— A garota tinha medo que as coisas piorassem. Imagino que escolheu ficar de boca fechada. Além do mais, Celeste bate em suas criadas. Com as mãos limpas, mas mesmo assim elas sempre aparecem aqui em busca de gelo.

— Não!

Todas as criadas que conhecia eram muito doces. Não podia imaginar nenhuma capaz de fazer algo que merecesse um só tapa, quanto mais surras regulares.

— Basta dizer que seu espetáculo já anda de boca em boca. Você é uma heroína aqui — disse a enfermeira, piscando o olho para mim.

Não me sentia uma heroína.

— Um momento — eu disse, de repente. — Você falou que Maxon fez Anna passar por aqui antes de ir embora?

— Sim, senhorita. Ele se esforça muito para que todas vocês sejam bem cuidadas.

— E Marlee? Ela também veio aqui? Como foi quando ela saiu?

Antes de a enfermeira responder, a voz afetada de Celeste ecoou pelo corredor.

— Maxon, meu amor! — ela exclamou assim que ele cruzou a porta.

Trocamos olhares por um momento antes de ele se aproximar do leito de Celeste. A enfermeira retirou-se, deixando-me só e morta de vontade de saber se ela tinha visto Marlee.

A voz esganiçada de Celeste era praticamente insuportável. Ouvi Maxon murmurar seus lamentos e confortar aquela criatura infeliz antes de escapar. Ele contornou o leito e caminhou na minha direção, com os olhos cravados em mim. Parecia exausto.

— Você tem sorte de o meu pai ter proibido as câmeras no palácio. Caso contrário, passaríamos maus bocados por causa de suas ações.

Ele levava as mãos à cabeça, irritado.

— Como vou justificar isso, America? — perguntou, afinal.

— Então você vai me enxotar?

— Claro que não.

— E ela? — perguntei com a cabeça voltada para o leito de Celeste.

— Não. Vocês todas estão desgastadas depois de ontem. Não posso culpá-las por isso. Não sei se meu pai aceitará essa desculpa, mas é o que vou dizer.

Fiz uma pausa.

— Maxon, você devia dizer que a culpa foi minha. Talvez você devesse simplesmente me mandar embora.

— America, você está exagerando.

— Olhe para mim, Maxon — pedi. Sentia um nó crescer na garganta e queria desfazê-lo com minhas palavras. — Sei desde o começo que não tenho os requisitos. Pensei que pudesse, sei lá, mudar ou dar um jeito. Mas não posso ficar aqui. Não posso.

Maxon sentou-se à beira do meu leito.

— America, você talvez odeie a Seleção, e talvez esteja furiosa com o que aconteceu com Marlee, mas sei que você se importa comigo o bastante para não me abandonar assim.

Segurei a mão dele.

— Também me importo com você o bastante para dizer que está cometendo um erro.

Notei a dor no rosto de Maxon, que apertou mais a minha mão, como se pudesse me prender ali e não me deixar sumir. Um pouco hesitante, ele se inclinou e disse ao meu ouvido:

— Não é sempre tão difícil. Quero mostrar isso a você, mas você tem que me dar tempo. Posso provar que há coisas boas nessa vida, mas você precisa esperar.

Me preparei para contradizê-lo, mas ele interrompeu:

— Por semanas, America, você tem me pedido tempo, e eu dei sem hesitar, porque tinha fé em você. Por favor, preciso que você tenha um pouco mais de fé em mim.

Não sei o que Maxon me mostraria para me fazer mudar de ideia, mas como eu não lhe daria tempo se ele fez isso por mim? Respirei fundo.

— Tudo bem.

— Obrigado — era óbvio o alívio em sua voz. — Preciso ir, mas logo voltarei para vê-la.

Concordei. Maxon levantou-se e saiu, não sem antes parar rapidamente no leito de Celeste para despedir-se. Observei-o partir, pensando se confiar nele era uma má ideia.



TANTO MINHAS FERIDAS quanto as de Celeste eram mínimas, de modo que nos enviaram de volta a nossos quartos após uma hora. Houve um intervalo entre nossas altas para não sairmos juntas. Assim que dobrei o corredor no fim das escadas, vi um guarda caminhar em minha direção. Aspen. Mesmo mais forte depois de tanto treinamento, conhecia seu jeito de andar e sua sombra, e mil outras coisas impressas em meu coração.

Quando ele chegou perto, fez uma reverência desnecessária.

— Jarro — ele sussurrou, para depois erguer a cabeça e seguir seu caminho.

Permaneci ali por um instante, confusa, mas logo entendi o que ele quis dizer. Lutando contra a vontade de correr, atravessei o corredor morta de ansiedade.

Abri a porta e fiquei ao mesmo tempo surpresa e aliviada de ver que minhas três criadas não estavam.

Fui até o jarro sobre o criado-mudo e reparei que a minha única moedinha tinha companhia. Abri a tampa e peguei a folha de papel dobrada. Que esperteza a dele: as criadas nunca notariam. E se notassem, não invadiriam minha privacidade.

Abri o bilhete e li uma série de instruções muito claras. Parecia que Aspen e eu tínhamos um encontro naquela noite.

As instruções dadas por Aspen eram complicadas. Tomei um caminho indireto para chegar ao primeiro andar, onde deveria procurar pela porta próxima a um vaso de um metro e meio de altura. Lembrava-me de tê-lo visto nas minhas andanças pelo palácio. Que tipo de flor precisaria de um vaso tão grande?

Encontrei a porta e olhei para os lados para garantir que não havia ninguém por perto. Nunca tinha conseguido me ver livre dos olhos dos guardas. Nenhum à vista. Abri a porta devagar e entrei na ponta dos pés. O brilho da lua

atravessava a janela. Essa pouca iluminação me deixava um tanto nervosa.

— Aspen? — sussurrei na escuridão, cheia de medo, mas me sentindo meio boba ao mesmo tempo.

— Como nos velhos tempos, hein? — sua voz respondeu, embora eu não pudesse vê-lo.

— Onde você está? — perguntei, olhando para os lados na tentativa de encontrar sua silhueta.

A sombra das pesadas cortinas da janela balançou à luz da lua, e Aspen surgiu por detrás delas.

— Você me assustou — reclamei, de brincadeira.

— Não foi a primeira vez nem será a última — disse ele, e pude notar por sua voz que ele sorria.

Caminhei até ele, não sem tropeçar em todos os obstáculos daquele cômodo.

— Shhh! — reclamou ele, mas eu sabia que era brincadeira. — O palácio inteiro vai saber que estamos aqui se você continuar arrastando as coisas desse jeito.

— Desculpe — ri baixo. — Podemos acender a luz?

— Não. Se alguém notar o brilho debaixo do vão da porta, podemos ser pegos. Esta sala não é muito vigiada, mas não quero vacilar.

Estendi a mão para tentar encontrá-lo. Consegui tocar seu braço e ele me puxou para me dar um abraço. Depois, caminhamos para o fundo da sala.

— Aliás, como você sabia deste lugar?

— Eu sou guarda — ele disse sem pestanejar. — E sou muito bom no que faço. Conheço todo o palácio, tanto por fora como por dentro. Cada caminho, cada esconderijo, mesmo os cômodos mais secretos. Por acaso também conheço as rotas de patrulha, as áreas menos vigiadas e as horas em que há menos guardas no palácio. Se um dia você quiser espionar o palácio, eu sou o cara para ajudá-la.

— Incrível — balbuciei.

Nos sentamos atrás do amplo encosto de um sofá. O chão estava coberto pela luz da lua. Por fim, vi o rosto de Aspen.

Perguntei a ele, muito séria:

— Você tem certeza de que isso é seguro?

Se ele hesitasse por um segundo, eu sairia correndo imediatamente. Para o bem de ambos.

— Confie em mim, Meri. Uma série de coisas extraordinárias teria que acontecer para que nos encontrassem aqui. Estamos seguros.

Minha preocupação persistiu mesmo assim. Só que precisava tanto de conforto, que decidi seguir com aquilo.

Ele me envolveu em seus braços e me puxou para si.

— Como vão as coisas?

Respirei fundo.

— Tudo bem, acho. Muita tristeza, muita raiva. Meu maior desejo é apagar os últimos dois dias e trazer Marlee de volta. Carter também, embora nem o conhecesse.

— Eu o conhecia — e foi a vez de Aspen respirar fundo. — Grande cara. Parece que ele disse a Marlee o tempo todo que a amava e tentou ajudá-la a suportar aquela tortura.

— É verdade — confirmei. — Pelo menos no começo. Fui tirada de lá antes de terminar.

Aspen beijou minha testa.

— É, ouvi falar sobre isso também. Estou orgulhoso de você por não ter saído de lá sem brigar. É a minha garota.

— Meu pai também estava orgulhoso. A rainha disse que eu não devia agir daquele modo, mas que estava feliz por mim. Confuso. Como se quase tivesse sido uma boa ideia, mas não. E, no final, não mudou nada.

Aspen apertou-me.

— Foi uma boa ideia. Significou muito para mim.

— Para você?

Ele respirou fundo, mais uma vez.

— De vez em quando, fico pensando sobre como a Seleção fez você mudar. Você está rodeada de cuidados, e tudo é tão maravilhoso. Pergunto-me se você é a mesma America. Sua atitude me mostrou que você é, que eles ainda não ganharam você.

— Ah, eles já me ganharam, mas não a esse ponto. Na maior parte do tempo, este lugar me lembra de que não nasci para isso.

Reclinei a cabeça no peito de Aspen, o lugar seguro em que me escondia sempre que as coisas ficavam feias.

— Ouça, Meri, em relação a Maxon, ele é um ator. Sempre com a expressão perfeita, como se estivesse acima do bem e do mal. Mas ele é só uma pessoa, e tem problemas como todo mundo. Sei que você se preocupa com ele, ou não estaria aqui. Mas você precisa saber que não é real.

Concordei com a cabeça. Maxon e toda aquela conversa de manter a calma. Era isso que fazia sempre? Será que atuava quando estávamos juntos? Como eu ia saber?

Aspen prosseguiu:

— É melhor você saber agora. E se você descobrisse depois do casamento que as coisas são assim?

— Eu sei. Andei pensando nisso.

As palavras de Maxon na pista de dança se repetiam muitas vezes na minha cabeça. Ele parecia tão certo sobre

nosso futuro, preparado para me dar tanto... Eu realmente tinha acreditado que tudo o que ele queria era a minha felicidade. Será que ele não reparava como eu estava infeliz?

— Você tem um coração grande, Meri. Eu sei que você não consegue simplesmente deixar as coisas para trás. Mas não há nada de errado em desejar. É isso.

— Me sinto tão idiota — falei em voz baixa e embargada.

— Você não é idiota.

— Sou sim.

— Meri, você me acha inteligente?

— Claro.

— É porque eu sou. Na verdade, sou inteligente demais para amar uma menina idiota. Então trate de parar com isso agora.

Ri baixo e deixei Aspen me abraçar.

— Sinto que magoei tanto você. Não entendo como você ainda pode me amar — admiti.

Ele deu de ombros.

— As coisas são assim. O céu é azul, o sol é quente, e Aspen ama America para sempre. O mundo foi feito para ser assim. De verdade, Meri, você é a única garota que desejei na vida. Não posso imaginá-la com outra pessoa. Tentei me preparar para isso, caso acontecesse, e... não consegui.

Passamos uns instantes ali, sentados e abraçados. As carícias dos dedos de Aspen e o calor da sua respiração eram um remédio para o meu coração.

— Não podemos ficar muito tempo mais aqui — ele disse. — Confio muito na minha habilidade, mas não quero forçar.

Deixei escapar um suspiro. Parecia que tínhamos acabado de chegar, mas ele provavelmente tinha razão. Comecei a me levantar e Aspen deu um salto e me puxou para cima, emendando um abraço, o último.

— Sei que é difícil de acreditar, mas sinto muito por Maxon ter se mostrado tão ruim. Queria você de volta, mas não queria vê-la magoada. Principalmente, não desse jeito.

— Obrigada.

— É sério.

— Eu sei.

Aspen tinha seus defeitos, mas a mentira não era um deles.

— Ainda não acabou — eu alertei. — Não enquanto eu estiver aqui.

— É, mas eu conheço minha garota. Você vai continuar para que sua família receba o dinheiro e a gente possa se ver. Só que Maxon só teria uma chance se pudesse voltar no tempo.

Respirei fundo. Aspen talvez estivesse certo. Minha relação com Maxon se desfazia aos poucos, como um casaco que eu estivesse desabotoando.

— Não se preocupe, Meri. Tomarei conta de você.

Aspen não tinha como provar suas palavras naquele momento, mas eu acreditei. Ele fazia tudo por aqueles que amava. E eu tinha certeza absoluta de ser a pessoa que ele mais amava.

Na manhã seguinte, deixei meus pensamentos voarem até Aspen enquanto me arrumava, durante o café e, mais tarde, ao longo das minhas horas no Salão das Mulheres. Estava alegre até que o barulho de uma pilha de papéis atirada em minha mesa chacoalhou-me de volta ao mundo real.

Levantei os olhos e vi Celeste, ainda exibindo um lábio inchado. Ela apontou para uma das suas revistas de fofoca e abriu um artigo de duas páginas. Em menos de um segundo, reconheci o rosto de Marlee, mesmo contorcido pela dor dos açoites.

— Acho que você deveria ver isso — sugeriu Celeste, antes de retirar-se.

Não sabia bem o que ela queria com aquilo, mas estava tão ansiosa para saber qualquer coisa de Marlee que me concentrei no texto.

Dentre todas as grandes tradições de nosso país, talvez nenhuma seja celebrada com tanto entusiasmo como a Seleção. Criada especialmente para trazer alegria a uma nação entristecida, parece que todos ainda ficam um tanto hipnotizados pelo desenrolar da história de amor entre um príncipe e sua futura princesa. Quando Gregory Illéa assumiu o trono — há mais de oitenta anos — e seu filho mais velho, Spencer, morreu repentinamente, o país inteiro chorou a perda daquele jovem enigmático e promissor. Quando seu filho mais novo, Damon, foi apontado como sucessor ao trono, muitos duvidaram se, aos dezoito anos, ele estaria sequer pronto para receber a formação que o cargo exige. Mas Damon sabia-se preparado para cruzar a porta da vida adulta e decidiu prová-lo por meio do maior compromisso da vida: o casamento. Poucos meses depois, nascia a Seleção, e a moral do país subiu com a possibilidade de uma garota comum tornar-se a primeira princesa de Illéa.

No entanto, desde então fomos forçados a questionar a eficácia de tal competição. Embora seja, no fundo, uma ideia romântica, alguns dizem que é injusto forçar o príncipe a casar-se com uma mulher de casta inferior. Por outro lado, ninguém pode negar a prudência e a beleza da nossa atual rainha, Amberly Station Schreave. Alguns de nós ainda se lembram dos rumores acerca de Abby Tamblin Illéa, que teria envenenado o marido, príncipe Justin Illéa, nos primeiros anos do casamento, para depois

concordar em casar-se com o primo deste, Porter Schreave, mantendo a linha real intacta.

Apesar de tal rumor nunca ter sido confirmado, o que podemos dizer ao certo é que o comportamento das mulheres no palácio a essa altura não é senão escandaloso. Marlee Tames, hoje uma Oito, foi pega com um guarda que a despia em um armário, na segunda-feira, após a festa de Halloween, anunciada como o destaque dos programas sobre a Seleção na tv. O esplendor do baile, no entanto, foi totalmente ofuscado pelo comportamento inconsequente da senhorita Tames, o que deixou o palácio ainda mais à flor da pele já na manhã seguinte.

Contudo, pondo de lado as ações injustificáveis da senhorita Tames, as garotas remanescentes no palácio talvez também não sejam dignas da coroa. Uma fonte não identificada contou-nos que algumas moças da Elite não se bicam e que raramente esforçam-se para cumprir seus deveres. Todos se lembram da exclusão de Anna Farmer no começo de setembro depois de atacar gratuitamente a adorável Celeste Newsome, modelo de Clermont. E nossa fonte confirma que esse não foi o único caso em que as competidoras partiram para as vias de fato no palácio, o que força esse jornalista a questionar o grupo de moças escolhidas para o nosso príncipe Maxon.

Pedimos ao rei Clarkson que comentasse esses rumores. Em suas palavras: “Algumas dessas garotas vêm de castas menos refinadas e não estão familiarizadas com o

comportamento esperado no palácio. Evidentemente, a senhorita Tames não estava preparada para a vida de uma Um. Minha esposa possui uma qualidade peculiar e indescritível que a torna uma rara exceção entre as castas inferiores. Sempre foi capaz de elevar-se até o nível próprio de uma rainha, e seria um grande desafio encontrar alguém mais adequada ao trono que ela. Mas no caso de algumas das participantes de casta inferior na atual Seleção, devo reconhecer que já esperávamos isso".

Embora Natalie Luca e Elise Whisks sejam Quatro, sempre exibiram o maior dos refinamentos diante do público; a senhorita Elise principalmente, que é bastante sofisticada. Somos forçados a deduzir que nosso rei se refere a America Singer, a única Cinco a ir além do primeiro dia. O desempenho da senhorita Singer na Seleção tem sido razoável. Ela é suficientemente bela, mas não é bem o que Illéa espera de sua nova princesa. De vez em quando, suas entrevistas no Jornal Oficial de Illéa são divertidas, mas precisamos de uma nova líder, não de uma comediante.

Outra notícia problemática: ouvimos relatos de que a senhorita Singer tentou livrar a senhorita Tames de sua punição, ato que, aos olhos desse repórter, faz dela uma cúmplice das atividades traiçoeiras de que a senhorita Tames participou, mostrando infidelidade ao nosso príncipe.

Diante de tantos relatos (e com Tames longe do primeiro lugar), permanece a pergunta: quem deve ser a nova princesa?

Uma rápida pesquisa com leitores confirmou aquilo que suspeitávamos há tempos.

Parabenizamos as senhoritas Celeste Newsome e Kriss Ambers por seu empate no primeiro lugar da pesquisa. Elise Whisks está em terceiro lugar, com Natalie Luca logo atrás. Bem atrás do quarto lugar, aparece America Singer em quinto e (como esperado) último lugar.

Penso falar por toda Illéa quando encorajo o príncipe Maxon a realizar com calma a tarefa de escolher-nos uma nova princesa. Evitamos por pouco um desastre com a senhorita Tames ao expor sua verdadeira natureza antes de a coroa ser posta sobre sua cabeça. Não importa quem seja a sua amada, príncipe Maxon, tenha certeza de que ela é digna. Queremos amá-la também.



Capítulo 1



CORRI PARA FORA DO SALÃO. Era evidente que Celeste não me fizera um favor; ela quis me mostrar meu lugar. Por que eu me incomodava com isso? O rei esperava meu fracasso, o público não me queria, e eu tinha certeza de que não poderia ser princesa.

Subi as escadas rápida e silenciosamente, tentando não chamar a atenção. Não havia como saber quem era a fonte não identificada do palácio.

— Senhorita — Anne disse, ao me ver entrar —, pensei que fosse permanecer no salão até o almoço.

— Você poderia sair, por favor?

— Perdão?

Bufei de raiva, mas tentei não perder a paciência.

— Preciso ficar só. Por favor.

As três fizeram uma reverência e saíram sem dizer uma palavra. Me sentei ao piano. Tentaria me distrair até não pensar mais naquilo. Toquei algumas músicas que sabia de cor, mas foi fácil demais. Precisava me concentrar de verdade.

Me levantei e revirei a banqueta do piano em busca de algo mais difícil. Folheei várias partituras até dar com a lombada de um livro. O diário de Illéa! Tinha esquecido completamente que estava comigo. Aquilo seria uma grande distração. Fui para minha cama com o livro em mãos e o abri, contemplando cada uma das páginas antigas antes de virá-las.

O diário abriu na página com a fotografia do Halloween; aquela foto rígida tinha servido como um verdadeiro marcador de página. Reli a entrada:

As crianças comemoraram o Halloween deste ano com uma festa. Imagino que seja uma maneira de esquecer o que se passa ao redor, mas me parece frívolo. Somos uma das poucas famílias remanescentes com dinheiro suficiente para festejar, mas essa brincadeira de criança me parece um desperdício.

Olhei novamente para a foto. Me detive especialmente na garota. Qual seria sua idade? Qual o seu cargo? Gostava de ser filha de Gregory Illéa? Será que isso a tornava muito popular?

Virei a página e percebi que o texto não era o começo de uma nova anotação, mas a continuação de um comentário mais extenso sobre o Halloween.

Eu achava que com a invasão chinesa veríamos os erros do nosso estilo de vida. Sempre me pareceu óbvio — especialmente nos últimos anos — que havíamos nos tornado uns preguiçosos. De fato, a facilidade com que a China entrou em nosso país não me surpreende. Tampouco me surpreendeu nossa demora em nos organizar e contra-atacar. Perdemos aquele espírito que levava as pessoas a atravessar os mares, os invernos arrasadores e a guerra civil. Ficamos preguiçosos. E enquanto descansávamos, a China assumiu as rédeas.

Nos últimos meses em particular, tenho sentido o desejo de doar mais do que dinheiro aos esforços de guerra. Quero liderar. Tenho ideias e, após minhas generosas

doações, talvez seja o momento de oferecê-las também. Precisamos de mudança. Não posso deixar de perguntar-me se não serei a única pessoa capaz de realizá-la.

Senti calafrios. Não pude deixar de comparar Maxon a seu antepassado. Gregory parecia inspirado. Juntava os pedaços do país com o desejo de formar um todo. Me perguntei o que ele acharia da monarquia se estivesse vivo.

Quando Aspen abriu a porta silenciosamente naquela noite, morri de vontade de contar a ele o que tinha lido. Me recordei, porém, que eu já tinha falado com meu pai sobre a existência do diário, o que já era uma quebra do meu juramento feito a Maxon.

— Como vão as coisas? — perguntou Aspen, ajoelhado ao pé da minha cama.

— Tudo bem, acho. Celeste me mostrou este artigo hoje — comentei, para depois balançar a cabeça. — Não sei se quero falar disso. Estou tão cansada dela.

— Acho que com Marlee fora, ele vai demorar para dispensar alguém, não?

Dei de ombros. Sabia que o público estava ansioso por uma eliminação, e o que aconteceu com Marlee foi mais dramático do que o esperado.

— Ei — interveio ele, arriscando-se a se pôr sob a luz que entrava pela porta escancarada —, vai ficar tudo bem.

— Eu sei. Só sinto saudades dela. E estou confusa.

— Confusa sobre o quê?

— Sobre tudo: o que faço aqui, quem sou eu. Pensei que soubesse... Não sei nem explicar direito.

Aquele parecia ser o meu problema. Todos os meus pensamentos estavam embaralhados. Era incapaz de organizá-los.

— Você sabe quem é, Meri. Não deixe eles mudarem você.

A voz dele era sincera. Me senti segura por um minuto. Não porque tivesse as respostas, mas porque tinha Aspen. Se algum dia perdesse de vista quem eu realmente era, sabia que ele estaria lá para me conduzir de volta.

— Aspen, posso lhe perguntar uma coisa?

Ele concordou. Continuei:

— É meio estranho. Se para ser princesa eu não precisasse casar com ninguém, se fosse apenas um cargo que eu pudesse escolher, você acha que eu seria capaz?

Aspen arregalou os olhos verdes por um segundo, como que contemplando a enormidade da pergunta. Para seu mérito, pude notar que pensou bem antes de responder.

— Perdão, Meri. Não acho. Você não é calculista como eles.

Seu rosto revelava um pouco de tristeza, mas não me ofendi por ele me achar incapaz de ser princesa. Só fiquei um pouco surpresa com seu raciocínio.

— Calculista? Como assim?

Ele respirou fundo.

— Estou em toda parte, Meri, e escuto muita coisa. Há muita agitação no sul, nas áreas com grande concentração de castas inferiores. Segundo os guardas mais antigos, essas pessoas nunca concordaram muito com os métodos de Gregory Illéa, e já faz tempo que há conflitos na região. Dizem por aí que foi por isso que o rei ficou fascinado pela rainha. Ela veio do sul, e sua escolha acalmou as coisas por uns tempos. Parece que já não é mais assim.

Pensei de novo em mencionar o diário.

— Isso não explica o que você quis dizer com calculista — comentei.

Aspen hesitou.

— Outro dia, antes dessa história de Halloween, eu estava em um dos escritórios. Eles discutiam sobre simpatizantes dos rebeldes no sul. Pediram-me que levasse umas cartas para a ala postal em segurança. Havia mais de trezentas cartas, America. Trezentas famílias rebaixadas de casta por não terem denunciado alguma coisa ou por terem ajudado alguém que o palácio considerava uma ameaça.

Perdi até o ar.

— Eu sei — continuou Aspen. — Dá para imaginar? E se fosse você? Você só sabe tocar piano, e de repente, tem que arrumar emprego em um escritório. Como encontrar um emprego na área? A mensagem é bem clara.

Concordei.

— E Maxon... ele sabe disso?

— Acho que sim. Falta pouco para ele governar sozinho.

Meu coração não queria acreditar que ele tinha concordado com tudo isso, mas parecia provável. Ele tinha que estar consciente do que se passava e se conformar.

Seria eu capaz de fazer isso?

— Não conte para ninguém, certo? Um deslize como esse poderia custar meu emprego — alertou Aspen.

— Claro. Já esqueci.

Aspen sorriu para mim.

— Sinto saudades de estar com você, longe de tudo isso. Saudades dos nossos problemas de antes.

Achei graça.

— Entendo o que você quer dizer. Andar às escondidas pelo meu quintal é tão mais fácil do que no palácio.

— E desdobrar-me para arrumar uma moedinha para você era melhor que não ter nada para oferecer.

Ele deu uma batidinha no jarro ao lado da minha cama, o jarro que costumava conter centenas de moedinhas que ele me dera em pagamento por cantar para ele na casa da árvore, lá em casa.

— Eu não sabia que você guardava todas até a véspera da sua partida — acrescentou.

— Claro que eu guardava! Quando você estava longe, elas eram tudo o que me restava. Às vezes, eu as despejava em cima da cama só para juntá-las de novo. Era bom ter algo que você tinha tocado.

Nossos olhares cruzaram-se, e tudo o mais pareceu distante por uns momentos. Confortava-me estar novamente naquela bolha, o lugar que Aspen criara para nós anos atrás.

— O que você fez com elas? — perguntei.

Tinha ficado com tanta raiva dele antes de ir embora que devolvi todas. Todas menos aquela que ficou presa no fundo do jarro. Ele sorriu.

— Estão em casa, esperando.

— Esperando o quê?

Seus olhos brilharam.

— Isso eu não posso dizer.

— Ótimo — repliquei, entre um sorriso e um suspiro. — Guarde seus segredos. E não se preocupe por não ter nada para me dar. Já estou feliz por tê-lo aqui, por finalmente podermos acertar as coisas, mesmo que não seja como nos velhos tempos.

Evidentemente, isso não bastava para Aspen. Ele enfiou a mão por baixo da manga do casco e arrancou um de seus botões dourados.

— Literalmente, não tenho nada mais a oferecer, mas você pode agarrar-se a isto, uma coisa que toquei, e pensar em mim a qualquer hora. Pode ter certeza de que estarei pensando em você também.

Pode parecer tolice, mas queria chorar. Era inevitável, um instinto natural, comparar Aspen com Maxon. Mesmo naquele momento, quando o pensamento de ter que escolher entre um ou outro ia tão distante, eu os punha lado a lado.

Para Maxon, parecia ser muito fácil me dar coisas — até ressuscitar um feriado por minha causa, para garantir que eu tivesse do bom e do melhor —, porque ele tinha o mundo à disposição. E lá estava Aspen: me dando preciosos momentos roubados e uma ninharia para manter-nos conectados. E a impressão era de que ele me dera muito mais.

Lembrei-me de repente que Aspen sempre tinha sido assim. Ele sacrificava seu sono por mim; arriscava-se a ser pego depois do toque de recolher por mim; arrumava moedinhas para mim. Era mais difícil enxergar a

generosidade de Aspen porque não era grandiosa como a de Maxon. O coração por trás dela, porém, era muito maior.

Afastei novamente a vontade de chorar.

— Não sei como fazer isso agora. Sinto que não sei mais fazer nada. Eu... eu não esqueci você, certo? Você ainda está aqui.

Levei as mãos ao peito. Por um lado para mostrar o significado de minhas palavras a Aspen; por outro, para aliviar o desejo estranho que estava ali. Ele compreendeu.

— Isso basta para mim.



Capítulo 14



NO DIA SEGUINTE, observei Maxon discretamente durante o café da manhã. Fiquei imaginando o quanto ele sabia sobre as pessoas que perdiam suas castas no sul. Apenas uma vez

ele olhou na minha direção, mas parecia mais interessado em algo próximo a mim do que propriamente em mim.

Sempre que me sentia desconfortável, baixava a mão e tocava o botão dado por Aspen; eu o tinha atado a uma fitinha para servir de bracelete. Aquilo me ajudaria a superar meu tempo no palácio.

Quase ao fim da refeição, o rei levantou-se e todas viramos para ele.

— Como há tão poucas de vocês agora, pensei que seria bom tomarmos um chá amanhã à noite, antes do *Jornal Oficial*. Visto que uma de vocês será nossa nora, a rainha e eu gostaríamos de ter mais oportunidades de conversar com vocês, conhecer seus interesses e outras coisas.

Fiquei um pouco nervosa. Relacionar-se com a rainha era uma coisa, mas eu não sabia ao certo o que pensar do rei. Enquanto as outras garotas o observavam ansiosas, eu bebia meu suco.

— Por favor, apareçam uma hora antes do *Jornal Oficial* na sala de estar do primeiro andar. Vocês terão notícias nossas antes de nos ver — concluiu ele, com uma risada, retribuída pelas meninas.

Logo depois, as garotas seguiram rumo ao Salão das Mulheres. Respirei fundo. Às vezes aquele salão, por sua enormidade, me dava claustrofobia. Eu geralmente tentava estar com as pessoas ou usar o tempo livre para ler. Aquele,

porém, seria um dia de Celeste: sentar-me em frente à TV e desligar a cabeça.

Mais fácil falar do que fazer: as meninas pareciam mais falantes naquele dia.

— Fico imaginando o que o rei quer saber de nós — tagarelou Kriss.

— Só precisamos nos lembrar de tudo o que Silvia nos ensinou sobre compostura — comentou Elise.

— Espero que minhas criadas preparem um bom vestido para amanhã à noite. Não quero passar pelo que passei no Halloween. Elas são tão cabeças de vento às vezes — Celeste soltou.

— Queria que o rei deixasse a barba crescer — disse Natalie, pensativa. Olhei para trás e a vi acariciando uma barba imaginária em seu queixo. — Acho que ele ficaria bem.

— É, com certeza — falou Kriss em tom de brincadeira, antes de sair.

Balancei a cabeça e tentei focar no espetáculo ridículo diante de meus olhos. Não importava o quanto tentasse, eu não conseguia me desligar da conversa das outras.

Na hora do almoço, eu já estava uma pilha de nervos. O que ele gostaria que eu — a menina de casta mais baixa a permanecer na disputa — dissesse? O que ele gostaria de conversar com a moça de quem esperava tão pouco?

O rei Clarkson estava certo. Ouvi a melodia ondulante do piano bem antes de encontrar a sala de estar. O músico era bom, com certeza melhor que eu.

Hesitei antes de entrar. Decidi que faria uma pausa antes de dizer qualquer coisa, para pensar bem em cada palavra. Dei-me conta de que queria provar que o rei estava errado. Também queria provar que o repórter estava errado. Mesmo se perdesse, não queria chegar em casa como uma perdedora. E fiquei surpresa com o quanto tudo aquilo importava para mim.

Cruzei a porta, e a primeira pessoa que vi foi Maxon, de pé no fundo da sala conversando com Gavril Fadaye. Gavril apreciava uma taça de vinho em vez de chá. O apresentador logo perderia a atenção de Maxon, que cravou os olhos em mim. Eu poderia jurar que seus lábios tomaram a forma de um “uau”.

Virei para o lado e saí, corada. Arrisquei um olhar para Maxon e notei que ele acompanhava meus movimentos. Era difícil pensar racionalmente quando ele me olhava daquele jeito.

O rei Clarkson conversava com Natalie em um dos cantos, ao passo que a rainha Amberly falava com Celeste em outro. Elise bebia chá e Kriss dava voltas pelo saguão. Observei-a passar por Maxon e Gavril, para quem abriu um sorriso terno. Ela comentou algo que fez ambos rirem e

continuou a andar, o que não a impediu de lançar um olhar para trás na direção de Maxon.

Kriss veio até mim em seguida.

— Você está atrasada — foi sua bronca de brincadeira.

— Eu estava um pouco nervosa.

— Ah, não há nada com que se preocupar. Foi até divertido.

— Já foi a sua vez?

Se o rei já tinha falado com pelo menos duas meninas, teria menos tempo para me preparar do que imaginava.

— Sim — respondeu Kriss. — Sente-se comigo. Podemos tomar um chá enquanto você espera.

Kriss me conduziu a uma mesa; uma criada apareceu assim que nos sentamos, botando chá, leite e açúcar na nossa frente.

— O que ele perguntou? — quis saber.

— De fato, foi mais um bate-papo. Não acho que ele queira informações exatas. Parece mais querer conhecer nossas personalidades. Consegui fazê-lo rir uma vez! — exultou. — Fui muito bem. E você é engraçada por natureza. É só falar com ele como você fala com os outros que estará bem.

Fiz que sim com a cabeça antes de pegar minha xícara de chá. Kriss fez a situação parecer o.k. Talvez o rei tivesse que se dividir. Tinha que ser frio e decidido para lidar com as ameaças ao país, agir de maneira rápida e firme. No momento, porém, ia enfrentar apenas um chá com um bando de meninas. Não precisaria ser daquele jeito conosco.

A rainha tinha se afastado de Celeste e agora estava falando com Natalie. A expressão de Natalie era incrível. Tive raiva de seu ar sonhador por um momento, mas sua postura era simples e leve.

Dei outro gole no chá. O rei Clarkson aproximou-se de Celeste, que lhe deu um sorriso sedutor. Foi meio espantoso: quais seriam os limites dela?

Kriss se inclinou para tocar meu vestido.

— O tecido é maravilhoso. Com seu cabelo, você parece um pôr do sol.

— Obrigada — eu disse, de olhos meio fechados. A luz tinha refletido no colar dela, e aquela explosão prateada em seu pescoço me cegou por um instante. — Minhas criadas são muito talentosas — concluí.

— Com certeza. Gosto das minhas, mas se for escolhida princesa, vou roubar as suas!

Ela riu, talvez considerando suas palavras uma piada, talvez não. Em todo caso, não gostei de imaginar minhas

criadas costurando as roupas dela. Mesmo assim, forcei um sorriso.

— O que é tão engraçado? — perguntou Maxon, aproximando-se.

— Papo de menina — respondeu Kriss, de um jeito provocante. Ela estava mesmo acesa naquela noite. — Estou tentando acalmar America. Ela está nervosa com a conversa com seu pai.

Muito obrigada, Kriss.

— Você não tem nada com que se preocupar. Seja natural. Você já está fantástica — disse Maxon. Ele abriu um sorriso fácil, claramente com o intuito de reativar nossas vias de comunicação.

— Foi o que eu disse! — exclamou Kriss. Os dois olharam-se e fiquei com a impressão de que formavam uma equipe. Estranho.

— Bem, vou deixá-las continuar com o papo de menina. Até logo.

Maxon nos cumprimentou com a cabeça e foi para junto da mãe.

Kriss suspirou enquanto observava Maxon afastar-se.

— Ele é mesmo demais — comentou, antes de me dar um sorrisinho e ir falar com Gavril.

Fiquei observando aquela dança curiosa diante de mim: pessoas formavam pares para conversar e depois separavam-se para encontrar outros. Fiquei até feliz quando Elise veio para o meu canto, embora ela não tenha falado muito.

— Ah, senhoritas, o tempo fugiu de nós — anunciou o rei. — Precisamos descer.

Conferi o relógio da sala. O rei estava certo: tínhamos cerca de dez minutos para descer e nos aprontar.

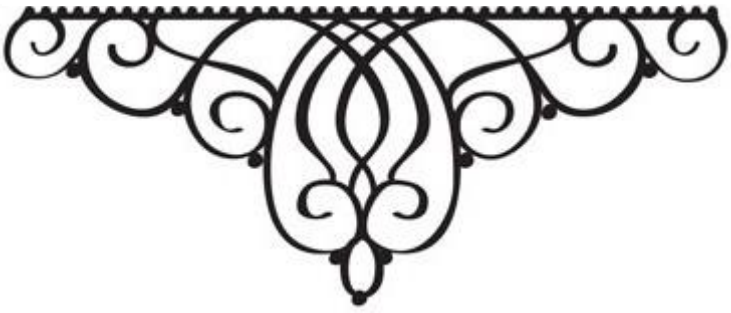
Meus sentimentos com relação à vida de princesa, a Maxon e todo o resto pareciam não importar. O rei evidentemente me via como uma candidata tão improvável que não queria perder tempo falando comigo. Fui excluída, talvez de propósito, e ninguém notou.

Aguentei firme durante o *Jornal Oficial*. Aguentei até a hora de dispensar as criadas. Assim que fiquei sozinha, desabei.

Não saberia como me explicar quando Maxon batesse à minha porta. Mas isso acabou não importando. Ele nem apareceu. E não pude deixar de me perguntar com quem ele estaria.



Capítulo 15



MINHAS CRIADAS ERAM MUITO COLABORATIVAS. Não perguntaram sobre os olhos inchados ou sobre as manchas de lágrima nos travesseiros. Apenas me ajudaram a juntar os cacos. Me permiti ser mimada, grata pela atenção. Elas eram maravilhosas para mim. Será que seriam tão simpáticas com Kriss se ela ganhasse a Seleção e as levasse consigo?

Observei-as enquanto pensava nisso e me surpreendi ao notar uma tensão entre elas. Mary parecia bem, no geral; talvez um pouco preocupada. Mas Anne e Lucy davam a impressão de estarem evitando olhar uma na cara da outra, falando somente o essencial.

Não fazia ideia do que estava acontecendo, e também não sabia se cabia perguntar. Elas nunca se intrometiam nas minhas raivas e tristezas. Achei que o correto era fazer o mesmo por elas.

Elas começaram a arrumar meu cabelo e me vestir para o longo dia no Salão das Mulheres; tentei não deixar o silêncio me incomodar. Me doía ter que vestir uma das calças luxuosas dadas por Maxon para usar aos sábados, mas era um mau momento para implicar com isso. Se eu ia descer, queria descer como uma dama. Pontos para mim pelo esforço.

Me acomodei para mais um dia de chá e livros, enquanto as outras conversavam sobre a noite passada. Bem, com exceção de Celeste, que tinha mais revistas de fofoca para ler.

Me perguntei se a que ela tinha em mãos dizia algo a meu respeito.

Estava decidindo se pegava a revista ou não quando Silvia entrou com uma pilha grossa de papéis debaixo do braço. Ótimo. Mais trabalho.

— Bom dia, senhoritas — Silvia falou, quase cantando. — Sei que o costume aos sábados é receber os convidados, mas hoje a rainha e eu temos uma tarefa especial para vocês.

— Sim — a rainha disse, aproximando-se. — Sei que está em cima da hora, mas teremos visitantes na semana que vem. Eles darão um passeio pelo país e farão uma parada no palácio para conhecer todas vocês.

— Como sabem, normalmente a rainha encarrega-se de receber convidados tão importantes. Todas viram a atenção que ela dedicou a nossos amigos da Noruécia — falou Silvia, estendendo a mão na direção da rainha, que sorriu discretamente.

— No entanto — prosseguiu —, os visitantes vindos da Federação Alemã e da Itália são ainda mais importantes que a família real da Noruécia. E pensamos que essa visita seria um excelente exercício para todas vocês, principalmente porque temos nos concentrado muito em diplomacia ultimamente. Vocês trabalharão em equipes para preparar a recepção dos seus respectivos convidados, cuidando inclusive das refeições, dos divertimentos e dos presentes.

Engoli em seco. E ela ainda continuou:

— É muito importante manter as alianças atuais, assim como forjar novas alianças com outros países. Temos guias de etiqueta apropriados para interagir com esses convidados, bem como guias que dizem aquilo que não cai bem em eventos preparados para eles. A execução das tarefas, contudo, está nas mãos de vocês.

— Quisemos que fosse o mais justo possível — falou a rainha. — Então todas terão a mesma tarefa. Celeste, Natalie e Elise organizarão uma das recepções; Kriss e America cuidarão da outra. Como vocês duas têm uma pessoa a menos, terão um dia a mais. Os visitantes da Federação Alemã chegam na quarta-feira, ao passo que os italianos chegam na quinta.

Fez-se um momento de silêncio enquanto nós digeríamos aquilo.

— Quer dizer que temos quatro dias? — Celeste chiou.

— Sim — respondeu Silvia. — Mas a rainha faz esse trabalho sozinha e às vezes com menos tempo.

O pânico era perceptível.

— Poderiam nos dar o material, por favor? — pediu Kriss com a mão estendida. Por instinto, fiz o mesmo. Em segundos, estávamos devorando as páginas.

— Vai ser difícil — disse Kriss. — Mesmo com o dia extra.

— Não se preocupe. Vamos ganhar — assegurei.

Ela soltou uma gargalhada nervosa.

— Como você pode ter tanta certeza?

— Porque — eu disse, resoluta — não deixarei Celeste fazer melhor que eu de jeito nenhum.

Levamos duas horas para ler toda a papelada e mais uma para digerir o que estava escrito. Havia tantas coisas diferentes a levar em conta, tantos detalhes para planejar. Silvia afirmou que estaria à disposição, mas eu receava que pedir ajuda a faria pensar que não podíamos fazer um bom trabalho sozinhas, de modo que isso estava fora de cogitação.

A preparação seria um desafio. Não tínhamos autorização para usar flores vermelhas, pois estão associadas ao sigilo. Não tínhamos autorização para usar flores amarelas, associadas à inveja. Por fim, não podíamos usar o roxo em nada por ser associado ao azar.

O vinho, a comida e todo o resto tinham que ser suntuosos. O luxo não era visto como ostentação, mas servia como parâmetro para julgar o palácio: se as coisas não fossem boas o suficiente, os convidados poderiam ir embora com uma má impressão e sem nenhuma vontade de nos encontrar novamente. E além disso, as coisas básicas que aprendemos — falar com clareza, comportar-se à mesa etc. — tinham que ser adaptadas para uma cultura sobre a qual Kriss e eu não tínhamos nenhum conhecimento.

Aquilo era incrivelmente intimidante.

Kriss e eu passamos o dia tomando notas e discutindo enquanto as outras faziam o mesmo em uma mesa próxima. À medida que a tarde avançava, os grupos começaram a reclamar mais e mais, cada qual achando que sua situação era a pior.

— Vocês duas pelo menos têm um dia a mais para trabalhar — afirmou Elise.

— Mas Illéa e a Federação Alemã já são aliados. Os italianos podem odiar tudo o que fizermos! — preocupou-se Kriss.

— Você sabia que seremos obrigadas a usar cores escuras? — Celeste reclamou. — Vai ser um evento muito... rígido.

— E de qualquer maneira não vamos querer parecer moles demais — disse Natalie, sacudindo-se um pouco.

Ela riu da própria piada, e eu dei um sorriso antes de continuar a conversa.

— Bem, a nossa tem que ser superfestiva. E vocês terão que usar suas melhores joias — instruí. — Vocês precisam dar uma ótima impressão, as aparências são muito importantes.

— Que bom que conseguirei ficar bem em alguma dessas coisas idiotas — resmungou Celeste, balançando a cabeça.

No fim das contas, ficou claro que todas estavam se esforçando. Depois de tudo o que aconteceu com Marlee, e depois de ter sido dispensada pelo próprio rei, senti um alívio estranho ao saber que sofríamos juntas. Mas mentiria se não dissesse que a paranoia não apareceu até o fim do dia. Estava convicta de que uma das outras garotas — Celeste, em especial — tentaria sabotar nossa recepção.

— Suas criadas são de confiança? — perguntei a Kriss, durante o jantar.

— Sim. Por quê?

— Talvez devêssemos guardar algumas coisas em nossos quartos em vez de deixá-las no salão. Você sabe, para as outras meninas não tentarem pegar nossas ideias — menti só um pouquinho.

Ela concordou.

— Boa ideia. Principalmente porque somos as segundas e pareceria que nós é que copiamos delas.

— Exatamente.

— Você é tão esperta, America. Não é de surpreender que Maxon gostasse tanto de você — elogiou-me, para depois voltar a comer.

Não deixei passar o uso tão natural do passado em sua frase. Talvez, enquanto eu me dividia entre a preocupação de

ser boa o bastante para ser princesa e a incerteza sobre o que eu queria de verdade, Maxon ia me esquecendo.

Me convenci de que ela queria apenas se sentir mais confiante na sua relação com Maxon. Além disso, haviam passado apenas uns poucos dias desde que Marlee fora castigada. Como ela podia saber?

O grito cortante de uma sirene interrompeu meu sono. Um som tão diferente. Eu era incapaz de compreender do que se tratava. Tudo que sabia era que meu coração estava saltando do peito por conta do pico repentino de adrenalina.

Em menos de um segundo, a porta do meu quarto escancarou-se e um guarda entrou correndo.

— Droga, droga, droga — ele repetia.

— Hein? — perguntei, grogue, enquanto ele se aproximava.

— Levante-se, Meri! — foi sua ordem, e eu obedeci. — Onde estão seus malditos sapatos?

Sapatos. Logo, eu iria a algum lugar. Só então o som fez sentido. Maxon tinha dito uma vez que havia um alarme para a invasão de rebeldes, mas que ele fora completamente destruído em um ataque recente. Deve ter sido finalmente consertado.

— Aqui — eu disse, enfiando os pés nos sapatos que acabava de achar. — Preciso do roupão. — Apontei para o pé

da cama e Aspen o agarrou e tentou abri-lo para mim. — Deixe para lá. Eu carrego.

— Você precisa correr — ele disse. — Não sei o quão perto estão.

Fiz que sim com a cabeça e rumei para a porta. Aspen mantinha a mão nas minhas costas. Antes de eu chegar ao corredor, ele me puxou para trás. De repente, me vi no meio de um beijo forte e profundo. A mão de Aspen segurava minha nuca, mantendo nossos lábios unidos por um longo momento. Depois, como se tivesse esquecido o perigo, ele me puxou pela cintura e o momento foi ainda mais intenso. Fazia tempo que ele não me beijava assim. Entre as oscilações do meu coração e o medo de ser pega, eu não fazia a mínima questão de beijá-lo. Mas eu senti uma urgência naquela noite. Algo podia dar errado, e esse podia ser nosso último beijo.

Ele quis marcar o momento.

Nos afastamos e mal nos olhamos de novo. Ele tomou meu braço e me empurrou para fora do quarto.

— Vá. Agora.

Eu não podia fazer nada senão correr. E corri. Percorri a escadaria íngreme e escura até o abrigo reservado à família real o mais rápido que pude.

Maxon me disse uma vez que havia dois tipos de rebeldes: os nortistas, que eram desagradáveis, e os sulistas,

que eram mortais. Eu esperava que aqueles de quem eu corria sem saber estivessem mais interessados em nos perturbar do que em nos matar.

O frio aumentava à medida que eu descia as escadas. Quis vestir o roupão, mas receei tropeçar. Me senti mais firme ao avistar a luz do abrigo. Saltei o último degrau e pude ver uma silhueta que se destacava em meio às formas dos guardas: Maxon. Apesar de ser tarde, ainda vestia a calça do terno e a camisa, ambas amarrotadas, mas ainda assim apresentáveis.

— Sou a última? — perguntei, enquanto ajeitava o roupão.

— Não — respondeu. — Kriss ainda está lá. E Elise também.

Olhei para trás, para o corredor escuro, que parecia infinito. De ambos os lados, podia ver as estruturas de três ou quatro escadarias descendo de lugares secretos do palácio. Todas vazias.

Se algo do que Maxon me contara era verdade, seus sentimentos em relação a Kriss e Elise eram limitados. Mas não havia como não reparar na consternação em seus olhos. Ele esfregou a testa e esticou o pescoço, como se isso fosse ajudá-lo em meio àquela escuridão. Olhávamos para as portas cercadas de soldados ansiosos por fechá-las.

De repente, ele respirou fundo e levou as mãos à cintura. Depois, sem qualquer aviso, me abraçou. Eu só pude apertá-lo ainda mais contra mim.

— Sei que provavelmente você ainda está zangada, mas estou feliz por estar segura.

Maxon não me tocava desde o Halloween. Não fazia nem uma semana, mas por algum motivo, parecia uma eternidade. Talvez por tudo o que tinha acontecido naquela noite e depois.

— Estou feliz por você estar seguro também.

Ele me abraçou mais forte. De repente, exclamou:

— Elise.

Virei para ver aquela silhueta esguia descer as escadas. Onde estava Kriss?

— Vocês têm que entrar — Maxon pediu com uma voz suave. — Silvia está esperando.

— Falamos depois.

Ele abriu um sorriso pequeno e cheio de esperança. Me dirigi para o abrigo, com Elise logo atrás. Quando entramos, notei que ela chorava. Passei o braço sobre seu ombro e ela fez o mesmo comigo, feliz por ter companhia.

— Onde você esteve? — perguntei.

— Acho que minha criada está doente. Ela foi um pouco devagar para me ajudar. E depois fiquei tão apavorada com o alarme que me confundi e não conseguia lembrar para onde devia ir. Empurrei quatro paredes diferentes antes de encontrar a certa.

Elise abaixou a cabeça, envergonhada pela própria confusão.

— Não se preocupe — falei. — Você está segura agora.

Ela fez que sim e tentou acalmar a respiração. Dentre as cinco de nós, ela era de longe a mais frágil.

Avançamos pelo abrigo e deparamos com o rei e a rainha sentados juntos, ambos vestindo roupão e pantufas. Sobre o colo do rei havia uma pequena pilha de papéis, como se ele fosse aproveitar o tempo ali embaixo para trabalhar. Já a rainha era massageada nas mãos por uma criada. O rosto de ambos estava sério.

— Como assim? Sozinha dessa vez? — brincou Silvia, para atrair nossa atenção.

— Elas não estavam comigo — respondi, tomada por uma súbita preocupação com minhas criadas.

— Tenho certeza de que estão bem — disse ela, com um sorriso amigável. — Por aqui.

Seguimos Silvia até uma fileira de macas encostadas contra uma parede desnivelada. Da última vez que estive lá,

era evidente que os responsáveis pelo lugar não estavam preparados para o caos da presença de todas as Selecionadas. As coisas melhoraram, mas não estavam perfeitas: havia seis camas.

Celeste estava encolhida na maca mais próxima do rei e da rainha, embora nós não estivéssemos longe deles. Natalie se acomodara próximo dela e fazia tranças finas no cabelo.

— Gostaria que vocês dormissem. Todas têm uma semana de trabalho duro e não quero vê-las planejar as recepções delirando de cansaço.

Silvia retirou-se, provavelmente para procurar Kriss.

Elise e eu respiramos fundo. Não dava para acreditar que iam nos submeter a toda essa história de recepções. Por acaso o ataque não era desgastante o suficiente? Nos separamos e fomos para macas vizinhas. Elise se embrulhou rapidamente nos cobertores, claramente exausta.

— Elise — chamei em voz baixa.

Ela abriu os olhos.

— Se precisar de algo, é só avisar — acrescentei.

— Obrigada — ela agradeceu, com um sorriso nos lábios.

— Pode contar comigo.

Ela rolou para o outro lado e dormiu em questão de segundos. Tive certeza disso porque ela sequer se moveu com

o barulho vindo da porta. Já eu, lancei um olhar para trás e vi Maxon trazendo Kriss para o abrigo ao lado de Silvia. Assim que ela cruzou o batente, a porta foi lacrada.

— Levei um tombo — explicou ela para Silvia, que surtava de preocupação. — Acho que não quebrei o tornozelo, mas está doendo muito.

— As bandagens estão lá no fundo. Podemos pelo menos imobilizar — orientou Maxon.

Silvia saiu rapidamente atrás deles, passando por nós.

— Durmam! Agora! — ela ordenou.

Soltei um suspiro. Não fui a única. Natalie deixou pra lá, mas Celeste pareceu se irritar bastante. Refleti a meu respeito. Se meu comportamento tinha alguma semelhança com o dela, eu precisava mudar. Embora eu não quisesse, me esparramei na maca com a cara virada para a parede.

Tentei não imaginar Aspen combatendo os invasores nem as minhas criadas ainda fora de seus abrigos. Tentei não me preocupar com a semana seguinte nem com a possibilidade de os rebeldes serem sulistas e desejarem matar todos lá em cima enquanto descansávamos.

Mas acabei pensando em tudo isso. E foi tão desgastante que uma hora fui tomada pelo cansaço e dormi sobre minha maca dura e fria.

Não sei que horas eram quando acordei, mas deveria ter passado muito tempo desde a nossa chegada ao abrigo. Rolei para o outro lado da cama para ver Elise. Ela dormia pacificamente. O rei lia seus papéis, manuseando-os com tanta rapidez que parecia que estava odiando aquilo. A cabeça da rainha apoiava-se no encosto da cadeira. Ela parecia ser ainda mais linda durante o sono.

Natalie ainda dormia, ou pelo menos parecia. Mas Celeste estava acordada; ela estava apoiada sobre um dos braços e corria os olhos pelo abrigo. Seus olhos continham um fogo que geralmente era reservado a mim. Segui seu olhar até a parede oposta, onde estavam Kriss e Maxon.

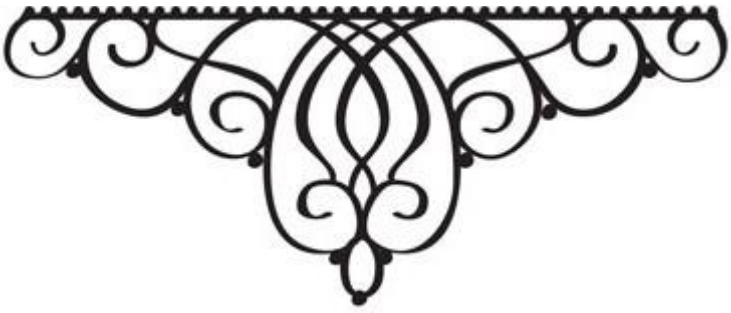
Eles estavam sentados lado a lado. O braço de Maxon estava sobre o ombro de Kriss, que por sua vez abraçava as duas pernas contra o próprio peito como se quisesse manter-se aquecida, embora usasse um roupão. Seu tornozelo esquerdo estava envolto em gazes e parecia não incomodar. Eles conversavam em voz baixa, com sorrisos nos rostos.

Não quis ver aquilo, então voltei a ficar com a cara virada para a parede.

Quando Silvia tocou meu ombro para me acordar, Maxon já tinha saído. E Kriss também.



Capítulo 16



Ao emergir da escadaria que me levou à segurança na noite anterior, ficou claríssimo que os sulistas haviam estado ali. Mesmo no corredor curto que dava para meu quarto, havia uma pilha imensa de destroços que tive de escalar para chegar à porta.

Geralmente, a pior parte da destruição já tinha sumido quando nos liberavam. Dessa vez, porém, parecia haver trabalho demais para os funcionários, e se fôssemos esperar passaríamos o dia no pavimento subterrâneo. Ainda assim, queria que eles se esforçassem mais. Observei um grupo de criadas tentando apagar com esfregões uma pichação gigante em uma parede:

ESTAMOS CHEGANDO.

A frase repetia-se por todo o corredor; às vezes escrita com lama, outras vezes com tinta; uma parecia escrita com sangue. Senti calafrios, e me perguntei o que ela significaria.

Enquanto observava, minhas criadas correram até mim.

— A senhorita está bem? — perguntou Anne.

Levei um susto com aquela aparição repentina.

— Hmm, sim. Bem — e tornei a olhar para as palavras na parede.

— Venha, senhorita, vamos arrumá-la — insistiu Mary.

As segui obedientemente, ainda meio impressionada com tudo o que vira e confusa demais para fazer qualquer outra

coisa. As três trabalharam com dedicação, como quando queriam me acalmar por meio da rotina matinal. Algo em suas mãos firmes — mesmo nas de Lucy — era reconfortante.

Quando terminaram de me arrumar, uma criada me acompanhou até a parte externa do palácio; aparentemente, era lá que trabalharíamos naquela manhã. Era tão fácil esquecer o vidro quebrado e a pichação assustadora sob o sol de Angeles. Mesmo Maxon e o rei se sentaram em uma mesa ao sol com seus conselheiros para analisar montes de documentos e tomar decisões.

Em uma tenda, a rainha lia alguns papéis e chamava a atenção de uma criada para os detalhes. Em uma mesa perto da rainha, Elise, Celeste e Natalie planejavam sua recepção. Estavam tão envolvidas que pareciam ter se esquecido completamente da noite difícil que tivéramos.

Kriss e eu estávamos do outro lado do quintal, sob uma tenda similar, mas nosso trabalho avançava devagar. Era difícil para mim conversar com ela e ao mesmo tempo lutar para arrancar da cabeça a cena de Maxon e ela em seu momento a sós. Apenas a assistia sublinhando trechos dos documentos dados por Silvia e rascunhando umas frases nas margens do papel.

— Acho que descobri como fazer com as flores — comentou ela, sem tirar os olhos do papel.

— Ah. Que bom.

Deixei meus olhos chegarem a Maxon. Ele tentava parecer mais ocupado do que realmente estava. Qualquer pessoa atenta perceberia que o rei fingia não ouvir seus comentários. Não entendi aquilo. Se o rei preocupava-se com a questão de seu filho tornar-se um bom líder, o que tinha que fazer era ensiná-lo de verdade, e não impedi-lo de fazer qualquer coisa por medo de eventuais erros.

Maxon repassou alguns documentos e levantou os olhos. Nossos olhares se cruzaram e ele acenou. Quando fui erguer a mão, vi pelo canto do olho que Kriss respondia ao aceno cheia de entusiasmo. Voltei a concentrar-me nos papéis, tentando esconder minhas bochechas coradas.

— Ele não é bonito?

— Claro.

— Fico imaginando como serão nossos filhos com os cabelos dele e os meus olhos.

— Como vai o tornozelo?

— Ah — disse ela. — Dói um pouco, mas o doutor Ashlar disse que ficarei boa até a recepção.

— Que bom — falei, finalmente olhando em seus olhos. — Ninguém gostaria de vê-la mancando por aí quando os italianos chegarem.

Eu tentei soar amistosa, mas notei que Kriss duvidava de meu tom de voz. Ela abriu a boca para falar algo, mas logo

desviou o olhar. Olhei para onde ela olhava e vi Maxon aproximar-se da mesa com um lanche que os mordomos haviam preparado para nós.

— Já volto — Kriss disse com rapidez, antes de mancar até Maxon com uma velocidade acima da que eu considerava possível.

Não consegui tirar os olhos. Celeste se aproximou também, e os três conversavam calmamente enquanto se serviam de água e fatias de sanduíche. Celeste disse algo que fez Maxon rir. Kriss parecia sorrir, mas claramente estava aborrecida por Celeste interromper seu divertimento.

Eu quase agradeci Celeste naquela hora. Ela podia ser mil coisas que eu odiava, mas em compensação nunca se intimidava. Bem que eu precisava ser um pouco assim.

O rei berrou algo para um de seus conselheiros, e minha cabeça voltou-se imediatamente para ele. Não captei exatamente as palavras, mas ele parecia nervoso. Por trás dele, pude avistar Aspen, que fazia a ronda.

Ele me olhou rapidamente e arriscou uma piscada rápida. Sabia que sua ideia era diminuir minha preocupação, e até que funcionou um pouco. No entanto, não pude deixar de pensar sobre o que teria acontecido na noite passada para deixá-lo mancando um pouco e com um esparadrapo próximo ao olho.

Enquanto eu tentava descobrir um meio imperceptível de chamá-lo para o meu quarto esta noite, o telefone tocou dentro do palácio.

— Rebeldes! — gritou um guarda. — Corram!

— O quê? — gritou outro guarda, confuso.

— Rebeldes! Dentro do palácio! Estão chegando!

As palavras do guarda fizeram a ameaça na parede surgir na minha mente: ESTAMOS CHEGANDO.

As coisas aconteceram muito rápido. As criadas escoltaram a rainha para o lado mais distante do palácio. Algumas puxavam-na pelas mãos para que se movesse mais depressa, ao passo que outras correram atrás dela, como era seu dever, para evitar que fosse atacada.

O vestido vermelho de Celeste faiscou atrás da rainha, pois provavelmente aquela seria a rota para o lugar mais seguro. Maxon levantou Kriss e a botou no colo do guarda mais próximo, que por acaso era Aspen.

— Corra! — ele gritou para Aspen. — Corra!

Aspen, leal ao extremo, correu carregando Kriss como se ela não pesasse nada.

— Maxon, não! — gritou ela por cima dos ombros de Aspen.

Ouvi um estouro alto vindo das portas abertas do palácio e gritei. Entendi o que era aquele som ao ver chegarem vários guardas em uniformes escuros com armas nas mãos. Mais dois estouros e congelei de pavor, capaz apenas de observar o fluxo de pessoas movendo-se ao meu redor. Os guardas empurravam as pessoas para os lados, pedindo-lhes que abrissem caminho enquanto um enxame de pessoas vestindo calças reforçadas e casacos grossos corriam do lado de fora com mochilas e sacolas lotadas. Outro tiro.

Por fim, tomei consciência de que precisava me mexer. Dei meia-volta e corri sem pensar.

Com aqueles rebeldes inundando o palácio, o mais lógico pareceu-me correr deles. Mas isso implicava partir em direção à grande floresta com um bando de malvados atrás de mim. Levei alguns tombos por causa das sapatilhas, e cheguei a pensar em arrancá-las. No fim das contas, decidi que sapatilhas escorregadias eram melhor que andar descalça.

— America — chamou Maxon —, não! Volte!

Arrisquei olhar para trás e vi o rei agarrar Maxon pelo colarinho do paletó, arrastando-o para outro lugar. Percebi o terror nos olhos de Maxon, que continuavam fixos em mim. Outro disparo.

— Abaixe-se! — Maxon gritou. — Vocês vão acertá-la! Cessar fogo!

Houve mais disparos, e Maxon continuou a gritar suas ordens até eu estar muito longe para entendê-las. Corri pelo campo aberto e percebi que estava só. Maxon fora contido pelo rei, e Aspen desempenhava seu papel de soldado. Qualquer guarda que desse comigo estaria à caça de rebeldes. Tudo o que eu podia fazer era correr para me salvar.

O medo me fez ser rápida, e me surpreendi com a destreza dos meus movimentos assim que entrei na floresta. O solo estava seco e firme, rachado por causa dos meses de estiagem. Sentia de leve os arranhões em minhas pernas, mas não quis diminuir o ritmo para checar se estavam muito feios.

Suava tanto que o vestido colava no meu peito. O bosque era mais frio e, a cada passo meu, ficava mais escuro; mas eu estava quente. Em casa, às vezes eu corria por diversão, para brincar com Gerad ou apenas para sentir as dores do esforço. Só que eu já estava há meses acomodada no palácio, comendo comida de verdade pela primeira vez, e pude sentir as consequências: meus pulmões queimavam e minhas pernas latejavam. Ainda assim, eu corria.

Após me embrenhar pela floresta, olhei para trás para conferir quão longe estariam os rebeldes. Não conseguia ouvi-los por causa do sangue que pulsava em minhas orelhas; tampouco pude vê-los. Decidi que aquela era a melhor oportunidade de esconder-me antes de eles notarem um vestido brilhante no meio do bosque sombrio.

Não parei até encontrar uma árvore grande o suficiente para me esconder. Fui para trás dela e logo notei um galho baixo em que podia subir. Arranquei os sapatos e os atirei para longe, torcendo para que não conduzissem os rebeldes até mim. Subi, embora não muito alto, e apoiei as costas na árvore, encolhida o máximo que podia.

Me esforcei para diminuir o ritmo da respiração com medo de que o som entregasse minha localização. Mas mesmo depois disso, houve silêncio por uns instantes. Imaginei tê-los deixado para trás. Não me mexi, à espera de uma confirmação. Segundos mais tarde, escutei as folhas farfalharem loucamente.

— Devíamos ter vindo à noite — alguém, uma voz de menina, bufou.

Espremi meu corpo contra a árvore, rezando para que nenhum galho estalasse.

— Eles não estariam do lado de fora à noite — replicou um homem.

Eles ainda corriam, ou pelo menos tentavam correr. Suas vozes davam a impressão de que aquilo lhes custava muito.

— Deixe-me carregar alguns — ele se ofereceu.

Pareciam estar muito próximos.

— Eu consigo.

Prendi a respiração e observei-os passarem bem debaixo da minha árvore. Logo quando pensava estar a salvo, a sacola da garota rasgou e uma pilha de livros caiu no chão da floresta. O que ela fazia com tantos livros?

— Droga — xingou e pôs-se de joelhos.

Ela usava uma jaqueta jeans com uma espécie de flor bordada.

— Eu disse para você me deixar ajudar.

— Fica quieto!

A garota empurrou as pernas do rapaz, e por esse gesto brincalhão pude notar quanto amor havia entre os dois.

Ao longe, alguém assoviou.

— Será Jeremy? — ela perguntou.

— Parece — respondeu ele, abaixado para recolher os livros.

— Vá buscá-lo. Estou logo atrás de você.

Ele hesitou por um momento, mas concordou; beijou a testa da moça e correu em direção ao assovio.

A garota juntou o resto dos livros. Com uma faca, cortou a alça da bolsa e usou-a para amarrá-los.

Tive uma sensação de alívio quando ela se levantou; esperava que ela se pusesse a caminho. Mas ela jogou o cabelo para trás e olhou para o alto.

E me viu.

Nenhum silêncio ou imobilidade adiantariam. Se eu gritasse, será que os guardas viriam? Ou será que o resto dos rebeldes estaria perto demais?

Nos encaramos. Esperei que chamasse os outros, torcendo para que seu plano, fosse qual fosse, não doesse muito.

Mas ela não fez um som. Apenas riu baixo, por causa da situação curiosa em que nos encontrávamos.

Ouviu-se outro assovio, um pouco diferente do último, e ambas olhamos na direção do som antes de nos encararmos mais uma vez.

E então, na mais inesperada das atitudes, ela jogou uma perna para trás da outra e abaixou-se graciosamente para me fazer uma reverência. Arregalei os olhos, completamente impressionada. Ela se ergueu, sorrindo, e correu rumo ao assovio. Observei-a até que as centenas de flores bordadas desapareceram por entre os arbustos.

Quando supus que mais de uma hora havia se passado, decidi descer. Fiquei parada ao pé da árvore e me dei conta de que não sabia onde estavam meus sapatos. Contornei a raiz da árvore a fim de localizar as pequenas sapatilhas

brancas, mas foi em vão. Desisti e decidi tomar o caminho para o palácio.

Olhei à minha volta. Era evidente que isso não ia acontecer. Eu estava perdida.



Capítulo 17



ME SENTEI AO PÉ DA ÁRVORE. As pernas dobradas contra o peito. Esperava. Minha mãe sempre dizia que era isso o que devíamos fazer quando nos perdêssemos. Isso me deu tempo para pensar no que acabara de acontecer.

Como foi possível os rebeldes entrarem no palácio dois dias seguidos? Dois dias seguidos! Será que as coisas tinham piorado tanto lá fora desde o começo da Seleção? Pelo que via quando ainda estava na Carolina e pelo que vivi no palácio, era um fato inédito.

Minhas pernas estavam arranhadas, e, agora que eu não estava escondida, sentia as picadas. Também havia uma feridinha no meio da minha coxa que eu não sabia ao certo como aparecera. Estava com sede, e assim, quieta, comecei a sentir o desgaste emocional, mental e físico daquele dia. Descansei a cabeça na árvore e fechei os olhos. Não queria dormir. Mas aconteceu.

Algum tempo depois, ouvi um som de passos. Escancarei os olhos. A floresta estava mais escura do que me lembrava. Por quanto tempo tinha dormido?

Meu primeiro impulso foi subir novamente na árvore. Cheguei mesmo a correr para trás do tronco, pisando por cima dos retalhos da bolsa da rebelde. Mas então ouvi alguém chamar meu nome.

— Senhorita America! — alguém disse. — Onde você está?

— Senhorita America? — chamou outra voz.

Em seguida, em voz alta, ouvi alguém ordenar.

— Certifiquem-se de ter vasculhado todos os lugares. Se a mataram, podem tê-la pendurado ou tentado enterrá-la. Atenção.

— Sim, senhor — os homens responderam em coro.

Espiei por trás da árvore, concentrando-me nos sons. Apertei os olhos na tentativa de distinguir as silhuetas que se moviam em meio às sombras; não tinha muita certeza de que tinham vindo me salvar. Mas um dos guardas, que apesar de puxar um pouco a perna não ficava para trás de forma alguma, me deu a certeza de estar salva.

Um pequeno e fraco raio de sol iluminou o rosto de Aspen e eu corri.

— Estou aqui! — gritei. — Estou aqui!

Corri direto para os braços de Aspen, pela primeira vez sem me importar com quem nos veria.

— Graças aos céus — ele disse, esbaforido.

Depois, voltando-se para os outros, gritou:

— Estou com ela! Está viva!

Aspen inclinou-se e me pegou no colo, como se eu fosse um bebê.

— Estava com muito medo de encontrar seu corpo por aí. Você está ferida?

— Um pouco, nas pernas.

Um segundo depois, estávamos rodeados por vários guardas, que parabenizavam Aspen pelo trabalho bem-feito.

— Senhorita America — o comandante falou —, você tem algum ferimento?

— Apenas uns arranhões na perna — respondi, balançando a cabeça.

— Eles tentaram machucá-la?

— Não. Eles não me pegaram.

Ele pareceu um pouco surpreso.

— Penso que nenhuma das outras garotas correria mais rápido do que eles.

Sorri, finalmente tranquila.

— Nenhuma das outras é uma Cinco.

Vários guardas riram, inclusive Aspen.

— Bom argumento. Vamos levá-la de volta.

Ele se pôs à nossa frente e ordenou aos outros soldados:

— Estejam atentos. Eles ainda podem estar nas imediações.

Durante o caminho, Aspen falou-me em voz baixa:

— Sei que você é rápida e esperta, mas fiquei apavorado.

— Menti para o oficial — sussurrei.

— O que você quer dizer?

— Eles chegaram a me alcançar.

Aspen me encarou horrorizado.

— Não fizeram nada, mas uma menina me viu. Ela fez uma reverência e foi embora.

— Reverência?

— Também fiquei surpresa. Ela não parecia brava ou ameaçadora. Na verdade, parecia uma garota normal.

Pensei na comparação de Maxon entre os dois grupos rebeldes e tive certeza de que aquela garota era nortista. Não havia qualquer agressividade nela; apenas a vontade de cumprir seu dever. E não havia dúvidas de que o ataque da noite anterior tinha sido sulista. Será que isso significava que os ataques não foram apenas seguidos, mas executados por grupos diferentes? Será que os nortistas nos espreitavam e esperavam para nos pegar exaustos? Imaginá-los espionando o palácio o tempo todo era um pouco assustador.

Ao mesmo tempo, o ataque foi quase engraçado. Teriam simplesmente entrado pela porta da frente? Por quantas horas permaneceram no palácio para coletar seus tesouros? Isso me lembrou de algo.

— Ela estava com livros, um monte de livros — afirmei.

Aspen concordou com a cabeça.

— Parece que isso acontece bastante. Ninguém faz ideia do que fazem com eles. Meu palpite é que usam para fazer fogueiras. Acho que é frio onde eles vivem.

— Hmm — respondi, sem responder.

Se eu precisasse de combustível, pensaria em lugares muito mais fáceis de conseguir do que no palácio. E a garota estava tão desesperada para juntá-los que eu tinha certeza de que era mais que isso.

Foi preciso uma hora de caminhada lenta e constante para voltarmos ao palácio. Mesmo machucado, Aspen não me deixou escorregar de seus braços em momento algum. De fato, parecia gostar do trajeto apesar do trabalho extra. Eu também gostei.

— Os próximos dias talvez sejam cheios para mim, mas tentarei vê-la em breve — Aspen falou ao meu ouvido enquanto cruzávamos o gramado amplo e fofo que dava para o palácio.

— Tudo bem — respondi baixo.

Ele abriu um pequeno sorriso, e eu o imitei, contemplando a vista diante de nossos olhos. O palácio brilhava ao sol do fim da tarde; em cada um dos andares, havia janelas com luzes acesas. Nunca havia visto o palácio assim. Lindo.

Por algum motivo, pensei que Maxon estaria lá, à minha espera na porta dos fundos. Não estava. Ninguém estava. Aspen recebeu ordens de levar-me até a ala hospitalar para que o doutor Ashlar pudesse cuidar das minhas pernas; outro guarda foi enviado para contar à família real que eu fora encontrada viva.

Minha volta passou em branco: fiquei sozinha em meu leito com as pernas enfaixadas até cair no sono.

Escutei um espirro.

Abri os olhos um pouco confusa até lembrar onde estava. Pisquei os olhos e inspecionei o quarto.

— Não queria acordar você — disse Maxon, bem baixinho. — Você tem que voltar a dormir.

Ele estava sentado em uma cadeira ao lado do meu leito, tão próximo que poderia encostar a cabeça em meu cotovelo se quisesse.

— Que horas são? — perguntei, esfregando os olhos.

— Quase duas.

— Da manhã?

Maxon confirmou. Ele me olhava atentamente, e logo fiquei muito preocupada com minha aparência. Eu tinha lavado o rosto e prendido os cabelos quando cheguei, mas era certo que minha bochecha estava cheia de marcas de travesseiro.

— Você nunca dorme? — perguntei.

— Durmo. Só estou tenso.

— Risco laboral? — ironizei, sentando-me na cama.

Ele abriu um sorriso.

— Algo do tipo.

Fez-se um silêncio longo. Nenhum de nós sabia o que dizer.

— Pensei uma coisa hoje na floresta — falei, do nada.

O sorriso dele aumentou diante da minha facilidade em pôr o incidente de lado.

— É mesmo?

— Sobre você.

Ele chegou um pouco mais perto, seus olhos castanhos cravados nos meus.

— Me conte.

— Bem — comecei —, estava pensando sobre o seu comportamento ontem, quando Kriss e Elise ainda não tinham chegado ao abrigo. Você ficou tão preocupado. E hoje, quando os rebeldes apareceram, vi você tentar correr atrás de mim.

— Tentei. Sinto muito — ele balançou a cabeça, envergonhado por não ter feito mais.

— Não estou chateada — expliquei. — Quando eu estava perdida, pensei na sua preocupação comigo, na sua preocupação com as outras. Não tenho a pretensão de adivinhar seus sentimentos em relação a cada uma de nós, mas sei que você e eu não estamos entre os destaques da programação atualmente.

— Já tivemos dias melhores — ele comentou, com um sorriso nos lábios.

— Mas mesmo assim você correu atrás de mim. Você confiou Kriss a um guarda porque ela não podia correr. Você tenta nos manter seguras. Todas. Então, por que machucaria uma de nós?

Ele permaneceu calado, sem saber ao certo aonde eu queria chegar.

— Agora compreendo. Se você está preocupado com a nossa segurança, jamais faria aquilo com Marlee. Tenho certeza de que teria impedido o castigo se pudesse.

Ele soltou um suspiro e disse:

— Em um piscar de olhos.

— Eu sei.

Um pouco hesitante, Maxon estendeu o braço por cima da cama para segurar minha mão. Deixei.

— Lembra-se do que lhe disse outro dia, que tinha algo que queria mostrar a você?

— Sim.

— Não se esqueça disso, certo? O dia está próximo. O cargo tem muitas exigências, nem sempre agradáveis. Mas, às vezes... às vezes você pode fazer coisas boas.

Não entendi o que ele quis dizer, mas fiz que sim com a cabeça.

— Imagino que terei de esperar até vocês terminarem a tarefa. Vocês estão um pouco atrasadas.

— Argh! — soltei a mão de Maxon e tapei os olhos. Tinha me esquecido completamente da recepção. Olhei-o novamente. — Ainda vão querer que a gente faça isso? Tivemos dois ataques de rebeldes, e passei a maior parte do dia perdida na floresta. Estragaremos tudo.

— Vocês terão que se superar — disse ele, com uma expressão simpática no rosto.

Deixei minha cabeça cair sobre o travesseiro.

— Vai ser um desastre.

Ele riu.

— Não se preocupe. Mesmo se você não for bem como as outras, não é do meu feitio enxotá-la daqui.

Algo naquela frase soou estranho. Me sentei de novo.

— Você quer dizer que se as outras forem piores que eu, uma delas pode ser enxotada?

Maxon hesitou por um instante, evidentemente sem saber ao certo o que responder.

— Maxon?

Ele suspirou.

— Tenho duas semanas antes do próximo corte. E a tarefa terá um peso grande. Você e Kriss estão na situação mais difícil. Uma nova relação, menos gente para trabalhar; e apesar de terem uma cultura alegre, os italianos ofendem-se com facilidade. E além disso, vocês quase não tiveram tempo para trabalhar...

Imaginei se dava para notar o sangue subindo pelo meu rosto.

— Não deveria ajudar, mas se precisarem de algo, por favor digam. Sou incapaz de mandar uma de vocês duas para casa.

Quando tivemos nossa primeira briga, por causa de Celeste, pensei que um pedaço de mim tinha morrido. E depois, quando

Marlee se foi tão de repente, pensei a mesma coisa. Tinha certeza de que sempre que algo bloqueava o meu caminho, pedaços do meu coração se desintegravam. Mas eu estava errada. Lá, deitada no leito do hospital, meu coração se despedaçou pela primeira vez de verdade. E a dor era indescritível. Até aquele momento, eu tentava me convencer de que tudo que tinha visto entre Maxon e Kriss era minha imaginação, mas agora eu tinha certeza.

Ele gostava dela. Talvez tanto quanto gostava de mim.

Concordei com a cabeça diante da oferta, incapaz de dizer qualquer outra coisa.

Falei a mim mesma para pegar meu coração de volta, ele não podia ser de Maxon. Tínhamos começado essa história como amigos. Talvez fosse esse o nosso destino: bons amigos. Mas eu estava arrasada.

— Preciso ir — disse ele. — E você precisa dormir. Seu dia foi muito longo.

Fiz uma cara de tédio. O ataque e a floresta não tinham sido nem a metade dos meus problemas.

Maxon se levantou e ajeitou o terno.

— Queria dizer muito mais a você. Realmente pensei que a tinha perdido.

— Eu estou bem. De verdade — assegurei, dando de ombros.

— Sei disso agora. Mas em vários momentos do dia fui obrigado a me preparar para o pior.

Ele fez uma pausa para ponderar suas palavras.

— Geralmente — continuou —, entre todas as garotas, é mais fácil falar com você sobre a nossa relação. Mas sinto que não é a coisa mais sábia a fazer agora.

Encolhi a cabeça. Era impossível tentar falar de sentimentos com alguém que obviamente tinha uma queda por outra garota.

— Olhe para mim, America — ele pediu, com a voz suave.

Olhei.

— Não tem problema. Posso esperar. Só quero que saiba... Não sou capaz de encontrar palavras para expressar o tamanho do meu alívio ao ver você aqui, inteira. Nunca fui tão grato por nada.

Um silêncio maravilhado tomou conta de mim, como sempre acontece quando ele toca em certos pontos do meu coração. Um pedaço de mim, no entanto, preocupava-se com minha facilidade para acreditar em suas palavras.

— Boa noite, America.



Capítulo 18



ERA UMA SEGUNDA-FEIRA À NOITE. Ou terça-feira de manhã. Era tão tarde que eu não sei nem dizer.

Kriss e eu tínhamos trabalhado o dia inteiro para encontrar amostras de tecido adequadas, enquanto os mordomos nos mostravam todas ao mesmo tempo. Ainda tivemos que selecionar nossas roupas, joias e as louças; fazer uma prévia do cardápio; e por fim, ouvir o professor de idiomas falar italiano na esperança de gravarmos um pouco da língua. Pelo menos, eu tinha a vantagem de falar espanhol, o que me ajudava a pegar as coisas com mais rapidez; as duas línguas eram bem parecidas. Kriss dava o seu máximo para acompanhar. O normal seria eu estar exausta, mas só conseguia pensar nas palavras de Maxon. O que acontecera com Kriss? Por que ela, de repente, ficou tão íntima dele? Será que eu devia me preocupar tanto com isso?

Mas era Maxon.

E por mais que tentasse, ainda me importava com ele. Não estava pronta para abrir mão totalmente. Tinha que haver uma solução. Refletindo sobre os últimos acontecimentos, na tentativa de entender meus problemas, me pareceu que tudo podia ser enquadrado em quatro categorias:

• o que eu sentia por Maxon;

• o que Maxon sentia por mim;

• o que havia entre mim e Aspen;

• o que eu achava de verdade sobre me tornar princesa.

Entre todas as coisas flutuando na minha cabeça, a história de ser princesa parecia a mais fácil de atacar. Pelo menos nessa questão, eu tinha algo a mais que as outras meninas. Eu tinha Gregory.

Fui até a banqueta do piano e peguei seu diário, esperando de coração encontrar ali alguma nota de sabedoria para mim. Ele não nasceu em uma família real; deve ter precisado se adequar. Pelo que dizia em sua anotação sobre o Halloween, ele já devia estar se preparando para uma grande mudança no futuro. Abri o livro com todo o cuidado e mergulhei em suas palavras.

Quero encarnar o bom e velho ideal americano. Tenho uma bela família e sou muito rico. Essas duas coisas casam com essa imagem porque não as recebi de ninguém.

Qualquer um que me veja agora saberá que trabalhei muito pelo que tenho.

Mas o fato de eu usar minha posição para dar muito àqueles que não têm ou não podem transformou-me, de um bilionário anônimo, em um filantropo. Ainda assim, não posso parar por aí. Preciso fazer mais, ser mais. Wallis está no comando, não eu. Preciso pensar em como dar ao povo o necessário sem ser visto como um usurpador. Chegará a hora de eu liderar e fazer o que julgo correto. Por ora, jogarei através das regras e irei o mais longe que puder com isso.

Tentei absorver um pouco de sabedoria daquelas palavras. Ele disse para usar a posição. Disse para jogar através das regras. Disse para não temer.

Talvez isso tivesse que ser suficiente. Só que não foi. Não passou nem perto de me ajudar. Como Gregory falhara comigo, só havia outro homem com quem eu podia contar. Me sentei à escrivaninha, peguei caneta e papel e escrevi uma carta breve para meu pai.



Capítulo 19



O DIA SEGUINTE PASSOU VOANDO, e logo Kriss e eu chegávamos à recepção das outras meninas, com vestidos cinza e sóbrios.

— Qual é o plano? — Kriss perguntou, enquanto atravessávamos o corredor.

Pensei por uns instantes. Odiava Celeste e não ficaria triste se ela fracassasse, mas não tinha certeza se queria que seu fracasso fosse de dimensões tão grandes.

— Ser educadas, mas não prestativas. Prestar atenção a Silvia e à rainha para saber o que fazer. Absorver tudo o que pudermos... e trabalhar a noite inteira para que a nossa seja melhor.

— Muito bem — ela respirou fundo. — Vamos.

Chegamos na hora, uma característica fundamental da cultura alemã, e as meninas já estavam completamente

perdidas. Era como se Celeste sabotasse a si mesma. Enquanto Elise e Natalie usavam respeitáveis vestidos azul-marinho, Celeste estava praticamente de branco. Se botássemos um véu nela, poderia se casar daquele jeito. Isso sem falar de como o vestido era decotado, principalmente quando ela estava ao lado das alemãs. A maior parte delas usava mangas até os pulsos, apesar do calor.

Natalie tinha ficado responsável pelas flores e deixou passar o detalhe de que os lírios eram usados tradicionalmente em funerais. Todos os arranjos tiveram que ser removidos às pressas.

Elise, embora claramente mais agitada do que de costume, era a imagem da calma. Para os convidados, parecia a estrela da noite.

Me assustava um pouco — principalmente com tanto italiano na cabeça — ter que tentar me comunicar com as mulheres da Federação Alemã, que falavam um inglês bem deficiente. Tentei ser receptiva; e apesar da aparência severa, na verdade aquelas damas eram bem amigáveis.

Logo ficou claro que a maior ameaça de desastre era Silvia e sua prancheta. Ao passo que a rainha ajudava graciosamente a receber os convidados alemães, Silvia circulava pelo lugar — seus olhos afiados não perdiam nenhum detalhe. Ainda antes de a recepção terminar, ela já tinha páginas e mais páginas de anotações. Kriss e eu logo

nos demos conta de que nossa única esperança era fazer Silvia se apaixonar por nossa recepção.

No dia seguinte, Kriss foi até meu quarto com suas criadas, e nos aprontamos juntas. Queríamos garantir que tivéssemos um visual parecido o bastante para que ficasse claro que éramos as responsáveis pelo evento, mas sem ficarmos tão iguais a ponto de parecermos duas bobas. Foi até divertido ter tantas mulheres no meu quarto. As criadas se conheciam e conversavam animadamente atrás de nós enquanto nos aprontavam. Aquilo me fez lembrar de quando May esteve aqui.

Horas antes da chegada dos convidados, Kriss e eu fomos até o salão para checar tudo mais uma vez. Diferentemente da outra recepção, abrimos mão dos lugares marcados: os convidados poderiam sentar-se onde bem entendessem. A banda chegou para ensaiar no local, e a sorte foi que o tecido que escolhemos era ótimo para a acústica.

Ajeitei o colar de Kriss e praticamos nossa conversação em italiano pela última vez. Ela falava a língua com muita naturalidade.

— Obrigada — disse ela.

— *Grazie* — respondi.

— Não, não — ela respondeu, voltando-se para mim. — Você foi ótima, e... não sei. Pensei que depois do acontecido com Marlee, talvez você desistisse. Fiquei com medo de ter

que fazer tudo sozinha. Mas você trabalhou tão duro. Foi excelente.

— Obrigada. Você também foi ótima. Não sei se teria sobrevivido se tivesse sido obrigada a trabalhar com Celeste. Você deixou tudo tão mais fácil.

Kriss sorriu ao ouvir minhas palavras, que eram sinceras.

— E você tem razão — continuei —, tem sido difícil sem Marlee, mas não desistiria. Isso vai ser ótimo.

Kriss mordeu os lábios e ficou pensativa por um momento. Depois, falou rapidamente, como se fosse perder o controle:

— Então você ainda está na competição? Você ainda quer Maxon?

Eu sabia bem — até demais — o que todas fazíamos aqui, mas ninguém nunca tocara no assunto dessa maneira. Fui pega desprevenida e comecei a pensar se devia responder. O que eu poderia dizer?

— Garotas! — estrilou Silvia, praticamente invadindo o salão. Nunca fui tão grata àquela mulher. — Está quase na hora. Vocês estão prontas?

Atrás dela, estava a rainha; sua serenidade contrabalançava a energia de Silvia. Ela inspecionou o salão,

admirando nosso trabalho. Foi um grande alívio ver seu sorriso.

— Quase prontas — anunciou Kriss. — Restam apenas alguns detalhes para cuidar. Um deles em particular requer a sua presença e a da rainha.

— Como? — perguntou Silvia, curiosa.

A rainha aproximou-se de nós; seus olhos escuros brilhavam de orgulho.

— Está lindo. E vocês duas estão belíssimas.

— Obrigada — agradecemos em uníssono.

Os vestidos azul-claros com acabamento em dourado tinham sido ideia minha. Festivos e bonitos, mas sem extrapolar.

— Bem, talvez as senhoras tenham reparado em nossos colares — disse Kriss. — Imaginamos que se fossem parecidos, ajudariam as pessoas a nos identificar como anfitriãs.

— Ideia excelente — disse Silvia, já tomando notas.

Kriss e eu trocamos um sorriso.

— Como as senhoras também são anfitriãs, pensamos que poderiam usá-los — falei, enquanto Kriss punha as caixinhas sobre a mesa.

— Vocês não fizeram isso! — admirou-se a rainha.

— Para... para mim? — perguntou Silvia.

— Claro — disse Kriss com uma voz doce ao entregar as joias.

— Vocês ajudaram tanto. Este projeto também lhes pertence — acrescentei.

Pude notar como nossa iniciativa comoveu a rainha, ao passo que Silvia estava sem palavras. Comecei então a imaginar se alguém no palácio já tinha lhe dado qualquer atenção. Sim, tivemos a ideia ontem para ter Silvia ao nosso lado.

Silvia podia intimidar, mas ela realmente tentara nos ensinar tudo o que podia para nos ajudar. Queria agradecê-la da melhor forma possível.

Um mordomo veio nos dizer que os convidados começavam a chegar. Kriss e eu ficamos cada uma de um lado da porta para dar-lhes as boas-vindas conforme entravam. A banda começou a tocar uma música suave; as criadas circulavam com aperitivos; e nós estávamos prontas.

Elise, Natalie e Celeste chegaram na hora, o que era raro. Assim que viram nossa decoração — as paredes cobertas com tecido ondulado; os enfeites imponentes no centro das mesas; a abundância de flores —, o incômodo nos olhos de Elise e Celeste foi imediato e evidente. Natalie, porém, estava empolgada demais para se irritar.

— Tem o cheiro do jardim — ela disse, quase dançando pelo salão.

— Demais até — acrescentou Celeste. — Vocês vão deixar as pessoas com dor de cabeça — era sua especialidade achar defeito em coisas belas.

— Tentem se sentar em mesas diferentes — sugeriu Kriss quando as três se afastaram. — Os italianos estão aqui para fazer amigos.

Celeste estalou a língua, como se aquilo a irritasse. Tive vontade de dizer para ela aguentar firme: Kriss e eu nos comportamos da melhor forma na recepção delas. Mas então escutei o burburinho da conversa das italianas que chegavam pelo corredor e deixei pra lá.

A melhor maneira de descrever as italianas é dizendo que elas eram monumentais. Altas, pele dourada e absolutamente lindas. Como se isso não bastasse, tinham um temperamento incrível. É como se carregassem o sol na alma e o deixassem brilhar por todos os lados.

A monarquia italiana era ainda mais jovem que a de Illéa. Por décadas, o país recusou nossas tentativas de aproximação, segundo li no dossiê. Aquela foi a primeira vez que vieram nos visitar. A reunião seria o primeiro passo rumo a uma relação mais próxima com um governo em ascensão. Tinha sido assustador pensar nisso até o momento em que eles entraram pela porta, e a gentileza delas acabou com minha preocupação. Beijaram Kriss e eu nas duas bochechas

e gritavam “Salve!”. Foi um prazer tentar chegar no mesmo nível de entusiasmo.

Errei algumas das frases que tinha aprendido em italiano, mas as visitas foram gentis e riam dos meus erros ao mesmo tempo que me ajudavam a corrigi-los. O domínio que tinham do inglês era impressionante, e trocamos elogios a respeito de nossas roupas e penteados. Tudo indicava que tínhamos deixado uma boa primeira impressão no que diz respeito às aparências, o que me ajudou a relaxar.

Na maior parte da festa, fiquei ao lado de Orabella e Noemi, duas primas da princesa.

— Está delicioso! — anunciou Orabella, com a taça de vinho erguida.

— Que bom que gostou — respondi, com receio de parecer tímida demais. Elas falavam tão alto.

— Você precisa experimentar! — insistiu.

Não bebia nada desde o Halloween; e não era muito fã de álcool, para começo de conversa. Mas não quis ser grossa, então peguei a taça que ela ofereceu e dei um gole.

Incrível. Champanhe só tinha bolhas, mas o vinho tinto e intenso parecia ter vários sabores, que surgiam um após o outro.

— Mmmm — suspirei.

— Agora, agora — disse Noemi, atraindo minha atenção —, esse Maxon é bonitão. Como posso participar da Seleção?

— Preenchendo uma montanha de papéis — brinquei.

— Só isso? Onde está minha caneta?

Orabella interveio:

— Também quero a papelada. Adoraria levar Maxon para casa comigo.

Soltei uma gargalhada.

— Acreditem, a coisa aqui é bem complicada.

— Você precisa de mais vinho — insistiu Noemi.

— Com certeza! — concordou Orabella, que chamou o garçom para encher minha taça.

— Você já esteve na Itália? — perguntou Noemi.

Balancei a cabeça.

— Antes da Seleção, não tinha sequer saído da minha província.

— Você precisa ir! — insistiu Orabella. — Pode ficar na minha casa sempre que quiser.

— Você sempre quer toda a companhia para si — reclamou a outra. — Ela fica comigo.

Senti o vinho subir um pouco, e a empolgação de ambas me deixava quase alegre demais.

— Então, ele beija bem? — perguntou Noemi.

Engasguei um pouco com o vinho e pus a taça na mesa para rir. Tentei não me entregar muito, mas elas sabiam.

— Quão bem? — me pressionou Orabella.

Como eu não respondi, ela acenou para o garçom.

— Mais vinho, por favor.

Apontei o dedo na cara delas ao me dar conta do que queriam.

— Vocês duas só querem criar problemas para mim!

Elas se inclinaram para trás de tanto rir, e eu fiz o mesmo. De fato, os papos entre meninas eram muito mais interessantes quando não estávamos competindo pelo mesmo rapaz, mas eu não podia aprofundar muito o assunto.

Me levantei para sair antes que precisasse ser carregada.

— Ele é muito romântico quando quer — revelei, para as palmas e risadas delas. Me retirei com um sorriso nos lábios graças àquele jeito brincalhão de ambas.

Depois de beber água e comer um pouco, toquei algumas das músicas populares que conhecia no violino. Quase todos no salão cantaram junto. Pelo canto dos olhos, vi Silvia tomando notas; seus pés balançavam ao ritmo da música.

Quando Kriss se levantou e propôs um brinde à rainha e a Silvia pela ajuda, o salão aplaudiu. Quando ergui o copo para brindar aos convidados, eles gritaram de alegria, enxugaram os copos e os atiraram contra a parede. Kriss e eu não esperávamos isso. Demos de ombro e fizemos o mesmo.

As pobres criadas corriam para lá e para cá para recolher os cacos, enquanto a banda recomeçava a tocar. O salão inteiro dançava. Talvez a cena do dia tenha sido Natalie em cima da mesa, fazendo uns passos de dança que a faziam parecer um polvo.

A rainha Amberly estava sentada no canto do salão conversando alegremente com a rainha da Itália. Tive uma sensação repentina de dever cumprido; estava tão entretida com tudo aquilo que quase pulei de susto quando Elise veio falar comigo.

— A de vocês está melhor — disse ela, de maneira relutante, mas sincera. — Vocês duas realmente fizeram uma recepção incrível.

— Obrigada. Fiquei meio preocupada antes... O começo foi tão difícil.

— Eu sei. Isso é ainda mais impressionante. Até parece que vocês trabalharam semanas — comentou, para depois correr os olhos pelo salão e se deter na decoração brilhante.

Coloquei a mão em seu ombro.

— Você sabe, Elise, qualquer um podia ver ontem que você foi a que mais trabalhou no seu grupo. Tenho certeza de que Silvia vai informar Maxon sobre isso.

— Você acha?

— Claro. E prometo: se isto for uma espécie de competição e a sua equipe perder, eu mesma vou contar a Maxon o bom trabalho que você fez.

Ela apertou seus olhos pequenos.

— Você faria isso?

— Claro. Por que não? — assegurei, com um sorriso nos lábios.

Elise balançou a cabeça.

— America, admiro demais o seu jeito, digamos, honesto. Mas você precisa tomar consciência de que estamos em uma competição — meu sorriso desapareceu diante dessas palavras. — Não mentiria nem falaria mal de você. Só que também não deixaria de fazer as minhas coisas para contar a Maxon algo que você fez bem. Não posso.

— Não precisa ser assim — repliquei calmamente.

Ela balançou a cabeça novamente.

— Sim, precisa. Não se trata de um prêmio qualquer. Trata-se de um marido, uma coroa e um futuro. E você talvez seja a que tem mais a perder ou ganhar com isso.

Fiquei completamente pasma. Pensei que éramos amigas. Com exceção de Celeste, eu confiava de verdade nas meninas. Será que era tão cega que não enxergava como elas lutavam com unhas e dentes?

— Isso não quer dizer que não goste de você — ela continuou. — Gosto muito. Mas não posso torcer por sua vitória.

Fiz que sim com a cabeça, ainda digerindo suas palavras. Era óbvio que eu não tinha minha cabeça na Seleção como ela. Mais uma vez, duvidei da minha capacidade para o cargo.

Elise deu um sorriso para alguém que vinha por trás de mim. Quando virei, lá estava a princesa italiana vindo em nossa direção.

— Com licença, posso falar com a anfitriã, por favor? — pediu, com seu sotaque adorável.

Elise fez uma reverência e voltou à pista de dança. Tentei tirar nossa conversa da cabeça e concentrar-me na pessoa que eu tinha que impressionar.

— Princesa Nicoletta, sinto muito não termos tido muitas oportunidades de conversar hoje — disse, fazendo-lhe uma reverência.

— Ah, não! Você esteve muito ocupada. Minhas primas, elas adoram você!

Achei graça.

— Elas são muito divertidas.

Nicoletta puxou-me para um dos cantos da sala.

— Estamos inseguros de estabelecer vínculos com Illéa. Nosso povo é... mais livre que o daqui.

— Posso ver.

— Não, não — ela me corrigiu com um tom grave. — Quero dizer em relação a liberdades individuais. Os italianos têm mais liberdade que vocês. Vocês mantêm as castas, certo?

Fiz que sim com a cabeça. Compreendi que se tratava de mais que uma conversa amigável.

— Observamos as coisas, claro. Vemos o que acontece aqui: revoltas, rebeldes. As pessoas são infelizes?

Não sabia ao certo o que dizer.

— Alteza, julgo não ser a pessoa mais adequada para discutir esse assunto. Na verdade, não tenho controle sobre nada.

Nicoletta tomou minhas mãos.

— Mas poderia.

Um calafrio percorreu meu corpo de alto a baixo. Era mesmo o que eu estava pensando?

— Vimos o que aconteceu com a garota. A loira? — ela cochichou.

— Marlee — confirmei. — Era minha melhor amiga.

Ela sorriu.

— E vimos você. Não há muitas imagens, mas vimos você correr. Vimos você lutar.

Seu olhar era idêntico ao da rainha Amberly pela manhã, cheio de um orgulho inconfundível.

— Temos muito interesse em estabelecer vínculos com uma nação poderosa, se essa nação puder mudar. Informalmente, se houver algo que pudermos fazer para ajudá-la a conquistar a coroa, nos diga. Você tem o nosso total apoio.

Ela meteu um pedaço de papel na minha mão e se afastou. Ao dar meia-volta, gritou algo em italiano que fez o salão urrar de alegria. Eu não tinha bolsos, então enfiei o bilhete no sutiã, rezando para que ninguém reparasse.

Nossa recepção durou muito mais que a primeira. Suspeitei que era porque nossos convidados estavam contentes demais para ir embora. Ainda assim, longa como tinha sido, a recepção pareceu passar em um piscar de olhos.

Horas mais tarde, voltei a meu quarto, completamente exausta. Estava cheia demais para pensar no jantar. E

embora ainda fosse o começo da noite, a ideia de ir direto para cama era muito tentadora.

Antes mesmo que eu pudesse olhar para minha cama, Anne apareceu com uma surpresa. Retomei o fôlego e peguei imediatamente a carta em sua mão. Era preciso dar crédito aos carteiros do palácio; eles trabalhavam com muita rapidez.

Rasguei o envelope e fui para a sacada, a fim de absorver as palavras de meu pai e os últimos raios de sol ao mesmo tempo.

Querida America,

Você precisa escrever logo uma carta para May. Ela ficou muito frustrada ao ver que a carta anterior era só para mim. Devo confessar que eu mesmo fui pego de surpresa. Não sei direito o que esperava, mas certamente não era o que você me perguntou.

Em primeiro lugar: sim, é verdade. Falei com Maxon, e ele foi bem claro sobre suas intenções em relação a você. Não acho que seria do feitio dele não ser sincero, e acreditei (ainda acredito) que ele se importa muito com você. Penso que se o processo fosse mais simples, ele já teria escolhido você. Parte de mim acha que a demora trabalha a seu favor. Estou errado?

A resposta simples e direta é sim. Aprovo Maxon. Se você quiser ficar com ele, tem meu apoio; se não quiser, também tem. Amo você e quero que seja feliz. Talvez isso signifique

uma vida na nossa casinha minúscula em vez de num palácio. Para mim, está bem.

Quanto à sua outra pergunta, a resposta também é sim.

America, eu sei que você não enxerga muito o seu potencial. Só que você precisa começar a enxergar. Por anos, lhe dissemos que você tinha talento, e você só acreditou quando viu sua agenda lotar. Lembro-me do dia em que você tinha uma semana cheia e se deu conta de que o motivo era sua voz e seu jeito de tocar; você ficou tão orgulhosa de si mesma. Foi como se de repente você tivesse tomado consciência do que era capaz de fazer. Dizíamos também desde sempre que você é linda, mas não tenho certeza se você realmente chegou a se ver dessa maneira até o dia em que foi escolhida para a Seleção.

Você tem alma de líder, America. Você tem uma boa cabeça; tem vontade de aprender; tem ainda o que talvez seja mais importante: compaixão. Isso é algo de que esse país carece mais do que você imagina.

Se você quer a coroa, America, aceite-a. Aceite-a. Porque ela deve ser sua.

E, ao mesmo tempo... se você não quiser carregar esse fardo, eu jamais a culparia. Receberia você de braços abertos em casa.

Com amor,

Papai

As lágrimas brotaram aos poucos. Ele realmente me achava capaz. Ele era o único. Bem, ele e Nicoletta.

Nicoletta!

Tinha me esquecido completamente do bilhete. Peguei o papel em meu vestido e o puxei para fora. Era um número de telefone. Ela sequer pôs o nome.

Eu não fazia ideia do tamanho do risco que ela correu para me fazer essa oferta.

Segurei aquele pedacinho de papel e a carta de meu pai nas mãos. Pensei sobre a certeza de Aspen de que eu não poderia ser princesa. Lembrei-me do último lugar na pesquisa de popularidade. Pensei na promessa misteriosa de Maxon no começo da semana.

Fechei os olhos e tentei me enxergar por dentro. Será que eu podia mesmo fazer isso? Será que eu podia ser a próxima princesa de Illéa?



Capítulo 20



NO DIA SEGUINTE À RECEPÇÃO DOS ITALIANOS, nos reunimos no Salão das Mulheres depois do café. A rainha estava ausente, e nenhuma de nós sabia o que isso significava.

— Aposto que está ajudando Silvia a escrever a avaliação final — palpitou Elise.

— Não acho que essa responsabilidade caiba a ela — contrapôs Kriss.

— Talvez esteja de ressaca — sugeriu Natalie, com os dedos nas têmporas para simular uma enxaqueca.

— Não é só porque você está assim que ela também está — retrucou Celeste.

— Talvez ela não esteja bem — comentei. — Ela adoece com facilidade.

Kriss confirmou com a cabeça e acrescentou:

— Gostaria de saber por quê.

— Ela não foi criada no sul? — perguntou Elise. — Ouvi dizer que o ar e a água não são muito limpos por lá. Talvez seja pela forma como foi criada.

— Ouvi falar que tudo é ruim de Sumner para baixo — completou Celeste.

— Ela provavelmente está apenas descansando — eu intervim. — Hoje à noite temos o *Jornal Oficial* e ela simplesmente quer estar preparada. Não são nem dez horas e eu já quero tirar uma soneca.

— Sim, nós todas deveríamos tirar uma soneca — Natalie disse, com uma expressão de cansaço.

Uma criada entrou no salão com uma pequena bandeja. Ela fazia tão pouco ruído ao caminhar que mal podíamos notá-la.

— Esperem — disse Kriss. — Vocês não acham que vão comentar sobre a recepção no *Jornal Oficial* de hoje, acham?

Celeste resmungou:

— Odiei aquela coisa idiota. Você e America deram sorte.

— Você deve estar de brincadeira. Você tem noção...

As palavras de Kriss silenciaram quando a criada parou bem à minha esquerda, mostrando um pequeno bilhete dobrado sobre a bandeja.

Senti os olhos de todas em cima de mim quando peguei, um pouco hesitante, a carta e li.

— É de Maxon? — perguntou Kriss, tentando dissimular um pouco do seu interesse.

— Sim — respondi, sem levantar os olhos.

— E o que diz? — especulou.

— Que ele quer me ver um instante.

Celeste riu:

— Parece que alguém está encrencada.

Respirei fundo e me levantei para seguir a criada até o príncipe.

— Acho que só há um meio de descobrir.

— Talvez ele finalmente vá enxotá-la — cochichou Celeste, em um tom de voz alto o bastante para que eu ouvisse.

— Você acha? — perguntou Natalie, com um excesso de entusiasmo.

Senti calafrios. Talvez fosse isso mesmo! Se ele quisesse falar comigo ou passar um tempo ao meu lado, não teria agido de outra forma?

Maxon aguardava no corredor, e eu caminhei até lá, timidamente. Não parecia zangado, mas tenso.

Me preparei.

— E então?

Ele me tomou pelo braço.

— Temos quinze minutos. Vou lhe mostrar algo que você não pode contar a ninguém. Entendido?

Fiz que sim com a cabeça.

— Pois bem.

Subimos as escadas a toda velocidade até o terceiro andar. De forma suave porém rápida, Maxon me conduziu pelo corredor até duas portas brancas.

— Quinze minutos — ele recordou.

— Quinze minutos.

Maxon sacou uma chave do bolso, destrancou uma das portas e a manteve aberta para que eu entrasse antes dele. O quarto era amplo e claro, com a parede repleta de janelas e portas que davam para a sacada. Havia uma cama, um guarda-roupa gigantesco, uma mesa e cadeiras. De resto, o quarto estava vazio. Nenhum quadro na parede, nenhuma decoração nas prateleiras embutidas. Até a pintura estava um pouco tosca.

— Esta é a suíte da princesa — Maxon disse, em voz baixa.

Arregalei os olhos.

— Sei que não parece das melhores agora. Cabe à princesa escolher a decoração, de modo que, quando minha mãe passou para a suíte da rainha, este quarto foi esvaziado.

A rainha Amberly já tinha dormido aqui. A atmosfera do quarto passou a ter um toque de mágica para mim.

Maxon surgiu por trás de mim e começou a mostrar o lugar:

— Estas portas dão para a sacada. E ali — ele apontou para o outro lado do quarto — são as portas do escritório particular da princesa. Bem aqui — ele aproximou-se de uma porta à nossa direita — é a porta para o meu quarto. Não posso ficar muito longe da princesa.

Corei só de pensar em dormir tão perto de Maxon.

Então, aproximando-se do guarda-roupa, ele prosseguiu:

— E isto? Por trás deste móvel está a saída para o abrigo. Você pode chegar a outros lugares do palácio por aqui também, mas facilitar a fuga é seu principal propósito.

Ele fez uma pausa e respirou fundo.

— Vamos usá-lo com outro propósito agora, mas acho que vale a pena.

Maxon colocou a mão sobre uma fechadura oculta e tanto o guarda-roupa como o painel por trás dele abriram-se. Ele sorriu ao ver o espaço por trás do móvel.

— Bem a tempo — disse ele.

— Eu não perderia por nada — uma voz respondeu.

Fiquei sem fôlego. Não tinha como aquela voz pertencer a quem eu achava que pertencia. Dei um passo à frente para ver melhor. Ali, vestida com roupas simples e usando um coque, estava Marlee.

— Marlee? — sussurrei, como se estivesse em um sonho. — O que você faz aqui?

— Senti tanto a sua falta! — ela exclamou, para depois correr ao meu encontro com os braços abertos. Em suas mãos, era possível ver bem os vergões quase curados. Era mesmo Marlee.

Ela me deu um abraço, e nós duas caímos no chão. Não conseguia parar de chorar e perguntar várias vezes o que ela fazia ali.

Quando fiquei um pouco mais calma, Maxon pediu minha atenção.

— Dez minutos. Espero do lado de fora. Marlee, você pode voltar por onde veio.

Ela deu sua palavra, e Maxon nos deixou a sós.

— Não entendo — eu disse. — Era para você estar no sul. Era para você ser uma Oito. Onde está Carter?

Ela achou graça na minha confusão.

— Ficamos aqui o tempo todo. Estou começando a trabalhar nas cozinhas. Carter ainda está em recuperação, mas acho que logo trabalhará nos estábulos.

— Em recuperação? — havia tantas perguntas a fazer que não sei por que fiz justamente essa.

— Sim, ele pode andar, sentar e ficar em pé, mas ainda seria muito difícil trabalhar em algo muito pesado. Ajudará na cozinha até estar completamente recuperado. Ele vai ficar bom. E olhe para mim — ela disse, exibindo as mãos. — Cuidaram de nós. Não estão lindas, mas pelo menos não doem mais.

Toquei com cuidado as linhas inchadas de sua palma, certa de que era impossível não estarem doloridas ainda. Pus minhas mãos sobre as dela. Era estranho, mas ao mesmo tempo completamente natural: Marlee estava comigo; eu podia segurar suas mãos.

— Então Maxon manteve vocês dois no palácio esse tempo todo?

Ela confirmou.

— Depois dos açoites, ele ficou com medo que nos machucassem se fôssemos largados por aí. Por isso, nos manteve aqui. Um irmão e uma irmã com família no Panamá foram em nosso lugar. Temos novos nomes agora, e Carter está deixando a barba crescer. Daqui a pouco, vamos passar despercebidos. Nesse primeiro momento, poucas pessoas

sabem que estamos no palácio: alguns dos cozinheiros com quem trabalho, uma das enfermeiras e Maxon. Acho que nem os guardas sabem, pois se reportam diretamente ao rei, que não ficaria muito feliz com a notícia.

Ela balançou a cabeça antes de continuar.

— Nosso apartamento é pequeno, praticamente só tem espaço para nossa cama e algumas estantes. Mas pelo menos é limpo. Queria costurar uma colcha nova, mas não...

— Calma lá. Nossa cama? Quer dizer, vocês dividem a mesma cama?

Marlee sorriu.

— Casamos há dois dias. Contei a Maxon na manhã do dia do castigo que amava Carter, que queria casar com ele e pedi desculpas por magoá-lo. Ele nem ligou, claro. Dois dias atrás, ele me chamou e disse que um grande evento estava para acontecer e que, se queríamos nos casar, era a hora.

Fiz as contas. Dois dias atrás foi quando a Federação Alemã chegou. Todos os funcionários do palácio estavam servindo os convidados ou preparando a recepção para as damas italianas.

— Foi Maxon que me entregou para o meu noivo. Não sei se voltarei a ver meus pais algum dia. Quanto mais longe ficarem de mim, melhor.

Dava para notar que doía dizer isso, mas eu compreendia o porquê. Se tivesse acontecido comigo — tornar-me uma Oito de repente —, o maior favor que poderia fazer à minha família seria desaparecer. Levaria tempo, mas as pessoas esqueceriam. Meus pais acabariam por superar.

Para espantar os pensamentos tristes, Marlee chacoalhou a mão esquerda para que eu visse a pequena fita amarrada em seu dedo. Era apenas um barbante amarrado com um nó simples, mas só significava uma coisa: a entrega ao casamento.

— Acho que logo vou pedir a ele uma nova. Esta já está puída. Imagino que se ele for trabalhar nos estábulos, terei que fazer um anel novo por dia para ele. Não que isso me incomode — ela comentou, brincalhona, enquanto dava de ombros.

Minha mente pulou para outra questão, que talvez pudesse soar grosseira. Acontece que eu nunca seria capaz de ter esse tipo de conversa com minha mãe ou Kenna e precisava aproveitar a chance.

— Então, vocês fizeram... você sabe?

Ela demorou um pouco para entender, mas logo começou a rir.

— Ah! Sim, fizemos.

Nós rimos.

— E como é?

— Sinceramente? Um pouco incômodo no começo. A segunda vez foi melhor.

— Ah! — Eu não sabia mais o que dizer.

— Sim.

Houve uma pausa.

— Tenho estado muito sozinha sem você. Sinto saudade — confessei enquanto brincava com o barbante em seu dedo.

— Também sinto saudade. Talvez quando você se tornar princesa eu possa aparecer aqui o tempo todo.

Torci o nariz.

— Não sei se isso vai acontecer.

— O que você quer dizer? — ela perguntou, com o rosto sério. — Você ainda é a favorita dele, certo?

Encolhi os ombros.

— O que aconteceu? — sua voz estava carregada de preocupação. Não quis revelar que tudo começara com a expulsão dela. Ela não tinha culpa.

— Coisas.

— America, o que está acontecendo?

Respirei fundo e comecei a falar:

— Depois de você ser castigada, fiquei brava com Maxon. Levei um tempo para me dar conta de que ele não faria uma coisa daquelas se pudesse evitar.

Marlee fez que sim com a cabeça.

— Ele tentou tanto, America. E quando não deu, fez tudo o que pôde para melhorar nossa situação. Então, não fique com raiva dele.

— Não estou mais, mas também não sei se quero ser princesa. Não sei se poderia fazer o que ele fez. E também tem a pesquisa da revista que Celeste me mostrou. As pessoas não gostam de mim, Marlee. Estou em último lugar. Não tenho certeza se preencho os requisitos — continuei. — Nunca fui uma boa opção, e parece que estou despencando. E agora... agora... parece que Maxon quer Kriss.

— Kriss? Quando isso aconteceu?

— Não sei nem quero saber. Parte de mim acha bom. Ela seria uma princesa melhor; e se ele gosta mesmo dela, quero que seja feliz. Ele tem que eliminar alguém muito em breve. Quando ele me chamou hoje, pensei que eu voltaria para casa.

— Você é tão ridícula — zombou Marlee. — Se Maxon não sentisse alguma coisa por você, já a teria mandado embora. O motivo de você estar aqui ainda é que ele se recusa a perder a esperança.

Algo entre uma tosse e uma gargalhada saiu de minha boca.

— Gostaria de poder conversar mais, mas preciso ir — ela disse. — Aproveitamos a troca da guarda para fazer isso.

— Não me importa se foi pouco tempo. Já fico feliz de saber que você está bem.

Ela me abraçou.

— Não desista de tudo, certo?

— Não. Talvez você possa me enviar uma carta ou algo assim um dia desses?

— Talvez. Veremos.

Marlee me soltou e permanecemos uma diante da outra.

— Se tivessem me perguntado, teria votado em você. Sempre achei que tinha que ser você — ela disse.

— Vá. Dê lembranças minhas ao seu marido — falei, já corada.

Ela sorriu.

— Darei.

Em silêncio, ela entrou pelo guarda-roupa e acionou a fechadura. Por algum motivo, achei que os açoites iriam destruí-la. Mas não: ela estava mais forte agora. Até seu porte

era diferente. Marlee virou-se para me dar um beijo e desapareceu.

Saí depressa do quarto e deparei com Maxon à minha espera no corredor. Ao ouvir o ruído da porta, ele levantou a vista de seu livro, com um sorriso nos lábios, e eu me sentei a seu lado.

— Por que você não contou antes?

— Tinha que ter certeza de que estavam seguros. Meu pai não sabe que fiz isso. Precisei manter segredo até ter garantias de que isso não os poria em perigo. Quero fazer com que vocês se vejam mais vezes, mas isso vai levar tempo.

Senti meus ombros mais leves, como se todos os tijolos de preocupação que carregara por tanto tempo caíssem de uma vez. A felicidade de ver Marlee, a certeza de que Maxon era generoso como eu pensara, a sensação de alívio por esse encontro não ter sido para a minha expulsão: tudo foi maravilhoso.

— Obrigada — sussurrei ao seu ouvido.

— Não foi nada.

Eu não soube mais o que dizer. Depois de um tempo, Maxon limpou a garganta.

— Sei que você se recusa a fazer as partes difíceis do cargo, mas há muitas outras oportunidades. Acho que você poderia fazer coisas boas. Vejo que agora você enxerga o

príncipe em mim, mas isso aconteceria cedo ou tarde se você fosse minha de verdade.

Olhei-o nos olhos.

— Eu sei.

— Não consigo mais ler dentro de você. No começo, eu costumava ser capaz de ver as coisas, quando você não queria saber de mim. E quando as coisas mudaram entre nós, você passou a me olhar de um jeito diferente. Agora, há momentos em que penso que você está lá, e outros em que você parece ter ido embora.

Concordei com a cabeça.

— Não estou pedindo para você dizer que me ama — continuou ele. — Não estou pedindo para você decidir de uma hora para outra que quer ser princesa. Apenas preciso saber se quer permanecer aqui, afinal.

Eis a questão. Eu ainda não tinha certeza de ser capaz de assumir aquele posto, mas tampouco tinha certeza de que queria abandoná-lo. E ver a generosidade de Maxon balançou meu coração. Havia tanto para pensar, mas eu não queria desistir. Não naquele momento.

Escorreguei minha mão por baixo da de Maxon, sobre seu joelho. O príncipe apertou minha mão, como que reconhecendo meu gesto.

— Se for da sua vontade, quero permanecer.

Maxon suspirou aliviado.

— Gostaria muito.

Retornei ao Salão das Mulheres depois de uma breve passada no banheiro. Ninguém disse nada até que me sentei. Foi Kriss que teve coragem de perguntar:

— O que era?

Encarei não apenas ela, mas todos os olhos atentos.

— Prefiro não comentar.

Como meu rosto ainda estava inchado, uma resposta como essa devia bastar para dar a entender que o encontro não tinha sido nada bom. Mas se era necessário dizer isso para proteger Marlee, tudo bem para mim.

E então vi Celeste apertar os lábios para esconder o sorriso; Natalie erguer as sobrancelhas enquanto fingia ler uma revista; a troca de olhares esperançosos entre Kriss e Elise.

A competição era mais acirrada do que tinha imaginado.



Capítulo 21



FOMOS POUPADAS DA HUMILHAÇÃO de tratar do resultado das nossas recepções no *Jornal Oficial*. As visitas estrangeiras foram mencionadas por cima, mas os eventos não foram informados ao público. Foi apenas na manhã seguinte que Silvia e a rainha vieram falar conosco sobre nosso desempenho.

— Confiamos a vocês uma tarefa muito assustadora, que com certeza poderia ter fracassado terrivelmente. Tenho o prazer de dizer, no entanto, que ambas as equipes foram muito bem — anunciou Silvia enquanto nos olhava como se nos julgasse.

Todas respiramos aliviadas, e eu estendi a mão para Kriss, que fez o mesmo. Embora estivesse confusa sobre sua relação com Maxon, eu sabia que não teria conseguido sozinha.

— Para ser honesta, um evento foi um pouco superior ao outro, mas todas vocês podem se orgulhar. Nossos velhos

amigos da Federação Alemã nos enviaram cartas de agradecimento à recepção graciosa — disse Silvia, olhando para Celeste, Natalie e Elise. — Aconteceram algumas falhas mínimas, e não saberia dizer se alguma de nós gosta de eventos tão sérios como aquele. Os convidados, porém, com certeza gostaram.

Em seguida, olhando para Kriss e para mim, continuou:

— Quanto a vocês duas, as damas da Itália divertiram-se imensamente. Ficaram muito impressionadas com o estilo, com a comida... e fizeram questão de perguntar pelo vinho que vocês serviram. Bravo! Não me surpreenderia se Illéa ganhasse um novo aliado maravilhoso por conta dessas boas-vindas. Vocês merecem muitos elogios.

Kriss estrilou de alegria ao passo que eu deixei escapar uma risada nervosa, feliz por aquilo finalmente ter acabado. E ainda mais por termos vencido.

Silvia passou a falar do relatório que escreveria ao rei e a Maxon, mas garantiu que nenhuma de nós teria nada que temer. Enquanto ela falava, uma criada se esgueirou pela porta e correu até a rainha para cochichar algo.

— Claro que podem — disse a rainha, para em seguida levantar-se de supetão e dar um passo à frente.

A criada retirou-se depressa e abriu a porta para o rei e Maxon. Eu sabia que homens não podiam entrar naquele

salão sem a permissão da rainha, mas era cômico ver essa regra em funcionamento.

Assim que eles entraram, todas nós levantamos e fizemos uma reverência, mas os dois não pareciam estar interessados em formalidades.

— Caras senhoritas, pedimos desculpas por invadir esse espaço, mas temos notícias urgentes — disse o rei.

— Receio que a guerra tenha recrudescido na Nova Ásia — Maxon falou, com voz firme. — A situação é tão calamitosa que meu pai e eu partiremos neste exato momento para tentar ajudar de alguma maneira.

— O que há de errado? — perguntou a rainha, com as mãos no peito.

— Nada com que se preocupar, meu amor — o rei respondeu com convicção. A afirmação não podia ser completamente sincera, já que ambos tinham que sair às pressas.

Maxon foi até sua mãe e os dois trocaram poucas palavras em voz baixa. Por fim, ela beijou a testa do filho, e ele lhe deu um abraço antes de se afastar. O rei, então, começou a recitar uma lista de instruções para a rainha, ao passo que Maxon veio se despedir de cada uma de nós.

Seu adeus a Natalie foi tão breve que era como se não tivesse ocorrido. Mas ela não pareceu se incomodar com isso. Eu não conseguia entender a situação. Será que ela

realmente não se importava com a falta de carinho de Maxon, ou estava tão incomodada que se obrigou a parecer calma?

Celeste se pendurou em Maxon e explodiu na pior demonstração de choro falso que eu já vi em minha vida. Lembrei-me de quando May era mais nova e pensava que suas lágrimas trariam, em um passe de mágica, o dinheiro necessário para comprarmos algo que quiséssemos. Quando Maxon conseguiu se afastar daqueles braços, Celeste estalou um beijo em seus lábios, que ele limpou — da maneira mais educada possível — assim que lhe deu as costas.

Eu estava tão perto de Elise e Kriss que pude ouvir as despedidas.

— Ligue para eles e diga para irem com mais calma — Maxon pediu a Elise. Quase tinha me esquecido de que a verdadeira razão de Elise ainda estar aqui eram seus laços familiares com os líderes da Nova Ásia. Me perguntei se a vaga dela ficaria em risco caso a guerra fosse ladeira abaixo.

E foi então que me dei conta de que não fazia ideia do que Illéa perderia se perdesse a guerra.

— Se você conseguir um telefone, falarei com meus pais — prometeu ela.

Maxon fez que sim com a cabeça e beijou-lhe as mãos para depois ir até Kriss.

Ela imediatamente entrelaçou seus dedos com os dele.

— Você correrá perigo? — ela perguntou baixo, e sua voz começava a tremer.

— Não sei. Em nossa última viagem à Nova Ásia, a situação não estava tão tensa. Não posso ter certeza dessa vez.

A voz de Maxon era tão carinhosa que fiquei com a impressão de que eles já tinham falado sobre isso em particular. Kriss levantou os olhos para o teto e suspirou; nesse curto segundo, Maxon olhou para mim. Virei o rosto.

— Por favor, tenha cuidado — ela sussurrou. Uma lágrima corria por sua bochecha.

— Claro, minha cara — Maxon fingiu saudá-la como um soldado, o que a fez rir um pouco. Ele então beijou sua bochecha e falou ao ouvido dela:

— Por favor, tente distrair minha mãe. Ela fica preocupada.

Ele se afastou para olhá-la nos olhos. Kriss inclinou a cabeça, assentindo, e soltou sua mão. No instante em que perderam o contato físico, um tremor tomou conta do corpo dela. As mãos de Maxon se retesaram por um segundo, como se ele fosse abraçá-la. Em vez disso, ele se retirou e veio em minha direção.

Como se já não me bastassem as palavras de Maxon na semana passada, ali estava uma prova da relação entre os dois. Ao que parecia, tinham algo muito doce e real. A cena

de Kriss com as mãos no rosto era prova de quanto ela se importava com ele. Ou isso, ou ela era uma atriz incrível.

Tentei comparar a expressão dele quando olhava para mim com o modo como ele olhava para Kriss. Seria o mesmo jeito? Haveria menos ternura quando se voltava para ela?

— Tente não arrumar confusão enquanto eu estiver fora — provocou Maxon.

Ele não brincou com Kriss. Isso significaria alguma coisa?

Levantei a mão direita e prometi:

— Juro que me comportarei da melhor forma possível.

— Excelente. Uma coisa a menos com que me preocupar — ele comentou, rindo.

— E nós? Devemos ficar preocupadas?

Maxon balançou a cabeça.

— Em princípio, somos capazes de suavizar seja lá o que estiver acontecendo. Meu pai pode ser bastante diplomático e...

— Mas você é tão burro às vezes — eu disse, para a surpresa de Maxon, que franziu a testa. — Eu perguntei de você. Devemos nos preocupar com você?

Seu rosto assumiu contornos sérios, o que não diminuiu em nada meus receios.

— Em princípio, vamos chegar e partir o mais rápido possível. Se conseguirmos aterrissar... — Maxon engoliu em seco, e pude notar como estava assustado.

Quis lhe fazer outra pergunta, mas não sabia o que dizer.

Ele limpou a garganta e começou:

— America, antes de partir...

Olhei nos olhos de Maxon e senti as lágrimas brotarem nos meus.

— ...quero que você saiba que tudo...

— Maxon! — berrou o rei. O príncipe ergueu a cabeça à espera das ordens do pai. — Temos que ir.

Maxon fez que sim com a cabeça.

— Adeus, America — disse em voz baixa. Depois, levou minha mão a seus lábios. Ao fazer isso, reparou no bracelete artesanal que eu usava. Ele o analisou com ar confuso e beijou minha mão carinhosamente.

Aquele beijo me levou de volta a uma lembrança que parecia já ter anos. Ele tinha beijado minha mão como na minha primeira noite no palácio, quando gritei com ele, quando ele me deixou ficar mesmo assim.

Os olhos das outras meninas estavam cravados no rei e em Maxon, que saíam. Já eu observava a rainha. Seu corpo

inteiro parecia fraco. Quantas vezes seu marido e seu único filho se arriscariam até que ela desabasse completamente?

Assim que a porta fechou e impediu que visse sua família do lado de fora, a rainha Amberly piscou algumas vezes, respirou fundo e recobrou forças para reassumir sua postura habitual.

— Desculpem-me, senhoritas, mas essas notícias repentinas requerem muito trabalho de minha parte. Penso que é melhor ir para o meu quarto para concentrar-me — ela fazia um esforço enorme para falar. — Que tal o almoço ser servido aqui, para que vocês comam quando quiserem? À noite, junto-me a vocês para o jantar.

Concordamos.

— Excelente — disse ela, para depois sair.

Sabia que a rainha era forte. Ela tinha crescido em um bairro pobre de uma província pobre. Trabalhara em uma fábrica até ser escolhida para a Seleção. E depois, já no trono, perdeu uma gravidez após a outra antes de finalmente dar à luz um filho. Ela voltaria para seu quarto como uma dama, como pedia sua posição. Mas choraria quando estivesse sozinha.

Assim que a rainha saiu, Celeste fez o mesmo. Decidi, então, que tampouco precisava ficar. Fui para o meu quarto, para ficar só e refletir.

Continuei a pensar em Kriss. Como ela e Maxon ficaram tão íntimos de repente? Pouco tempo atrás, ele tinha me feito promessas sobre nosso futuro. Ele não podia estar tão interessado nela se me dizia coisas tão íntimas. Deve ter acontecido depois.

O dia passou depressa. Depois do jantar, enquanto minhas criadas me preparavam para a cama, uma frase bastou para que eu parasse com minhas reflexões.

— Sabe quem eu encontrei esta manhã em seu quarto, senhorita? — perguntou Anne, que escovava meus cabelos.

— Quem?

— O soldado Leger.

Gelei, mas apenas por uma fração de segundo.

— Hein? — foi minha reação. Mantive uma expressão distante como se continuasse com meus pensamentos.

— Sim — disse Lucy. — Ele disse que estava revistando seu quarto. Algum assunto de segurança — relatou, um tanto confusa.

— Foi estranho — disse Anne, com a mesma expressão de Lucy. — Ele vestia roupas comuns, não o uniforme. Ele não deveria cuidar da segurança nos momentos de folga.

— Ele deve ser muito dedicado — comentei com um tom de voz despreocupado.

— Acho que sim — concordou Lucy, admirada. — Sempre que o encontro no palácio, ele está prestando atenção em tudo. É um soldado muito bom.

— Verdade — disse Mary. — Alguns dos homens que chegam aqui claramente não servem para o trabalho.

— E ele fica bem com roupas comuns. A maioria deles é horrível sem uniforme — comentou Lucy.

Mary riu e corou; até Anne abriu um sorriso. Fazia tempo que não as via tão à vontade. Em algum outro dia, talvez tivesse sido divertido fofocar sobre os guardas. Não naquele. Eu só conseguia pensar que havia uma carta de Aspen no meu quarto. Quis virar a cabeça para olhar o meu jarro, mas não arrisquei.

Tive a impressão de que elas demoraram uma eternidade até saírem do quarto e me deixarem sozinha. Me forcei a ser paciente e esperar alguns minutos para garantir que não voltariam. Por fim, voei até a cabeceira da cama e agarrei o jarro. Como esperado, lá estava a pequena tira de papel.

Maxon está fora. Isso muda tudo!



Capítulo 22



— OLÁ? — SUSSURREI, de acordo com as instruções que Aspen me dera no dia anterior. Adentrei cuidadosamente um corredor iluminado apenas pela luz moribunda do dia que vazava pelas cortinas finas. Era o suficiente para que eu pudesse ver o entusiasmo na cara de Aspen.

Fechei a porta, e ele imediatamente correu e me pegou no colo.

— Senti saudade.

— Eu também. Estava ocupada demais com aquela recepção. Mal tive tempo de respirar.

— Que bom que terminou. Foi difícil chegar aqui? — ele brincou.

— De verdade, Aspen, você é bom demais no seu trabalho — respondi, achando graça.

A ideia dele chegava a ser cômica de tão simples. A rainha era mais tranquila na administração do palácio. Ou talvez distraída. Em todo caso, ela deu opções para o jantar: no andar de baixo ou no próprio quarto. Minhas criadas prepararam-me para a refeição, mas em vez de ir para a sala de jantar, atravessei o corredor até o antigo quarto de Bariel. Era quase fácil demais.

Ele riu ao ouvir meu elogio e me recostou no fundo do quarto, sobre uns travesseiros que ele mesmo tinha empilhado.

— Confortável?

Fiz que sim com a cabeça. Esperava que ele também se sentasse, mas não: em vez disso, ele empurrou um grande sofá que bloqueava a visão da porta e então puxou uma mesa que cobria nossas cabeças quando estávamos sentados. Por fim, pegou um embrulho que deixara sobre a mesa — tinha cheiro de comida — e sentou-se ao meu lado.

— Quase igual a nossa casa, não?

Ele passou para trás de mim, de modo que fiquei sentada entre suas pernas. Aquela posição era tão familiar e o espaço, tão pequeno, que de fato lembravam a nossa casa da árvore. Era como se ele tivesse pegado um pedaço de algo que eu imaginava que estava perdido para sempre e simplesmente posto em minhas mãos.

— É ainda melhor — suspirei ao mesmo tempo em que me encostava nele. Logo seus dedos começaram a correr por meus cabelos, me provocando calafrios.

Permanecemos ali, calados por uns instantes. Fechei os olhos e me concentrei no som da respiração de Aspen. Pouco tempo antes, fizera o mesmo com Maxon. Mas era diferente. Se necessário, podia distinguir a respiração de Aspen em meio a uma multidão. Conhecia-o tão bem. E, óbvio, ele me

conhecia. Esse tantinho de paz era algo que eu ansiava havia muito, e Aspen o tornou realidade.

— No que você está pensando, Meri?

— Em um monte de coisas — suspirei. — Casa, você, Maxon, a Seleção, tudo.

— E o que você pensa sobre tudo isso?

— Na maior parte do tempo, penso como tudo isso me deixa confusa. Como, por exemplo, quando eu acho que comecei a entender o que acontece comigo, algo muda, e meus sentimentos também.

Aspen calou-se por uns instantes, e sua voz soou dolorida quando perguntou:

— Seus sentimentos em relação a mim mudam bastante?

— Não! — disse, puxando-o para mais perto de mim. — Na verdade, você é a única constante. Sei que se tudo virar de ponta-cabeça, você permanecerá no mesmo lugar. Tudo é tão louco que meu amor por você vai para segundo plano, mas sei que sempre estará lá. Faz sentido?

— Faz. Sei que deixo toda essa história ainda mais complicada do que já é. Fico feliz de saber que ainda não estou fora da disputa.

Aspen me envolveu com seu braço, como se pudesse me prender ali para sempre.

— Não me esqueci de nós — falei.

— Às vezes, acho que Maxon e eu somos a sua Seleção particular. Somos apenas ele e eu: um de nós vai ficar com você no final. Não sei quem está na pior situação. Maxon não sabe que participa da competição, então talvez não se esforce o suficiente. Já eu preciso me esconder, de modo que não posso lhe oferecer as mesmas coisas que ele. Não é um combate justo para nenhum dos dois.

— Você não deveria pensar assim.

— Não consigo ver de outra forma, Meri.

— Não vamos falar mais nisso — bufei.

— Tudo bem. Não gosto mesmo de falar dele. E o que mais deixa você tão confusa?

— Você gosta de ser soldado? — perguntei, olhando para ele.

Ele fez um sim entusiasmado com a cabeça enquanto se inclinava para pegar nossa comida.

— Amo, Meri. Pensava que ia odiar cada minuto, mas é fantástico.

Ele parou para enfiar um pedaço de pão na boca e retomou:

— Há vantagens que são básicas: não passo mais fome. Como nos querem fortes, sempre há fartura. E também as

injeções — disse, para depois corrigir. — Mas não são tão ruins. E ainda recebo meu soldo. Embora tenha tudo de que necessito, ganho dinheiro.

Ele parou um instante, brincando com uma fatia de laranja.

— Sei que você sabe como é bom poder mandar dinheiro para casa.

Dava para notar que ele pensava na mãe e nos seis irmãos. Ele era a figura paterna de sua casa. Me perguntei se isso o deixava ainda mais ansioso para voltar do que eu.

Ele limpou a garganta e continuou:

— Mas há também outras coisas de que eu não esperava gostar, mas gosto. A disciplina e a rotina me agradam. Gosto de saber que faço uma coisa necessária. Sinto-me tão... contente. Passei anos inquieto, contando estoques ou limpando casas. Agora, tenho a sensação de fazer aquilo para que nasci.

— Então, a resposta é um grande sim? Você ama ser soldado?

— Completamente.

— Mas você não gosta de Maxon. E sei que você não gosta de como as coisas são administradas em Illéa. Costumávamos conversar disso em casa, e depois veio toda

aquela coisa de pessoas do sul perderem suas castas. Sei que você também não gosta disso.

— Acho que é cruel — ele concordou.

— Então, como você fica feliz em proteger tudo isso? Você luta contra os rebeldes para proteger o rei e Maxon. São eles que fazem tudo isso acontecer, e você odeia tudo o que fazem. Como pode amar seu emprego?

Aspen mastigava e pensava ao mesmo tempo.

— Não sei. Acho que não faz sentido, mas... tudo bem. Como eu disse, tenho a sensação de ter um objetivo. O desafio, o compromisso, a capacidade de fazer algo maior com minha vida. Talvez Illéa não seja perfeita. Longe disso, na verdade. Mas... eu tenho esperança — explicou ele.

Permanecemos em silêncio por uns instantes enquanto digeríamos aquelas ideias. Aspen continuou:

— Tenho essa sensação de que as coisas são melhores hoje do que antes, embora eu não conheça muito a nossa história para provar. E sinto que as coisas ficarão ainda melhores no futuro. Penso que há possibilidades. Além do mais, pode parecer bobagem, mas este é o meu país. Sei que não está falido, mas isso não quer dizer que esses anarquistas podem chegar e tomá-lo. Ainda é meu. Parece loucura?

Eu mordiscava meu pão enquanto refletia sobre suas palavras. Elas me levaram de volta à nossa casa da árvore, às

vezes em que eu lhe perguntava sobre as coisas. Mesmo quando eu discordava, suas respostas me ajudavam a compreender melhor. Só que não discordávamos naquele assunto. De fato, a explicação de Aspen me ajudou a ver o que talvez estivesse escondido no meu coração o tempo todo.

— Não parece loucura de forma alguma. É perfeitamente razoável.

— Ajuda a clarear seus pensamentos?

— Sim — respondi.

— Você vai explicar em que coisas tem pensado?

Abri um sorriso.

— Ainda não.

Aspen, porém, era esperto, e talvez já tivesse adivinhado. Seu olhar nostálgico indicava que provavelmente sim.

Ele desviou o olhar por um momento. Correu a mão pelo meu braço e começou a brincar com o bracelete de botões em meu pulso.

— Somos confusos, não acha?

— Muito.

— Às vezes, sinto que somos um nó complicado demais de desfazer.

— É verdade — concordei. — Muito de mim está atado em você. Me sinto meio perdida sem você.

Aspen me puxou e começou a acariciar meu rosto, desde as têmporas até as bochechas.

— Só precisamos continuar atados, então.

Ele me beijou de forma suave, como se um movimento mais forte pudesse fazer aquele momento despedaçar-se, e então perderíamos tudo. Talvez ele estivesse certo. Devagar, ele me deitou sobre o colchão de travesseiros, deslizando as mãos por minhas curvas enquanto o beijo continuava. Tudo tão familiar, tão seguro.

Corri os dedos pelo cabelo aparado de Aspen. Lembrei-me de como ele costumava cair para frente e fazer cócegas em meu rosto quando nos beijávamos. Senti seus braços ao meu redor, tão mais cheios do que costumavam ser, tão mais robustos. Mesmo seu jeito de me abraçar tinha mudado. Havia nele uma confiança recém-descoberta, algo que apareceu nele quando se tornou um Dois, um soldado.

A hora de partir chegou cedo demais, e Aspen me acompanhou até a porta. Me deu um último beijo, que me deixou mais leve.

— Tentarei deixar outro bilhete para você em breve — ele prometeu.

— Vou esperar.

Me lancei contra ele e o abracei por um longo instante. Depois, para nossa segurança, saí.

Minhas criadas me prepararam para dormir; eu continuava sem saber de nada. Antes, a Seleção parecia se resumir a uma escolha: Maxon ou Aspen. E como se meu coração conseguisse escolher facilmente, ela acabou se desdobrando em tantas outras coisas... Eu era uma Cinco ou uma Três? Ao final de tudo isso, seria uma Dois ou uma Um? Viveria o resto dos meus dias como esposa de um soldado ou de um rei? Passaria para o segundo plano, onde sempre me sentira confortável, ou forçaria meu caminho até os holofotes, que sempre temera? Eu seria feliz nas duas situações? Conseguiria não odiar a pessoa que Maxon escolhesse se eu ficasse com Aspen? Conseguiria não odiar a pessoa que Aspen escolhesse caso eu ficasse com Maxon?

Ao me deitar na cama e apagar as luzes, lembrei a mim mesma de que estar no palácio tinha sido uma decisão minha. Aspen pode ter pedido e minha mãe, pressionado, mas ninguém me obrigou a preencher o formulário da Seleção.

Não importava o que viesse, eu enfrentaria. Tinha que enfrentar.



Capítulo 23



FIZ UMA REVERÊNCIA À RAINHA, que entrou pela sala de jantar, mas ela não percebeu. Olhei para Elise, a única que já estava lá, e ela deu de ombros. Sentei-me no momento em que Natalie e Celeste entraram para serem igualmente ignoradas. Por fim, Kriss chegou e tomou o assento ao meu lado, mas com os olhos fixos na rainha Amberly. A rainha parecia estar em seu mundo particular; olhava para o chão e, de vez em quando, para os assentos de Maxon e do rei, como se algo estivesse errado.

Os mordomos começaram a servir a comida, e começamos a comer. Kriss, porém, continuava atenta à mesa principal.

— Você sabe o que aconteceu? — eu cochichei.

Kriss soltou um suspiro e voltou-se para mim.

— Elise telefonou para sua família a fim de ter alguma pista do que estava acontecendo e marcar um encontro de seus parentes com Maxon e o rei assim que chegassem na Nova Ásia. Só que a família de Elise disse que os dois não chegaram.

— Não chegaram?

Kriss fez que sim com a cabeça.

— A parte estranha é que o rei ligou ao aterrissar. Tanto ele como Maxon conversaram com a rainha Amberly. Estavam bem e disseram estar na Nova Ásia. Ainda assim, a família de Elise continua a dizer que os dois não apareceram.

Franzi a testa tentando compreender aquilo.

— O que isso tudo quer dizer?

— Não sei — ela admitiu. — Eles disseram que estavam lá. Como podem não estar? Não faz sentido.

— Hmm — foi minha reação. Não sabia o que acrescentar. Será que a família de Elise poderia não saber que os dois estavam lá? E se, na verdade, eles não estivessem na Nova Ásia? Onde estariam?

Kriss inclinou-se para o meu lado.

— Há algo mais que eu gostaria de falar com você — ela cochichou. — Podemos sair para uma caminhada nos jardins depois do café?

— Claro — respondi, ansiosa por ouvir o que ela sabia.

Nós duas comemos rapidamente. Não sabia direito o que Kriss havia descoberto, mas se ela queria falar na parte externa, era claramente sigiloso. A rainha estava tão distraída que mal notou nossa saída.

A sensação de caminhar pelo jardim ensolarado era maravilhosa.

— Faz tempo que não venho aqui fora — comentei, com os olhos fechados e o rosto inclinado para o sol.

— Você geralmente vem aqui com Maxon, certo?

— Ahã — respondi, e imediatamente depois comecei a me perguntar como ela sabia disso. Todos sabiam disso?

Limpei a garganta e dei o primeiro passo.

— E então, do que quer falar?

Ela parou sob a sombra de uma árvore e me encarou.

— Acho que você e eu devemos falar sobre Maxon.

— O que tem ele?

Kriss se inquietou.

— Bem, eu estava preparada para a derrota. Acho que todas nós estávamos, com exceção de Celeste. Era óbvio, America. Ele queria você. E então aconteceu tudo aquilo com Marlee, e as coisas mudaram.

Eu não sabia o que dizer.

— Então você veio dizer que sente muito por estar na frente e tal?

— Não! — exclamou ela. — Eu vejo que ele ainda gosta de você. Não sou cega. Só quero dizer que talvez estejamos empatadas neste momento. E eu gosto de você. Acho você

uma pessoa ótima, e não quero que as coisas fiquem feias entre nós, não importa o resultado.

— E...?

Kriss começou a esfregar as mãos, tentando pensar nas palavras certas.

— E estou aqui me dispondo a ser completamente honesta sobre minha relação com Maxon, na esperança de que você faça o mesmo.

Cruzei os braços e disparei a pergunta que não aguentava mais segurar:

— Como vocês dois ficaram tão próximos?

Os olhos dela ficaram meio nebulosos enquanto ela brincava com uma ponta do cabelo castanho-claro.

— Acho que logo depois do caso da Marlee. Talvez pareça idiota, mas fiz um cartão para ele. É o que sempre fazia na minha cidade quando meus amigos ficavam tristes. Em todo caso, ele adorou. Me disse que ninguém tinha lhe dado um presente antes.

O quê? Uau. Depois de tudo o que ele fizera por mim, eu realmente nunca tinha retribuído?

— Ficou tão feliz que me chamou para sentar um pouco com ele em seu quarto e...

— Você viu o quarto dele? — perguntei, em estado de choque.

— Sim. Você não?

Meu silêncio foi a resposta.

— Ah — ela disse, um pouco constrangida. — Bem, você não perdeu nada. É escuro, com uma estante de armas e um monte de fotos espalhadas na parede. Nada especial — assegurou. — Em todo caso, depois disso, ele começou a me visitar em quase todos os seus momentos livres.

Kriss fez uma pausa e balançou a cabeça.

— Aconteceu meio rápido — ela concluiu.

Soltei um suspiro.

— Ele realmente comentou comigo — confessei. — E também comentou que precisava de nós duas aqui.

— Então... — ela mordeu os lábios. — Você tem certeza de que ele ainda gosta de você?

Será que ela já não tinha suspeitado? Precisava ouvir da minha boca?

— Kriss, você quer mesmo ouvir tudo isso?

— Sim! Quero saber a minha posição. E vou contar qualquer coisa que você queira saber. Não estamos no comando, mas não precisamos ficar totalmente perdidas.

Tentei entender tudo aquilo. Não sabia se era corajosa o bastante para perguntar sobre Kriss a Maxon. Mal podia conversar honestamente com ele sobre mim. Mas ainda tinha a sensação de não saber toda a verdade sobre a minha posição. Talvez essa fosse a minha única esperança de saber.

— Tenho certeza de que ele quer que eu fique por um tempo. Mas acho que ele quer você aqui também — falei.

— Imaginei.

— Ele beijou você? — disparei.

Ela sorriu encabulada.

— Não, mas acho que teria beijado se eu não tivesse impedido. Na minha família, temos uma espécie de tradição: não beijamos até o dia do noivado. Às vezes, damos uma festa quando o casal anuncia a data de casamento, e todos veem o primeiro beijo dos dois. Quero isso para mim.

— Mas ele tentou?

— Não. Expliquei a situação antes de chegarmos a esse ponto. Ele sempre beija as minhas mãos, e as minhas bochechas, às vezes. Acho bonito — ela contou, encantada.

Concordei com a cabeça, olhando para a grama.

— Espere! — disse ela, hesitante. — Ele beijou você?

Parte de mim queria se gabar de ter sido a primeira pessoa a beijá-lo, queria contar que o tempo parava quando nos beijávamos.

— Mais ou menos. É difícil explicar.

Ela fez uma careta.

— Não, não é. Beijou ou não?

— É complicado.

— America, se você não vai ser sincera comigo, isto é uma perda de tempo. Vim aqui para me abrir com você. Pensei que seria bom para nós duas sermos amigas.

Fiquei parada, balançando as mãos, pensando em um modo de me explicar. Não é que eu não gostasse de Kriss. Se voltasse para casa, torceria por ela.

— Eu quero ser sua amiga, Kriss. Pensei até que já fôssemos.

— Eu também — ela disse, com delicadeza.

— Só que é difícil para mim falar sobre a minha intimidade. Aprecio sua honestidade, mas não tenho certeza de que quero saber tudo. Embora eu tenha perguntado — acrescentei depressa, vendo que ela ia falar alguma coisa —, já sabia que ele sentia algo por você. Eu vi. Acho que preciso que as coisas sejam vagas por enquanto.

Ela sorriu.

— Respeito isso. Você me faria um favor, mesmo assim?

— Claro, se eu puder.

Ela mordeu os lábios e desviou o olhar por um tempo. Quando se voltou para mim, era possível ver as lágrimas em seus olhos.

— Se um dia você tiver certeza de que ele não me quer, você poderia me contar? Não sei como você se sente, mas eu amo ele. E gostaria de ser avisada. Apenas se você tiver certeza, em todo caso.

Ela o amava. Disse em alto e bom som. Kriss amava Maxon.

— Se ele já tivesse me dito, você saberia — falei.

Ela inclinou a cabeça.

— E será que podemos prometer outra coisa? Não atrapalhar a outra de propósito? Não quero ganhar assim, e acho que você também não quer.

— Não sou nenhuma Celeste — eu disse, com uma cara de nojo. Ela riu. — Prometo ser justa.

— Muito bem.

Ela enxugou os olhos e endireitou o vestido. Eu via como ela ficaria à vontade, elegante, com a coroa na cabeça.

— Preciso ir — menti. — Obrigada pela conversa.

— Obrigada por vir. Desculpe-me se fui invasiva demais.

— Está tudo bem — eu disse, me afastando. — Vejo você mais tarde.

— O.k.

Dei meia-volta o mais rápido que pude sem parecer grossa e tomei o caminho para o palácio. Assim que entrei, apertei o passo e trotei até as escadas, morta de vontade de me esconder.

Cheguei ao segundo andar e fui para o meu quarto. Vi um pedaço de papel no chão, coisa rara em um palácio geralmente imaculado. Estava bem na esquina do corredor que dava para a porta do meu quarto. Logo, devia ser para mim. Para ter certeza, abri o bilhete e li.

Outro ataque rebelde ocorreu esta manhã, desta vez em Paloma. O número de mortos já atingiu a casa dos trezentos, com pelo menos outras cem pessoas feridas. Mais uma vez, a principal exigência dos rebeldes era o fim da Seleção, e o fim da linhagem real. Por favor, precisamos de um conselho sobre como responder.

Fiquei gelada. Examinei os dois lados do papel à procura de uma data. Outro ataque esta manhã? Mesmo que o bilhete fosse de uns dias antes, dava para saber que era o segundo. E a exigência era, *mais uma vez,* o fim da Seleção. Seria esse o objetivo dos ataques recentes? Os rebeldes queriam livrar-

se de nós? Se sim, tanto nortistas como sulistas queriam isso?

Não sabia o que fazer. Não era para eu ter visto aquilo, de modo que não poderia comentar com ninguém. Mas por acaso as pessoas que deveriam saber já tinham sido informadas? Decidi devolver o papel para o chão. Com sorte, um guarda passaria por ali e o levaria para o lugar certo.

Por ora, resolvi apenas ser otimista e pensar que alguém já estava fazendo alguma coisa.



Capítulo 24



NOS DOIS DIAS SEGUINTES, fiz todas as refeições em meu quarto, com o intuito de evitar Kriss até o jantar de quarta-feira. Pensei que não nos sentiríamos constrangidas depois de alguns dias. Mas eu estava errada. Nos cumprimentamos com um sorriso discreto, mas não consegui falar. Quase desejei sentar na outra mesa, entre Celeste e Elise. Quase.

Um pouco antes de servirem a sobremesa, Silvia entrou correndo o mais rápido que seus saltos lhe permitiram. Fez uma reverência particularmente breve antes de aproximar-se da rainha e falar-lhe ao pé do ouvido. A rainha resfolegou e correu com Silvia para fora da sala de jantar, deixando-nos sozinhas. Fomos ensinadas a nunca levantar a voz, mas não conseguimos aguentar aquela situação.

— Alguém sabe o que está acontecendo? — perguntou Celeste, com um ar de preocupação anormal para ela.

— Você não acha que eles estão feridos, acha? — foi a pergunta de Elise.

— Oh, não — Kriss balbuciou antes de encostar a cabeça na mesa.

— Está tudo bem, Kriss. Pegue um pedaço de torta — ofereceu Natalie.

Eu não tinha palavras. Não queria pensar no que aquilo tudo podia significar.

— E se eles foram capturados? — gemeu Kriss.

— Acho que os neoasiáticos não fariam isso — afirmou Elise, embora sua preocupação fosse evidente. Eu não sabia ao certo se ela estava preocupada com a segurança de Maxon ou com a possibilidade de as agressões por parte de gente com quem ela tinha contato arruinarem as suas chances no palácio.

— E se o avião deles caiu? — Celeste pensou alto.

Ela levantou os olhos e eu fiquei surpresa de ver uma preocupação autêntica em seu rosto. Foi o bastante para todas ficarmos em silêncio.

E se Maxon tivesse morrido?

A rainha Amberly voltou com Silvia logo atrás. Olhamos para ela, ansiosas. Para o nosso grande alívio, ela estava radiante.

— Boas notícias, senhoritas. O rei e o príncipe voltam para casa esta noite! — anunciou.

Natalie bateu palmas, ao passo que Kriss e eu relaxamos em nossas cadeiras. Não tinha me dado conta de como meu corpo tinha estado tenso durante esses minutos.

Silvia tomou a palavra:

— Como os dois tiveram dias muito intensos, decidimos abrir mão de grandes comemorações. Dependendo do horário em que deixarem a Nova Ásia, talvez nem os vejamos antes da hora de dormir.

— Obrigada, Silvia — a rainha disse, com paciência.

Mas quem se importaria com festas naquele momento? A rainha continuou:

— Desculpem-me, senhoritas, mas tenho trabalho a fazer. Por favor, aproveitem as sobremesas e tenham uma noite maravilhosa — disse, para em seguida virar-se e passar pela porta tão depressa que seus pés mal tocavam o chão.

Kriss saiu da sala logo em seguida. Talvez estivesse preparando um cartão de boas-vindas.

Depois disso, terminei minha refeição rapidamente e subi as escadas. No caminho, vi um vulto de cabelos loiros sob um chapéu branco e com a camisa preta do uniforme das criadas correr para o outro lado das escadas. Era Lucy, e ela parecia chorar. Estava tão determinada em passar despercebida que decidi não chamá-la. Ao dobrar a esquina do corredor, vi a porta do meu quarto escancarada. Sem a porta para abafar

as vozes, a discussão de Anne e Mary espalhava-se pelo corredor, de onde ouvi tudo.

— ...por que você pega tão pesado com ela? — reclamou Mary.

— E o que você queria que eu dissesse? Que ela poderia ter tudo o que quisesse? — retrucou Anne.

— Sim! O que em outras palavras seria você dizer que bota fé nela.

O que estava acontecendo? Seria esse o motivo de elas parecerem tão distantes entre si ultimamente?

— Ela sonha alto demais! — Anne acusou. — Seria maldade alimentar falsas esperanças.

— Ah, e você só disse coisas boas a ela, não é? Acontece que você é uma amargurada! — retrucou Mary, com a voz carregada de sarcasmo.

— O quê? — Anne disse.

— Amargurada. Não aguenta vê-la mais perto do que você de algo que você também quer — gritou Mary. — Você sempre menosprezou Lucy por ela não ter tantos anos de palácio como você. E sempre teve inveja de mim, que nasci aqui. Por que você não se contenta com o que é em vez de pisar nela para se sentir melhor?

— Não era essa minha intenção! — exclamou Anne, com a voz embargada.

Os soluços curtos bastaram para calar Mary. Também eu pararia diante deles. Ver Anne chorar parecia algo impossível.

— É tão ruim eu querer mais que isso? — perguntou ela, com a voz mais grave por causa do choro. — Sei que tenho um cargo de honra; fico feliz com meu trabalho. Mas não quero isso para o resto da minha vida. Quero mais. Quero um marido. Quero... — e sua fala foi vencida pela tristeza.

Meu coração se partiu em milhares de pedaços. O único caminho para sair desse emprego era o casamento. E não era provável que um grupo de Três e Quatros fosse desfilar pelos corredores do palácio em busca de uma criada para tomar como esposa. Anne estava realmente presa.

Respirei, me endireitei e entrei no quarto.

— Senhorita America — disse Mary, fazendo uma reverência, que Anne imitou. Pelo canto do olho, notei que enxugava os olhos energicamente.

Sabendo do orgulho dela, não achei que comentar a cena fosse uma boa ideia, então passei pelas duas e me pus diante do espelho.

— Como você está? — continuou Mary.

— Muito cansada. Acho que vou direto para a cama — disse, concentrada nos grampos de meu cabelo. — Querem saber? Por que vocês duas não vão descansar? Posso cuidar de mim mesma.

— A senhorita tem certeza? — perguntou Anne, fazendo um esforço monstruoso para manter a voz firme.

— Total. Vejo vocês amanhã.

Elas não precisaram de mais incentivo que esse, ainda bem. Naquele momento, eu não queria que cuidassem de mim provavelmente tanto quanto elas. Assim que tirei o vestido, me deitei na cama e passei longos momentos pensando em Maxon.

Eu nem sabia direito o que pensava sobre ele. Era tudo um pouco vago e flutuante, mas recordava uma ou outra vez a minha felicidade extrema ao saber que ele chegara bem de viagem. E um pedaço de mim perguntava se ele tinha pensado em mim enquanto estava fora.

Rolei por horas na cama sem encontrar posição. Por volta de uma da manhã, decidi que, como não conseguiria dormir, podia muito bem ler. Acendi o abajur e peguei o diário de Gregory. Pulei algumas anotações para escolher uma entrada de fevereiro.

Às vezes, quase acho graça de como tudo foi tão simples. Se algum dia houver um livro didático sobre como derrubar países, eu seria a estrela. Ou, provavelmente, o próprio autor. Não saberia como explicar o primeiro passo, já que não é possível forçar uma invasão estrangeira ou colocar idiotas no poder do que está aí. Todavia, com certeza eu animaria os candidatos a líder a obter quantidades quase escandalosas de dinheiro, por todos os meios possíveis.

O fascínio pelo dinheiro não seria suficiente, porém. É preciso ter dinheiro e estar em condições de escravizar os demais por meio dele. Minha falta de experiência na política não foi empecilho para fazer alianças. De fato, posso dizer que evitar esse setor completamente foi um dos meus pontos mais fortes. Ninguém confia em políticos. Por que confiariam? Há anos Wallis faz promessas vazias na esperança de cumpri-las um dia. E nem no inferno há chances de elas tornarem-se realidade. Eu, por outro lado, ofereço uma ideia maior. Nada de garantias; apenas o pálido brilho de um otimismo de que a mudança virá. Não importa sequer que mudança, a essa altura. Estão tão desesperados que não se importam. Nem pensam em perguntar.

Talvez a chave seja manter-se calmo enquanto os outros entram em pânico. Wallis é tão odiado agora. Abriu mão de tudo para mim; só falta entregar-me a presidência. E não há uma alma que reclame. Não digo nada, não faço nada, e exibo um sorriso agradável enquanto todos os outros se afundam em histerias. Basta ver uma vez o covarde ao meu lado para não haver dúvidas de que fico melhor nos palanques ou cumprimentando primeiros-ministros. E Wallis está tão desesperado por ter alguém que o povo ame ao seu lado que, tenho certeza, serão necessários apenas dois ou três acordos verbais secretos para que eu passe a administrar tudo.

Este país é meu. Sinto-me como um garoto diante de um tabuleiro de xadrez com a certeza de que vai ganhar. Sou mais inteligente, mais rico e bem mais qualificado aos olhos

de um país que me adora por motivos que ninguém saberia nomear. No momento em que alguém parar para pensar, não importará mais. Posso fazer o que quiser, e não restou ninguém para impedir-me. Então, o que virá depois?

Sinto que é tempo de derrubar o sistema. A patética república já está em destroços e mal funciona. A verdadeira pergunta é: a quem alinhar-me? Como transformar isso em algo pelo qual o povo implore?

Tenho uma ideia. Minha filha não vai gostar, mas não me importa. Já é tempo de ela servir para alguma coisa.

Fechei o livro com força. Estava confusa e frustrada. Havia algo que eu não sabia? Derrubar que sistema? Escravizar pessoas? Por acaso a estrutura do nosso país não era uma necessidade, mas uma conveniência?

Pensei em revirar o livro a fim de saber o que aconteceu com sua filha, mas já estava tão desorientada que achei melhor não. Em vez disso, fui à sacada, na esperança de que o ar fresco me ajudasse a compreender as palavras que acabara de ler.

Olhei para o céu. Tentava processar tudo aquilo, mas não sabia por onde começar. Soltei um suspiro e corri os olhos pelo jardim, até me deter em um ponto branco. Maxon caminhava sozinho pelos jardins. Finalmente tinha chegado. Estava com a camisa para fora, sem paletó ou gravata. O que fazia lá fora tão tarde? Notei que carregava uma de suas câmeras. A noite devia estar sendo difícil para ele também.

Hesitei por uns instantes, mas com quem mais poderia conversar sobre isso?

— *Psssiu!*

Ele moveu a cabeça para os lados à procura do ruído. Chamei-o de novo, acenando com os braços até ele me ver. Um sorriso surpreso brilhou em seu rosto e ele acenou de volta. Cutuquei a orelha, na esperança de que ele pudesse me ver. Ele fez o mesmo. Apontei para ele e em seguida para o meu quarto. Ele fez que sim com a cabeça e ergueu o dedo indicador para dar a entender que em um minuto estaria lá. Eu confirmei com a cabeça e entrei enquanto ele fazia o mesmo.

Vesti o roupão e corri os dedos pelo cabelo para ficar ao menos um pouco arrumada, como ele. Não tinha muita certeza de como abordaria o assunto: basicamente, eu queria perguntar a Maxon se ele sabia que estava no topo de algo bem menos solidário do que o povo tinha sido levado a crer.

Bem quando me perguntava do porquê de sua demora, ele bateu à porta.

Corri para abrir e fui saudada pelas lentes de sua câmera, que registraram um dos meus sorrisos assustados. Minha expressão mudou e manifestou o quão insatisfeita fiquei com aquela pequena travessura. E Maxon tirou outra foto, rindo.

— Você é ridículo. Entre logo — ordenei, agarrando-o pelo braço.

Ele obedeceu.

— Desculpe. Não pude resistir.

— Você demorou — reclamei, enquanto me sentava à beira da cama. Ele sentou-se ao meu lado, mantendo uma distância suficiente para que pudéssemos olhar um na cara do outro.

— Precisei passar no quarto.

Ele pôs a câmera sobre a cabeceira da cama, fazendo o jarro da moedinha vibrar um pouco. Ele emitiu um som parecido com um riso e voltou-se para mim, sem explicar o motivo da distração passageira.

— Ah, e como foi sua viagem?

— Esquisita — ele confessou. — Acabamos indo para uma parte rural da Nova Ásia. Meu pai disse que havia alguma disputa local. Só que quando chegamos lá, tudo estava bem.

Ele balançou a cabeça e prosseguiu.

— Sinceramente, não fez nenhum sentido. Passamos uns dias caminhando por cidades antigas e falando com os nativos. Meu pai ficou bastante decepcionado com meu domínio da língua e insistiu para que eu estudasse mais.

Como se eu já não tivesse estudado bastante nos últimos dias — ele concluiu, soltando um suspiro.

— Isso é meio estranho.

— Acho que era algum tipo de teste. Ele tem feito alguns comigo do nada nos últimos tempos. Nem sempre tenho consciência de que são testes. Talvez esse tenha sido um teste de tomada de decisões ou situações inesperadas. Não tenho certeza. Em qualquer um dos casos — ele disse, com os ombros encolhidos —, tenho certeza de que fracassei.

Ele esfregou as mãos por uns segundos e prosseguiu:

— Ele também queria muito falar sobre a Seleção. Acho que ele pensou que a distância me faria bem, me daria outra perspectiva e tal. Na verdade, estou cansado de ouvir todos falarem sobre uma decisão que cabe a mim.

Eu tinha certeza de que a "perspectiva" que o rei tinha em mente era a de me tirar da cabeça de Maxon. Eu tinha visto seu modo de sorrir às outras e de cumprimentá-las nos corredores. Ele nunca agiu assim comigo. Me senti imediatamente constrangida e sem saber o que fazer.

Ao que tudo indicava, Maxon também não sabia.

Decidi não lhe perguntar sobre o diário ainda. Maxon aparentava ser tão humilde em relação a essas coisas — o modo de liderar, o tipo de rei que desejava ser — que eu não podia exigir-lhe respostas sobre coisas que não tinha a menor certeza que pudesse dar. Um cantinho no meu cérebro não

conseguia se livrar da preocupação de que ele sabia bem mais do que estava disposto a revelar. Só que eu mesma precisava conhecer mais antes de falar.

Maxon limpou a garganta e sacou um pequeno cordão de contas do bolso.

— Como eu disse, caminhamos por várias cidades, e vi isto numa loja de rua de uma velhinha. É azul — acrescentou, dizendo o óbvio. — E você parece gostar de azul.

— Eu amo azul — sussurrei.

Olhei para aquele pequeno bracelete. Alguns dias antes, Maxon caminhava do outro lado do mundo e viu isso em uma loja... e pensou em mim.

— Não encontrei mais nada para as outras, então peço que isso fique entre nós.

Concordei com a cabeça.

— Você nunca foi de contar vantagem — ele comentou.

Eu não conseguia deixar de olhar para o bracelete. Era tão discreto, com pedras polidas que não chegavam a ser joias. Estendi a mão e senti com o dedo uma das contas ovais. Maxon chacoalhou o bracelete em sua mão, o que me fez rir.

— Quer que eu ponha em você? — ele propôs.

Fiz que sim e estendi o pulso que não tinha o botão de Aspen. Maxon encostou as pedras frias contra minha pele e atou a fitinha que as unia.

— Lindo — disse ele.

E lá estava ela, apesar de todas as preocupações: a esperança.

Ela ergueu as partes pesadas de meu coração e me fez sentir falta dele. Quis apagar tudo desde o Halloween, voltar àquela noite e me fixar naquelas duas pessoas na pista de dança. E ao mesmo tempo, sentia meu coração encolher. Se ainda estivéssemos no Halloween, eu não teria motivos para duvidar daquele presente.

Mesmo se eu fosse tudo o que meu pai dizia que eu era; tudo o que Aspen dizia que eu não era... eu não podia ser Kriss. Kriss era melhor.

Estava tão cansada, estressada e confusa que comecei a chorar.

— America? — ele perguntou, hesitante. — O que há?

— Não entendo.

— O que você não entende? — Maxon perguntou calmamente. Em um parêntese mental, reparei que ele tinha passado a lidar bem melhor com mulheres em prantos.

— Você — admiti. — Estou muito confusa com relação a você agora.

Limpei uma lágrima do olho, e a mão de Maxon, com enorme delicadeza, enxugou as demais.

De certa forma, era estranho sentir seu toque novamente. Por outro lado, aquilo era tão familiar que pareceria errado ele decidir omitir respostas. Parei de chorar, mas Maxon manteve sua mão próxima a meus olhos e passou a acariciar meu rosto.

— America — disse ele, sério —, se você quiser saber qualquer coisa sobre mim, sobre o que acho importante e sobre quem sou, só precisa perguntar.

Ele parecia tão sincero que quase perguntei. Quase implorei para me contar tudo: se ele via Kriss como uma possibilidade desde o começo; se ele sabia dos diários; e sobre o que significava aquele bracelete perfeito que o tinha feito pensar em mim.

Mas como eu saberia que a resposta seria verdadeira? E — porque aos poucos me dava conta de que ele era a escolha mais certa — quanto a Aspen?

— Não sei se estou pronta para isso ainda.

Depois de um instante de reflexão, Maxon olhou para mim.

— Compreendo. Mas muito em breve precisaremos conversar sobre assuntos muito sérios. Quando você estiver pronta, estarei aqui.

Ele não me abraçou. Em vez disso, se levantou e me saudou com um gesto de cabeça antes de pegar sua câmera e caminhar até a porta. Olhou para trás uma última vez e desapareceu pelo corredor. Fiquei surpresa com a dor que senti ao vê-lo sair.



Capítulo 25



— AULAS PARTICULARES? — perguntou Silvia. — Quer dizer, várias por semana?

— Com certeza — respondi.

Pela primeira vez desde a minha chegada, estava realmente agradecida a Silvia. Sabia que não havia como ela resistir à ideia de ter alguém querendo seguir até o menor de seus conselhos. E o trabalho extra seria um meio de eu me manter ocupada.

Pensar em Maxon, Aspen, diário e garotas era estafante demais naquele momento. O protocolo era preto no branco. Os passos para uma proposta de lei eram claros. Tratava-se de coisas que eu podia dominar.

Silvia encarou-me por uns segundos, ainda um pouco impressionada, para depois explodir em um sorriso enorme. Abraçou-me, aos gritos:

— Ah, isso vai ser maravilhoso! Finalmente uma de vocês compreendeu a importância do protocolo! Quando começamos? — perguntou, segurando minhas mãos.

— Agora?

Ela estava explodindo de alegria.

— Deixe-me pegar alguns livros.

Mergulhei naqueles estudos, grata pelas palavras, fatos e estatísticas que Silva atolava em minha cabeça. Quando eu não estava com ela, lia algo que me indicara nas inúmeras horas que eu passava no Salão das Mulheres, fazendo qualquer coisa que não fosse estar com as outras.

Trabalhei duro. Esperava ansiosa a próxima vez em que nós cinco teríamos aula juntas.

Quando esse dia chegou, Silvia começou a aula nos perguntando sobre nossas paixões. Anotei as minhas: família, música e, como se a palavra pedisse para ser escrita, justiça.

— A razão de perguntar isso a vocês é que as rainhas costumam ser responsáveis por um comitê que tem o objetivo de promover algo que faça bem ao país. A rainha Amberly, por exemplo, iniciou um programa para treinar as famílias para cuidarem de seus parentes com problemas físicos e mentais. Muitos deles acabam lançados às ruas quando as famílias não conseguem mais cuidar, e o número de Oitos cresce a níveis incontroláveis. As estatísticas dos últimos dez

anos mostram que o programa tem ajudado a manter os números estáveis, o que deixa a população geral mais segura.

— A gente terá que elaborar um programa como esse? — perguntou Elise, aparentemente nervosa.

— Sim, esse será nosso novo projeto — afirmou Silvia. — Daqui a duas semanas, vocês serão convidadas a apresentarem suas ideias e suas propostas para a implementação no *Jornal Oficial de Illéa*.

Natalie soltou um pequeno gemido, e Celeste bufou de tédio. Kriss parecia já estar imaginando algo. Seu entusiasmo instantâneo me deixou nervosa.

Me lembrei da próxima eliminação que Maxon mencionou. Talvez Kriss e eu tivéssemos uma pequena vantagem, mas ainda assim...

— Isso vai servir para alguma coisa? — perguntou Celeste. — Preferia aprender sobre algo que usaremos de verdade.

Por trás de seu ar preocupado, dava para reparar que a ideia já a incomodava ou amedrontava.

Silvia fez uma cara de espanto.

— Vocês vão usar isso! Quem se tornar a nova princesa ficará responsável por um projeto de filantropia.

Celeste resmungou algo e começou a brincar com a caneta entre os dedos. Eu odiava o fato de ela querer aquele cargo mesmo sem ter nenhuma responsabilidade.

“Eu seria uma princesa melhor que ela”, pensei. E naquele momento, vi um pouco de verdade naquilo. Não tinha seus contatos nem o porte de Kriss, mas era responsável. Será que essa qualidade não valia alguma coisa?

Pela primeira vez em algum tempo, senti um verdadeiro entusiasmo tomar meu corpo. Ali estava o projeto que me permitiria demonstrar a única coisa que me diferenciava das outras. Estava determinada a me dedicar ao máximo e talvez produzir algo que pudesse fazer uma diferença real. Talvez eu ainda perdesse no final; talvez, eu sequer quisesse ganhar. Mas estaria mais perto da função de princesa do que nunca, e faria as pazes com a Seleção.

Era inútil. Por mais que tentasse, não conseguia ter sequer uma ideia para meu projeto de filantropia. Pensava, lia e pensava mais um pouco. Perguntava para minhas criadas, mas elas também não tinham ideias. Teria perguntado a Aspen, mas não tinha notícias dele havia dias. Talvez ele estivesse mais cuidadoso por Maxon estar no palácio.

Para piorar, era evidente que Kriss já estava bem avançada em sua apresentação. Ela deixava de passar horas no Salão das Mulheres para ler; e quando aparecia, tinha

sempre a cara metida em algum livro ou ficava fazendo anotações.

Droga.

Quando a sexta-feira chegou pensei que ia morrer quando me dei conta de que só me restava uma semana e eu ainda não tinha qualquer perspectiva. Durante o *Jornal Oficial*, Gavril montou a estrutura para o programa seguinte e avisou que então faria apenas uns breves anúncios e deixaria o restante da noite para nossas apresentações.

Uma gota de suor frio brotou em minha testa.

Peguei Maxon olhando para mim. Ele levantou o braço e mexeu na orelha. Fiquei sem saber o que fazer. Não estava muito a fim de vê-lo, mas também não queria dispensá-lo. Dei uma puxadinha em minha orelha, para seu alívio.

Esperei Maxon inquieta, enrolando as pontas do cabelo e andando em círculos pelo quarto.

Ele bateu de leve na porta antes de entrar, como era seu costume. Me levantei, com a sensação de que precisava ser um pouco mais formal do que o habitual. Eu mesma sabia que aquilo era ridículo, mas ao mesmo tempo não consegui evitar.

— Como você está? — perguntou ele, caminhando pelo quarto.

— De verdade? Nervosa.

— É porque eu sou tão lindo, não é?

Ri da cara simpática que ele fez.

— Tenho que desviar os olhos para não ficar ofuscada — respondi, também de brincadeira. — Na verdade, estou mais nervosa com o projeto de filantropia.

— Ah — ele disse e sentou-se à escrivaninha. — Você pode fazer a apresentação para mim, se quiser. Kriss fez.

Tive vontade de sumir. Claro que ela fez.

— Ainda não tenho ideia do que apresentar — confessei, sentando-me diante dele.

— Ah, sim, compreendo como isso pode ser desgastante.

Olhei para ele como se quisesse dar a entender que ele não fazia ideia.

— O que é importante na sua vida? Deve haver alguma coisa que realmente toque você e que os outros não percebem — Maxon falou, recostado confortavelmente na cadeira e com uma mão na mesa.

Como ele podia estar tão tranquilo? Não notava como eu estava a ponto de explodir?

— Pensei a semana toda e nada.

Ele riu baixo.

— Achava que seria mais fácil para você, que passou por mais dificuldades na vida do que as outras quatro juntas.

— Exatamente, mas eu nunca soube como mudá-las. Esse é o problema.

Olhei para a mesa. As memórias da Carolina apareciam na minha cabeça de forma perfeitamente clara.

— Posso ver tudo... Os Setes que se machucavam em seus trabalhos pesados e eram logo rebaixados a Oito por não poderem trabalhar. As garotas caminhando nas ruas quase na hora do toque de recolher, perambulando pelas camas dos homens solitários por quase nada. As crianças que nunca têm o suficiente — comida suficiente, calor suficiente, amor suficiente — porque seus pais estão trabalhando até morrer. Posso me lembrar dos meus piores dias como se fossem cotidianos. Mas pensar em um modo concreto de fazer algo quanto a isso? — me perguntei, balançando a cabeça. — O que eu poderia dizer?

Olhei para Maxon, na esperança de encontrar a resposta em seus olhos. Não encontrei.

— Sua argumentação é muito boa — disse Maxon.

Pensei em tudo o que havia dito e também na resposta dele. Aquilo indicava que ele sabia mais dos planos de Gregory do que eu imaginava? Ou indicava que ele sentia culpa por ter tanto enquanto outros tinham tão pouco?

Maxon suspirou.

— Não era bem sobre isso que queria conversar esta noite.

— O que você tinha em mente?

Maxon encarou-me como se eu fosse louca.

— Você, claro.

Ajeitei o cabelo atrás da orelha.

— O que sobre mim, exatamente?

Ele trocou de posição e puxou a cadeira para frente a fim de que ficássemos mais próximos. Depois, inclinou-se para frente como se fosse me contar um segredo.

— Pensei que, depois de você ver que Marlee estava bem, as coisas mudariam. Tinha certeza de que você descobriria um meio de voltar a gostar de mim. Mas não aconteceu. Mesmo esta noite: você concordou em me ver, mas está tão distante.

Ele notou, então.

Passei os dedos sobre a mesa e evitei seu olhar.

— Meu problema não é bem você, Maxon; é o cargo — e completei, com os ombros encolhidos. — Pensei que você soubesse disso.

— Mas depois de Marlee...

Minha cabeça explodiu.

— Depois de Marlee, as coisas continuaram a acontecer. Terei o gosto do que é ser princesa por um minuto para depois perdê-lo no minuto seguinte. Não sou como as outras garotas. Sou a menor casta aqui; e Elise pode ter sido uma Quatro, mas a família dela é bem diferente da maioria dos Quatros. Têm tanto dinheiro que me surpreende que ainda não tenham comprado um caminho para o topo. E você foi criado aqui. A mudança é muito séria para mim.

Ele concordou com a cabeça, sua paciência infinita permanecia lá.

— Entendo isso, America. Esse é um dos motivos que me fazem lhe dar tempo. Mas você também precisa me levar em consideração em meio a tudo isso.

— Eu levo.

— Não, não assim. Não como se eu fosse parte do problema. Pense na minha tarefa. Não tenho muito tempo mais. Esse projeto de filantropia será o trampolim para outra eliminação. Com certeza você já tinha percebido isso.

Baixei a cabeça. Claro que eu tinha.

— Pois então. O que farei quando restarem apenas quatro? Dar mais tempo para você? Quando sobrarem apenas três, serei obrigado a escolher. Se restarem apenas três garotas, e você ainda continuar pensando sobre querer ou não a responsabilidade, o trabalho, a mim... O que farei, então?

Mordi os lábios.

— Não sei.

Maxon balançou a cabeça.

— Isso é inaceitável. Preciso de uma resposta. Porque não posso excluir alguém que realmente quer estar aqui, que me quer, se você vai desistir no final.

Recuperei o fôlego.

— Então eu tenho que responder agora? Nem sei que pergunta estou respondendo. Dizer que quero ficar é o mesmo que dizer que quero ser a escolhida? Porque isso eu não sei.

Sentia meus músculos se retesarem, como se estivessem preparados para correr.

— Você não tem que dizer agora, mas precisa decidir até o próximo *Jornal Oficial* se quer isto aqui ou não. Não gosto da ideia de lhe dar um ultimato, mas você não tem levado muito em conta a minha única chance de felicidade.

Ele respirou fundo antes de continuar.

— Não era esse o rumo que eu tinha desejado para essa conversa. Talvez eu devesse sair — ele disse. Sua voz, porém, revelava a vontade de que eu lhe pedisse para ficar, que lhe dissesse que tudo ia ficar bem.

— Acho que sim — falei bem baixo.

Maxon balançou a cabeça, irritado, e se levantou.

— Ótimo.

Caminhou até a porta com passadas largas e furiosas.

— Vou ver o que Kriss está fazendo.



DESCI PARA O CAFÉ ATRASADA. Não queria me arriscar a cruzar com Maxon ou com outra das garotas. Antes de chegar à escadaria, vi Aspen, que vinha subindo. Fiquei um pouco sem ar quando o vi olhar para os lados antes de se aproximar.

— Por onde você esteve? — perguntei, em voz baixa.

— Trabalhando, Meri. Sou um guarda. Não posso controlar meus horários ou postos. Já não estou sendo mais convocado para fazer a ronda do seu quarto.

Quis perguntar por quê, mas não havia tempo.

— Preciso falar com você.

Ele pensou por uns instantes.

— Às duas, vá para o final do corredor do primeiro andar, depois da ala hospitalar. Posso ficar lá, mas não por muito tempo.

Fiz que sim com a cabeça, e ele fez uma reverência rápida e seguiu seu caminho antes que qualquer pessoa notasse nossa conversa. Já eu desci as escadas, nada satisfeita.

Fiquei com vontade de gritar. O sábado significava passar o dia inteiro no Salão das Mulheres. Uma injustiça. Os poucos visitantes vinham para ver a rainha, não para nos ver. Quando uma de nós se tornasse princesa, isso provavelmente mudaria, mas por ora eu estava condenada a ficar observando Kriss se desdobrar para sua apresentação mais uma vez. Também as outras garotas liam — notas ou relatórios —, o que me deixava doente. Precisava de uma ideia logo. Tinha certeza que Aspen me ajudaria a pensar em alguma.

Como se pudesse ler meus pensamentos, Silvia, que esteve fazendo visitas com a rainha, parou ao me ver.

— Como vai a minha aluna-estrela? — perguntou em um tom de voz baixo para que as outras não percebessem.

— Ótima.

— Como vai seu projeto? Precisa de ajuda para acertar algum detalhe?

Acertar detalhes? Como eu ia acertar os detalhes de nada?

— Vai muito bem. Você vai amar, tenho certeza — menti.

Ela inclinou um pouco a cabeça para o lado.

— Fazendo um misteriozinho, hein?

— Um pouco — sorri.

— Muito bem. Você tem feito um ótimo trabalho ultimamente. Tenho certeza de que este também será fantástico — ela disse, depois me deu uns tapinhas no ombro e saiu.

Eu estava tão encrencada.

Os minutos passaram devagar, como uma espécie de tortura. Um pouco antes das duas, pedi licença e segui pelo corredor. Bem no final, havia um confortável sofá vinho embaixo de uma janela enorme. Me sentei para esperar. Não avistei nenhum relógio por ali, mas os minutos passaram devagar demais para meu gosto. Por fim, Aspen apareceu na curva do corredor.

— Já era tempo — resmunguei.

— O que foi? — perguntou ele, de pé junto ao sofá, para que nossa conversa parecesse oficial.

“Tantas coisas”, pensei. “Tantas coisas que não posso contar para você.”

— Temos uma tarefa, e eu não sei o que fazer. Não consigo pensar em nada, estou estressada e com insônia — desembuchei.

Ele achou graça.

— E qual é a tarefa? Desenhar uma tiara?

— Não — grunhi, fuzilando Aspen com um olhar frustrado. — Temos que apresentar um projeto, algo de bom para o país. Como o trabalho da rainha Amberly com os deficientes.

— É isso que tem preocupado você? — perguntou, balançando a cabeça. — Como isso pode ser estressante? Parece legal.

— Eu também pensei isso, mas não consigo ter nenhuma ideia. O que você faria?

Aspen pensou por um momento.

— Já sei! Você deveria propor um sistema de intercâmbio de castas — ele disse, com os olhos brilhantes de entusiasmo.

— Um o quê?

— Um sistema de intercâmbio de castas. As pessoas das castas superiores trocam de lugar com as pessoas de castas inferiores para saberem como é estar na nossa pele.

— Não acho que isso vá funcionar, Aspen. Pelo menos, não para esse projeto.

— É uma grande ideia — ele insistiu. — Você é capaz de imaginar uma pessoa como Celeste quebrando as unhas para organizar prateleiras? Seria bom para eles.

— Mas o que aconteceu com você? Por acaso alguns guardas já não eram Dois desde o nascimento e mesmo assim são seus amigos agora?

— Não aconteceu nada comigo — ele se defendeu. — Sou o mesmo de sempre. Você é quem se esqueceu de como é morar em uma casa sem aquecimento.

Endireitei as costas.

— Não esqueci. Acontece que estou tentando propor um projeto humanitário que acabe com esse tipo de coisa. Mesmo se eu voltar para casa, alguém pode querer usar minha ideia, então tem que ser boa. Quero ajudar as pessoas.

— Não se esqueça, Meri — Aspen me implorou com uma paixão serena nos olhos. — Este governo cruzou os braços quando você ficou sem comida. Deixou meu irmão ser espancado na praça. Toda conversa do mundo não mudará o que nós somos. Nos encurralaram de tal maneira que nunca conseguiremos sair sozinhos. E eles não têm pressa de nos tirar de lá. Meri, eles simplesmente não entendem.

Respirei fundo e me levantei.

— Aonde você vai? — perguntou ele.

— De volta para o Salão das Mulheres — respondi, já a caminho.

Aspen veio atrás.

— A gente está mesmo brigando por causa de um projeto idiota?

Virei para ele e disse:

— Não. A gente está brigando porque você também não entende. Eu sou uma Três agora. E você é um Dois. Em vez de guardar rancor pelo jeito como fomos tratados, por que você não vê a oportunidade que tem em mãos? Você pode mudar a vida da sua família. Provavelmente, pode mudar um monte de vidas. E tudo o que você quer é empatar o jogo. Isso não vai nos levar a lugar algum.

Aspen saiu sem dizer nada. Tentei não ficar irritada com ele por sua defesa apaixonada daquilo que acreditava e buscava. Afinal, não era essa uma qualidade admirável? Além do mais, comecei a pensar sobre as castas e sobre como era impossível acabar com elas. Comecei a ficar zangada com a situação.

Nada mudaria. Por que me preocupar?

Toquei violino. Tomei banho. Tentei cochilar. Passei parte da noite no lugar mais silencioso possível. Me sentei na sacada.

Nada disso importava. Meu atraso começava a ficar perigoso. Ainda não tinha nada para o projeto.

Passei horas deitada na cama, tentando dormir, também sem sucesso. Continuava a relembrar as palavras zangadas de Aspen, sua luta constante contra seu fardo na vida. Pensei em Maxon e seu ultimato, sua exigência para que eu me comprometesse. E perguntei-me também se isso importava; estava certa de que voltaria para casa assim que aparecesse na sexta-feira sem nada para apresentar.

Dei um suspiro e puxei os cobertores. Evitava ler o diário de Gregory de novo. Tinha medo que ele me trouxesse mais dúvidas que soluções. Mas talvez algo nele me desse uma direção, algo que falar no *Jornal Oficial*.

Além disso, mesmo se a leitura não me ajudasse em nada, precisava saber o que acontecera à sua filha. Tinha certeza de que se chamava Katherine, então passei a folhear o livro em busca de qualquer menção a ela, ignorando todo o resto. Encontrei uma foto de uma garota de pé ao lado de um homem muito mais velho. Talvez fosse apenas minha imaginação, mas parecia que ela tinha chorado.

Katherine finalmente casou-se hoje com Emil de Monpezat da Noruécia. Ela choramingou ao longo de todo o caminho para a igreja até eu deixar claro que, se ela não se ajeitasse para a cerimônia, pagaria caro depois. Sua mãe não está feliz, e suspeito que Spencer esteja irritado agora que tomou consciência de que sua irmã não queria passar por

isso. Mas Spencer é brilhante. Penso que vai alinhar-se a mim tão logo veja as possibilidades que lhe abri. E Damon é tão prestativo; gostaria de poder tirar seja lá o que for do seu sangue e injetar no resto da população. Há algo que dizer sobre os jovens. Foi a geração de Spencer e Damon que mais me ajudou a chegar onde estou. Seu entusiasmo é incansável, e as massas preferem ouvir eles a ouvir uns velhos frágeis insistindo que estamos indo pelo caminho errado. Fico imaginando se haverá um meio de silenciá-los para sempre sem manchar meu nome.

Em todo caso, a coroação está agendada para amanhã. Agora que a Noruécia conseguiu o que queria — a amizade da poderosa União Norte-Americana —, posso ter o que quero: uma coroa. Acho a troca justa. Por que pleitear o título de presidente Illéa se posso ser rei Illéa? Por minha filha, fiz-me nobre.

Tudo está no lugar. Depois de amanhã, não haverá mais volta.

Ele a vendeu. O porco vendeu a filha para um homem que ela odiava a fim de obter o que desejava.

Meu primeiro impulso foi fechar o livro, fechá-lo de vez. Mas me forcei a folheá-lo e ler passagens aleatórias. Em uma página, havia um esboço do diagrama das castas, inicialmente imaginadas com seis níveis em vez de oito. Noutra, Gregory planejava mudar os sobrenomes das pessoas para separá-las de seu passado. Uma linha deixava evidente

sua intenção de castigar os inimigos atribuindo-lhes castas inferiores e premiar os leais com as castas superiores.

Fiquei imaginando se meus tataravós simplesmente não tinham dinheiro ou se foram contra aquilo. Esperava que fosse a segunda alternativa.

Como teria sido meu sobrenome? Será que meu pai sabia?

Ao longo de toda a vida, tinha sido levada a pensar que Gregory Illéa era um herói, o homem que salvou nosso país quando estávamos à beira da extinção. Claramente, ele não passava de um monstro sedento de poder. Que tipo de homem manipularia as pessoas assim? Que tipo de homem negociava sua filha por simples conveniência?

Reli as anotações mais antigas sob uma nova luz. Ele nunca disse que queria ser um grande homem de família; ele só queria parecer ser. Ele jogaria as regras de Wallis por um momento. Ele usava os colegas dos filhos para ganhar apoio. Ele estava blefando desde o começo.

Senti enjoo. Levantei e comecei a andar em círculos para juntar todas aquelas peças em minha cabeça.

Como uma história inteira poderia ter sido esquecida? Como é possível que ninguém jamais tenha falado dos antigos países? Onde estaria toda essa informação? Por que ninguém sabia?

Olhei para o céu. Parecia impossível. Com certeza, alguém teria discordado, teria contado a verdade a seus filhos. E, de fato, talvez isso tenha acontecido. Sempre me perguntei por que meu pai nunca me deixara falar sobre aquele livro puído de história que tinha em seu quarto; por que a história que eu não conhecia sobre Illéa nunca fora impressa. Talvez porque, se alguém escrevesse que Illéa tinha sido um herói, as pessoas se rebelariam. Mas se tudo fosse especulação — uns insistindo que as coisas eram de um jeito enquanto outros negavam —, como alguém se agarraria à verdade?

Fiquei pensando se Maxon sabia daquilo.

De repente, me veio à mente uma lembrança. Não havia muito, Maxon e eu demos nosso primeiro beijo. Foi tão inesperado que me afastei, deixando Maxon envergonhado. Então, quando me dei conta de que queria ser beijada por ele, sugeri que apagássemos aquela lembrança e criássemos outra nova.

“America”, disse ele, “não acho que você consiga mudar a história.” Ao que respondi: “Claro que conseguimos. Além do mais, quem mais saberia disso senão você e eu?”.

Minha intenção tinha sido fazer uma piada. Com certeza, se acabássemos juntos, recordaríamos o que verdadeiramente aconteceu não importa o quão idiota tenha sido. Jamais o substituiríamos por uma história mais perfeita em nome das aparências.

Só que a Seleção inteira girava em torno de aparências. Se nos perguntassem sobre o nosso primeiro beijo, será que Maxon e eu contaríamos a verdade? Ou manteríamos aquele pequeno detalhe como um segredo entre nós? Quando morrêssemos, ninguém saberia, e aquele fragmento do tempo, tão importante para nossa identidade, estaria perdido.

Seria assim tão simples? Contar uma história à geração seguinte e repeti-la até que fosse aceita como fato? Alguma vez perguntei a alguém mais velho que meus pais sobre o que sabiam ou sobre o que os pais deles haviam visto? Eles eram velhos. O que poderiam saber? Era tão arrogante da minha parte ignorá-los pura e simplesmente. Me sentia tão burra.

Mas o ponto importante não era como eu me sentia com relação ao problema; era o que eu faria com ele.

Tinha passado a vida inteira dentro de um buraco de nossa sociedade. Como amava música, nunca reclamei. Mas eu queria ter ficado com Aspen e, por ele ser um Seis, as coisas eram mais difíceis do que deveriam ser. Se Gregory Illéa não tivesse projetado friamente as leis do nosso país, sentado confortavelmente à sua escrivaninha anos atrás, Aspen e eu não teríamos brigado e eu nunca teria chegado a gostar de Maxon. Maxon sequer seria príncipe. As mãos de Marlee ainda estariam intactas, e ela e Carter não viveriam em um cômodo onde mal cabia a cama. Gerad, meu irmão caçula, poderia estudar toda a ciência que quisesse em vez de forçar-se a aprender artes pelas quais não tinha paixão.

Ao conquistar uma vida confortável em uma bela casa, Gregory Illéa roubara para sempre da maior parte do país a possibilidade de um dia tentar o mesmo.

Maxon disse que se eu quisesse saber quem ele era, bastava perguntar. Tinha temido encarar a possibilidade de ele ser esse tipo de pessoa, mas tinha que saber. Se era para eu decidir entre fazer parte da Seleção ou ir para casa, precisava saber do que ele era feito.

Botei pantufas e roupão e saí do quarto, cruzando com um guarda desconhecido pelo caminho.

— A senhorita está bem?

— Sim. Volto em breve.

Ele deu a impressão de querer falar mais, mas eu parti tão depressa que ele não teve tempo de falar. Subi as escadas até o terceiro andar. Diferentemente dos outros andares, os guardas ficavam no último degrau da escadaria, de modo que eu sequer podia caminhar até a porta de Maxon.

— Preciso falar com o príncipe — disse, tentando soar firme.

— É muito tarde, senhorita — observou o guarda da esquerda.

— Maxon não se incomodará — prometi.

O da direita abriu um sorrisinho malicioso.

— Acho que ele não gostaria de ter companhia neste momento, senhorita.

Franzi a testa, pensativa, repetindo a frase mentalmente.

Ele estava com outra garota.

Fui forçada a pensar que se tratava de Kriss. Lá estava ela, sentada no quarto dele, rindo ou talvez abrindo mão daquela regra imbecil dos beijos.

Uma criada surgiu no corredor com uma bandeja nas mãos e passou por mim ao descer as escadas. Abri caminho, tentando decidir se devia empurrar os guardas para avançar ou desistir. Quando estava prestes a abrir minha boca novamente, o guarda interrompeu:

— A senhorita deve voltar para a cama.

Quis gritar com eles, fazer alguma coisa. Me senti tão impotente. Mas não adiantaria nada e por isso saí. Escutei um dos guardas — o do sorriso malicioso — murmurar algo enquanto eu me afastava, o que piorou as coisas. Ele estava caçoando de mim? Sentindo dó? Eu não precisava da pena dele. Já me sentia mal o bastante sozinha.

No caminho de volta, me assustei ao deparar com a criada que passara por mim, agachada como se ajeitasse o sapato, mas na verdade estava claro que não era por isso que ela estava nessa posição. Quando cheguei perto, ela ergueu a cabeça, pegou sua bandeja e caminhou lado a lado comigo.

— Ele não está no quarto — sussurrou.

— Quem? Maxon?

Ela confirmou com a cabeça.

— Tente no andar de baixo.

Abri um sorriso e balancei a cabeça, surpresa.

— Obrigada.

Ela encolheu os ombros.

— Ele não está em nenhum lugar que você não encontraria se procurasse. Além disso — completou, com os olhos cheios de admiração —, nós gostamos de você.

Ela se distanciou rapidamente pelo caminho até o primeiro andar. Fiquei imaginando a quem exatamente aquele "nós" se referia, mas por ora, me contentei com sua gentileza. Fiquei parada por uns instantes e depois desci as escadas.

O Grande Salão estava aberto, mas vazio, bem como a sala de jantar. Inspecionei o Salão das Mulheres, imaginando que seria um lugar engraçado para um encontro amoroso, mas eles também não estavam lá. Perguntei aos guardas na porta, e eles asseguraram que Maxon não tinha ido ao jardim. Verifiquei outras bibliotecas e salas de estar antes de começar a pensar que ele e Kriss já teriam voltado para seus respectivos quartos ou para o quarto dele.

Desisti. Voltei pelo corredor e fui em direção à escadaria de trás, que estava mais perto do que a principal. Não via nada, mas à medida que me aproximava, comecei a ouvir um sussurro. Diminuí o passo porque não queria ser invasiva e por não saber ao certo de onde vinha aquele som.

Outro sussurro.

Uma risadinha sedutora.

Um suspiro ardente.

Os sons ficaram mais nítidos e eu já tinha certeza da sua origem. Dei um passo à frente, olhei para a esquerda e vi um casal se agarrando na sombra. Quando as duas figuras ganharam contornos mais estáveis e meus olhos se ajustaram à luz, veio o choque.

O cabelo loiro de Maxon era inconfundível, mesmo na escuridão. Quantas vezes eu já não tinha visto aquela luminosidade? Mas o que eu jamais tinha visto, nem imaginado, era aqueles cabelos sendo acariciados pelos dedos longos e de unhas vermelhas de Celeste.

Maxon estava praticamente imobilizado contra a parede pelo corpo de Celeste. Ela esfregava o peito nele, ao passo que sua perna estava enlaçada na dele. O corte do vestido revelava sua longa perna, ligeiramente azul sob a escuridão da sala. Ela recuava um pouco apenas para se atirar contra Maxon novamente, aparentemente para provocá-lo.

Fiquei à espera de que ele lhe dissesse para sair de cima, que não era ela quem ele queria. Mas ele não disse. Em vez disso, ele a beijava. Essa demonstração de afeto a fez entrar em êxtase e soltar outro risinho. Maxon cochichou algo em seu ouvido, o que fez Celeste projetar-se para cima dele e beijá-lo mais intensamente do que antes. A alça do vestido dela escorregou do ombro, deixando à mostra o que pareciam quilômetros de pele até o fim de suas costas. Nenhum dos dois quis saber de ajeitar isso.

Fiquei petrificada. Quis gritar e chorar, mas fiquei com um nó na garganta. Por que, dentre todas, tinha que ser ela?

Os lábios de Celeste foram descendo até chegarem ao pescoço de Maxon. Ela soltou outra risadinha detestável e o beijou uma vez mais. Maxon fechou os olhos e sorriu. Como Celeste já não estava com o rosto na frente dele, fiquei em seu campo de visão.

Pensei em correr. Pensei em desaparecer, evaporar. Mas permaneci ali.

Então, ao abrir os olhos, Maxon me viu.

Enquanto Celeste desenhava uma trilha de beijos ao redor do pescoço dele, Maxon e eu apenas olhávamos um nos olhos do outro. Já sem o sorriso nos lábios, Maxon ficou paralisado. O espanto em seus olhos finalmente fez com que eu enfim conseguisse me mover. Celeste não percebeu o encontro, e eu recuei silenciosamente, sem ousar respirar.

Quando tive certeza de que já não podiam me ouvir, desatei a correr, passando como uma flecha pelos guardas e mordomos do turno da noite. As lágrimas vieram antes de eu chegar ao topo da escadaria principal.

Endireitei o corpo e caminhei rapidamente para o meu quarto. Passei reto pelo guarda preocupado, pela porta e sentei na cama, com o rosto voltado para a sacada. Na silenciosa calma do meu quarto, senti meu coração doer. *Como você é burra, America. Tão burra.*

Voltaria para casa. Esqueceria que tudo isso tinha acontecido. E casaria com Aspen.

Aspen era a única pessoa com quem eu podia contar.

Não demorou muito para que eu ouvisse batidas na porta e Maxon entrasse sem esperar resposta. Ele se agitava com violência pelo quarto, aparentemente tão zangado quanto eu.

Falei antes que ele pudesse dizer qualquer coisa.

— Você mentiu para mim.

— O quê? Quando?

— Como pode a mesma pessoa que falava em me pedir em casamento ser pega no flagra com alguém como ela?

— O que faço com ela não tem absolutamente nada a ver com meus sentimentos por você.

— É brincadeira, certo? Ou o fato de você ser o próximo rei torna aceitável ter mulheres seminuas a tiracolo sempre que desejar?

Maxon pareceu ferido.

— Não. Não é nada disso.

— Por que ela? — perguntei, com os olhos cravados no teto. — Por quê, dentre todas as mulheres do planeta, você a desejaria?

Olhei para Maxon à espera de uma resposta, mas ele apenas balançava a cabeça e olhava para os lados.

— Maxon, ela é uma atriz, uma farsa. Você tem que ser capaz de enxergar por baixo de toda aquela maquiagem. E um sutiã que faça os seios parecerem maiores não significa nada além de uma garota que quer manipular você para conseguir o que deseja.

Maxon esboçou uma risada.

— Na verdade, eu sei disso.

Sua calma me deixou desarmada.

— Então por que...

Mas eu já tinha minha resposta. Claro que ele sabia. Ele tinha sido criado aqui. Os diários de Gregory provavelmente eram lidos para ele antes de dormir. Não sei por que esperei o contrário.

Quão ingênua eu estava sendo? Quando pensava que havia uma opção melhor que eu para o cargo de princesa, imaginava Kriss. Ela era amável e paciente e mais um milhão de coisas que eu não era. Mas não a via ao lado *deste* Maxon. Para o homem que haveria de seguir as pegadas de Gregory Illéa, a única mulher era Celeste. Ninguém mais teria tanto prazer em manter o país a seus pés.

— Já chega — afirmei, também com um gesto. — Você queria uma decisão, pois aqui está: é o fim. É o fim da Seleção, o fim de todas as mentiras; principalmente, é o meu fim com você. Meu Deus, não consigo acreditar que fui tão burra.

— Não é o fim, America — ele me contradisse rapidamente, e seu porte comunicava tanto quanto suas palavras. — Será o fim apenas quando eu disser que é o fim. Você está nervosa agora, mas não é o fim para você.

Agarrei meus cabelos com a sensação de que dentro de alguns segundos arrancaria todos pela raiz.

— O que há de errado com você? Você está delirando? O que o faz pensar que algum dia acharei que não há nada de errado no que acabo de ver? Eu odeio aquela garota. E você a beijou. Não quero ter mais nada a ver com você.

— Santo Deus, mulher, você nunca me deixa falar!

— E o que você poderia dizer para justificar aquilo? Só quero que você me mande para casa. Não quero mais ficar aqui.

— Não.

Fiquei irada. Ele não tinha me pedido exatamente isso?

— Maxon Schreave, você não passa de uma criança que segura um brinquedo que não quer, mas não suporta que outra pessoa o tenha.

Com calma, Maxon começou a falar.

— Entendo a sua raiva, mas...

Fuzilei:

— Estou além da raiva!

Maxon parecia tranquilo.

— America, não me chame de criança nem me provoque.

Fuzilei de novo:

— E o que você vai fazer?

Maxon agarrou meus pulsos e imobilizou meus braços atrás das costas. Dava para ver a raiva em seus olhos. Fiquei contente de ele sentir isso. Queria que ele me desafiasse. Queria um motivo para machucá-lo. Eu era capaz de cortá-lo em pedaços naquele momento.

Mas não havia ódio em Maxon. Em vez disso, senti aquela chispa de eletricidade, aquela que estava desaparecida havia um bom tempo. O rosto de Maxon estava a centímetros do meu. Seus olhos procuravam os meus, talvez para saber como ele seria recebido; talvez sem se importar com nada. Embora tudo estivesse errado, eu ainda queria. Meus lábios se desgrudaram antes de eu me dar conta do que estava acontecendo.

Chacoalhei a cabeça, com o intuito de clarear minhas ideias, e recuei até a sacada. Ele não tentou me conter. Respirei fundo algumas vezes antes de encará-lo novamente.

— Você vai me mandar embora? — perguntei sem alarde.

Maxon negou com a cabeça, sem vontade ou condições de falar.

Arranquei o bracelete que ele me dera e lancei contra a parede do quarto.

— Então saia — pedi em voz baixa.

Dei meia-volta e continuei na sacada. Esperei alguns segundos até ouvir o barulho da porta. Assim que ele saiu, deitei no chão e comecei a soluçar.

Ele e Celeste eram tão iguais. Tudo para eles era um espetáculo. E eu sabia que Maxon era capaz de passar o resto da vida induzindo as pessoas a acreditar que ele era maravilhoso com suas palavras doces. Isso ao mesmo tempo

em que as mantinha presas em suas posições. Exatamente como Gregory.

Sentei no chão e cruzei as pernas. Por mais zangada que estivesse com Maxon, estava ainda mais comigo mesma. Deveria ter lutado mais. Deveria ter feito mais. Não deveria estar ali parada, sentindo-me derrotada.

Enxuguei as lágrimas e analisei a situação. Não queria mais nada com Maxon, mas ainda estava no palácio. Não queria mais competir, mas ainda tinha uma apresentação a fazer. Aspen podia pensar que eu não era forte o bastante para ser princesa — e estava certo —, mas tinha certeza de que ele botava fé em mim. Assim como meu pai. Assim como Nicoletta.

Já não estava lá para ganhar. Então, como poderia sair em grande estilo?



Capítulo 27

QUANDO SILVIA ME PERGUNTOU do que eu precisava para minha apresentação, disse-lhe que queria uma mesa pequena para apoiar alguns livros e um cavalete para o cartaz que estava fazendo. Ela ficou particularmente entusiasmada com o cartaz; eu era a única garota com jeito para a arte.

Passei horas escrevendo minha fala para não esquecer nada, marquei trechos de livros que me serviriam de referência ao longo da apresentação e ensaiei no espelho as partes mais complicadas da fala. Tentava não pensar muito no que estava fazendo; ou meu corpo começava a tremer.

Pedi a Anne que fizesse um vestido que me deixasse com uma aparência inocente; seus olhos saltaram das órbitas.

— Desse jeito a senhorita parece estar dizendo que antes a deixávamos sair de *lingerie* — ela comentou de brincadeira.

Achei graça.

— Não é nada disso. Você sabe que adoro todos os vestidos que vocês me fizeram. Eu só quero parecer... angelical.

Ela sorriu.

— Acho que podemos preparar algo.

Elas devem ter trabalhado feito loucas, porque só vi Anne, Mary ou Lucy já no dia do *Jornal Oficial*, quando faltava apenas uma hora para o início do programa. Elas apareceram alvoroçadas com o vestido, que era branco, fosco e leve, enfeitado com uma longa faixa de tule verde e azul do lado direito. O caimento da saia fazia-a parecer uma nuvem, e a cintura alta avivava a impressão de graciosidade e virtude. Me sentia linda naquele vestido. Era de longe o meu favorito dentre todos os que elas já tinham feito para mim. Fiquei feliz por isso. Provavelmente, seria o último vestido que fariam para mim.

Tinha sido difícil manter meu plano em segredo, mas consegui. Quando as meninas me perguntavam do meu projeto, respondia apenas que era uma surpresa. Recebi alguns olhares atravessados por isso, mas não me importei.

Pedi às criadas para não tocarem em nada na escrivaninha, nem mesmo para limpar, e elas obedeceram.

Ninguém sabia.

A pessoa para quem eu mais queria contar era Aspen, mas ainda assim me contive. Parte de mim temia que ele tentasse me convencer a desistir, e eu cederia. A outra parte temia que ele ficasse empolgado demais.

Enquanto minhas criadas trabalhavam para me deixar bonita, fixei os olhos no espelho e tive a certeza de que estava sozinha naquele caminho. Era melhor. Não queria que ninguém — nem minhas criadas, nem as outras, nem Aspen especialmente — arranjasse confusão por minha causa.

Só me restava ordenar as coisas.

— Anne, Mary, vocês poderiam me servir um pouco de chá?

Elas se entreolharam.

— As duas? — Mary quis saber.

— Sim, por favor.

Elas suspeitaram de algo, mas fizeram uma reverência e saíram. Logo em seguida, me voltei para Lucy.

— Sente ao meu lado — pedi a ela, conduzindo-a até o banco estofado. Ela assentiu. Então, perguntei pura e simplesmente:

— Você está feliz?

— Senhorita?

— Você tem parecido meio triste ultimamente. Fiquei imaginando o tempo todo se estaria tudo bem.

Ela baixou a cabeça.

— É assim tão óbvio?

— Um pouco — eu disse. A envolvi com meus braços. Ela soltou um suspiro e apoiou a cabeça no meu ombro. Fiquei tão feliz por vê-la, por um momento, esquecer as barreiras invisíveis entre nós.

— Você já quis algo que não podia ter? — ela perguntou.

Torci o nariz.

— Lucy, eu era uma Cinco antes de chegar aqui. São tantas coisas que nem me dou ao trabalho de contar.

Contrariando muito o seu modo de ser, Lucy deixou escapar apenas uma lágrima.

— Não sei o que fazer. Estou presa.

Me endireitei e a fiz olhar para mim.

— Lucy, quero que saiba que acho você capaz de fazer o que quiser, ser o que quiser. Acho você uma moça espetacular.

— Obrigada, senhorita — ela agradeceu, com um sorriso débil nos lábios.

Sabia que não tínhamos muito tempo.

— Ouça, preciso que você me faça um favor. Não sabia se podia contar com as outras, mas confio em você.

Embora confusa, ela disse:

— Qualquer coisa — e eu pude notar que era verdade.

Estendi a mão até uma das gavetas e peguei uma carta.

— Você poderia entregar isso ao soldado Leger?

— Soldado Leger?

— Queria agradecer a ele por sua gentileza, e pensei que seria inadequado entregar a carta pessoalmente. Você sabe.

Era uma desculpa esfarrapada, mas aquela era a única forma de explicar para Aspen o que eu estava prestes a fazer. Eu achava que não permaneceria muito mais tempo no palácio depois daquela noite.

— Posso entregar daqui a uma hora — ela disse, ansiosa.

— Obrigada.

As lágrimas ameaçaram cair, mas eu segurei. Estava assustada, mas tinha muitos motivos para fazer aquilo.

Todos merecíamos coisa melhor. Minha família, Marlee e Carter, Aspen, até minhas criadas estavam presas por causa dos planos de Gregory. Pensaria em todos eles.

Entrei no estúdio para o *Jornal Oficial*, trazendo comigo uma pilha de livros marcados e uma pasta com meu cartaz. A disposição era a mesma de sempre: os assentos do rei, da rainha e de Maxon à direita, perto da porta; os assentos das Selecionadas à esquerda. Daquela vez, porém, no meio do cenário — onde costumava ficar o púlpito para os discursos do rei, ou um par de cadeiras nos dias de entrevista — havia um espaço para nossas apresentações. Vi a mesinha e o cavalete para minha fala, mas também uma tela; concluí que alguém mostraria *slides*. Impressionante. Perguntei-me quem teria conseguido meios para ir tão longe.

Tomei o último assento livre — infelizmente ao lado de Celeste — e pus o cartaz ao meu lado; os livros ficaram no colo. Natalie também tinha alguns livros, ao passo que Elise repassava suas anotações uma e outra vez. Kriss olhava para cima e dava a impressão de estar expondo seu projeto mentalmente. Celeste conferia a maquiagem.

Silvia estava lá, como toda vez que debatíamos sobre algum assunto que ela havia nos ensinado. Naquela sexta-feira, ela estava extremamente inquieta. Aquela era nossa tarefa mais trabalhosa até o momento, e tudo o que fizéssemos também teria consequências para ela.

Engoli em seco. Tinha me esquecido de Silvia. Tarde demais.

— Vocês estão lindas, senhoritas. Fantástico! — ela disse ao aproximar-se. — Agora que todas estão aqui, gostaria de explicar algumas coisas. Primeiramente, o rei fará alguns anúncios, e depois Gavril explicará o tema da noite: os projetos de filantropia.

Silvia — geralmente a máquina fria do palácio — estava contente. Ela quase dançava ao falar.

— Agora, sei que vocês ensaiaram. Cada uma terá oito minutos. Se alguém tiver perguntas para alguma de vocês, Gavril vai intermediá-las. Lembrem-se de permanecerem atentas. O país está assistindo! Se perderem o fio da meada, respirem fundo e sigam em frente. Vocês serão ótimas. Ah, as apresentações seguirão a ordem dos assentos, de modo que Natalie será a primeira e America, a última. Boa sorte, meninas.

Silvia se retirou para conferir cada detalhe, e eu tentei me acalmar. A última. Podia ser bom. Imaginei que Natalie teve uma sorte pior por ter que ser a primeira. Olhei ao redor e reparei que ela tinha começado a suar. Deve ter sido uma tortura para ela conseguir se concentrar daquele jeito. Não pude deixar de encarar Celeste. Ela não sabia que eu a tinha flagrado com Maxon. Perguntei-me várias vezes por que ela nunca tinha dito isso para ninguém. O fato de ela guardar

aquele acontecimento para si me fez pensar que não tinha sido a primeira vez.

Isso piorava tanto as coisas.

— Nervosa? — perguntei, observando-a tirar algo de cima da unha.

— Não. Isso é uma ideia idiota com a qual ninguém se importa. Ficarei feliz quando terminar. Sou modelo — ela disse, finalmente com os olhos em mim —, sou naturalmente boa na frente do público.

— Realmente, você é mestre na arte das aparências — murmurei.

Pude ouvir seus neurônios trabalharem para tentar descobrir a ofensa implícita na frase. Celeste acabou fazendo uma cara de tédio e olhando para o outro lado.

Foi exatamente naquele momento que o rei entrou ao lado da rainha. Ambos conversavam aos sussurros sobre um assunto que parecia muito importante. Maxon entrou logo depois, ajustando as abotoaduras enquanto caminhava até seu lugar. Aquele terno dava-lhe um ar tão inocente, tão limpo. Eu precisava lembrar a mim mesma da verdade.

Maxon olhou para mim. Decidi que não seria intimidada nem viraria o rosto: encarei-o também. Ele, um pouco hesitante, levou a mão até a orelha. Balancei a cabeça lentamente, com uma cara que dava a entender que nunca mais nos falaríamos se dependesse de mim.

Comecei a suar frio por todos os poros do corpo quando as apresentações começaram. A proposta de Natalie era curta. E um pouco ingênua.

Ela afirmou que todas as ações dos rebeldes eram odiosas e erradas e que, por isso, deveriam ser consideradas ilegais para manter as províncias de Illéa mais seguras. Todos permanecemos calados, chocados demais, ao fim de sua exposição. Como ela não sabia que tudo o que faziam já era considerado ilegal?

A rainha, em especial, parecia incrivelmente triste enquanto observava Natalie voltar ao lugar.

Elise propôs um programa de troca de cartas entre membros das castas superiores e pessoas da Nova Ásia. Sugeriu que isso ajudaria a fortalecer os laços entre os países e colaboraria com o fim da guerra. Eu não tinha muita certeza de que aquilo faria algum bem, mas era um novo lembrete para Maxon e para o público do motivo de ela ainda estar ali. A rainha perguntou se ela conhecia alguém da Nova Ásia que estaria aberto ao programa, ao que Elise respondeu que sim.

A apresentação de Kriss foi espetacular. Ela queria reformar o sistema de ensino público, o que eu sabia ser uma ideia cara ao coração da rainha e de Maxon. Ela usou a tela para projetar fotos das escolas de sua província que foram enviadas por seus pais. Era fácil perceber o cansaço no rosto do professor, e uma das fotos retratava quatro crianças

sentadas no chão por falta de cadeiras. A rainha disparou dúzias de perguntas, que Kriss respondeu rapidamente. Com base nas cópias que tínhamos lido de relatórios antigos sobre os problemas financeiros do reino, ela chegou mesmo a descobrir um lugar de onde emprestar o dinheiro necessário para iniciar o projeto e propôs ideias para continuar cobrindo os gastos.

Quando ela se sentou, Maxon deu um sorriso e fez um sinal de aprovação com a cabeça. Sua reação foi corar e fixar os olhos no laço de seu vestido. Era realmente muita crueldade da parte dele brincar com ela daquele jeito, sabendo da intimidade dele com Celeste. Mas eu já não interferiria mais. Que ele fizesse o que bem entendesse.

A apresentação de Celeste foi interessante, ainda que um tanto manipuladora. Ela sugeriu que deveria haver um salário mínimo para as castas inferiores, de acordo com uma escala gradual, baseada em diplomas. Contudo, para obter esses diplomas, os Cincos, Seis e Setes teriam que frequentar a escola, que era paga, o que ia beneficiar principalmente os Três, que tinham autorização para lecionar. Como Celeste era uma Dois, não fazia ideia de como tínhamos de trabalhar o mês inteiro para pagar as contas. Ninguém teria tempo para obter os diplomas, de modo que o pagamento nunca mudaria. A ideia parecia bonita por fora, mas não tinha como funcionar.

Celeste retomou seu assento, e eu estremeci ao me levantar. Por um breve segundo, pensei em fingir um

desmaio. Mas eu queria ver aquilo acontecer. Só não queria enfrentar as consequências.

Coloquei meu cartaz — um diagrama com as castas — no cavalete e dispus os livros sobre a mesa. Respirei fundo e segurei minhas fichas (e depois me surpreendi com o fato de não ter precisado delas).

— Boa noite, Illéa. Hoje, me dirijo a vocês não como membro da Elite, não como uma Três ou uma Cinco, mas como uma cidadã, uma igual. De acordo com a casta de cada um, a experiência neste país é diferente, tingida de tons bastante definidos. Digo isso por mim mesma. Mas não foi senão recentemente que descobri o quão profundo era meu amor por Illéa. Apesar de ter sido criada em meio à escassez de comida e eletricidade; apesar de ver entes queridos serem obrigados a assumir, com poucas esperanças de mudança, tarefas de que somos incumbidos desde o nascimento; apesar de ver diferenças entre mim e as outras pessoas por causa de um número, muito embora não sejamos tão diferentes assim — olhei para as meninas —; apesar de tudo isso, amo este país.

Troquei automaticamente de ficha, sabendo onde terminava uma e começava a outra.

— O que proponho não seria simples. Pode até ser doloroso, mas realmente acredito que poderia ser benéfico para todo o reino.

Tomei fôlego.

— Eu proponho que eliminemos as castas.

Ouvi mais de uma expressão de pasmo. Preferi ignorá-las.

— Sei que houve um tempo em que nosso país era novo, quando a atribuição desses números ajudou a organizar algo que estava a ponto de desaparecer. Mas não somos mais aquele país. Somos muito mais agora. Permitir que pessoas incapazes tenham inúmeros privilégios e suprimir aqueles que poderiam ser as mentes mais brilhantes do mundo em nome de um sistema arcaico de organização é algo muito cruel. Apenas nos impede de sermos melhores, de chegarmos ao nosso máximo.

Mencionei uma pesquisa em uma das revistas descartadas por Celeste, feita logo após nossa conversa sobre ter um exército de voluntários. Ela mostrava que sessenta e cinco por cento das pessoas acharam o alistamento voluntário uma boa ideia. Por que eliminar toda aquela carreira do horizonte das pessoas? Também citei um antigo relatório que tínhamos estudado sobre os testes de qualidade nas escolas públicas. O artigo era tendencioso e afirmava que apenas três por cento dos Seis e Setes demonstraram níveis altos de inteligência. Com um nível tão baixo, era claro que pretendiam permanecer onde estavam. Meu argumento era de que tínhamos de nos envergonhar de ter pessoas confinadas para cavar canais quando poderiam realizar cirurgias do coração.

Finalmente, a tarefa aterradora estava quase no fim.

— Talvez nosso país tenha falhas, mas não podemos negar sua força. Temo que, sem mudanças, sua força estagnará. E amo demais nosso país para deixar isso acontecer. Tenho esperanças demais para deixar isso acontecer.

Engoli em seco, grata ao menos por ter terminado.

— Obrigada pelo tempo de vocês — eu disse e me virei timidamente em direção à família real.

A situação era ruim. Maxon tinha uma expressão petrificada no rosto, como no dia em que Marlee fora açoitada. A rainha desviou o olhar, aparentemente decepcionada. Já o rei me encarava fixamente.

Quase sem piscar, ele se dirigiu a mim:

— E como você sugere que eliminemos as castas? — ele me desafiou. — Simplesmente as removemos?

— Bem... não sei.

— E você não acha que isso causaria tumultos? O caos completo? Daria oportunidade para os rebeldes tirarem vantagem da confusão geral?

Eu não tinha pensado nisso. Só tinha meditado sobre como tudo era tão injusto.

— Acredito que a criação das castas tenha gerado uma confusão considerável. Mas sobrevivemos. De fato — pus a mão sobre a pilha de livros —, tenho uma descrição aqui.

Comecei a procurar pela página certa do diário de Gregory.

— Estamos fora do ar? — o rei berrou.

— Sim, Majestade — uma voz respondeu.

Levantei os olhos e vi que todas as luzes que geralmente indicavam que as câmeras estavam ligadas tinham sido apagadas. Com algum gesto que me passou despercebido, o rei tirara o *Jornal Oficial* do ar.

O rei se levantou.

— Aponte as câmeras para o chão.

E cada uma delas foi virada para o piso.

Ele se aproximou e arrancou o diário de minhas mãos.

— Onde você conseguiu isto? — ele gritou.

— Pai, pare! — acorreu Maxon.

— Onde ela conseguiu isto? Responda-me!

Maxon confessou:

— De mim. Queríamos saber o que era o Halloween. Ele escreveu sobre isso nos diários, e pensei que talvez ela gostasse de ler mais.

— Seu imbecil! — vociferou o rei. — Eu sabia que devia tê-lo feito ler isto antes. Você está completamente perdido. Não faz ideia do seu próprio dever.

Ah, não. Ah, não, não, não.

— Ela parte hoje — ordenou o rei Clarkson. — Estou farto dela.

Tentei me encolher, me distanciar o máximo do rei sem dar na cara. Tentei mesmo não respirar alto demais. Voltei o rosto para as garotas, por algum motivo focando Celeste. Esperava que estivesse sorrindo, mas ela estava nervosa. O rei nunca agira assim.

— Você não pode mandá-la embora. A escolha é minha e eu digo que ela fica — Maxon afirmou com a voz calma.

— Maxon Calix Schreave, eu sou o rei de Illéa e digo...

— Você poderia deixar de ser o rei de Illéa por cinco minutos e ser apenas meu pai? — Maxon gritou. — A escolha é minha. Você pôde fazer a sua, e eu quero fazer a minha. Ninguém sai sem que eu diga para sair!

Vi Natalie e Elise abraçarem-se; elas pareciam tremer.

— Amberly, leve isso de volta ao seu lugar — ele disse, jogando o livro nas mãos da rainha. Ela permaneceu ali, balançando a cabeça sem se mover. — Maxon, preciso vê-lo no meu escritório.

Olhei para Maxon. Talvez tenha sido impressão minha, mas uma sombra de pânico pareceu surgir em seus olhos.

— Ou eu poderia simplesmente falar com ela — propôs o rei com o dedo apontado para mim.

— Não — Maxon reagiu de imediato, com a mão levantada em protesto. — Isso não é necessário. Senhoritas — ele acrescentou, voltando-se para nós —, por que vocês não sobem para o quarto? Cuidaremos para que lhes sirvam o jantar lá.

Ele fez uma pausa e completou.

— America, talvez você devesse ir primeiro e fazer suas malas. Só para o caso de acontecer alguma coisa.

O rei sorriu, o que foi um gesto estranho dada sua explosão.

— Excelente ideia. Depois de você, filho.

Maxon tinha um ar de derrotado. Senti vergonha. Maxon abriu a boca para dizer algo, mas acabou por sacudir a cabeça e sair.

Kriss apertava as mãos, preocupada com seu príncipe. Eu não podia culpá-la. Algo naquilo tudo parecia muito ameaçador.

— Clarkson? — a rainha Amberly falou com voz serena. — E o outro assunto?

— Qual? — perguntou ele, irritado.

— As notícias — lembrou ela.

— Ah, sim.

O rei caminhou em nossa direção. Eu estava tão perto que decidi recuar com a cadeira, com medo de ficar ali sozinha mais uma vez. A voz do rei Clarkson soou firme e calma:

— Natalie, não queríamos contar antes do *Jornal Oficial*, mas recebemos más notícias.

— Más notícias? — perguntou ela, ansiosa, com a mão sobre o colar.

O rei aproximou-se.

— Sim, sinto muito, mas parece que os rebeldes levaram sua irmã esta manhã.

— O quê? — ela falou, quase sem voz.

— Seus restos mortais foram encontrados à tarde. Sentimos muito.

Havia algo próximo da simpatia em sua voz, embora parecesse mais treino do que emoção genuína.

Em seguida, ele voltou-se novamente para Maxon, e o conduziu à força para fora, enquanto Natalie soltava um grito ensurdecedor. A rainha acorreu em seu auxílio, acariciando sua cabeça na tentativa de acalmá-la. Celeste — que nunca

fora muito fraterna — deixou discretamente o estúdio, seguida de perto por Elise, que estava completamente estupefata. Kriss permaneceu e tentou confortar Natalie, mas logo que ficou claro que não poderia fazer muito, saiu também. A rainha disse a Natalie que guardas acompanhariam seus pais por precaução e que ela poderia sair para acompanhar o funeral, se quisesse. Tudo isso sem deixar de abraçar Natalie por um instante.

Tudo tinha escurecido tão de repente. Eu estava congelada em minha cadeira.

Quando uma mão surgiu diante do meu rosto, recuei, tamanho era o meu espanto.

— Não vou machucá-la — disse Gavril. — Quero apenas ajudá-la.

O brilho do seu broche refletia a luz.

Dei minha mão a ele, surpresa pelo tremor nas pernas.

— Ele deve amá-la muito — Gavril comentou assim que me equilibrei.

Não conseguia olhar para ele.

— Por que você diz isso?

Gavril soltou um suspiro e respondeu:

— Conheço Maxon desde criança. Ele nunca enfrentou o pai desse jeito.

Gavril se afastou, instruindo a equipe a não dizer nada do que ouviram ali naquela noite.

Me aproximei de Natalie. Não que eu soubesse muito sobre ela, mas tinha certeza de que amava sua irmã como eu amava May. E eu não suportava imaginar sua dor.

— Natalie, eu sinto tanto — eu disse em voz baixa.

Ela inclinou a cabeça. Era o máximo que podia fazer.

A rainha me olhou com simpatia, sem saber como expressar toda sua tristeza.

— E... eu sinto tanto pela senhora também. Eu não tentei... Só quis...

— Eu sei, minha cara.

Do jeito que Natalie estava, pedir mais que um adeus era egoísmo demais. Fiz uma longa reverência final à rainha e saí lentamente do estúdio, lamentando o desastre que tinha criado.



A ÚLTIMA COISA QUE ESPERAVA ao cruzar a porta de meu quarto era uma salva de palmas de minhas criadas.

Parei por um momento, realmente comovida com o apoio e consolada pelo orgulho radiante naqueles rostos. Assim que pararam de me deixar envergonhada, Anne segurou minhas mãos.

— Muito bem dito, senhorita.

Ela apertou meus dedos, e vi em seu olhar a alegria pelo que eu havia dito. Por um instante, não me senti tão terrível.

— Não posso acreditar que fez aquilo! Ninguém nunca defende essa causa! — acrescentou Mary.

— Maxon tem que escolher a senhora! — exclamou Lucy. — É a única a me dar esperança.

Esperança.

Eu precisava pensar e o único lugar onde poderia fazer isso era no jardim. Embora minhas criadas tivessem insistido para que eu ficasse, saí pelo caminho mais longo da escadaria de trás até o fim da sala. Além de um ou outro guarda, o primeiro andar estava vazio e quieto. Imaginava que o palácio devesse estar estourando de agitação depois de tudo o que acontecera nesses últimos trinta ou quarenta minutos.

Enquanto caminhava pela ala hospitalar, uma porta se abriu e eu trombei justamente com Maxon, que deixou cair uma caixa de metal lacrada. Ele soltou um gemido depois da nossa colisão.

— O que você faz fora do seu quarto? — ele perguntou, abaixando-se devagar para apanhar a caixa. Pude notar que seu nome estava gravado em um dos lados.

— Estava indo para o jardim, para tentar descobrir se fiz uma burrice ou não.

Maxon pareceu ter dificuldade para se levantar.

— Ah, posso garantir que foi burrice.

— Você quer ajuda?

— Não — ele respondeu depressa, desviando o olhar. — Estou apenas indo para o meu quarto. E aconselho você a fazer o mesmo.

— Maxon — o pedido sereno o fez olhar para mim —, sinto muito. Eu estava com raiva, e eu queria... Nem sei mais. E foi você quem disse que havia vantagens em ser Um, que era possível mudar as coisas.

Ele fez uma careta de enfado.

— Você não é uma Um.

Ficou um silêncio entre nós.

— Mesmo que fosse — continuou ele —, você nunca prestou atenção ao jeito como faço as coisas? Com discrição, aos poucos. É assim que deve ser por enquanto. Você não pode ir à televisão, reclamar do jeito como as coisas são administradas e esperar o apoio de meu pai, ou de qualquer pessoa.

— Sinto muito! — lamentei. — Sinto muito, muito.

Ele parou por um instante.

— Não sei se...

Ouvimos o grito ao mesmo tempo. Maxon deu meia-volta e começou a caminhar, e eu o segui, tentando identificar o som. Alguém estava lutando? À medida que nos aproximamos

do cruzamento entre o corredor principal e as portas para o jardim, vimos uma multidão de guardas encher o perímetro.

— Soem o alarme! — alguém gritou. — Eles passaram pelos portões!

— Armas a postos! — outro guarda berrou mais alto.

— Alertem o rei!

E foi então que, como um enxame de abelhas, várias coisas aconteceram rapidamente. Um guarda foi ferido e caiu para trás, batendo a cabeça contra o mármore e produzindo um estalo perturbador. O sangue que jorrava de seu peito me fez gritar.

Maxon instintivamente puxou-me para trás, mas não muito rápido. Talvez ele também estivesse em choque.

— Alteza! — chamou um dos guardas, correndo em nossa direção. — O senhor precisa ir para baixo agora!

Ele se esforçou para virar Maxon e empurrá-lo para longe. Maxon gritou e deixou cair a caixa de metal. Olhei para a mão que o soldado tinha posto nas costas de Maxon, imaginando que ele teria cravado uma faca ali, pois apenas isso justificaria aquele grito. Tudo o que vi foi um anel de peltre em seu polegar. Peguei a caixa pela alça lateral, esperando não quebrar nada ali dentro, e corri na direção para a qual o guarda tentava nos conduzir.

— Não vou conseguir — disse Maxon.

Voltei o rosto para ele e notei que estava suando. Havia algo de muito errado com ele.

— Sim, senhor — disse o guarda secamente. — Por aqui.

Ele arrastou Maxon para um canto que parecia não ter saída. Pensei que ele fosse nos deixar ali, mas ele apertou um botão invisível na parede que abriu outra das portas misteriosas do palácio. Era tão escuro lá dentro; eu não conseguia ver onde terminava. Maxon entrou, mesmo com as costas arqueadas, sem hesitar.

— Avise minha mãe que America e eu estamos seguros. Faça isso antes de tudo — ordenou.

— Pois não, senhor. Voltarei pessoalmente aqui quando isto acabar.

A sirene soou. Eu torcia para que ainda houvesse tempo de salvar todos.

Maxon fez um sinal com a cabeça e a porta se fechou, deixando-nos na mais completa escuridão. O abrigo era tão seguro que eu não podia distinguir o som do alarme. Escutei Maxon esfregar a mão contra a parede e, de repente, uma luz fraca se acendeu. Olhei para os lados e inspecionei o ambiente.

Havia algumas prateleiras com uns pacotes de plástico escuro, e outras com alguns cobertores finos. No meio daquele espaço, havia um banco de madeira com capacidade para umas quatro pessoas; na parede oposta, uma pequena

pia e o que parecia ser um banheiro muito primitivo. Havia alguns ganchos instalados na parede, mas não tinha nada pendurado. A sala inteira cheirava ao metal de que as paredes aparentemente eram feitas.

— Pelo menos esse é dos bons — Maxon comentou, para depois se arrastar com dificuldade até o banco e sentar.

— O que há de errado?

— Nada — ele disse com calma, e apoiou a cabeça nas mãos.

Sentei-me ao seu lado, não sem antes colocar a caixa de metal no banco, e passei a olhar o cômodo mais uma vez.

— Acho que são rebeldes do sul.

Maxon fez que sim. Tentei desacelerar a respiração e apagar da minha cabeça tudo o que acabara de ver. Aquele guarda sobreviveria? Por acaso alguém poderia sobreviver a algo como aquilo?

Perguntava-me o quão longe os rebeldes tinham chegado durante o tempo que levamos para nos esconder. O alarme tinha sido rápido o suficiente?

— Estamos seguros aqui?

— Sim. Este é um dos abrigos para empregados. Os que ficam na cozinha e no armazém são tão seguros quanto este. Mas os funcionários que circulam pelo palácio em seus afazeres podem não ter tempo de chegar lá rapidamente. Não

é tão seguro como o grande abrigo para a família real, e lá temos suprimentos para muito tempo. Mas estes servem bem.

— Os rebeldes sabem?

— Talvez — ele disse, apertando os lábios para endireitar-se no banco. — Só que não podem entrar enquanto os abrigos estiverem sendo usados. Há apenas três formas de sair. Ativá-lo com uma chave por fora, por dentro — nesse momento, Maxon bateu no bolso, dando a entender que poderia nos tirar de lá se necessário — ou esperar dois dias. Após quarenta e oito horas, as portas abrem-se automaticamente. Os guardas verificam cada um dos abrigos assim que o perigo passa, mas sempre há a possibilidade de pularem um. Sem o mecanismo de abertura automática, alguém poderia ficar preso aqui para sempre.

Ele demorou um tempo para falar tudo isso. Maxon claramente sofria, mas parecia tentar se distrair com as palavras. Ele se inclinou para a frente e bufou.

— Maxon?

— Não consigo... não consigo aguentar mais. America, me ajude com o casaco.

Ele esticou os braços, e eu pulei para ajudá-lo a tirar o casaco das costas. Ele o atirou para trás e passou aos botões. Comecei a ajudá-lo, mas ele me interrompeu com as mãos.

— Sua capacidade de guardar segredos não parece das mais impressionantes no momento. Mas isto tem que ir até a cova com você. E comigo. Entendido?

Concordei, embora sem entender muito o que ele queria dizer. Maxon soltou minha mão, e eu desabotoei lentamente sua camisa. Me perguntei se algum dia ele já tinha sonhado comigo fazendo isso. Eu tinha que admitir que sim. Na noite de Halloween, me deitei na cama sonhando com esse momento. Mas tinha imaginado tudo bem diferente. Ainda assim, sentia uma certa emoção ao fazer aquilo.

Eu tinha sido criada como musicista, mas vivera rodeada de artistas de todos os tipos. Certa vez, vi uma escultura centenária que representava um atleta lançando um disco. Pensei, então, que apenas um artista podia fazer aquele tipo de coisa: fazer o corpo de alguém parecer tão belo. O peito de Maxon era tão esculpido quanto qualquer estátua que eu tinha visto na vida.

Mas tudo mudou quando comecei a puxar sua camisa no lado das costas. Estava colada nele, e fazia um ruído molhado e grudento quando eu tentava tirá-la.

— Devagar — disse ele.

Obedeci e passei para trás dele a fim de tentar dali.

As costas da camisa de Maxon estavam encharcadas de sangue.

Perdi a respiração e estaquei por um momento. Ao perceber que aquele espanto piorava as coisas, voltei ao trabalho. Assim que removi a camisa, joguei aquilo em um dos suportes e tentei me recompor do choque.

Dei meia-volta e olhei bem para as costas de Maxon. Um corte ainda cheio de sangue rasgara-o desde o ombro até a cintura, onde unia-se a outro que também sangrava; este, por sua vez, cruzava com outro que parecia que já tinha cicatrizado alguma vez e com mais outro, enrugado pelo tempo. Parecia haver seis lambadas de chicote nas costas de Maxon, abertas sobre muitas outras.

Como aquilo podia ter acontecido? Maxon era o príncipe. Era um nobre, um soberano que vivia isolado dos outros. Estava acima de tudo, às vezes até da lei. Então, como teria ficado coberto de cicatrizes?

Lembrei-me, então, do olhar do rei naquela noite. E do esforço de Maxon para esconder seu medo. Como um homem podia fazer isso ao próprio filho?

Me afastei de novo, inspecionando o abrigo até encontrar um pano. Fui até a pia e fiquei feliz de ver que ainda funcionava, embora a água fosse fria como o gelo.

Endireitei o corpo e me aproximei de Maxon, tentando manter a calma para o bem dele.

— Talvez arda um pouquinho — avisei.

— Tudo bem — ele falou em voz baixa. — Estou acostumado.

Peguei o pano molhado e apliquei sobre o grande sulco em seu ombro; pareceu-me melhor começar por cima. Ele recuou um pouco, mas permaneceu calado. Quando passei para o segundo corte, ele começou a falar:

— Vinha preparando essa noite durante anos, sabia? Esperava o dia em que seria forte o bastante para enfrentá-lo.

Maxon calou-se por uns instantes. Algumas coisas começaram a fazer sentido para mim: por que uma pessoa que trabalhava em um escritório tinha aqueles músculos respeitáveis; por que ele sempre surgia meio vestido e pronto para qualquer coisa; por que ficaria nervoso com uma menina que o chama de criança e o empurra?

Limpei a garganta.

— E por que não enfrentou?

Ele fez uma pausa.

— Temi que se ele não me atacasse, viria atrás de você.

Fui obrigada a parar por uns instantes, sem forças sequer para falar. As lágrimas ameaçaram cair, mas tentei segurá-las. Tinha certeza de que só piorariam as coisas.

— Alguém sabe?

— Não.

— Nem o médico? Ou sua mãe?

— O médico sabe, mas é discreto. E eu nunca contaria a minha mãe nem lhe daria qualquer motivo para suspeitar. Ela sabe que meu pai é severo comigo, mas não quero que se preocupe. Eu aguento.

Eu continuava a limpar os cortes.

— Ele não é assim com ela — me assegurou rapidamente. — Ela é maltratada de outras maneiras, imagino, mas nada assim.

— Hmm — foi tudo o que pude fazer. Não sabia ao certo o que dizer.

Passei o pano mais uma vez e Maxon gemeu:

— Droga, isso arde.

Me afastei por um minuto para ele recuperar o fôlego. Em seguida, ele fez um sinal para que eu continuasse.

— Tenho mais carinho por Carter e Marlee do que você pode imaginar — disse ele, tentando parecer positivo. — Estas coisas demoram para parar de doer, especialmente quando você está determinado a cuidar delas sozinho.

Parei por um segundo, um tanto chocada. Marlee levou quinze golpes de uma só vez. Se eu tivesse que escolher, preferiria isso a ser chicoteada quando menos se espera.

— Qual o motivo das outras marcas? — perguntei, imediatamente arrependida. — Esquece. Foi grosseria perguntar.

Ele encolheu seu ombro machucado.

— Coisas que disse ou fiz. Coisas que sei.

— Coisas que *eu* sei — acrescentei. — Maxon, eu... — faltou-me ar, e eu quase perdi o controle. Eu bem que podia dar umas chibatadas em mim mesma.

Ele não se virou, mas sua mão buscou meu joelho.

— Como você vai terminar de limpar isso se não para de chorar?

Dei uma risada fraca em meio às lágrimas e sequei o rosto. Deixei os cortes limpos e tentei permanecer tranquila.

— Você acha que há curativos por aqui? — perguntei, enquanto examinava o abrigo.

— Na caixa — ele disse.

— Por que você não os deixa em seu quarto?

— Puro orgulho. Estava determinado a nunca mais precisar deles.

Suspirei baixo. Li os rótulos e encontrei a solução desinfetante, uma coisa que talvez ajudasse a aliviar a dor e as bandagens.

Passei para trás dele para aplicar a medicação.

— Isso pode doer.

Ele concordou com a cabeça. Quando o remédio tocou sua pele, ele urrou. Tentei ser rápida e eficaz a fim de deixar tudo o mais confortável possível para ele.

Comecei a passar um bálsamo em suas feridas. Ficou claro que, seja lá o que fosse aquela substância, estava funcionando. A tensão em seus ombros se desfez um pouco graças ao meu trabalho, o que me deixou feliz. Me sentia como se estivesse reparando algum problema que causei.

Maxon deixou escapar uma risada.

— Eu sabia que meu segredo acabaria por vir à tona. Há anos tento inventar uma boa história. Esperava encontrar algo plausível até o casamento, já que a minha esposa as veria. Acontece que eu ainda estou sem inspiração. Alguma ideia?

Pensei um pouco.

— A verdade basta.

— Não é a minha opção favorita. Não para este caso, pelo menos.

— Acho que terminei.

Maxon contorceu e retraiu um pouco o corpo, com muito cuidado. Ele olhou para mim com uma expressão de gratidão estampada no rosto.

— Perfeito, America. Melhor que qualquer coisa que eu já tenha feito.

— Às ordens.

Ele me encarou por uns instantes, e o silêncio cresceu. O que eu podia dizer?

Meus olhos insistiam em se fixar no peito dele; eu tinha que parar com aquilo.

— Vou lavar sua camisa.

Me enfiei no canto do abrigo e passei a esfregar a camisa com as mãos, observando a água tingir-se de uma cor enferrujada antes de descer pelo ralo. Sabia que o sangue não sairia, mas pelo menos eu podia me manter ocupada.

Quando terminei, torci a peça algumas vezes e a pendurei no gancho mais uma vez. Quando virei, lá estava Maxon com os olhos cravados em mim.

— Por que você nunca me faz as perguntas que eu quero responder?

Eu não me achava capaz de me sentar ao seu lado sem me sentir tentada a tocá-lo. Por isso, sentei no chão, de frente para ele.

— Eu não sabia que fazia isso.

— Você faz.

— Bom, o que eu não perguntei que você quer responder?

Ele respirou fundo e se inclinou para frente para apoiar os cotovelos sobre os joelhos.

— Você não quer que eu explique sobre Kriss e Celeste? Não acha que merece isso?



Capítulo 29



CRUZEI OS BRAÇOS.

— Ouvi a versão de Kriss para o que aconteceu e não acho que ela exagerou. Quanto a Celeste, prefiro não falar nunca mais sobre ela.

Ele riu.

— Tão teimosa. Vou sentir falta disso.

Fiquei quieta por um minuto.

— Então é isso? Estou fora?

Maxon pensou um pouco.

— Acho que não sou capaz de evitar a essa altura. Não é o que você queria?

Eu neguei com a cabeça.

— Eu estava louca — falei, quase sem voz. — Tão louca.

Desviei o olhar. Não queria chorar naquela hora. Aparentemente, Maxon tinha decidido que eu precisava ouvir o que ele tinha para falar, querendo ou não. Ele finalmente tinha me encurralado, e eu ouviria tudo o que ele queria me dizer.

— Pensei que você fosse minha — ele começou. Olhei-o com o canto dos olhos e o vi com o rosto voltado para o teto. — Se eu pudesse, teria pedido sua mão em casamento na festa de Halloween. Tenho que fazer um evento oficial, com meus pais, convidados e câmeras. Mas tenho uma autorização especial para pedir em casamento de forma privada quando estivermos prontos e organizar uma recepção depois. Nunca falei disso?

Maxon olhou para mim, e eu sacudi a cabeça devagar. Ele abriu um sorriso amargo e continuou a recordar:

— Eu já tinha preparado o discurso. Todas as promessas que queria fazer. Provavelmente eu teria esquecido tudo na hora e feito papel de idiota. Apesar de... eu lembrar delas agora. Vou poupá-la disso — acrescentou com um suspiro.

Ele ficou calado por um minuto.

— Quando você me afastou, entrei em pânico. Eu tinha certeza de ter chegado ao fim deste concurso insano, e me encontrei novamente como no primeiro dia da Seleção, só que agora com bem menos opções. E eu havia passado a semana anterior com as outras garotas com o intuito de encontrar alguém que ofuscasse você, que talvez eu desejasse mais. Fracassei. Me sentia sem esperança.

"E então Kriss apareceu. Tão humilde, com o único desejo de me ver feliz, e me perguntei por que não havia reparado nesse seu lado. Eu sabia que ela era simpática, e ela é muito atraente. Mas vi algo a mais nela.

"Acho que eu simplesmente não estava procurando de verdade. Por que o faria, se tinha você?"

Abracei meu corpo na esperança de me esconder da dor. *Eu* já não existia, *eu* havia estragado tudo.

— Você ama ela? — perguntei, humilhada. Não queria ver seu rosto, mas a longa pausa deu a entender que havia algo profundo entre ambos.

— É diferente do que era com você. Mais sereno, mais amistoso. Mas é firme. Posso me apoiar em Kriss, e não tenho

dúvidas de que ela é dedicada a mim. Como você pode ver, há poucas certezas em meu mundo. E por isso é reconfortante tê-la ao meu lado.

Fiz que sim com a cabeça, ainda evitando olhá-lo nos olhos. Só conseguia pensar nele falando de nós dois no passado e nos seus elogios infindáveis a Kriss. Queria ter algo de ruim para falar sobre ela, algo que fosse derrubá-la de um só golpe, mas não: Kriss era uma dama. Fez tudo direito desde o começo. De fato, eu fiquei surpresa por ele ter preferido a mim em vez dela. Kriss era perfeita para ele.

— Então por que Celeste, se Kriss é tão maravilhosa... — perguntei, finalmente com meus olhos nos deles.

Maxon inclinou a cabeça, envergonhado com o assunto. Antes de mais nada, a ideia de falar disso tinha partido dele, de modo que ele devia ter alguma resposta em mente. Ele se levantou e arriscou outro alongamento antes de começar a caminhar com passos curtos pelo abrigo.

— Como você sabe, minha vida é cheia de desgastes que eu prefiro não revelar. Vivo em um estado de constante tensão. Sempre observado, julgado. Meus pais, nossos conselheiros... sempre há câmeras em minha vida, e agora vocês estão aqui — ele disse, com um gesto em minha direção. — Tenho certeza de que você já se sentiu aprisionada por causa da sua casta pelo menos uma vez, mas imagine como me sinto. Há coisas que vi, America, que sei; e acho que nunca serei capaz de mudá-las.

“Você tem consciência, imagino, que teoricamente meu pai deve se aposentar quando eu chegar aos vinte anos — prosseguiu Maxon. — Mas você acha que ele vai deixar de mexer os pauzinhos? Isso não vai acontecer enquanto ele viver. E eu sei que ele é terrível, mas eu não quero que ele morra... Ele é meu *pai*.”

Fiz um sinal demonstrando que tinha entendido.

— A propósito, ele também influenciou a Seleção, desde o primeiro dia. Se você olhar as remanescentes, fica tudo muito claro.

Maxon começou a contar as meninas nos dedos.

— Natalie é extremamente dócil, o que faz dela a favorita de meu pai, pois segundo ele sou muito voluntarioso. O fato de ele gostar tanto dela faz com que eu tenha que lutar contra o impulso de odiá-la.

“Elise possui aliados na Nova Ásia, mas não sei se serviriam para alguma coisa. Essa guerra... — Maxon pensou em algo e sacudiu a cabeça. Havia algum detalhe sobre a guerra que ele não queria revelar. — E ela é tão... nem sei a palavra para isso. Sabia desde o começo que não queria uma garota que concordasse com tudo o que eu dissesse ou apenas obedecesse. Eu tentava contradizê-la, e então ela cedia. O tempo todo! É irritante. É como se ela não tivesse personalidade.”

Ele estava quase ofegante. Eu não tinha percebido o quanto ela o incomodava. Ele sempre tinha tanta paciência conosco. Por fim, ele olhou para mim.

— Você foi escolha minha. Minha única escolha. Meu pai não ficou entusiasmado, mas até então você ainda não tinha feito nada que o deixasse irritado. Se você ficasse quieta, ele não se importaria que eu a mantivesse. Aliás, ele não veria problemas se eu escolhesse você, desde que você fosse bem-comportada. Ele usou as suas ações recentes para apontar minhas falhas de julgamento e insistir que terá a palavra final a partir de agora.

Maxon balançou a cabeça.

— Mas isso é outra história. As outras, Marlee, Kriss e Celeste, foram escolhidas por conselheiros. Marlee era uma das favoritas, como Kriss. — Ele soltou um suspiro. — Kriss seria uma boa escolha. Gostaria que ela me deixasse ficar mais próximo, pelo menos para descobrir se temos... química. Queria pelo menos ter uma ideia.

"E Celeste. Ela é muito influente, uma celebridade por si só. Fica bem na TV. Parece lógico que alguém quase do meu nível seja minha escolha final. Gosto dela ao menos por sua obstinação. Ela pelo menos tem personalidade. Mas enxergo que ela tende a ser manipuladora e que faz de tudo para tirar o máximo de vantagem dessa situação. Eu sei que, quando me abraça, é a coroa que ela tem no coração."

Ele fechou os olhos, como se o que estivesse prestes a dizer fosse a pior parte.

— Ela está me usando, por isso não me sinto culpado quando a uso. Não me surpreenderia saber que alguém a encorajou a atirar-se em mim. Posso respeitar os limites de Kriss. E preferiria muito mais estar nos seus braços, mas você mal tem falado comigo...

"Será tão ruim assim que eu deseje quinze minutos sem preocupações na vida? Para me sentir bem? Para fingir um pouquinho que alguém me ama? Você pode me julgar se quiser, mas não posso pedir desculpas por querer algo normal na vida."

Maxon me olhou no fundo dos olhos. Esperava a minha reprovação e, ao mesmo tempo, tinha esperança de que ela não viesse.

— Eu sei como é.

Pensei em Aspen, me abraçando forte e fazendo promessas. Eu não tinha feito a mesma coisa? Eu quase podia ouvir o cérebro de Maxon trabalhar a fim de descobrir o quão literais eram minhas palavras. Esse era um segredo que eu não poderia revelar. Mesmo se tudo estivesse perdido para mim, não podia deixar Maxon pensar em mim daquele jeito.

— Você a escolheria? Escolheria Celeste?

Ele veio sentar ao meu lado, movendo-se com cuidado. Eu não conseguia imaginar o quanto suas costas doíam.

— Se fosse obrigado, escolheria Celeste em vez de Elise ou Natalie. Mas isso não vai acontecer a não ser que Kriss decida sair.

— Kriss é uma boa escolha. Será uma princesa muito melhor do que eu jamais seria.

Ele achou graça.

— Ela é menos instigante. Deus sabe o que aconteceria ao país com você à frente.

Eu ri, afinal, ele tinha razão:

— Seria provavelmente a ruína total.

Maxon continuou a sorrir e falou:

— Talvez o país precise ser arruinado.

Permanecemos ali em silêncio por um momento. Fiquei imaginando como seria nosso mundo arruinado. Não poderíamos nos livrar da família real, mas talvez pudéssemos mudar a maneira de fazer certas coisas. Os cargos seriam preenchidos com eleições e não por herança. E as castas... amaria muito vê-las mortas para sempre.

— Você me permite uma coisa?

— O quê?

— Bom, eu dividi muitas coisas com você esta noite que foram difíceis de admitir. Fiquei pensando se você não me responderia uma pergunta.

Seu rosto era tão sincero que eu não poderia negar. Esperava não me arrepender do que quer que se tratasse, mas ele foi mais honesto comigo do que eu mereceria.

— Sim. Qualquer coisa.

Ele engoliu em seco.

— Você em algum momento me amou?

Maxon me olhou nos olhos e imaginei se ele podia ver a resposta ali. Todas as emoções com que lutei porque pensei que ele era uma coisa que ele não era; todos os sentimentos que nunca quis nomear. Encolhi a cabeça.

— Eu sei que quando pensei ser você o responsável pelo castigo de Marlee me senti arrasada. Não apenas pelo que aconteceu, mas porque eu não queria achar que você era esse tipo de pessoa. Eu sei que quando você fala de Kriss ou dos seus beijos em Celeste... fico com tanto ciúme que mal posso respirar. E sei que quando conversamos no Halloween, fiquei pensando em nosso futuro. E fiquei feliz. Sei que se você tivesse feito o pedido, eu teria dito sim — as últimas palavras saíram como um débil sussurro quase inaudível.

— Também sei — continuei — que nunca soube como lidar com seus encontros com as outras ou com a sua condição de príncipe. Mesmo com tudo o que você me contou esta noite, acho que sempre haverá coisas sobre você mesmo que você esconderá... Mas, apesar de tudo... — e fiz que sim

com a cabeça. Não podia dizer aquelas palavras em voz alta. Se dissesse, como conseguiria partir?

— Obrigado — ele sussurrou. — Pelo menos agora tenho certeza de que, por um pequeno período do tempo que passamos juntos, você e eu sentimos a mesma coisa.

Meus olhos incharam, prestes a derramar mais lágrimas. Ele nunca tinha me dito de verdade que me amava; tampouco o dizia com todas as letras agora. Mas as palavras estavam tão, tão perto.

— Eu fui tão idiota — falei, recuperando o fôlego. Lutei o máximo que pude contra as lágrimas, mas já não aguentava mais. — Sempre deixei a coroa me assustar e me afastar de você. Dizia a mim mesma que você não era importante para mim. Sempre pensava que você tinha mentido para mim, que você não confiava em mim nem se importava comigo o suficiente. Me deixei acreditar que eu não era importante para você.

Eu encarei seu rosto e concluí:

— Basta olhar as suas costas para saber que você faria qualquer droga de coisa por mim. E eu joguei tudo fora. Acabo de jogar tudo fora...

Ele abriu os braços, e eu me joguei neles. Maxon me abraçou em silêncio, acariciando meus cabelos. Queria poder apagar tudo e ficar apenas com aquele momento, aquele

breve segundo em que ele e eu sabíamos o quanto significávamos um para o outro.

— Por favor, não chore, querida. Eu pouparia suas lágrimas o resto da vida, se pudesse.

— Eu nunca mais vou ver você. É tudo culpa minha — falei, ofegante.

Ele me abraçou mais forte.

— Não, eu devia ter sido mais aberto. Mais paciente. Devia ter pedido sua mão naquela noite em seu quarto.

Ele riu. Levantei os olhos para ele, sem saber quantos sorrisos daquele eu ainda veria. Os dedos de Maxon enxugaram as lágrimas das minhas bochechas. Ele continuou ali, me olhando nos olhos. E eu fazia o mesmo, desejando muito me lembrar disso no futuro.

— America... Não sei quanto tempo temos juntos, mas não quero gastá-lo com arrependimentos por coisas que deixamos de fazer.

— Nem eu.

Dei um beijo na palma de sua mão. Então beijei a ponta de seus dedos. Ele deslizou a mesma mão por baixo dos meus cabelos e empurrou meus lábios para os seus.

Como havia sentido falta desses beijos, tão serenos, tão certos. Eu sabia que, em toda minha vida, se me casasse com Aspen ou com outra pessoa, ninguém me faria sentir assim.

Não era como se a minha presença fizesse o mundo dele mais feliz. A sensação que eu tinha era de *ser* o mundo dele. Não havia explosões. Não havia fogos de artifício. Era uma chama lenta, queimando de dentro para fora.

Trocamos de posição, de modo que eu fiquei com as costas no chão e ele sobre mim. Ele correu o nariz pelo meu queixo, pelo meu pescoço, pelo meu ombro e cobriu esse caminho de beijos na volta até meus lábios. Eu não parava de passar meus dedos por seu cabelo, tão suave que quase me fazia cócegas na palma das mãos.

Depois de um tempo, pegamos os cobertores e improvisamos uma cama. Ele me abraçou por mais um tempo, com seus olhos nos meus. Se não fosse tudo o que eu tinha feito, poderíamos passar anos fazendo isso.

Assim que a camisa de Maxon secou, ele a vestiu, cobrindo as manchas secas com seu casaco. Depois, voltou a se aconchegar em mim. Começamos a conversar, eu não queria dormir nem por um segundo, e notei que ele também não.

— Você acha que vai voltar para ele? O seu ex?

Não queria falar de Aspen naquele momento, mas pensava nisso.

— Ele é uma boa opção. Inteligente, corajoso, talvez a única pessoa neste planeta que seja mais teimosa do que eu.

Maxon soltou uma risada. Meus olhos fecharam, mas continuei:

— Vai demorar um pouco até que eu possa pensar sobre isso.

— Hmm.

O silêncio se prolongou. Maxon esfregou o polegar contra a minha mão.

— Eu poderia escrever para você? — ele perguntou.

Pensei.

— Talvez você devesse esperar alguns meses. Talvez nem sinta saudade.

Ele quase riu.

— Se você for escrever... deve contar a Kriss.

— Você tem razão.

Ele não explicou se ia contar a ela ou se simplesmente não escreveria, mas naquele momento eu não queria saber.

Não conseguia acreditar que tudo aquilo estava acontecendo por causa de um livro idiota.

Perdi o fôlego. Meus olhos se arregalaram. Um livro!

— Maxon, e se os rebeldes nortistas estiverem atrás dos diários?

Ele trocou de posição, ainda um pouco distraído.

— O que você quer dizer?

— Quando fugi para o jardim naquele dia, vi os rebeldes passarem por mim. Uma moça deixou cair uma bolsa cheia de livros. O cara que estava com ela também tinha um monte. Eles estão roubando livros. E se estiverem procurando por um título em particular?

Maxon arregalou os olhos, e depois piscou, submerso em pensamentos.

— America... o que havia exatamente naquele diário?

— Muita coisa. Sobre como Gregory basicamente roubou o país, como impôs as castas ao povo. Era horrível, Maxon.

— Mas o *Jornal Oficial* saiu do ar — ele insistiu. — Mesmo que seja isso o que querem, não há como eles saberem o que é o diário ou do que ele trata. Acredite, depois da sua apresentação, meu pai vai garantir que os diários fiquem mais protegidos que o habitual.

— É — eu disse, com a mão na boca para esconder um bocejo. — Eu sei.

— Não — falou Maxon. — Não se preocupe. Pelo que sabemos, eles apenas gostam muito de ler.

Aquela tentativa de piada só me fez soltar um gemido.

— Realmente, eu pensava que não podia piorar as coisas — lamentei.

— Shhh... — foi a reação de Maxon, ao mesmo tempo que se aproximava mais de mim, com os braços fortes ainda apoiados no chão. — Não se preocupe agora. Talvez fosse melhor você dormir.

— Mas eu não quero — falei baixinho, mas me aconcheguei mais em seu corpo.

Maxon fechou os olhos, ainda me abraçando.

— Eu também não. Mesmo em um dia bom, dormir me deixa nervoso.

Meu coração sentiu uma pontada. Não conseguia imaginar seu constante estado de preocupação, principalmente por saber que quem o mantinha quase louco era o próprio pai.

Maxon soltou minha mão e procurou algo em seu bolso. Entreabri os olhos; os dele estavam fechados. Estávamos quase dormindo. Ele segurou minha mão de novo e começou a amarrar algo no meu pulso. Reconheci seu presente — o bracelete da Nova Ásia — assim que senti as contas sobre minha pele.

— Sempre o trago no bolso. Sou um romântico miserável, não acha? Ia guardá-lo, mas quero que você tenha algo de mim.

Ele pôs o bracelete por cima da pulseira com o botão de Aspen. Senti o botão apertado contra minha pele.

— Obrigada. Fico feliz — falei.

— Então também fico.

Não dissemos mais nada.



Capítulo 30



O RANGIDO DA PORTA ME ACORDOU; uma luz tão brilhante invadiu o abrigo que precisei cobrir os olhos.

— Alteza? — perguntou alguém. — Ah, Deus! Encontrei! Está vivo! — gritou.

Uma barafunda de guardas e mordomos varreu nosso abrigo.

— Não conseguiu descer até o abrigo, Alteza? — um dos guardas inquiriu. Olhei seu nome: Markson. Não tinha certeza, mas devia ser um dos soldados de patente mais alta.

— Não. Pedi a um soldado que avisasse meus pais. Disse a ele que fosse a primeira coisa que fizesse — Maxon explicou, enquanto tentava ajeitar o cabelo.

— Qual soldado?

Maxon suspirou.

— Não peguei seu nome. — Ele olhou para mim, para ver se eu sabia.

— Eu também não. Mas ele usava um anel no polegar. Cinza, de peltre ou algo parecido.

O oficial Markson inclinou a cabeça.

— Tanner. Ele não sobreviveu. Perdemos cerca de vinte e cinco guardas e doze funcionários.

— O quê?

Levei a mão à boca. Aspen.

Rezei para que ele estivesse seguro. Estava tão absorta à noite que nem me preocupei.

— E meus pais? E as outras garotas da Elite?

— Todos bem, senhor. Mas sua mãe está em estado histérico.

— Ela já saiu do abrigo? — ele perguntou, já me conduzindo para fora.

— Todos estão. Pulamos alguns abrigos pequenos e fizemos uma segunda inspeção na esperança de encontrar a senhorita America e o senhor.

— Meu Deus! — exclamou Maxon. — A primeira coisa que vou fazer é falar com ela.

Maxon deu o primeiro passo e parou.

Segui o seu olhar e vi a destruição. A mesma frase, a da última vez, rabiscada na parede.

ESTAMOS CHEGANDO.

Aqui e ali, de todo jeito que puderam, os rebeldes cobriram as paredes dos salões com o aviso. Além disso, o nível de destruição era enorme, mais uma vez. Nunca conseguira ver o que eles faziam no primeiro andar; conhecia apenas os estragos no corredor próximo ao meu quarto. Manchas de tinta enormes anunciavam o lugar onde uma criada indefesa ou um guarda corajoso tinha morrido. Dentes de vidro estilhaçados pendiam do que antes foram janelas.

As luzes também tinham sido quebradas; algumas lâmpadas piscavam, como que se recusando a desistir. Perfurações nas paredes me faziam pensar se eles viram as

pessoas entrando nos abrigos. Quão perto da morte Maxon e eu estivemos na noite anterior?

— Senhorita? — me chamou um guarda, tirando-me dos meus pensamentos. — Tomamos a liberdade de contatar todas as famílias. Parece que o ataque à família da senhorita Natalie foi uma tentativa direta de terminar a Seleção. Eles matam seus parentes para forçá-las a sair.

— Não! — exclamei, levando a mão à boca mais uma vez.

— Já estamos enviando guardas do palácio para protegê-los. O rei faz questão de que nenhuma das garotas vá embora.

— E se elas quiserem? — desafiou Maxon. — Não podemos prendê-las aqui contra sua vontade.

— Claro, senhor. Será preciso falar com o rei a esse respeito — respondeu o guarda, constrangido por não saber como lidar com aquela diferença de opinião.

— Vocês não precisarão proteger minha família por muito tempo — disse, na esperança de assim desfazer um pouco da tensão. — Diga a eles que logo estarei em casa.

— Sim, senhorita — respondeu o guarda, com uma reverência.

— Minha mãe está no quarto? — Maxon disparou.

— Sim, senhor.

— Avise que estou chegando. Você está dispensado.

Ficamos sozinhos novamente.

Maxon tomou minha mão.

— Não tenha pressa. Diga adeus às suas criadas e às garotas, se você quiser. E coma algo. Sei que você adora comer.

— Sim — respondi com um sorriso.

Maxon umedeceu os lábios, quase hesitante. Era isso. Aquele era o fim. O adeus.

— Você me transformou para sempre. E jamais esquecerei você.

Passei minha outra mão por seu peito e ajeitei seu casaco.

— Não mexa na orelha para se comunicar com mais ninguém. Isso é só meu — eu disse, abrindo um sorriso tenso.

— Muitas coisas são só suas, America.

Engoli em seco.

— Preciso ir.

Ele fez que sim com a cabeça. E me beijou mais uma vez nos lábios, depois correu pelo corredor afora, e eu o observei até perdê-lo de vista. Só então fui para o meu quarto.

Cada degrau da escadaria era uma tortura, tanto por aquilo que eu deixava como por aquilo que eu temia encontrar. E se eu tocasse a campainha e Lucy não aparecesse? Ou Mary? Ou Anne? E se eu olhasse para o rosto de cada um dos guardas e nenhum deles fosse Aspen?

Cheguei ao segundo andar e vi a destruição por toda parte. Ainda era possível reconhecer o lugar, o mais bonito que já tinha visto na vida, mesmo em ruínas. Mas o tempo e o dinheiro necessários para restaurar o palácio estavam além da minha imaginação. Os rebeldes não perderam tempo. Ao aproximar-me de meu quarto, ouvi um som nítido de choro. Lucy.

Suspirei, feliz por ela estar viva, e ao mesmo tempo amedrontada com o que a fazia chorar. Me preparei e dobrei a esquina do corredor que ia para o meu quarto.

Com os rostos vermelhos e os olhos inchados, Mary e Anne recolhiam os cacos de vidro da porta da minha sacada. Mary teve que fazer uma pausa para respirar fundo e se acalmar. Em um dos cantos, Lucy chorava no peito de Aspen.

— Shh. Eles vão encontrá-la. Eu sei — confortava-a Aspen.

Fiquei tão aliviada que me desfiz em lágrimas.

— Vocês estão bem. Todos estão bem.

Aspen soltou um suspiro enorme e seus ombros tensos relaxaram.

— Senhorita! — exclamou Lucy. Um segundo depois, ela correu em minha direção, seguida por Mary e Anne. As três me cobriram de abraços.

— Ah, isso não é apropriado — disse Anne, enquanto me abraçava.

— Por favor, nos dê uma folga — redarguiu Mary.

Rimos daquilo, felicíssimas de estarmos sãs e salvas.

Atrás das minhas criadas, estava Aspen; de pé, me observava com um sorriso discreto, mas deixava claro a sua alegria por me ver ali.

— Onde a senhorita estava? Eles procuraram em toda parte — disse Mary, fazendo-me sentar na cama, embora estivesse uma bagunça terrível: o edredom estava todo retalhado e as penas dos travesseiros saíam pelos buracos das facadas.

— Estava em um dos abrigos que não verificaram. Maxon está bem — expliquei.

— Graças a Deus — disse Anne.

— Ele salvou a minha vida. Eu estava a caminho do jardim quando os rebeldes chegaram. Se eu estivesse do lado de fora...

— Ah, senhorita! — Mary exclamou.

— Não se preocupe com nada — disse Anne. — Vamos arrumar este quarto em um instante, e temos um vestido novo e fantástico para quando a senhorita ficar pronta. E podemos...

— Não será preciso. Volto hoje para casa. Vestirei uma roupa simples e partirei em algumas horas.

— O quê? — Mary balbuciou. — Mas por quê?

Encolhi os ombros e respondi:

— Não deu certo.

Olhei para Aspen mas não consegui interpretar sua expressão. Só podia ver seu alívio por eu estar viva.

— Eu realmente pensava que seria você — disse Lucy. — Desde o começo. E depois de tudo o que você disse na noite passada... Não acredito que você vai voltar para casa.

— Você é muito gentil por dizer isso, mas ficarei bem. De agora em diante, por favor, façam todo o possível para ajudar Kriss. Por mim.

— Claro — disse Anne.

— Tudo por você — Mary reafirmou.

Aspen limpou a garganta e anunciou:

— Senhoritas, eu poderia ter um instante com a senhorita America? Se ela parte hoje, preciso repassar algumas medidas de segurança. Não chegamos até aqui para

deixar que alguém a machuque agora. Anne, talvez você pudesse conseguir umas toalhas limpas e outras coisas. Ela precisa ir para casa como uma dama. Mary, poderia trazer comida? — ambas concordaram. — E Lucy, você precisa descansar?

— Não! — gritou, enquanto se levantava. — Posso trabalhar.

Aspen sorriu:

— Muito bem.

— Lucy, vá até o ateliê e termine aquele vestido. Em breve iremos ajudar. Não importa o que os outros digam, senhorita America: sua partida será em grande estilo — disse Anne e se virou para mim.

— Sim, senhora — respondi.

As duas saíram e fecharam a porta. Aspen aproximou-se, e eu me levantei para olhá-lo nos olhos.

— Pensei que você estivesse morta. Pensei que tivesse perdido você.

— Não hoje — disse, com um sorriso. Agora que tinha visto o tamanho do estrago, a única coisa a fazer para manter a calma era brincar com o assunto.

— Recebi sua carta. Não acredito que não me contou sobre o diário.

— Não podia.

Ele diminuiu o espaço entre nós e passou a mão no meu cabelo.

— Meri, se você não podia mostrar para mim, de verdade, não devia ter tentado mostrar para o país inteiro. E o negócio das castas... Você é louca, sabia?

— Ah, eu sei.

Baixei a cabeça, fiquei olhando para o chão e pensando na insanidade geral do dia anterior.

— Então Maxon enxotou você por causa daquilo?

— Não foi bem assim — respondi com um suspiro. — Foi o rei que me mandou para casa. Mesmo que Maxon pedisse minha mão neste exato segundo, não adiantaria nada. O rei disse não, e eu vou.

— Ah — ele disse simplesmente. — Vai ser estranho sem você aqui.

— Eu sei — e deixei escapar um suspiro.

— Vou escrever — Aspen prometeu rapidamente. — E posso mandar dinheiro se você quiser. Tenho um monte. Podemos nos casar logo que eu voltar para casa. Eu sei que vai demorar um pouco...

— Aspen — interrompi. Não sabia como explicar que meu coração tinha acabado de ser partido —, quando eu sair, vou

querer um pouco de paz, certo? Preciso me recuperar de tudo isso.

Ele deu um passo para trás, ofendido.

— Como assim, você quer que eu não escreva nem ligue?

— Talvez não logo no começo — expliquei, na tentativa de não deixar aparentar que o assunto era muito sério. — Só quero passar um tempo com a minha família e voltar aos eixos. Depois de tudo que passei aqui, não posso...

— Espere! — disse ele, com a mão levantada.

Depois de um momento calado, tentando interpretar minha expressão, disse:

— Você ainda o quer. Depois de tudo o que ele fez, depois de Marlee, e mesmo quando não há qualquer esperança, você ainda pensa nele.

— Ele não fez nada disso, Aspen. Gostaria de poder explicar sobre Marlee para você, mas dei minha palavra. Não tenho nada contra Maxon. Sei que acabou, mas é como quando você terminou comigo.

Aspen soltou uma risada cética e irônica, inclinando-se para trás como se não pudesse acreditar no que ouvia.

— De verdade, quando você terminou comigo, a Seleção virou minha salvação, porque eu sabia que teria ao menos algum tempo para superar o que eu sentia por você. E então você apareceu aqui, e tudo mudou. Foi você quem mudou

nossa relação ao me abandonar na casa da árvore; e você não para de pensar que, se forçar bastante, vai fazer tudo voltar a ser como antes. Não é assim que funciona. Me dê uma chance de *escolher* você.

Assim que essas palavras saíram de minha boca, tive certeza de que captavam boa parte do que estava errado. Tinha amado Aspen por tanto tempo, só que tudo era diferente naquele momento. Não éramos mais dois zés-ninguém da Carolina. Tínhamos visto demais para fingir que seríamos aquelas pessoas de novo.

— Por que você não me escolheria, Meri? Não sou sua única opção? — perguntou ele com a voz embargada de tristeza.

— Sim. Isso não o incomoda? Não quero ser a garota que você escolhe apenas porque outra opção não está disponível e você nunca olhou para ninguém mais. Você quer mesmo ficar comigo assim, por inércia?

Sua resposta foi intensa.

— Não me importa como, eu só quero ficar com você, Meri.

De repente, ele saltou sobre mim. Tomou meu rosto nas mãos e me beijou ferozmente, com o desejo de que eu me lembrasse do que ele significava para mim.

Não pude retribuir o beijo.

Quando finalmente desistiu, ele soltou minha cabeça e tentou entender minha expressão.

— O que está acontecendo aqui, America?

— Meu coração está se despedaçando! É isso o que está acontecendo! Como você acha que é a sensação? Estou tão confusa agora, e você é a única coisa que me restou e não me ama o suficiente para me deixar respirar.

Comecei a chorar e ele finalmente se acalmou.

— Perdão, Meri — ele sussurrou. — É só que eu fico pensando que perdi você por algum motivo, e meu instinto é lutar por você. É tudo o que sei fazer.

Baixei a cabeça enquanto tentava juntar os cacos.

— Posso esperar — prometeu. — Quando estiver pronta, me escreva. Eu amo você o bastante para deixá-la respirar. Depois da noite passada, é tudo o que você precisa fazer. Por favor, respire.

Me aproximei e o deixei me abraçar, mas foi diferente. Pensei que sempre teria Aspen em minha vida, mas pela primeira vez me perguntei se isso era mesmo verdade.

— Obrigada — falei em voz baixa. — Cuidado por aqui. Não queira ser herói, Aspen. Cuide-se.

Ele se afastou, fazendo-me um sinal com a cabeça, em silêncio. Me beijou na testa e saiu pela porta.

Permaneci ali por um longo tempo, sem saber ao certo o que fazer, à espera de minhas criadas que me animariam pela última vez.



AJEITEI MEU VESTIDO.

— Não é um pouco luxuoso demais para a ocasião?

— Nem um pouco! — insistiu Mary.

Era fim de tarde, mas elas escolheram um vestido de noite. Era roxo e nobre. As mangas iam até os cotovelos, já que na Carolina era mais frio. Me deram também um manto esvoaçante para quando eu descesse do avião. A gola alta protegeria meu pescoço de uma possível ventania. E o meu cabelo estava preso de uma maneira tão elegante que eu tive

certeza de que aquele era o dia em que estava mais bonita. Desejava poder ver a rainha Amberly. Com certeza, até ela ficaria impressionada.

— Não quero demorar mais — insisti. — Já é bem difícil sair assim. Só quero que vocês três saibam que estou muito agradecida por tudo o que fizeram por mim. Não apenas por me manterem limpa e bem-vestida, mas por passarem o tempo todo comigo e preocuparem-se comigo. Nunca esquecerei vocês.

— E nós sempre nos lembraremos da senhorita — prometeu Anne.

Confirmei com a cabeça e comecei a abanar meu rosto.

— Tudo bem, tudo bem. Já foram lágrimas demais para um dia. Vocês podem avisar o motorista que já vou descer. Só preciso de mais um momento.

— Claro, senhorita.

— Ainda é inadequado da nossa parte abraçar você? — perguntou Mary, olhando para mim e depois para Anne.

— Quem se importa? — disse ela, e as três juntaram-se ao meu redor pela última vez.

— Se cuidem.

— Você também, senhorita — disse Mary.

— Você sempre foi uma dama — acrescentou Anne.

Elas se afastaram, mas Lucy permaneceu.

— Obrigada — ela mal pôde falar, e pude notar que chorava. — Sentirei sua falta.

— Eu também.

Ela me soltou, e as três foram até a porta, permanecendo juntas. Me fizeram a última reverência, e eu acenei enquanto partiam.

Tantas vezes nas últimas semanas eu tinha desejado partir. Naquele momento, quando faltavam segundos para isso acontecer, eu lamentava. Fui até a sacada. Olhei para o jardim e foquei no banco, o lugar onde Maxon e eu nos conhecemos. Não sei por quê, mas suspeitava que ele estaria lá.

Mas ele não estava. Tinha coisas mais importantes a fazer do que sentar por aí e pensar em mim. Toquei o bracelete no meu pulso. Ele pensaria em mim, mesmo que de tempos em tempos, e isso me consolava. Fosse como fosse, tinha sido real.

Me retirei. Fechei as portas e segui pelo corredor. Caminhava devagar, contemplando a beleza do palácio pela última vez, mesmo que ela estivesse um pouco maculada pelos espelhos quebrados e molduras lascadas.

Me lembrei da primeira vez em que desci a escadaria principal, me sentindo confusa e grata ao mesmo tempo. Havia várias meninas naquele dia.

Cheguei à porta da frente. Fiz uma pausa. Estava tão acostumada a permanecer do lado de dentro daqueles enormes blocos de madeira que me sentia mal de cruzá-los.

Respirei fundo e segurei na maçaneta.

— America?

Olhei para trás. Maxon estava em pé na outra ponta do corredor.

— Ei — eu disse, meio sem jeito. Não imaginava que o veria de novo.

Ele caminhou rapidamente até mim.

— Você está completamente estonteante — ele elogiou.

— Obrigada — agradeci, tocando o tecido do meu último vestido.

Um silêncio se fez entre nós dois, parados ali, observando um ao outro.

De repente, ele limpou a garganta e lembrou por que estava ali.

— Falei com o meu pai.

— Hmm?

— Sim. Ele ficou muito feliz por eu não ter morrido na noite passada. Como você deve imaginar, a perpetuação da linhagem real é muito importante para ele. Expliquei que

quase morri por causa do temperamento dele e disse que foi você quem encontrou um abrigo para nós.

— Mas eu não...

— Eu sei. Mas ele não precisa saber.

Sorri.

— Então, eu disse a ele que corrigi alguns comportamentos seus. Mais uma vez, ele não precisa saber que não é verdade, mas você poderia agir como se tivesse acontecido, se quisesse...

Não sei por que precisaria agir como se qualquer coisa tivesse acontecido, já que estaria do outro lado do país, mas concordei.

— Tendo em vista que devo minha vida a você, ou pelo menos é isso que ele acha, meu pai reconheceu que meu desejo de mantê-la aqui pode ser em parte justificado, desde que você se comporte o melhor que puder e aprenda qual o seu lugar.

Eu o encarava ainda sem ter certeza de estar ouvindo direito.

— De fato, o mais justo é deixar Natalie partir. Ela não nasceu para isso, e sua família está de luto agora. Sua casa é o melhor lugar para ela. Já conversamos — ele concluiu.

Eu permanecia pasma.

— Você quer que eu explique?

— Por favor.

Maxon segurou minha mão.

— Você permaneceria aqui como membro da Seleção e ainda parte da competição, mas as coisas seriam diferentes. Meu pai provavelmente será mais duro com você e fará o possível para prejudicá-la. Penso que há algumas maneiras de combater isso, mas levará tempo. Você sabe como ele é implacável. Você precisa se preparar.

— Acho que posso aguentar — confirmei.

— E tem mais — Maxon olhou para o tapete na tentativa de organizar suas ideias. — America, não existe nenhuma dúvida de que você ganhou meu coração desde o começo. Você já sabe disso a essa altura.

Quando ele levantou o olhar para mim, pude ver em cada pedaço dele e sentir em cada parte de mim que aquilo era verdade.

— Eu sei.

— Mas o que você não ganhou ainda é a minha confiança. — ele continuou.

Perdi o chão.

— O quê?

— Mostrei tantos segredos meus, defendi você de todos os modos possíveis. Mas quando você não está contente, faz coisas irresponsáveis. Me exclui, me culpa ou, ainda mais impressionante, tenta mudar o país inteiro.

Essa tinha sido forte.

— Preciso saber que posso confiar em você. Preciso saber que você pode guardar meus segredos, confiar em meus julgamentos, e não me esconder nada. Preciso que você seja totalmente honesta comigo e pare de questionar cada uma das minhas decisões. Preciso que tenha fé em mim, America.

Me doeu ouvir tudo aquilo, mas ele tinha razão. O que eu tinha feito para provar que ele podia confiar em mim? Todos ao seu redor lhe pressionavam e forçavam. Será que eu não poderia simplesmente estar a seu lado?

Apertei minhas mãos.

— Eu tenho fé em você. E espero que você veja que quero ficar com você. Mas você também poderia ter sido mais honesto comigo.

Ele concordou com a cabeça.

— Talvez. Há coisas que quero lhe contar, mas é um tipo de coisa que não posso revelar caso exista a menor chance de você não conseguir guardar segredo. Preciso saber se você pode fazer isso. E preciso que você seja completamente aberta comigo.

Tomei fôlego para responder, mas acabei não falando.

— Maxon, aí está você — chamou Kriss, vindo pelo corredor. — Não consegui perguntar antes se o jantar de hoje ainda estava de pé.

Maxon respondeu, ainda olhando para mim.

— Claro. Comeremos em seu quarto.

— Ótimo!

Aquilo doeu.

— America? Você está realmente indo embora? — ela perguntou quando chegou perto de nós.

Dava para notar uma fagulha de esperança nos olhos de Kriss. Olhei para Maxon, cujo rosto parecia dizer "É disso que estou falando. Preciso que você aceite as consequências de seus atos, que confie em mim para fazer minhas próprias escolhas".

— Não, Kriss, não hoje.

— Que bom.

Ela suspirou e me abraçou. Me pus a pensar no quanto aquele abraço era por sentir que Maxon ficaria mais feliz comigo lá. Mas, de verdade, não importava. Kriss era minha concorrente mais difícil, mas também a amiga mais próxima que tinha no palácio.

— Fiquei muito preocupada com você na noite passada. Estou feliz por você estar bem — acrescentou.

— Obrigada, tive sorte — quase disse que a sorte fora ter Maxon para fazer-me companhia, mas me gabar provavelmente arruinaria o pouquinho de confiança que tinha construído nos últimos dez segundos. Limpei a garganta e acrescentei:

— Foi sorte os guardas terem sido tão rápidos.

— Ainda bem. Bom, vejo você mais tarde — ela disse e virou para Maxon. — E vejo você esta noite.

Kriss saiu saltitando pelo corredor, mais feliz do que nunca. Penso que se o homem que amo me colocasse acima de sua ex-favorita, eu também teria vontade de saltitar.

— Sei que você não gosta disso, mas preciso dela. Se você falhar comigo, ela é minha melhor aposta.

— Não importa — eu disse, dando de ombros. — Não vou falhar com você.

Dei um rápido beijo na bochecha dele e subi as escadas sem olhar para trás. Poucas horas antes, eu achava que tinha perdido Maxon para sempre. E agora que sabia o que ele significava para mim, lutaria por ele. As outras meninas não sabiam o que as esperava.

Cheguei ao topo da escadaria principal cheia de coragem. Talvez devesse ter ficado mais preocupada com o desafio que

teria de enfrentar, mas só conseguia pensar em como eu acabaria por superar tudo.

Talvez o rei tenha captado minha alegria, ou talvez já estivesse à minha espera. O fato é que, quando pus os pés no segundo andar, lá estava ele, no meio do corredor.

Ele se aproximou devagar, em uma clara demonstração de autocontrole. Quando parou à minha frente, fiz uma reverência.

— Majestade — cumprimentei.

— Senhorita America. Parece que ainda está conosco.

— Sim.

Um grupo de guardas passou por nós, e cada um deles curvou-se para o rei antes de prosseguir.

— Vamos tratar de negócios — ele disse, em tom severo. — O que acha da minha esposa?

Franzi a testa, surpresa com o rumo da conversa. Mesmo assim, respondi com sinceridade:

— Acho a rainha incrível. Não tenho palavras suficientes para descrever como ela é maravilhosa.

Ele fez que sim com a cabeça.

— Ela é uma mulher rara. Bela, evidentemente, e também humilde. Tímida, mas não a ponto de ser covarde.

Obediente, bem-humorada, ótima para conversar. Parece que mesmo nascida pobre, foi feita para ser rainha.

Ele fez uma pausa e me encarou, reparando no meu ar de admiração.

— O mesmo não pode ser dito de você — concluiu.

Tentei manter a calma enquanto ele continuava:

— Sua beleza é mediana. Ruiva, um pouco pálida, e uma silhueta decente, imagino. Não é nada comparada a Celeste. Quanto ao seu temperamento... — ele resfolegou. — Rude, engraçadinha, e na única vez em que fez algo sério, despedaçou a nação. Completamente inconsequente. E nem estou levando em conta sua postura medíocre e seu modo de andar. Kriss é bem mais amável e simpática.

Apertei os lábios a fim de evitar o choro. Me lembrei de que já sabia de tudo isso.

— E, claro, não há qualquer vantagem política em tê-la na família. Sua casta não é baixa o bastante para servir de inspiração, e seus contatos simplesmente não existem. Elise, porém, foi muito útil em nossa viagem para a Nova Ásia.

Me perguntei sobre como aquilo podia ser verdade se ele nem tinha feito contato com a família dela. Talvez algo de que eu nem desconfiava estivesse em curso. Ou talvez fosse tudo um exagero para que eu me sentisse mal. Se era esse o objetivo, o rei fazia um trabalho excelente.

Seus olhos frios cravaram-se nos meus.

— O que faz aqui? — ele perguntou.

Engoli em seco.

— Acho que seria preciso perguntar a Maxon.

— Estou perguntando a você.

— Ele quer que eu fique — respondi, firme. — E eu quero ficar. Enquanto esses dois desejos existirem, ficarei.

O rei abriu um sorriso malicioso.

— Qual a sua idade? Dezesseis? Dezessete?

— Dezessete.

— Suponho que você não saiba muito sobre homens, como é esperado, já que está aqui. Mas posso dizer que eles podem ser bastante volúveis. Você não deve apegar-se muito a ele, pois basta um instante para que o coração dele seja levado para sempre.

Levantei as sobrancelhas, tentando entender o que ele queria dizer.

— Tenho olhos por todo o palácio. Sei que há garotas aqui oferecendo a ele mais do que você pode sonhar. Você acha que uma garota comum como você tem alguma chance perto delas?

Garotas? Assim, no plural? Por acaso ele queria dizer que havia mais do que a cena entre Maxon e Celeste que eu vira no corredor? Nossos beijos na noite anterior teriam sido muito comportados perto do que ele tinha com as outras?

Maxon tinha dito que queria ser sincero comigo. Ele estava guardando um segredo?

Eu tinha que decidir no meu coração que confiava nele.

— Se isso for verdade, então Maxon vai me mandar embora quando achar que é o momento, e o senhor não tem com que se preocupar.

— Mas eu me preocupo! — ele gemeu, para depois baixar a voz. — Se em um ato de burrice Maxon realmente escolher você, suas proezas poderiam nos custar tudo. Décadas, gerações de trabalho arruinadas porque você imaginou que era uma heroína!

Ele ficou tão próximo do meu rosto que acabei recuando um pouco, mas ele se aproximou outra vez, deixando quase nenhum espaço entre nós. Sua voz era baixa e áspera, muito mais assustadora que seus gritos.

— Você precisará aprender a segurar sua língua. Do contrário, você e eu seremos inimigos. E, acredite, você não vai querer ser minha inimiga.

O rei apontava o dedo enfurecido contra o meu rosto. Ele poderia me fazer em pedacinhos naquele exato momento.

Mesmo que houvesse alguém por perto, o que fariam? Ninguém me defenderia do rei.

Tentei soar calma:

— Compreendo.

— Excelente — disse ele, tornando-se alegre quase que instantaneamente. — Vou deixá-la desfazer suas malas mais uma vez. Boa tarde.

Permaneci ali. Quando ele saiu, percebi que estava tremendo. E quando ele disse que eu tinha que manter a boca fechada, imaginei que não podia nem pensar em contar isso para Maxon. Não contaria. Tinha certeza de que tudo era um teste; ele queria saber o meu limite. Eu me esforcei para não me dobrar.

Algo mudou em mim enquanto pensava nessas coisas. Fiquei apreensiva, sim, mas também furiosa.

Quem era aquele homem para me dar ordens? Sim, era o rei; mas, na verdade, era apenas um tirano. Por algum motivo, ele acreditava que manter todos ao seu redor oprimidos e quietos era um favor que nos fazia. Como poderia ser uma bênção viver à margem da sociedade? Como poderia ser bom que todos tivessem limites em Illéa, menos ele?

Pensei em Maxon escondendo Marlee nas profundezas da cozinha. Mesmo sendo nova no palácio, eu sabia que ele seria melhor que seu pai. Maxon ao menos era capaz de sentir compaixão.

Continuei a respirar devagar e retomei meu caminho assim que me recompus.

Entrei em meu quarto e me apressei em apertar o botão que chamava minhas criadas. Mais rápido do que eu poderia imaginar, Anne, Mary e Lucy entraram correndo e sem fôlego.

— Senhorita? — disse Anne. — Alguma coisa errada?

Sorri.

— A não ser que você pense que eu ficar aqui seja ruim.

Lucy estrilou:

— Mesmo?

— Com certeza.

— Mas como? — Anne perguntou. — Pensei que tinha dito...

— Eu sei, eu sei. É difícil de explicar. Apenas posso dizer que recebi uma segunda chance. Maxon é importante para mim e vou lutar por ele.

— Isso é tão romântico! — gritou Mary, ao passo que Lucy começou a bater palmas.

— Calma, calma! — Anne falou, com um tom severo.

Pensei que ela ficaria animada e não entendi sua seriedade repentina.

— Se ela quer ganhar, precisamos de um plano.

Ela tinha um sorriso diabólico nos lábios, e eu a imitei. Nunca tinha conhecido pessoas tão organizadas quanto aquelas meninas. Com elas ao meu lado, não havia como perder.

FIM

